

ANUÁRIO DO
INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

2017



Fundado em 1838

Rio de Janeiro
2017

ANUÁRIO DO
INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Dezembro/2017

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

DIRETORIA – (2018-2019)

Presidente:	Arno Wehling
1º Vice-Presidente:	Victorino Coutinho Chermont de Miranda
2º Vice-Presidente:	Afonso Arinos de Melo Franco
3º Vice-Presidente:	João Maurício de Araújo Pinho
1º Secretária:	Lucia Maria Paschoal Guimarães
2º Secretária:	Maria de Lourdes Viana Lyra
Tesoureiro:	Fernando Tasso Fragoso Pires
Orador:	Alberto da Costa e Silva

CONSELHO FISCAL

Membros efetivos:	Alberto Venâncio Filho, Luiz Felipe de Seixas Corrêa e Marilda Correia Ciribelli
Membros suplentes:	Marcos Guimarães Sanches, Pedro Carlos da Silva Telles e Roberto Cavalcanti de Albuquerque

CONSELHO CONSULTIVO

Membros nomeados:	Antonio Izaías da Costa Abreu, Armando de Senna Bittencourt, Carlos Wehrs, Célio Borja, Cybelle Moreira de Ipanema, Esther Caldas Bertoletti, Maurício Vicente Ferreira Júnior e Miridan Britto Falci.
-------------------	--

DIRETORIAS ADJUNTAS

Arquivo:	Jaime Antunes da Silva
Biblioteca:	Claudio Aguiar
Cursos:	Antonio Celso Alves Pereira
Iconografia:	Pedro K. Vasquez
Informática e Dissem. da Informação:	Carlos Eduardo de Almeida Barata
Museu:	Vera Lucia Bottrel Tostes
Patrimônio:	Guilherme de Andrea Frota
Projetos Especiais:	Mary del Priore
Relações Externas:	Maria Beltrão
Relações Institucionais:	João Mauricio de A. Pinho
Coordenação da CEPHAS:	Maria de Lourdes Viana Lyra e Lucia Maria Paschoal Guimarães (subcoord.)
Editora da Revista do IHGB:	Lucia Maria Bastos Pereira das Neves
Editor do Noticiário:	Victorino Coutinho Chermont de Miranda
Editora do Anuário:	Lucia Maria Paschoal Guimarães

COMISSÕES PERMANENTES

ADMISSÃO DE SÓCIOS:	CIÊNCIAS SOCIAIS:	ESTATUTO:
Alberto da Costa e Silva	Antônio Celso Alves Pereira	Antonio Celso Alves Pereira
Alberto Venancio Filho	Cândido Mendes de Almeida	Alberto Venancio Filho
Carlos Wehrs	José Murilo de Carvalho	Célio Borja
Fernando Tasso Fragoso Pires	Maria Beltrão	João Maurício A. Pinho
Lucia Maria Paschoal Guimarães	Maria Cecília Londres	Victorino Coutinho Chermont de Miranda

GEOGRAFIA:	HISTÓRIA:	PATRIMÔNIO:
Armando de Senna Bittencourt	Eduardo Silva	Afonso Celso Villela de Carvalho
Cybelle Moreira de Ipanema	Guilherme de Andrea Frota	Antonio Izaías da Costa Abreu
José Almino de Alencar	Lucia Maria Paschoal Guimarães	Claudio Moreira Bento
Miridan Britto Falci	Marcos Guimarães Sanches	Fernando Tasso Fragoso Pires
Vera Lúcia Cabana de Andrade	Maria de Lourdes Vianna Lyra	Roberto Cavalcanti de Albuquerque

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

ANUÁRIO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO



Fundado em 1838

Rio de Janeiro
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
2017

Anuário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 2, pp. 11-272, dezembro de 2017

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 2017.

Correspondência:

Anuário do IHGB – Av. Augusto Severo, 8-10º andar – Glória – CEP: 20021-040

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Fone/fax. (21) 2509-5107 / 2252-4430 / 2224-7338

e-mail: presidencia@ihgb.org.br home page: www.ihgb.org.br

© Copyright by IHGB

Revisora: Talita Rosetti

Secretária do Anuário do IHGB: Tupiara Machareth

Anuário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. – v. 2, (2017) [recurso eletrônico]. –
Dados eletrônicos – Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 2017.
278 p.

ISSN

Formato: PDF

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

1. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Anuário.

Ficha catalográfica preparada pela bibliotecária Maura Macedo Corrêa e Castro – CRB7-1142

CONSELHO EDITORIAL

António Manuel Dias Farinha – Universidade de Lisboa – Lisboa – Portugal

Arno Wehling – Universidade Veiga de Almeida – Rio de Janeiro-RJ – Brasil

Carlos Wehrs – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Rio de Janeiro-RJ – Brasil

José Murilo de Carvalho – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro-RJ – Brasil

Manuela Mendonça – Universidade de Lisboa – Lisboa – Portugal

Maria Beatriz Nizza da Silva – Universidade de São Paulo – São Paulo-SP – Brasil

CONSELHO CONSULTIVO

António Manuel Botelho Hespanha – Universidade Nova Lisboa – Lisboa – Portugal

Fernando Camargo – Universidade Federal de Pelotas – Pelotas-RS – Brasil

Geraldo Mártires Coelho – Universidade Federal do Pará – Belém-PA – Brasil

Guilherme Pereira das Neves – Universidade Federal Fluminense – Niterói-RJ – Brasil

José Marques – Universidade do Porto – Porto – Portugal

Junia Ferreira Furtado – Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte-MG – Brasil

Leslie Bethell – Universidade de Oxford – Oxford – Inglaterra

Luís Cláudio Villafañe Gomes Santos – Ministério das Relações Exteriores – Brasília-DF – Brasília

Marcus Joaquim Maciel de Carvalho – Universidade Federal de Pernambuco – Recife-PE – Brasil

Maria de Fátima Sá e Mello Ferreira – ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa – Lisboa – Portugal

Mariano Cuesta Domingo – Universidad Complutense de Madrid – Madrid – Espanha

Miridan Britto Falci – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro-RJ – Brasil

Nestor Goulart Reis Filho – Universidade de São Paulo – São Paulo-SP – Brasil

Renato Pinto Venâncio – Universidade Federal de Ouro Preto – Ouro Preto-MG – Brasil

Stuart Schwartz – Universidade de Yale-Connecticut – EUA

Ulpiano Bezerra de Meneses – Universidade de São Paulo – São Paulo-SP – Brasil

Victor Tau Anzoategui – Universidade de Buenos Aires – Buenos Aires – Argentina

SUMÁRIO

Apresentação	11
LUCIA MARIA PASCHOAL GUIMARÃES	

I – CELEBRAÇÕES ACADÊMICAS

I. 1 – Sessões solenes ou comemorativas

Sessão em homenagem ao centenário de falecimento do sócio Alberto Torres

Nacionalismo em crisálida:	13
o discurso de posse de Alberto Torres no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1911)	
CHRISTIAN EDWARD CYRIL LYNCH	

Sessão em homenagem aos 250 anos de nascimento do sócio Pe. José Maurício Nunes Garcia

Resgate da memória de José Maurício, 250 anos depois de seu nascimento	25
RICARDO TACUCHIAN	
José Maurício Nunes Garcia na historiografia musical brasileira: um balanço por ocasião de seus 250 anos	33
ANDRÉ CARDOSO	

Sessão em homenagem ao centenário de nascimento do sócio Josué Montello

Josué Montello e os Estudos Históricos	49
ALBERTO VENANCIO FILHO	

Sessão em homenagem aos 90 anos do sócio Carlos Wehrs

Saudação a um velho Amigo	61
MIRIDAN BRITTO FALCI	
Louvação ao doutor Carlos Wehrs, nos seus noventa anos	67
PEDRO KARP VASQUEZ	

**Sessão Comemorativa do Aniversário de Nascimento de
D. Pedro II – Sessão itinerante – Museu Imperial**

A viagem do Imperador Pedro II à Província do Espírito Santo 71
GETÚLIO MARCOS PEREIRA NEVES

I. 2 – Sessões de posse

Discurso de recepção ao sócio honorário
Guilherme Pereira das Neves 79
ARNO WEHLING

Moradas da História ou Marc Bloch, 85
os Historiadores e a Política
GUILHERME PEREIRA DAS NEVES

I. 3 - Sessão Magna

Fala do Presidente 101
ARNO WEHLING

Relatório das atividades do ano social 107
LÚCIA MARIA PASCHOAL GUIMARÃES

Elogios aos sócios falecidos 117
ALBERTO DA COSTA E SILVA

II – ATAS E DELIBERAÇÕES SOCIAIS

II. 1 – Atas das assembleias gerais, ordinárias 121
e extraordinárias

II. 2 – Atas de reuniões de Diretoria 127

II. 3 – Atas de sessões ordinárias, extraordinárias e Magna 129

II. 4 – Documentos e pareceres das Comissões Permanentes 130

4.1 – Propostas para eleição e para admissão de sócios 130

4.2 – Pareceres das Comissões 140

a – Comissão de Admissão de Sócios 140

b – Comissão de História 140

c – Comissão de Ciências Sociais 141

d – Comissão de Geografia 141

II. 5 – Atas da Comissão de Estudos e Pesquisas Históricas 143
– CEPHAS

III – INFORMES ADMINISTRATIVOS

III. 1 – Atos do Presidente

Editais e Portarias	201
---------------------	-----

III. 2 – Relatórios Setoriais

Arquivo	205
Biblioteca	212
Iconografia	214
Hemeroteca	215
Museu	216
Cartografia	219

III. 3 – Publicações Recebidas

Livros recebidos	221
Periódicos recebidos	228

III. 4 - Estatísticas

Sala de Leitura	231
Visitas ao Museu	231
Acesso ao <i>Site</i>	231

IV – QUADRO SOCIAL

IV. 1 – Cadastro Social

a – por classes	233
b – por ordem alfabética	259
c – Relação dos presidentes e endereços dos Institutos Históricos Estaduais	266

IV. 2 – Movimentação do quadro social

Eleições	269
Transferências	269
Falecimentos	270

IV. 3 – Vagas existentes no quadro social em 31/12/2017	271
--	------------

Apresentação

Os anuários se caracterizam por apresentar informações atualizadas e arrolar acontecimentos ou aspectos do ano transato em um campo específico, com o resumo das ocorrências de uma determinada entidade. Assumem, assim, a forma de memória periódica da instituição. O *Anuário* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sem dúvida, cumpre tais finalidades. Mas não só. Oferece expressiva contribuição ao conhecimento histórico e áreas correlatas, uma vez que os textos que compõem o segmento das “Celebrações Acadêmicas” compreendem conferências e pronunciamentos emitidos em sessões especiais que tiveram lugar no IHGB. Neste sentido, sobressaem-se o estudo preparado por Christian Linch, a propósito do centenário de morte do sócio Alberto Torres; as exposições de Ricardo Tacuchian e André Cardoso sobre o obra do Padre José Mauricio, por ocasião dos duzentos e cinquenta anos do seu nascimento; o tributo prestado por Alberto Venancio Filho ao centenário do sócio Josué Montello. Além dessas efemérides, há que salientar a tradicional sessão itinerante do IHGB, realizada anualmente em dezembro, no Museu Imperial, para celebrar o aniversário do seu patrono, o Imperador de D. Pedro II. Em 2017, a solenidade contou com a colaboração do sócio correspondente Getúlio Marcos Pereira Neves, que discorreu sobre a “Viagem do Imperador D. Pedro II à Província do Espírito Santo”.

O Anuário assinala também a chegada de um novo filiado à corporação, com a publicação da conferência de posse de Guilherme Pereira das Neves, acompanhado do discurso de recepção ao recém ingresso, proferido por Arno Wehling. As duas contribuições constituem importantes fontes para o estudo da história da historiografia, como se poderá constatar.

A par disso, o Instituto festejou com muita alegria a passagem do noagésimo aniversário do sócio emérito Carlos Wehrs, que comemorou a data entre os confrades da “Casa da Memória Nacional”, saudado por Miridan Britto Falci, Pedro Karp Vasquez e Ismênia de Lima Martins. Ainda no âmbito das “Celebrações Acadêmicas”, registram-se as intervenções

realizadas na sessão magna de aniversário do Instituto Histórico, ou seja, o discurso do Presidente, o “Relatório” do último exercício, exposto pela Primeira Secretária, e o “Elogio” dos sócios falecidos, pronunciado pelo Orador do IHGB, homenagem da corporação aos seus membros que nos deixaram recentemente.

Na seção “Atas e deliberações sociais” divulgam-se as decisões tomadas em assembleias gerais, reuniões ordinárias e extraordinárias. Nesse rol de documentos institucionais, destacam-se as atas das sessões da Comissão de Estudos e Pesquisas Históricas (CEPHAS), o fórum semanal de debates do IHGB, onde estudiosos brasileiros e estrangeiros expõem e discutem os resultados de suas pesquisas e trabalhos mais recentes.

O leitor encontra no bloco dedicado aos “Informes Administrativos” a coleção dos atos e portarias baixados pela presidência. Seguem-se os relatórios setoriais da Biblioteca, do Arquivo, da Iconografia, da Hemeroteca, da Mapoteca e do Museu, a listagem de publicações recebidas, as estatísticas de visitas ao Museu, de frequência à Sala de Leitura e dos acessos ao site do Instituto. Preparado pelos funcionários do IHGB, o robusto inventário permite avaliar a performance da “Casa”, evidenciando o papel relevante que tem desempenhado no panorama cultural brasileiro, desde a sua fundação em 1838.

O *Anuário* de completa com um conjunto de dados relativos ao “Quadro Social”: o cadastro de sócios por classe e por ordem alfabética, a relação dos Institutos Históricos estaduais e respectivos presidentes, o movimento do corpo de associados, por eleição, transferência ou falecimento, bem como as vagas existentes em 31 de dezembro de 2017.

Boa leitura! Há muito o que explorar nas matérias do Anuário.

Lucia Maria Paschoal Guimarães

Primeira-Secretária do IHGB

I – CELEBRAÇÕES ACADÊMICAS

I. 1 – Sessões solenes ou comemorativas

**Sessão em homenagem ao centenário de falecimento do sócio
Alberto Torres**

NACIONALISMO EM CRISÁLIDA: O DISCURSO DE POSSE DE ALBERTO TORRES NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (1911)

CHRISTIAN EDWARD CYRIL LYNCH¹

Juntamente a Rui Barbosa, Alberto Torres foi o autor brasileiro mais influente em matéria de doutrina política até meados da década de 1970. Obras como *O problema nacional brasileiro* e *A organização nacional*, publicadas ambas em 1914, serviram de ponto de partida de todo o movimento nacionalista que, responsável pela crítica ao liberalismo oitocentista, se encarregaria do papel de modernizar as estruturas da sociedade brasileira pela via do Estado ao longo dos sessenta anos que se seguiram. Ele foi o primeiro a veicular ideias que mais tarde se tornaram o pão de cada dia da discussão política, como a crítica da alienação cultural brasileira e da ação deletéria das oligarquias estaduais; o perigo do imperialismo estrangeiro, tanto na sua forma econômica quanto política; a denúncia da falta de direção nacional e da exploração predatória das nossas riquezas naturais; bem como a necessidade de fortalecer o Estado pela centralização para resgatar as populações miseráveis entregues à própria sorte e lhes garantir os direitos civis e sociais. É certo que, depois da década de 1970, assim como Rui Barbosa parece ter sido substituído, no panteão liberal, por Sérgio Buarque de Holanda, Torres cedeu seu lugar a Celso Furtado no altar dos nacionalistas. Nem por isso, sublinhe-se, é possível compreender o silêncio em que caiu o nome do pensador fluminense. No ano do centenário de sua morte, a presente comunicação pretende contribuir para recordar Alberto Torres partindo de uma hipótese específica: a de que seu esquecido discurso no IHGB ocupa um papel crucial em sua produção. Trata-se de um divisor de águas a assinalar a virada do autor, de uma perspectiva mais alinhada ao cosmopolitismo liberal para aquela outra, mais caracteristicamente nacionalista, por que passou a ser conhecido e reverenciado depois de sua morte.

1 – Sócio honorário brasileiro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Alberto Torres entrou para a história do pensamento político brasileiro graças a duas de suas obras, que o notabilizaram: *O problema nacional brasileiro* e *A organização nacional*, publicadas em 1914. A verdade, todavia, é que poucos se debruçaram sobre o conjunto de sua obra e procuraram compreender a evolução de seu pensamento. A verdade é que Torres não nasceu nacionalista, ele foi se tornando nacionalista ao longo de sua trajetória como político profissional, devido às sucessivas decepções sofridas por seu ideário republicano ao longo de sua experiência política. Partícipe da propaganda republicana e abolicionista no final da monarquia, ele tomou partido de Quintino Bocaiuva contra Silva Jardim e Aníbal Falcão quando o Partido Republicano se dividiu entre moderados ou evolucionários e radicais ou revolucionários, no começo de 1889. Era ele, então, um liberal positivista, à maneira de Littré e Jules Ferry, mas americanizado, ou seja, crente na bondade do exemplo de organização norte-americana, nos moldes das *Lições de Política Positiva* do chileno José Victorino Lastarria, então muito difundido (Lastarria, 1893). Associado ao conservadorismo monárquico, o ideário nacionalista estava então em baixa e a maioria dos jovens republicanos eram ardorosos cosmopolitas. No artigo em que tomava posição naquele conflito, por ele publicado na *Gazeta de Notícias*, se afirmava desejoso para o Brasil de “uma confederação republicana, no tipo dos Estados Unidos norte-americanos e da Colômbia” (LIMA SOBRINHO, 1968, p. 81). Dez anos depois, porém, ao despedir-se da presidência do antigo Estado do Rio, em mensagem dirigida à Assembleia Legislativa, ele já parecia desanimado ao queixar-se da “balda mórbida do partidarismo”, promovido por partidos de fancaria, sem qualquer “preocupação com o bem público, à luz dos princípios republicanos”. Percebia a impotência do Poder Executivo em promover as medidas necessárias ao progresso do país. Sublinhava a necessidade de mentalidade vigente, com nosso “vezo da imitação” das nações cultas (TORRES, 1899). O pessimismo de Torres se agravou com sua experiência de sete anos como ministro do Supremo Tribunal Federal. Incomodava-o o anacronismo das técnicas de interpretação constitucional, demasiadamente formalistas. O juiz deveria saber que a Constituição era um documento destinado a produzir fins políticos; que a sociedade era um organismo em desenvolvimento e que era preciso interpretar suas disposições de modo a realizar os fins práticos e sociais por ela consagrados (LIMA SOBRINHO, 1968, pp. 229-553).

Foi em 1907 que, aposentado do STF, Torres retomou sua carreira de intelectual público, por meio de artigos publicados nos principais jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Entretanto, a julgar pela sua obra *Vers la Paix* (A caminho da paz), publicada em 1909 originalmente em francês, ele ainda estava longe de ser um nacionalista. Naquele livro, que versava exclusivamente sobre política internacional, Torres pretendia contribuir para o debate

suscitado pela Segunda Conferência de Haia (1907), em torno da criação de um tribunal internacional capaz de garantir a paz geral. Nele, Torres fazia profissão de fé profundamente idealista – liberal, “científica” e eurocêntrica – na evolução das sociedades humanas rumo a um mundo globalizado, marcado pela paz, pela cooperação e pela civilização crescente das zonas periféricas do planeta. Para esse estado futuro de coisas, Torres alegava concorrerem a extinção dos ódios entre os povos e dos impulsos belicosos, a natureza social do fenômeno da guerra e sua impotência para solucionar os complicados problemas sociais da modernidade. O imperialismo, consubstanciado na rivalidade entre povos e raças, seria um fato mais artificial do que natural na medida em que o cosmopolitismo teria tecido entre os povos “a teia da consciência humana” em torno dos ideais do dever e da justiça (TORRES, 2001 [1909], p. 9). A luta pela vida, de que falava Spencer, havia evoluído para a forma intelectual da concorrência; o comércio internacional precisava da paz para se desenvolver e profligava a guerra. A democracia, em suma, estava diretamente vinculada à paz, ao passo que o ideal guerreiro pertencia à época das nobiliarquias declinantes em toda a parte: “O poder do trabalho repeliu o poder da espada; a aristocracia do dinheiro assenhoreou-se da direção política e mesmo nas cortes, da influência outrora reservada à aristocracia de sangue” (Idem, *ibidem*, p. 10). Em outras palavras, Torres reiterava o argumento liberal segundo o qual a modernidade, baseada na livre circulação internacional de bens, pessoais e capitais, tornava anacrônica a guerra como modo de resolução dos conflitos. A paz mundial dependia apenas de as potências atribuírem a uma “assembleia dotada do poder jurisdicional e da autoridade mediadora e oficiosa a missão de solucionar os litígios internacionais, de conhecer das questões latentes e satisfazer as aspirações razoáveis das potências, fundadas nos interesses da civilização e do progresso humanos” (Idem, *ibidem*, p. 16). A noção de soberania nacional deveria ser relativizada, quando se tratasse de defender determinados valores morais, principalmente em países ainda selvagens e bárbaros:

Uma vez estabelecida a paz geral no interesse do gênero humano, os direitos da Humanidade, que formam a própria essência da natureza e do caráter de nossa espécie, levam-na para os direitos secundários das instituições políticas. É sobre esses direitos que se funda o princípio da intervenção legítima: a única limitação para seu exercício está no respeito devido aos direitos permanentes de soberania do país que sofrer a ação interventora. O exercício desse poder demanda uma política internacional: é a consequência lógica da colocação de uma autoridade central do gênero humano em posição de arbitragem das grandes potências na defesa dos interesses da humanidade e na manutenção da influência benfeitora da civilização sobre os mundos bárbaro e selvagem (Idem, *ibidem*, p. 19).

Entretanto, nos anos seguintes, as condições políticas, sociais e econômicas pareciam rapidamente se deteriorar na cena brasileira. A estabilidade republicana obtida desde 1898 havia sido rompida pela crise deflagrada pelo insucesso de Afonso Pena na indicação de seu sucessor à presidência e pela emergência de dois candidatos opostos à presidência da República apoiada por facções distintas do establishment oligárquico: aquela oriunda dos quartéis, do Marechal Hermes da Fonseca, e aquela outra, civilista, representada por Rui Barbosa. A vitória e posse de Hermes da Fonseca no turbulento contexto da virada de 1910 para 1911, marcado pela Revolta da Chibata e a oposição implacável movida pelo liberalismo de Rui parece ter se afigurado a Torres como uma janela de oportunidades para a reforma do regime, conforme se depreende dos artigos por ele então publicados na *Gazeta de Notícias*². Denunciando a alienação das elites políticas face à realidade nacional, Torres sublinhava a necessidade que o governo tinha de conferir uma direção consciente à política nacional, orientada pelo conhecimento concreto dos problemas nacionais, a partir do estudo de sua geografia física e humana (TORRES, 1981 [1914], p. 64). A unidade étnico-cultural brasileira estava ameaçada pela crescente fragmentação sociocultural promovida pelo regime e pelo progressivo esvaziamento da dimensão nacional da vida pública. A União Federal era a grande fiadora dos valores nacionais constitucionalmente consagrados e, por conseguinte, cumpria substituir a jurisprudência constitucional estadualista por outra, unionista (visando à unidade nacional), tornando mais abrangentes as hipóteses de intervenção federal nela previstas e garantindo, de forma mais eficiente, as garantias constitucionais, que eram absolutamente precárias.

Mas – é preciso frisar – que Alberto Torres ainda não manifestava por essa época (1910-1911) preocupação com o problema do imperialismo estrangeiro, não advogava a necessidade de mudança radical da Constituição, nem conectava a política interna com a externa, que pensava ainda de modo apartado.

Como e quando foi que, pela primeira vez, Torres logrou expor seu nacionalismo de forma madura, conectando a problemática nacional à problemática internacional, até então tratadas de modo autônomo? A hipótese que a presente comunicação explora é a de que foi em seu esquecido discurso de posse como sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em agosto de 1911, que Torres, pela primeira vez articulou sua reflexão internacionalista com aquela mais especificamente brasileira, detectando a anarquia do sistema internacional nascente e o modo por que o ideário imperialismo se

2 – Esses artigos foram posteriormente reunidos e formaram a primeira parte de *A organização nacional* (1914).

projetava negativamente sobre a cena intelectual brasileira. Por isso mesmo, sustentarei a tese de que o referido discurso deve ser mais valorizado pelos estudiosos de sua obra.

A leitura do discurso na revista 74 da *revista do IHGB* narra sua introdução à sala de sessões do instituto por parte de seu segundo presidente, o Barão Homem de Melo. Torres começou por agradecer sua eleição, sem deixar, entretanto, de manifestar sua surpresa de ingressar num cenáculo composto por estudiosos de perfil voltado para os estudos compenetrados do passado, perfil este tão diferente do seu, que era o de um intelectual público preocupado com os problemas presentes. Ele faria assim, de seu um discurso, sua fé de ofício como pensador social, que teria, desde sua juventude, sido sua verdadeira vocação. Em seu discurso de posse, portanto, Alberto Torres optou por reafirmar sua oposição ao darwinismo social então em voga, que estava na base do ideário militarista e imperialista, e sua convicção no caráter artificial do fenômeno da guerra. A guerra era uma afronta à marcha progressiva da moralidade humana. Reiterando argumentos de liberais contemporâneos, como Norman Angell e Hobson, ele insistia na incompatibilidade da guerra com as exigências de uma modernidade caracterizada pelas trocas crescentes de ideias, de pessoas, de crédito e de mercadorias. O anacronismo do nacionalismo xenofóbico e imperialista das grandes potências também ofendia o interesse das famílias, que desejavam ardentemente a paz como meio de garantir sua segurança: “O trabalho, a luta pela família, é a regra da generalidade dos homens; o trabalho e a luta pela pátria, a exceção de uma parte das populações; o trabalho e a luta pela humanidade, um caso raro” (TORRES, 1911, p. 554). Assim era que o interesse no resguardo da família superava aquele da Nação: no conflito entre o primeiro e o segundo, o povo penderia ao primeiro. Daí a crescente propensão do homem moderno ao cosmopolitismo, a que já penderia pelo processo de globalização tecnológica. Em outras palavras, no início de seu discurso, Torres reafirmava sua crença em um evolucionismo humanitarista, pacifista e democrático, cujo ideal seria o apanágio da política britânica e estadunidense.

Torres escolheu, assim, para tema de seu discurso a defesa da perspectiva pacifista, recorrendo à filosofia evolucionista da história para demonstrar o surgimento, o desenvolvimento e o triunfo daquela tendência. Para comprovar seu ponto de vista, ele tentava demonstrar que toda a evolução das ideias desde o homem mais primitivo assinalava o pendor da humanidade para o cosmopolitismo e a democracia, paralelo ao desenvolvimento da ciência e à equalização das condições sociais: “A ideia de igualdade de todos os homens, da fraternidade entre nacionais e estrangeiros, da injustiça e da crueldade da guerra encontra-se expressa em quase todas as religiões e filosofias” (*Idem*,

ibidem, p. 559). Baseando-se nas histórias do pensamento político de Ernest Renan, Émile Faguet e Paul Janet, Torres começava com sua demonstração evolucionista com os esquimós, o Egito, a Babilônia e a Índia, o budismo, o confucionismo e o cristianismo, que teriam sempre pregado a paz e a igualdade contra a guerra e a desigualdade pregadas pelo militarismo. A despeito de suas guerras, também a Grécia de Platão e de Aristóteles possuía “o sentimento da afeição humana, tinha a consciência da nossa igualdade na natureza e previu que o homem caminhava para o destino de paz”³. A evolução moral da humanidade envolvia um processo de perfectibilidade paralela ao desenvolvimento científico, cujo pressuposto era a paz; a continuação desse processo indicava, dessa forma, para breve a erradicação da guerra, assim como das hierarquias sociais. Prosseguindo na sua demonstração, Torres passava em revista Cícero, Marco Aurélio, Hobbes, D’Alembert, Holbach, Kant, Bentham, entre outros, para repisar a tese de que a emergência de um ideal pacífico cosmopolita decorrente do processo de moralização e da civilização era correlato àquele da igualdade democrática e tendia a triunfar sobre o guerreiro, fruto exclusivo da necessidade e da contingência política. A ideia de regulamentação e de limitação da guerra elaborada pelo direito das gentes, consagrada na Paz de Vestfália, assim como a de criação de um tribunal internacional destinado a manter a paz, ao longo de congressos como de Viena e de Haia, representavam os passos definitivos no caminho de supressão da guerra como conforme de resolução dos conflitos: “A política internacional não é mais um jogo de monarcas, combinando arbitrariamente, na penumbra dos gabinetes dos povos; não há mais segredos, nem talentos sutis, nas negociações diplomáticas” (*idem, ibidem*, p. 580).

Se, até este ponto, Torres parecia reafirmar as crenças otimistas já expendidas em *Vers la Paix*, dali por diante, o autor enumerava os desafios inéditos impostas pela globalização à consecução daquele desígnio quase providencialista – o mais urgente dos quais dizia respeito à disparidade entre as sociedades cêntricas e as atrasadas:

A ocupação dos territórios pertencentes a bárbaros e selvagens levanta a questão do direito dos indivíduos à terra, à vida, à saúde, à civilização; a sociedade, que não os pode eliminar, nem escravizar, não pode também abandoná-los (*idem, ibidem*, p. 581).

Ao seu juízo, havia aparentemente apenas duas formas de resolver tais problemas. A primeira era aquela preconizada pelos “imperialistas”, grupo subdividido entre os militaristas clássicos e os darwinistas sociais; a segun-

3 – *Idem, ibidem*, p. 562. Aristóteles em particular era saudado como exemplo de pensador orientado por um idealismo realista; ele compreendera, “mais do que ninguém, que a política é uma arte empírica, que não é lícito separar da vida real” (*Idem, ibidem*, p. 563).

da, aquela proposta pelos liberais clássicos e os socialistas, que acreditavam otimistamente na dinâmica da história e da civilização e se contentavam em dela esperar os benfazejos frutos ou a resolução espontânea dos problemas. Esta última havia sido em larga medida a posição do próprio Torres em *Vers la Paix*. Entretanto, ele agora criticava ambas as posturas. A construção ética da ordem global não deveria se processar pela imposição dos mais fortes sobre os mais fracos, mas também não haveria, pelo visto, de se desencadear conforme os supostos automatismos da filosofia liberal da História. Para que o desfecho do processo histórico se desse conforme o movimento crescente de civilização nele inscrito, parecia cada vez mais necessária a intervenção política e intelectual deliberada, articulada e consciente de forças comprometidas com a consecução daquele ideal, que tomassem a peito a tarefa de encaminhar as soluções capazes de resolver a tendência: “A ação deliberada das inteligências (...) é que distingue as sociedades que avançam das sociedades estacionárias” (*Idem, ibidem*, p. 582). Em outras palavras, surgia de modo claro e insofismável em Torres a vontade política como elemento indispensável encarregado de “empurrar a história” e realizar os valores civilizatórios nela inscritos contra a tendência. Os atores privilegiados da mudança era, como não poderiam deixar de ser, uma elite de estadistas esclarecidos secundados por intelectuais, capazes de contribuir para a conscientização e para a criação de mecanismos capazes de assegurar a paz mundial de modo definitivo. Só assim, acrescentava Torres, seria possível forjar uma ordem global justa que, pondo fim à anarquia reinante, prevenisse a justa explosão do número crescente de descontentes:

Enquanto isso, as forças revolucionárias reúnem as massas dos queixosos, dos verdadeiros infelizes e dos exaltados das multidões. A política de inércia só pode ter por consequência explosões violentas, parciais ou gerais, a anarquia; a evolução dos povos novos irá seguindo a mesma tendência de luta entre camadas antagônicas, agravada pelo ódio das raças (*idem, ibidem*, p. 584).

Como se percebe, os temas que surgiram dois anos depois, em *O problema mundial*, surgiam já em 1911 no discurso de posse de Torres no Instituto Histórico. Eles emergiam de sua aguda percepção da crise do liberalismo como ideologia hegemônica no plano mundial, em benefício de outras, xenofóbicas, racistas, expansionistas e agressivas, identificadas com o conceito de imperialismo, que impelia Alberto Torres a dar uma guinada em seu pensamento político. Paradoxalmente, era da percepção da fragilidade do liberalismo que ele, ao mesmo tempo, redobrava sua pregação pacifista, sem descuidar, porém, da necessidade de lançar mão de um recurso estranho à farmacopeia liberal, mais afeito à fórmula do reformismo ilustrado, renovada pelo positivismo comteano – aquela da intervenção política consciente e deliberada de uma elite intelectual esclarecida. Claro estava que a política à

qual ele se referia não era qualquer política, mas aquela ilustrada e altruísta, mas uma comprometida com a construção de um mundo cosmopolita, democrático e letrado – liberal, em suma. Ela deveria se organizar para enfrentar de modo desassombrado a ameaça, que lhe parecia cada vez mais ameaçadora, daquela outra política, mesquinha e egoísta, que preconizava a guerra de conquista, que era a do imperialismo. O caminho a seguir era aquele do liberalismo social, humanista e pacifista, de progressistas norte-americanos como Woodrow Wilson e novos liberais britânicos, como J. A. Hobson, autor de *Imperialismo – um estudo* (1902) e Norman Angell, que no ano anterior publicara *A grande ilusão* (1910). Ambos alertavam para os equívocos dos defensores da guerra e do imperialismo, que ignoravam os graves efeitos colaterais das medidas que preconizavam e que representariam um verdadeiro tiro pela culatra. Com esses autores, Torres reiterava que a globalização econômica e social tornara inviável resolver os problemas da humanidade com articulações no plano puramente nacional. A anarquia do sistema internacional emergente só poderia ser refreada por uma organização em nível mundial, voltada para a promoção da paz e do desenvolvimento. Só essa sociedade, organizada para muito além de uma mera Corte internacional, e sim em um conselho ou uma assembleia política mundial, seria capaz de “fundar o poder cosmopolítico de Kant”:

Para que a civilização cumpra seus deveres e use de seus direitos, para que exerça a política universal da conservação de suas conquistas e da permanência no progresso, livre nos perigos da ambição e da paixão particularista, é mister que se criem o repouso, a ordem, a estabilidade, que se dirija metodicamente a distribuição do gênero humano pelas zonas incultas da terra; que se solvam, com a propriedade e pela produção, as crises de fome e da miséria, que excitem as paixões revolucionárias; que se funde a paz sobre o equilíbrio entre grupos políticos (*idem, ibidem*, p. 587).

A essa altura, surgia no discurso de Torres, de modo imprevisto, a conexão entre o crescente estado de anarquia internacional provocado pelo desencadear da globalização e a ameaça crescente do imperialismo, de um lado, com o problema nacional brasileiro, de outro. A descrença paulatina no liberalismo em crise e, por conseguinte, na espontaneidade da marcha civilizadora para o conjunto da humanidade, provocada pela maré montante da ideologia imperialista, da força, do militarismo, também produzia efeitos ideológicos na cena pública brasileira. Já vimos, pelos artigos publicados meses antes na *Gazeta de Notícias*, o quanto Torres já demonstrara estar o Brasil carente de uma reorganização nacional que passava pela mudança de mentalidade das elites, alienadas do dado nacional, e que se refletisse no modo por que elas interpretavam as instituições constitucionais. Com as sucessivas derrubadas de governadores nos estados e o estalo de rebeliões, sua

percepção negativa sobre os rumos do país só vinha se agravando continuamente nos meses seguintes. Foi então que Torres passou a refletir sobre as consequências negativas da incorporação acrítica das teorias imperialistas por parte da intelectualidade brasileira. Se o país carecia de uma reação cívica, ela seria impossível caso os formadores opiniões não se dessem conta de sua alienação e continuassem a repetir o mantra germânico da superioridade da raça branca e de seu direito de servir de polícia do mundo, em um país de latinos, negros, índios e mestiços, como era o Brasil. Era, desta vez, um tiro duplo pela culatra. Torres passava então, em seu discurso, a refutar os argumentos supremacistas dos imperialistas alemães, explicando que a raça era um produto da adaptação ao clima e que o êxito dos arianos na Europa não se reproduzia em outras regiões; que os latinos lhe eram iguais em capacidade, porque frutos da adaptação ao seu próprio meio, diverso do nórdico; que, ainda que assim não fosse, a civilização ia, pela globalização, nivelando as raças e as etnias, por meio da cultura, da moralidade e da tecnologia. Assim era que, no Brasil, a população era o resultado de uma fusão de etnias que se adaptavam ao meio, e era em defesa dela, de sua dignidade e de sua elevação moral e material, que deveriam lutar as elites políticas e intelectuais do país:

A adaptação física e a social são o modelador étnico do homem. É preciso ter de todo extraviado o espírito no labirinto dos pormenores morfológicos e nas confrontações dos esqueletos do homem moderno com os espécimes primitivos, para não perceber a evidência que resulta de um simples e elementar confronto entre o homem primitivo e o selvagem de hoje, entre o selvagem de hoje e o ária; entre o ária e o negro ou o índio civilizado; para não ver que, por toda a parte, que o homem civilizado é o mesmo, no moral e na inteligência; que o homem primitivo, tendo evoluído em diversas direções, a civilização o conduz para uma unidade moral e intelectual (*idem, ibidem*, p. 590).

Era assim que a percepção do perigo crescente à nacionalidade brasileira representado pela expansão intelectual e material do imperialismo das potências continentais europeias convencia Torres de que sua sobrevivência não podia repousar na crença cada vez menos provável de que o liberalismo cosmopolita vencesse pelo puro e simples influxo da História. O seu crescente realismo em matéria de relações internacionais o empurrava assim paulatinamente para a elaboração de um discurso nacionalista de tintas periféricas, isto é, essencialmente defensivo e anti-imperialista, que viria à tona em sua formulação mais acabada em *O problema nacional brasileiro* e *A organização nacional*. Um discurso que refutasse as alegações de superioridade dos povos imperialistas, que visava ao enfraquecimento de povos fracos e desorganizados como o Brasil, e que fosse capaz de, pela adesão das elites dirigentes, criar o ambiente necessário à criação das condições objetivas de sua sobrevivência como nacionalidade. Uma das pedras de toque desse dis-

curso passava não só por neutralizar o racismo hegemônico, que desvalorizava o povo brasileiro, mas por valorizar todas as suas características físicas e morais, como a sua sensatez, sua cordialidade, sua índole pacífica e trabalhadora. Para isso, porém, era preciso declarar guerra à alienação das elites dirigentes nacionais, que assimilavam de forma acrítica as doutrinas que tendiam a fazer do Brasil presa fácil das potências militaristas e expansionistas – a primeira das quais era aquela relativa à suposta superioridade da raça branca e, em particular, da ariana. Essa obra de reação contra o desmantelamento da nacionalidade passava, todavia, por outras tarefas também. E aqui Torres revelava suas afinidades com o liberalismo social em voga nos países por ele admirados, a Inglaterra e os Estados Unidos, que exigiam a ampliação do papel social do Estado: era preciso consolidar o “caráter do povo” pela educação; defender sua integridade física a partir de uma alimentação adequada; defendê-lo da exploração por uma política econômica. Assim regenerado, o Brasil poderia apresentar-se ao mundo em grande forma aquilo que ele já era em potência: um verdadeiro microcosmo da futura sociedade cosmopolita, que se desenharia a partir da derrota da barbárie aristocrática e guerreira que dominava as grandes potências:

Nossa geografia e a nossa História nos impõem, assim, um destino e nos reservam uma glória: realizar, em um vasto território, em uma completa união de raças, o tipo moderno de nacionalidade, fundada na comunhão moral de sentimentos e na social dos interesses. Este destino é tanto mais honroso quanto nos aproxima da própria imagem da humanidade; ele constitui a dificuldade de nossa posição perante as lutas que se anunciam, mas nos dá, também, as melhores forças e os estímulos mais eficientes (*idem, ibidem*, p. 595).

E, por fim, reforçava sua posição idealista e antimilitarista:

Não é na força dos canhões e de couraças que devemos apoiar a nossa causa; não será deles que virá a esperança de êxito. Nossa causa é a causa do homem, é a causa da grande maioria da nossa espécie, seu melhor apoio é a sua justiça; é a consciência moral dos civilizados, para quem o dever da cultura e a dignidade do aperfeiçoamento consistem no apuro do amor pelo semelhante e no esforço para elevá-lo ao seu nível (*idem, ibidem*, p. 595).

Conforme se percebe, o discurso de posse de Alberto Torres no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1911 merece ser recuperado pelos estudiosos do autor. Ele representa o elo que não apenas vinculou a problemática de sua reflexão internacionalista com a propriamente nacional, até então apartadas, como assinala de modo marcante sua passagem do cosmopolitismo liberal de *A caminho da paz* para o complexo nacionalismo que resultará de *O problema mundial* e *O problema nacional brasileiro*, de por que ficará

conhecido posteriormente. Torres passa a ser um liberal crítico do imperialismo econômico e cultural, consciente das assimetrias de poder no plano internacional, da necessidade de um nacionalismo defensivo no Brasil, capaz de armá-lo de modo a sobreviver em um mundo cada vez mais perigoso para as nacionalidades fracas. É um nacionalismo que não se erige propriamente contra o liberalismo, mas da consciência dos perigos reais decorrentes da escalada imperialista para a paz mundial e para o projeto nacional brasileiro. Nos países mais fracos, isso significa apostar mais no papel das elites e menos no povo, mais no Estado e menos na sociedade civil ou no mercado, mais no conhecimento da realidade local do que na transplantação dos esquemas exógenos. Por aí se percebe a complexidade de seu nacionalismo, que não pode ser reputado conservador na medida em que surgia da própria necessidade de preservar as condições de possibilidade de sobrevivência, no Brasil, de seus ideais liberais e cosmopolitas. Nacionalismo que se chocava frontalmente com aquele outro, puramente conservador e então hegemônico, do Conde de Afonso Celso – que, em sua resposta ao discurso do novo sócio, censurava-lhe o caráter utópico e redarguia, à maneira de Clausewitz, que só a preparação para a guerra era capaz de manter a paz; que a natureza humana era belicosa e só o retorno aos ideais de Cristo poderiam modificá-la (Celso, 1911, pp. 596-601). Nada mais diversa, efetivamente, da concepção política de Torres, para quem “o ideal, que não se confunde com a utopia, não é senão o extremo indefinido do futuro que há de ser alcançado por uma linha reta, tendo por ponto de partida um sentimento humano” (Torres, 1911, p. 558).

Referências bibliográficas

- LASTARRIA, José Victoriano (1893). *Lições de Política Positiva*. Tradução de Lúcio de Mendonça. Rio de Janeiro, Garnier.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa (1968). Presença de Alberto Torres. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- TORRES, Alberto (1899). *Mensagem enviada à Assembleia Legislativa em 15 de setembro de 1899*. Rio de Janeiro, Papelaria Jerônimo Silva, 1899.
- TORRES, Alberto (1911). Discurso de posse no I.H.G.B. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 74 (124): 546-601.
- TORRES, Alberto (1981) [1914]. *A organização nacional*. Brasília, Senado Federal, 1981, p. 64.
- TORRES, Alberto (2001) [1909]. *A Caminho da Paz*. Tradução de Teotônio Simões. Rio de Janeiro, 2001.

Sessão em homenagem aos 250 anos de nascimento do sócio Pe. José Maurício Nunes Garcia

RESGATE DA MEMÓRIA DE JOSÉ MAURÍCIO, 250 ANOS DEPOIS DE SEU NASCIMENTO

RICARDO TACUCHIAN¹

Para melhor compreender a trajetória de José Maurício Nunes Garcia (Rio de Janeiro 1767-1830), podemos dividir a sua vida em quatro fases. A primeira vai até 1808, período de sua formação e de seus primeiros passos profissionais. Com a chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro, José Maurício assume o posto de Mestre Capela de Sua Alteza Real e passa a trabalhar com recursos musicais mais sofisticados, com notória intensificação de sua produção musical. Este segundo período vai até 1811, com a chegada de Marcos Portugal ao Rio de Janeiro. José Maurício manteve seu cargo de Mestre Capela, mas, possivelmente, sofreu um certo grau de competição com o ilustre músico português que era, nesta ocasião, tão conhecido na Europa quanto Mozart. É notória a redução da produção de José Maurício, a partir desta data, bem como a mudança de seu estilo, mais ao gosto da corte. De qualquer forma, no terceiro período que vai de 1811 a 1821, o padre compositor nos legou importantes obras. Com o retorno de D. João VI para Portugal, em 1821, e, consequente, redução de recursos destinados à Capela Real e, depois, à Capela Imperial, temos o derradeiro período da vida de José Maurício, com declínio de suas forças físicas e criativas. Não obstante compôs, em 1826, seu canto do cisne, a Missa e o Credo de Santa Cecília, para alguns especialistas sua obra-prima e cujo original se encontra nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por doação de seu filho o Dr. José Maurício Nunes Garcia, ilustre membro desta instituição. Aliás, conforme verificaremos no decorrer desta breve comunicação, o IHGB tem o seu nome ligado ao eminente compositor não só por seu acervo (ele também é o depositário da máscara mortuária de José Maurício, feita por Araujo Porto-Alegre), mas pelos membros da instituição que deixaram seu testemunho nos arquivos da Casa. O único retrato do músico deixado para a posteridade, e feito pelo seu filho, pertence ao acervo da Escola de Música da UFRJ.

Até os trabalhos de pesquisa da musicóloga Cleofe Person de Matos, a lembrança do nome de José Maurício se resumia a raras fontes bibliográficas e a eventuais apresentações de sua obra. As duas obras portentosas da ilustre pesquisadora trouxeram um novo alento ao estudo da obra do Padre Mestre

1 – Academia Brasileira de Música.

e da programação e da gravação de sua obra. O grande mérito desta pesquisadora foi organizar as informações conhecidas, levantar novos dados em diferentes arquivos e publicar um catálogo temático das obras do compositor. No Catálogo Temático², Cleofe Person de Matos relaciona a obra do padre por gêneros, com cada obra acompanhada do *incipit*, além de outras informações pertinentes como a data da composição, o copista, quando for o caso, e o local dos arquivos onde os documentos se encontram. Assim, a pesquisadora agrupou a obra do compositor com cerca de 240 títulos da seguinte forma: 12 Antífonas, 2 Benditos, 4 Cânticos, 28 Hinos, 7 Ladainhas, 12 Motetos, 13 Novenas, Setenário, Trezenas, 9 Salmos, 11 Tantum Ergo, 7 Te Deum, 4 Trechos de classificação imprecisa, 19 Missas, 9 Credos, 27 Graduais, 3 Laudamus e Ofertórios, 3 Qui Sedes e Quoniam, 5 Sequências, 8 Matinas, 4 Vésperas, 12 Ofícios Fúnebres, 34 Obras para a Semana Santa, 4 Obras Profanas, 6 Obras Instrumentais, 1 Obra Teórica e 1 Orquestração. Esta pesquisa, que levou cerca de 30 anos para ser concluída, foi feita em Arquivos de 16 instituições, entre orquestras, conservatórios, palácios, coros e igrejas. Além disso, consultou coleções particulares como a de Aloisio José Viegas (São João del Rei, MG), Biblioteca Curt Lange (Montevideo), Família Tannay (São Paulo, SP) e Vicente C. Pires (Diamantina, MG). Atualmente, a mais importante Mauriciana se encontra na Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ, que conta com o acervo de Bento das Mercês, o do Imperial Conservatório de Música e a coleção da Real Fazenda Santa Cruz. Bento das Mercês fora copista e arquivista da Capela Imperial e preservou boa parte da obra do Padre.

Em *José Maurício Nunes Garcia, Biografia*³, Cleofe mostra toda a ascendência de José Maurício, sua formação musical, seu ingresso na carreira clerical e sua incorporação na vida palaciana com sua nomeação como Mestre Capela da Coroa Real, após a chegada de D. João VI. Baseada em documentos de época, ela nos dá uma razoável trajetória da vida do Padre.

Quando o Príncipe Regente D. João chegou ao Rio de Janeiro, em 1808, transferindo sua corte para o Brasil, a cidade o recebeu com inúmeras comemorações. A sede da Catedral estava na Igreja da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens de Cor, na rua da Vala (hoje rua Uruguaiana). Foi celebrado nesta igreja um ofício religioso em regozijo pela chegada da Família Real e este foi o primeiro momento que D. João teve contato com o Padre José Maurício Nunes Garcia, então mestre-de-capela da

2 – MATTOS, Cleofe Person. *Catálogo Temático José Maurício Nunes Garcia*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Conselho Federal de Cultura, 1970.

3 – MATTOS, Cleofe Person. *José Maurício Nunes Garcia, Biografia*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1997.

Sé. A admiração do monarca pelo padre músico foi imediata. Uma das primeiras providências de D. João foi transferir a catedral para a Igreja de Nossa Senhora do Carmo que ficava quase atrás do Paço Real. A Igreja de Nossa Senhora do Carmo foi a Catedral do Rio de Janeiro até 1976. Para frequentar a Igreja, o Príncipe Regente não precisava sair à rua, passando, através de um passadiço suspenso, diretamente de sua residência para o Convento das Carmelitas que, na época, era ligado à Igreja. Após esta providência, D. João confirmou José Maurício como Mestre de Capela da nova Sé e da Capela Real que funcionaria no mesmo local. José Maurício tinha obrigações de compositor, regente, organista, arquivista e administrador dos assuntos burocráticos da Capela Real.

Mas... quem era este homem que, da noite para o dia, assumia tão importantes funções a serviço da Coroa Real? José Maurício era filho de pais mulatos e de origem humilde. Nasceu na Rua da Vala, em 1767, e frequentou, quando criança a Igreja do Rosário e São Benedito, onde fora batizado, ordenado padre aos 25 anos de idade e nomeado mestre de capela da Sé, em 1798. A Catedral tinha sido transferida para a Igreja do Rosário em 1737 e, desde então, havia desentendimentos entre o Cabido e os Membros da Irmandade, proprietária da Igreja. José Maurício, procurando passar por cima destas dificuldades, ingressou na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, no ano seguinte que fora nomeado mestre de capela pelo Cabido da Sé. Porém, com a chegada de D. João ao Rio de Janeiro, a vida de José Maurício se modificaria radicalmente. Ele deixaria os atritos administrativos entre Cabido e Irmandade para enfrentar os desafios das disputas internas da corte que se complicariam com a chegada, em 1811, de Marcos Portugal, compositor português de fama internacional e que disputaria as posições já conquistadas pelo padre brasileiro.

Durante mais de 25 anos José Maurício manteve um curso particular e gratuito para formação de músicos instrumentistas, cantores, arquivistas e copistas que, depois de formados, eram aproveitados nas funções litúrgicas da Sé. O mais notável aluno de José Maurício foi Francisco Manuel da Silva, compositor e regente, fundador do Conservatório de Música (hoje Escola de Música da UFRJ) e autor do Hino Nacional Brasileiro.

José Maurício viveu alguns anos de glória. Foi condecorado por D. João com o hábito da Ordem de Cristo em 1809. Em 1816, ano da morte de D. Maria, mãe de D. João, e da morte de sua própria mãe, José Maurício escreveu, para muitos, a sua obra prima, o Ofício e a Missa de Defuntos. Entretanto, com o retorno de D. João VI a Portugal, em 1821, a situação do Padre Músico começa a se deteriorar. Seu salário foi diminuído pela metade e sua saúde se abalou pelo excesso de trabalho. D. Pedro I já não dava para a música os mes-

mos recursos concedidos antes por seu pai. O maior compositor brasileiro do período clássico e mais importante músico sacro de nossa história morreu em 1830, depois de longo período de enfermidade e em extrema miséria. Seus restos mortais foram depositados na Igreja de São Pedro dos Clérigos, que foi demolida em 1944, para a abertura da Avenida Presidente Vargas. Desse modo, seu ataúde foi trasladado para a Igreja da Consolação, na atual Av. Passos 48, mas seus restos mortais não foram identificados, ficando em local ignorado.

Além dessas informações biográficas, Cleofe Person de Matos também faz uma análise do ambiente social da época, seus hábitos e sua vida política e social. Por exemplo, ela nos informa sobre o chamado Processo *de genere* a que José Maurício teve que se submeter, conforme costume da época. Assim se pronuncia Cleofe, na Biografia do Padre:

O Processo *de genere* foi instaurado em 5 de janeiro de 1791 por um jovem músico José Maurício Nunes Garcia, que assim concretizava o desejo de “entrar em ordens”. O processo cujo objetivo era colher informações acerca dos hábitos religiosos de seus ascendentes, especialmente se batizados, se haviam sofrido “pena vil” ou acusação de heresia fazia-se através de documentos e depoimentos de testemunhas chamadas a prestar, sob juramento, as informações necessárias.⁴

Araujo Porto-Alegre já havia se referido, em 1856, sobre o processo *de genere* de José Maurício, em seus “Apontamentos” a que nos referiremos mais adiante.

O primeiro texto consistente sobre a vida e a obra de José Maurício, ainda que muito reduzido, foi publicado pelo historiador, jornalista, orador sacro, poeta e membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro Januário da Cunha Barbosa (Rio de Janeiro, 1778-1846). Companheiro de José Maurício, na Irmandade de São Pedro, Barbosa publicou, no Diário Fluminense, 19 dias após a morte do Padre, um necrológio que, não obstante seu caráter reverencial, contém informações que serviram de base para outros biógrafos. Transcrevemos trecho deste documento, publicado no Catálogo Temático de Cleofe Person de Matos:

Pede a justiça que consagremos algumas reflexões a memória de hum benemérito Brasileiro, que há poucos dias desceo a sepultura, mais carregado de merecimentos, do que de anos. Este pequeno tributo da nossa saudade na morte de hum patricio, que tanto nos honrara pela sua decidida escellencia na profissão, que desde menino abraçara, não será perdido para os Brasileiros, que amão ver recomendado á posteridade, e ao conhecimento do mundo

4 – MATTOS, Catálogo, *op. cit.* p. 18

ilustrado, o nome daquele que se fez celebre, cultivando com zelo, e perseverança, os talentos, com que o dotara a Natureza. Já não existe o Padre José Maurício Nunes Garcia, Mestre da Capella Imperial desta Côrte.

Antes de Cleofe, o livro mais importante sobre José Maurício fora o do Visconde de Taunay, publicado pelo seu filho, Affonso d'Escragnolle Taunay (Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, 1876 - São Paulo, 1958), membro da Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao primeiro centenário da morte do compositor⁵. O Visconde de Taunay, Alfredo d'Escragnolle Taunay (Rio de Janeiro, 1843-1881), pertencia a uma ilustre família de artistas e de intelectuais e foi um entusiasta pela figura do Padre compositor. Escreveu vários artigos sobre José Maurício, reunidos neste precioso livro. Era engenheiro militar, professor, político, historiador, romancista, teatrólogo, biógrafo, etnólogo e memorialista, sendo membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não foi testemunha ocular da vida do Mestre Capela, mas ouviu muitas informações de seu pai Félix-Émile Taunay, o 2º Barão de Taunay (Montmorency, França, 1795 - Rio de Janeiro, 1810), que veio para o Brasil com a Missão Artística Francesa em 1816. Este último, por sua vez, era filho de Nicolas-Antoine Taunay, o 1º primeiro Barão de Taunay (Paris, 1755-1830), que também viera ao Brasil com a Missão Francesa, mas retornou à França em 1821. No referido livro do Visconde de Taunay, mas não ele e sim o seu filho Affonso, aponta, quatro fontes disponíveis para o estudo da biografia de José Maurício, naquela ocasião: o *Dicionário Bibliografico Portuguez* de Innocencio da Silva, *Os músicos portugueses* (Porto, 1870) de Joaquim de Vasconcellos, a *Iconografia Brasileira* de Manoel de Araujo Porto Alegre e *Padre José Mauricio Nunes Garcia*, do Dr. Moreira de Azevedo, publicado no Tomo XXXIV, 2ª parte, de p. 293 a p. 304. Affonso Taunay aponta várias falhas e os mesmos erros nas duas primeiras fontes e ainda acrescenta, de passagem, o *Ensaio estatístico* de Adriano Balbi (Veneza, 1782 - Pádua, 1848), num relatório que ele fez para o governo português e onde há uma pequena referência a José Maurício⁶.

Seguindo os passos de seu pai, Affonso Taunay foi um incansável defensor da memória de José Maurício, no Império, em suas lides políticas e, na República, promovendo a publicação, em transcrição para vozes e piano ou órgão do *Réquiem* (E. Bevilacqua, 1897) e da *Missa em Si Bemol* (E.

5 – TAUNAY, Visconde de. *Uma Grande Glória Brasileira José Mauricio Nunes Garcia (1767-1830)*. São Paulo, Cayeras, Rio: Editora Comp. Melhoramentos de S. Paulo, 1930.

6 – BALBI, Adriano (Adrien). *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres états de L'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi les portugais des deux hemisphères. Dedié a sa Majesté Très-Fidèle*. Paris: Rey et Gravier, 1822. 658p.

Bevilacqua, 1898), ambas com revisão de Alberto Nepomuceno. Na edição do *Réquiem*, está publicado o *Esboço Biográfico*, atribuído ao Visconde de Taunay, mas que, provavelmente, foi escrito por seu filho. Affonso Taunay ainda participou ativamente do projeto de apresentação da *Missa de Santa Cecília*, na reinauguração da Igreja da Candelária, em 1898, e defendeu, junto ao parlamentar João Pandiá Calógeras, a compra, pelo Governo Brasileiro, do acervo de José Maurício, herdado por Gabriela Alves de Souza, sobrinha do copista Bento das Mercês. Esses manuscritos foram depositados no Instituto Nacional de Música.

Manuel de Araujo Porto-Alegre (Rio Pardo, RS, 1806 - Lisboa, 1879), também citado pelo Visconde de Taunay, foi outro biógrafo coevo a José Maurício. Vinte e seis anos após a morte do Padre, publicou na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o texto “Iconografia brasileira, com sub título, Apontamentos sobre a vida e obra do Padre José Maurício Nunes Garcia”⁷. Este intelectual gaúcho chegara ao Rio três anos antes da morte do compositor. Membro do IHGB, era escritor, político, jornalista, pintor, caricaturista, arquiteto, crítico e historiador de arte, professor e diplomata. Recebeu de D. Pedro II o título de Barão de Santo Ângelo.

Alguns trechos desse valioso solilóquio nos dão a ideia do testemunho de Porto-Alegre.

Para se avaliar o poderio e a força do talento de José Mauricio, basta dizer que el-rei o chamava o novo Marcos, antes que este celebre compositor tivesse chegado ao Brasil; e, que a despeito da sua côr mixtiça, era tolerado na côrte, n’essa côrte onde o auto de nascimento formava o maior merecimento do homem, dava direito a todas as sympathias, e onde o ser Brasileiro, e mormente mulato, bastava para alienar de si todos os favores, e mesmo muitos direitos.

Em outro ponto, Porto-Alegre dá uma informação que, até um certo ponto, contradiz a especulada rivalidade, pelo menos superada tardiamente, entre Marcos Portugal e José Maurício: “Depois da retirada de el-rei e consummada a independencia, foi que Marcos Portugal conheceu o bello e nobre character de José Mauricio, e tanto o admirou, que morreu seu grande defensor e amigo”.

Ainda é, neste texto, que Porto-Alegre dá testemunho da admiração de Neukomm por José Maurício:

O celebre Neukomm, discipulo de Haydn, que veio para esta côrte como lente de musica quando veio a colonia artistica dirigida por Lebreton para fundar a

7 – PORTO ALEGRE, Manuel de Araujo. Iconografia Brasileira, Apontamentos sobre a vida e as obras do Padre José Maurício Nunes Garcia. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, tomo XIX 3º trim., p. 354-69, 1856.

Academia das Bellas Artes, e que foi vítima da parcialidade que investivava José Mauricio, me disse, em Paris, a proposito do mestre brasileiro, que elle era o primeiro improvisador do mundo.

O interesse pela obra de José Maurício vem, paulatinamente, se intensificando, a partir de várias apresentações não só no Brasil como no exterior, de inúmeras gravações, nos antigos LPs e em CDs, de várias edições modernas, estudos científicos em Teses Doutoriais e em Encontros Acadêmicos. O ressurgimento foi provocado pelos estudos de Cleofe Person de Matos a que nos referimos no início deste texto. Agora, em 2017, foram comemorados os 250 anos de nascimento com inúmeros concertos em vários pontos do país e mesmo no exterior. Por exemplo, em dezembro de 2017, foram programados pelo menos dois eventos internacionais. Um deles foi na Catedral de Zurique, onde o Ensemble Turicum, sob a direção de Luiz Alves da Silva, programou um concerto dedicado às obras de José Maurício. O outro foi anunciado no Studio Beit Hecht, em Haifa, Israel, com o Ensemble Phoenix, sob a direção de Myrna Herzog, regendo o célebre Réquiem de José Maurício.

Destacamos os eventos que ocorreram durante todo o ano na Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé, onde José Maurício passou a maior parte de sua vida profissional. Vários concertos, com sua obra sacra e profana, em mesa-redonda e em palestra foram apresentados ao público, com a participação da SAMAS, Associação de Amigos da Antiga Sé, Associação de Canto Coral, Escola de Música da UFRJ, Academia Brasileira de Música, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Academia Brasileira de Arte e Academia Carioca de Letras. Nunca tantas instituições de escol tinham se associado antes, o que ocorreu para homenagear o grande músico, hoje reconhecido como uma das glórias da cultura brasileira.

IHGB, Rio de Janeiro, 16/08/2017

JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA NA HISTORIOGRAFIA MUSICAL BRASILEIRA: UM BALANÇO POR OCASIÃO DE SEUS 250 ANOS

ANDRÉ CARDOSO¹

O Padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830) foi, sem sombra de dúvida, o mais importante compositor brasileiro de seu tempo e tem lugar reservado na galeria dos grandes artistas nacionais, ao lado de tantos outros que viveram e que produziram no Brasil a partir da segunda metade do século XVIII até as primeiras décadas do XIX. Ao contrário das criações arquitetônicas, escultóricas ou pictóricas, que puderam ser apreciadas nos museus, nas igrejas e nos centros históricos de várias cidades brasileiras, a música de José Maurício, após sua morte, no já longínquo ano de 1830, foi apenas eventualmente ouvida em cerimônias religiosas. Os manuscritos, em sua maior parte, ficaram encerrados em arquivos, aguardando para serem resgatados. A produção de José Maurício sobreviveu graças ao trabalho abnegado de alguns poucos que se dedicaram a promover uma obra que é uma das mais importantes criações artísticas do chamado Período Colonial e que já está indelevelmente incorporada ao patrimônio cultural brasileiro.

As trilhas foram abertas ainda no século XIX pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), por Manoel de Araújo Porto Alegre (1806-1879) e por Bento Fernandes das Mercês (1805-1887). O primeiro foi, nas palavras de Cleofe Person de Mattos, “figura notável em nossa história” e autor do necrológico do compositor que, ao ser publicado em 30 de abril de 1830, praticamente inaugurou a historiografia mauriciana. O segundo, jornalista, escritor e pintor, conhecido como Barão de Sant’Angelo, escreveu a primeira biografia do compositor. Seus *Apontamentos sobre a vida e a obra do Pe. José Maurício Nunes Garcia* foram publicados no tomo XIX da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* em 1856. Bento das Mercês, na avaliação de Cleofe Person de Mattos, “ocupa posição única na sobrevivência da obra do padre José Maurício Nunes Garcia”. Ele nada escreveu sobre o compositor. Ao antigo copista e arquivista da Capela Imperial, devemos a preservação da maior parte dos manuscritos musicais que, hoje, se encontram guardados na Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e no Cabido Metropolitano do Rio de Janeiro. Durante anos, Bento das Mercês copiou e

1 — Violista e Regente graduado em Música pela UFRJ, com Mestrado e com Doutorado em Musicologia pela Uni-Rio. É professor de Regência e Prática de Orquestra da Escola de Música da UFRJ, da qual foi diretor por dois mandatos, entre 2007 e 2015. Foi Diretor Artístico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (2015/16) e é presidente da Academia Brasileira de Música.

coleccionou manuscritos de obras de José Maurício, por quem tinha enorme admiração. Após sua morte e graças à iniciativa de Alfredo d'Escragno Taunay (1843-1899), a coleção foi comprada pelo governo republicano para o Instituto Nacional de Música.

O Visconde de Taunay foi outro nome fundamental na trajetória de sobrevivência da obra de José Maurício. Taunay conheceu Bento das Mercês em 21 de dezembro de 1872 na solenidade que marcava a abertura dos trabalhos legislativos, que começava com a celebração da Missa do Espírito Santo na Capela Imperial. O encontro com o já então idoso arquivista foi narrado por Taunay em suas *Memórias*, assim como a forte impressão que a música de José Maurício lhe causara. Era a primeira vez que ouvia uma obra do compositor, do qual sequer sabia o nome. Taunay revela que Bento das Mercês o repreendeu mal-humoradamente por desconhecer o autor da música. A partir de então, Taunay tomaria iniciativas fundamentais para a preservação e para a divulgação da obra de José Maurício.

Servindo-se de suas prerrogativas de deputado e, posteriormente, senador, Taunay apresentou dois projetos de grande importância. No primeiro, propôs a realização de um inventário completo das obras de José Maurício, incluindo até mesmo aquelas pertencentes a acervos particulares e localizadas em outras cidades do Brasil. Posteriormente, em 04 de junho de 1887, proferiu um discurso no Senado, no qual solicitou um crédito no orçamento do Império para a impressão das obras de José Maurício. A primeira proposta resultou na elaboração do pioneiro catálogo de obras do compositor, organizado por uma equipe comandada por Joaquim José Maciel, sucessor de Bento das Mercês como arquivista da Capela Imperial. O documento original se encontra, hoje, no acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A segunda proposta resultou na primeira edição de uma obra de José Maurício por meio de uma subscrição pública. O *Requiem* de 1816, em redução para coro e órgão, foi impresso no Rio de Janeiro pela editora Irmãos Bevilacqua em 1897, já no período republicano. Para a referida edição, o Visconde de Taunay escreveu um “Esboço biográfico do autor”. Taunay conseguiu ainda a publicação de uma segunda partitura de José Maurício pela mesma editora em 1898, a Missa em Si bemol de 1801 para coro a três vozes e acompanhamento de órgão ou de harmônio.

Outra iniciativa importante de Taunay foi a campanha empreendida, não só da tribuna do parlamento como também a partir de artigos na imprensa, para a compra pelo governo da coleção de manuscritos de Bento das Mercês para o Instituto Nacional de Música. O Instituto já possuía manuscritos de obras de José Maurício em sua biblioteca, entre eles o autógrafo do *Compêndio de música e Método de piano-forte* e uma cópia da *Missa de Santa Cecília*,

provenientes do extinto Conservatório de Música, e cinco obras vindas do espólio da Real Fazenda de Santa Cruz em 1894. A campanha se materializou na proposta do deputado mineiro João Pandiá Calógeras (1870-1934) que, reconhecendo o mérito da proposta de Taunay, incluiu, em fins de 1897, a quantia no orçamento federal para a compra da coleção que estava sob a guarda de Gabriela Alves de Souza, sobrinha e herdeira de Bento das Mercês (Cardoso, 2004, p.51).

Dois diretores do Instituto Nacional de Música se qualificaram também como promotores da obra de José Maurício. O compositor Leopoldo Miguez (1850-1902) deu início ao livro de registro da biblioteca do Instituto, onde constam informações preciosas sobre a origem dos manuscritos de José Maurício lá existentes. A Miguez devemos também o conhecimento de obras que sobreviveram apenas por meio de cópias por ele realizadas, como a Abertura *Zemira*, para a qual produziu também uma versão para piano a quatro mãos. Com sua caligrafia clara, e precisa realizou o levantamento de outras partituras, como o da *Sinfonia Fúnebre*, a partir de partes de diferentes versões da obra, do *Te Deum* em Ré, do Hino *Ave Maris Stella* e do *Te Deum* em Dó.

A contribuição de Alberto Nepomuceno (1864-1920) se deu como autor da redução para órgão das edições do *Requiem* e da Missa em Sib promovidas pelo Visconde de Taunay e como regente, especialmente, no grande concerto de consagração da Igreja da Candelária, em 03 de julho de 1898, quando foi executada a Missa de Santa Cecília. Leopoldo Miguez e Nepomuceno incluíram a Abertura *Zemira* em concertos sinfônicos dirigidos no Instituto Nacional de Música e no Teatro Lírico, fazendo com que a obra entrasse no repertório das orquestras. É importante destacar também a importante contribuição de Nepomuceno para a organização do acervo da Biblioteca do Instituto Nacional de Música, que acabou por ganhar seu nome.

Já no século XX, a obra de José Maurício se manteve em evidência a partir de iniciativas do filho do Visconde de Taunay, o engenheiro e historiador Afonso d'Escagnolle Taunay (1876-1958), e dos musicólogos Francisco Curt Lange e Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (1905-1992). Afonso Taunay reuniu os artigos e os pronunciamentos de seu pai sobre o compositor e os fez publicar em dois livros, ambos em 1930, ano do centenário de morte do compositor. O primeiro, inteiramente dedicado a José Maurício, ganhou o título de *Uma grande glória brasileira*. O segundo foi dividido entre José Maurício e Carlos Gomes e recebeu o título de *Dois artistas máximos*. Cleofe Person de Mattos considerava que os dois pequenos volumes foram durante anos “a mais preciosa fonte de informação sobre o compositor carioca”.

O musicólogo teuto-uruguaio Francisco Curt Lange, por sua vez, centrou prioritariamente seus estudos sobre a música brasileira dos séculos XVIII e XIX na região das Minas Gerais, a partir da década de 1940. Nos muitos arquivos musicais que visitou, deparou-se com várias obras de José Maurício. No catálogo da Coleção Curt Lange, depositada no Museu da Inconfidência de Ouro Preto, estão registradas várias obras do compositor carioca, cujos manuscritos foram reunidos pelo musicólogo ao longo de décadas de pesquisas no Brasil. Ressalte-se ainda a publicação por Curt Lange dos *Apontamentos Biográficos*, escritos pelo Dr. José Maurício Nunes Garcia Júnior sobre a vida de seu pai, na *Revista de Estudios Musicales* da Universidad Nacional de Cuyo, em Mendoza, na Argentina, em 1950.

Com Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, chegamos, enfim, àquele que abriu o caminho para que Cleofe Person de Mattos se tornasse a protagonista das pesquisas mauricianas. Sua condição inicial de bibliotecário do Instituto Nacional de Música franqueou seu acesso aos manuscritos de José Maurício. Ao assumir, em 1934, a editoria da *Revista Brasileira de Música*, primeiro periódico acadêmico-científico sobre música de nosso país, criou as condições para o início de uma nova fase de estudos sobre José Maurício e sobre a edição de suas obras. Na seção intitulada *Arquivo de Música Brasileira*, apresentou textos críticos para as partituras editadas em forma de suplemento. Por iniciativa de Luiz Heitor, foram editadas a *Missa dos Defuntos* (1809) e o *Tantum Ergo* com acompanhamento de sopros. Régis Duprat, em artigo dedicado à Cleofe Person de Mattos e publicado na *Revista Brasileira de Música*, afirmou ser Luiz Heitor “o primeiro musicólogo a estudar a obra de José Maurício, em nível técnico e estilístico” (Duprat, 2010, p.177).

Luiz Heitor deixou o cargo de bibliotecário em 1939 para assumir a recém-criada cadeira de folclore na Escola Nacional de Música. É o momento no qual a trajetória do jovem professor se cruza com a de Cleofe Person de Mattos, aluna de sua primeira turma de folclore, que abraçaria a causa mauricianas com determinação. Os múltiplos interesses de Luiz Heitor e a variedade de temas que abordou em suas atividades como musicólogo e crítico, de certa forma, contrastam com a opção de Cleofe de se dedicar quase exclusivamente à vida e à obra de um único compositor. Mas não podemos ignorar que a musicologia desenvolvida por Cleofe descende, evidentemente, do trabalho de Luiz Heitor e podemos supor que os criteriosos procedimentos metodológicos que pautaram suas atividades como pesquisadora foram forjados a partir de 1941, quando concluiu sua graduação na Escola Nacional de Música e passou a colaborar com Luiz Heitor na elaboração da *Bibliografia Musical Brasileira*, obra de referência fundamental para o conhecimento do que foi publicado sobre música no Brasil a partir de 1820.

O próprio Luiz Heitor revela que desenvolveu o trabalho “em estreita colaboração com Cleofe Person de Mattos” e que procederam “vagarosamente, sem precipitação” (Azevedo, 1952, p.05). Outro trecho do prefácio escrito por Luiz Heitor bastante revelador é aquele em que informa que com a publicação da *Bibliografia Musical Brasileira* “torna-se possível, assim, verificar, num relance, tudo o que se escreveu sobre o Padre José Maurício, Carlos Gomes ou Villa-Lobos” (Azevedo, 1952, p.08). É perfeitamente plausível, portanto, supor que as pesquisas de Cleofe Person de Mattos sobre José Maurício tenham como ponto de partida o levantamento realizado para a *Bibliografia Musical Brasileira*, momento no qual teve acesso a tudo que foi escrito sobre o compositor, desde o necrológico publicado por Januário da Cunha Barbosa.

Outra colaboradora de Luiz Heitor no projeto da *Bibliografia Musical Brasileira* foi Mercedes de Moura Reis. Mais conhecida por seu nome de casada, Mercedes Reis Pequeno confirmou, muitos anos depois, em entrevista para a *Revista Brasileira de Música*, que foi no trabalho com Luiz Heitor que ela e Cleofe tiveram despertado o interesse pela pesquisa em música (Pequeno, 2010, p.182). O próprio Luiz Heitor, em depoimento ao Museu da Imagem e do Som, transcrito no Vol.27 nº1 da *Revista Brasileira de Música*, reconheceu o papel fundamental de Cleofe e de Mercedes na organização da *Bibliografia Musical Brasileira*. Disse Luiz Heitor: “eu sou o último dos autores, porque, na realidade, uma grande parte cabe a Cleofe Person de Mattos e a maior parte, a organização total do volume, a Mercedes Reis Pequeno” (p.191). Em outro trecho do mesmo depoimento, ficamos sabendo que, no levantamento bibliográfico realizado, Mercedes Reis Pequeno se responsabilizou por toda a parte de periódicos e Cleofe Person de Mattos, pelos livros (p.203). Mercedes Reis Pequeno realizou também um trabalho absolutamente fundamental para a musicologia brasileira ao criar o Setor de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional. Foi como chefe do setor, que organizou, em 1967, a *Exposição comemorativa ao 2º centenário do nascimento de José Maurício Nunes Garcia*, cujo catálogo contou com um texto introdutório de Cleofe Person de Mattos. Importante também na referida publicação foi a “Prévia ao Catálogo Temático em elaboração”, onde foi apresentada uma relação das obras de José Maurício até então conhecidas. Também no ano do bicentenário, Cleofe conseguiu junto ao Conselho Federal de Cultura, o levantamento e a cópia da partitura das *Matinas de Natal*, cujas matrizes em papel vegetal foram doadas à Academia Brasileira de Música.

Luiz Heitor iniciou sua carreira de crítico musical no jornal *A Ordem*, em 1928. Colaborou também com *O Imparcial* e as revistas *Weco*, *Ilustração Musical* e da Associação Brasileira de Música. Seus dois trabalhos mais importantes são os livros “Música e Músicos do Brasil”, publicado em 1950

pela Casa do Estudante do Brasil e “150 anos de Música no Brasil”, publicado pela Editora José Olympio em 1956. Aqui, se faz necessário abordar o primeiro deles que, de certa forma, ficou um tanto ofuscado após a publicação do segundo, que é uma das obras referenciais da musicologia brasileira. Em “Música e Músicos do Brasil”, reuniu conferências, discursos e artigos escritos até 1946. Três artigos são dedicados ao compositor carioca, sob os títulos, “José Maurício Nunes Garcia”, “José Maurício e o meio em que viveu” e “O espírito religioso na obra de José Maurício”. No primeiro artigo, Luiz Heitor já chamava atenção para “o esquecimento em que jaz o autor da Missa de Requiem”, mas, ao mesmo tempo, vaticina ao dizer: “estou certo de que a obra do compositor brasileiro acabará vencendo”. Lembrou também que “Mendelssohn foi o apóstolo da música de João Sebastião Bach”, o grande compositor do período barroco cuja obra “dormiu o longo sono de um século de esquecimento”, tendo sido Mendelssohn aquele que “a acordou, em 1829” (p.101).

Assim como 1829 foi o marco para o renascimento da obra de Bach, podemos considerar 1941 o ano decisivo para a futura e definitiva afirmação da obra do Padre José Maurício Nunes Garcia. Uma nova biografia do compositor surgiu com o hoje pouco conhecido livro “Vida e época de José Maurício”, de Rossini Tavares de Lima. É um trabalho que não acrescentou novas informações ao que já era conhecido por ocasião de sua publicação, mas que renovou o interesse sobre o compositor. 1941, todavia, além de ser o ano no qual Cleofe Person de Mattos iniciou sua colaboração com Luiz Heitor na *Bibliografia Musical Brasileira*, foi também aquele no qual a pesquisadora e maestrina fundou o Coro Pró-Música, que se transformaria na Associação de Canto Coral, instituição que muito contribuiu para o desenvolvimento das atividades corais no Rio de Janeiro a partir de 1946. Com a ACC, Cleofe Person de Mattos apresentou não só as grandes obras do repertório coral sinfônico internacional, em colaboração com as orquestras da cidade, como também promoveu a estreia de obras de compositores brasileiros contemporâneos. Os concertos da ACC, sob a direção de Igor Stravinsky (1882-1971), Jacques Pernoo, Karl Richter (1926-1981) e Helmuth Rilling, marcaram época no Rio de Janeiro. Outra característica do trabalho de Cleofe como regente foi o resgate de obras de nosso passado musical. Com a ACC, realizou diversas audições de obras do Padre José Maurício Nunes Garcia e outros compositores do período colonial brasileiro, participando também dos primeiros registros fonográficos no fim da década de 1950, alguns deles únicos até os dias de hoje. Destaco as gravações realizadas em concertos ao vivo no Theatro Municipal do Rio de Janeiro para o antigo selo FESTA, criado, em 1954, pelo jornalista e produtor Irineu Garcia. Em 1958, com a OSB sob a regência de Edoardo de Guarnieri (1899-1968), foram realizados os primeiros registros

fonográficos de obras de compositores mineiros do século XVIII, como Lobo de Mesquita, Inácio Parreira Neves, Francisco Gomes da Rocha e Marcos Coelho Neto, resultantes de pesquisas de Francisco Curt Lange. No mesmo ano, foi realizada também a pioneira gravação do Requiem de 1816, do Padre José Maurício. No ano seguinte, sempre com os mesmos intérpretes, a *Missa de Santa Cecília*, foi registrada para a Rádio MEC e, posteriormente lançada pela FUNARTE em LP na série Documentos da Música Brasileira.

Em 1964, Cleofe Person de Mattos foi eleita para a cadeira nº5 da Academia Brasileira de Música. O patrono não poderia ser outro: Padre José Maurício Nunes Garcia. Presidiu a Associação Interamericana de Regentes Corais e a Sociedade Brasileira de Musicologia e integrou a Comissão Nacional de Folclore e os conselhos do Museu da Imagem e do Som e da Casa do Estudante do Brasil. Por seu trabalho como musicóloga, recebeu a Medalha Silvio Romero, em 1957, o Troféu Estácio de Sá, do Governo do Estado do Rio de Janeiro em 1972, a Medalha Biblioteca Nacional, em 1989 e o Prêmio Nacional da Música do Ministério da Cultura, em 1995. Dedicou sua vida ao “Padre Zé”, como a ele carinhosamente se referia e passou décadas pesquisando em inúmeros arquivos pelo Brasil e em Portugal, especialmente na biblioteca da Escola de Música da UFRJ, onde foi professora titular e emérita.

Nas décadas de 1960 e 70, continuou a promover gravações de obras de José Maurício. Assim, surgiram os registros de Francisco Mignone para a Missa Pastoral para a Noite de Natal e os de Alceo Bocchino com os conjuntos da Rádio MEC na série *Música na Corte Brasileira*, de 1963, todas com a participação da Associação de Canto Coral. Até mesmo para as bancas de jornais, Cleofe Person de Mattos levou as gravações de obras de José Maurício com a Associação de Canto Coral, ao participar da coleção “Grandes Compositores da Música Universal”, na qual a Abril Cultural dedicou o número 46 a José Maurício. Em 1980, por ocasião dos 150 anos de morte do compositor, a Associação de Canto Coral lançou mais um LP para a FUNARTE, com as Matinas de Finados para coro e órgão, e participou do concerto comemorativo na Igreja do Carmo da Antiga Sé, registrando na ocasião a Missa Abreviada com a Orquestra Sinfônica da UFRJ e com o maestro Roberto Duarte.

Ainda na década de 1960, não podemos deixar de mencionar o trabalho do musicólogo Ayres de Andrade (1903-1974). Os dois volumes de *Francisco Manuel da Silva e seu tempo (1808-1865) – uma fase do passado musical do Rio de Janeiro à luz de novos documentos* foram publicados em 1967. Embora o foco principal seja o autor do Hino Nacional Brasileiro, sua condição de discípulo do Padre José Maurício e a ampla abordagem do musicólogo sobre o ambiente musical carioca a partir da chegada da Corte em 1808,

tornaram o Padre José Maurício um dos principais objetos dos estudos de Ayres de Andrade.

Voltando ao trabalho de Cleofe Person de Mattos, podemos facilmente constatar, ao conhecer sua trajetória profissional, que a pesquisadora nutriu seu trabalho musicológico com suas atividades artísticas, especialmente como regente coral, onde as obras de José Maurício constituíram a pedra fundamental de seu repertório. De certa forma, o trabalho de Cleofe Person de Mattos sintetizou as diferentes iniciativas de seus ilustres predecessores. Como pesquisadora, abordou a vida e a obra de José Maurício. Revirou arquivos no Brasil e exterior à procura de manuscritos ou até mesmo seguindo indícios e referências de obras desaparecidas, como a ópera *Le Due Gemmele* e os Divertimentos Harmônicos para sopros. Inventariou e catalogou a obra do compositor. Promoveu a edição de partituras e as interpretou em concertos e em gravações.

A eminente pesquisadora teve sua vida diretamente relacionada ao Padre Mestre durante mais de cinquenta anos, sendo referência em todo e qualquer assunto que diga respeito ao compositor. Em 1970, fez publicar, sob os auspícios do Conselho Federal de Cultura, o *Catálogo Temático* das obras do Padre José Maurício que, apesar da necessidade de ser atualizado, passados quase cinquenta anos de sua publicação, continua sendo modelo para catálogos congêneres de outros compositores.

A partir de 1976, dedicou-se ao trabalho de edição de algumas das principais obras de José Maurício. O primeiro volume, dedicado a obras corais *a capella*, foi editado pela Associação de Canto Coral em comemoração aos 35 anos de sua criação. A partir de 1978, vieram à luz, com o apoio da FUNARTE, as *Matinas de Natal*, com as matrizes de 1967 cedidas pela Academia Brasileira de Música, o *Ofício 1816*, as aberturas *Zemira* e em Ré, os Salmos *Laudate Pueri* e *Laudate Dominum*, os Graduais *Justus Cum Ceciderit* e *Dies Santificatus*, a Antífona *Tota Pulchra*, primeira obra do compositor, escrita aos 16 anos de idade, e a extraordinária *Missa de Santa Cecília*, última obra, escrita em homenagem à padroeira dos músicos em 1826.

Na década de 1980, novas gravações inéditas de obras de José Maurício surgiram, dessa vez em projetos patrocinados e com a colaboração artística do maestro Henrique Morelenbaum, que registrou com a Camerata do Rio de Janeiro as *Matinas de Natal* e a *Missa de Nossa Senhora do Carmo*.

Não podemos deixar de registrar também duas importantes publicações da FUNARTE da década de 1980. Os *Estudos Mauricianos*, organizados por Andrade Muricy em 1983, reuniu textos históricos sobre José Maurício e textos inéditos encomendados a diferentes pesquisadores. Foram reeditados o

Esboço Biográfico de Taunay, os *Apontamentos Biográficos* de José Maurício Nunes Garcia Júnior, os *Apontamentos Biográficos* de Manuel de Araújo Porto Alegre e o *Necrológico* escrito por Januário Barbosa, que se juntaram a estudos inéditos de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, Padre Jaime Diniz, José Maria Neves, Bruno Kiefer e René Brighenti. Do mesmo ano, é o livro “José Maurício, o padre compositor”, de autoria de Mauro Gama.

No fim dos anos noventa, Cleofe nos deu aquela que podemos considerar, pela profundidade da pesquisa e pelo rigor científico, a biografia mais completa do compositor que, junto com *Catálogo Temático*, praticamente esgotou o trabalho de levantamento de informações em fontes primárias. Em sua investigação criteriosa, seguiu as pegadas deixadas pelo compositor em sua trajetória de pouco mais de 62 anos de vida no Rio de Janeiro, cidade da qual o Padre Mestre jamais se afastou.

Resultado final de exaustivas pesquisas em arquivos públicos e de irmandades religiosas, o livro de Cleofe Person de Mattos traça um panorama minucioso não só da vida do compositor e de sua produção artística, mas de um momento histórico fundamental para a formação da nação brasileira, que é o da transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro em 1763 até os primeiros anos do Brasil como país independente. Os três períodos em que divide a vida do compositor dão a exata noção das profundas transformações pelas quais passou o Brasil, saindo da subalterna condição de colônia para a de sede da Corte portuguesa a partir de 1808 até os anos de crise política e financeira advindos do processo de Independência.

No primeiro período (1767-1807), Cleofe aborda a ascendência do compositor, sua origem humilde, sua formação intelectual, discípulo de Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814), seus estudos musicais com o professor mineiro Salvador José de Almeida Faria e sua decisão pela carreira religiosa como opção para a continuidade de seu desenvolvimento artístico e intelectual, assim como de ascensão social.

O segundo período é aquele que corresponde à permanência da Corte portuguesa no Brasil (1808-1821) quando a vida musical carioca ganhou impulso com a chegada de músicos e cantores vindos de Portugal e, posteriormente, da Itália, destacando-se os famosos *castrati* e seus malabarismos vocais. Nesse período, a música de José Maurício se adaptou ao gosto dos nobres portugueses, ganhando dramaticidade e colorido com um maior desenvolvimento das partes vocais e com a incorporação de um efetivo maior de instrumentos.

Cleofe nos revela que o gosto pela ópera italiana, predominante na Corte, invadiu as igrejas e os salões, modificou o estilo da música sacra e das

modinhas, gênero de canção popular. A música sacra brasileira oitocentista, que tem na obra de José Maurício um de seus paradigmas, perdeu a sua contida religiosidade, acusando a virtuosidade da música para o teatro lírico. Falando em modinha, Cleofe chama atenção para o fato de José Maurício ter sido um cultor do gênero e de a presença discreta da inflexão modinheira em algumas de suas composições religiosas pode ser interpretada como uma das primeiras manifestações do nacionalismo musical.

Entre 1808 e 1811, o compositor gozou de grande prestígio na Corte, principalmente com o Príncipe Regente D. João, que o nomeou Mestre de sua Capela Real. Não tardariam as manifestações de ordem discriminatória por parte de alguns, principalmente seus superiores e de seus colegas portugueses. Cleofe Person de Mattos mostra, através da transcrição de documentos oficiais, o desconforto causado entre os que vieram da metrópole fugindo das tropas de Napoleão com o fato de o principal posto da hierarquia musical ser ocupado por um músico brasileiro mulato cuja obra, inicialmente, não correspondia ao que era considerado o bom gosto musical, ou seja, o estilo lírico italiano. A mudança no estilo composicional de José Maurício, que se configura mais explicitamente na *Missa de Nossa Senhora da Conceição* de 1810, pode ser avaliada não só como uma imposição do gosto dominante, mas também como uma estratégia de sobrevivência profissional em um meio que vai ficando cada vez mais competitivo, com a chegada de novos compositores que, com ele, dividiram as responsabilidades de fornecer a música adequada aos ouvidos reais.

A diminuição comprovada de suas atividades composicionais ligadas à Família Real se dá a partir da chegada, em 1811, do compositor Marcos Portugal (1762-1830) e da nomeação de Fortunato Mazzioti como mestre de capela. Apesar da perda evidente de espaço profissional na Capela Real, José Maurício não deixou de produzir obras de grande valor, como o *Requiem*, composto em 1816 para as exéquias de D. Maria I. O *Requiem*, admirado pelo Visconde de Taunay a ponto de merecer seus esforços para viabilizar a primeira edição de 1897, como já mencionado, teve em Cleofe Person de Mattos uma das responsáveis por sua primeira gravação em 1958. Para a editora Carus-Verlag de Stuttgart, Cleofe preparou uma nova edição da obra e assinou o texto introdutório.

Após o regresso de D. João VI para Portugal e a consequente Independência do Brasil teve início o último período da vida do Padre José Maurício (1822-1830), uma fase que a pesquisadora avaliou, a partir de uma determinada perspectiva, como de decadência na vida musical carioca. Os conjuntos da Capela Imperial foram reduzidos, o compositor enfrentou problemas de

saúde e uma crise financeira que o obrigaram a fechar o curso gratuito que, durante anos, mantivera em casa e que formou várias gerações de músicos.

Pouco antes de sua morte, José Maurício reconheceu o primogênito de seus seis filhos com Severiana Rosa de Castro, com quem manteve uma vida paralela à de sacerdote desde 1808. O Dr. José Maurício Nunes Garcia Júnior se tornou uma importante figura da medicina brasileira de seu tempo, além de compositor e de pintor amador, tendo deixado o único retrato hoje conhecido de seu pai, parte do acervo da Escola de Música da UFRJ.

A biografia do Padre José Maurício produzida por Com Cleofe Person de Mattos pode ser considerada uma das mais importantes publicações da musicologia brasileira. Tendo ainda o complemento de uma discografia e um anexo com ilustrações do Rio antigo e de alguns dos principais personagens abordados, o livro surpreende pela enorme quantidade de notas. Mas, antes de ser um estorvo, com as tradicionais idas e vindas de páginas, é uma virtude, pois, ao invés de nos depararmos com simples referências bibliográficas ou documentais, encontramos notas que por si só já mereceriam um estudo pormenorizado em função das informações reveladoras que contém. São diversas as transcrições de documentos e as informações inéditas apresentadas não só sobre de José Maurício, mas também acerca da vida musical do Rio de Janeiro dos séculos XVIII e XIX. As notas do livro de Cleofe Person de Mattos são o ponto de partida para uma série de novos temas a serem abordados por gerações de futuros musicólogos. Ali, qualquer interessado na pesquisa da vida musical carioca do passado encontrará mesa farta.

Temos ainda, como bônus, o que a autora chamou de *Cadastramento de Obras*, que apresenta uma relação sumária dos manuscritos datados, dos não datados e das obras desaparecidas. São informações complementares ao conteúdo principal do livro e que evidentemente não substituem o *Catálogo Temático*, que está por merecer uma atualização, afinal, muito foi descoberto pela autora e outros pesquisadores desde 1970.

O hercúleo trabalho de Cleofe Person de Mattos colocou a figura do Padre José Maurício em posição de destaque entre os compositores brasileiros do mesmo período que não tiveram o privilégio de ter um pesquisador a eles exclusivamente dedicado. Os musicólogos que a sucederam na pesquisa sobre José Maurício encontraram o terreno preparado para se debruçarem mais diretamente sobre as obras, em estudos que digam respeito menos à acumulação de informações factuais e de inventários de acervos, mas a abordagens analíticas, estéticas e interpretativas.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Ayres de. *Francisco Manuel da Silva e seu tempo (1808-1865) - uma fase do passado musical do Rio de Janeiro à luz de novos documentos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, 2 v.

AZEVEDO, Luiz Heitor Corrêa de. José Mauricio Nunes Garcia. In: *Música e Músicos do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1950, p. 101-105.

AZEVEDO, Luiz Heitor Corrêa de. José Mauricio e o meio em que viveu. In *Música e Músicos do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1950, p. 106-126.

AZEVEDO, Luiz Heitor Corrêa de. O espírito religioso na obra de José Mauricio. In: *Música e Músicos do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1950, p. 127-135.

AZEVEDO, Luis Heitor Corrêa de. *Bibliografia Musical Brasileira (1820-1950)*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1952.

AZEVEDO, Luiz Heitor Corrêa de. *150 anos de música no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

AZEVEDO, Luiz Heitor Corrêa de. *A música na corte portuguesa do Rio de Janeiro*. Paris: Arquivos do Centro Cultural Português (Fundação Calouste Gulbenkian), 1969.

AZEVEDO, Luiz Heitor Corrêa de. José Maurício no panorama da música brasileira. In *Estudos Mauricianos*. Direção de José Cândido de Andrade Muricy. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983, p. 35 / 40.

AZEVEDO, Luiz Heitor Corrêa de. Depoimento ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro em 17 de Julho de 1972. Transcrição de Henrique Drach. In: *Revista Brasileira de Música* v. 27, n. 1. Rio de Janeiro: Jan./Jun. 2014, p. 165-209. Disponível em: <http://rbm.musica.ufrj.br/edicoes/rbm27-1/rbm27-1-entrevista.pdf>

BARBOSA, Elmer (org.). *O ciclo do ouro: o tempo e a música do barroco católico*; catálogo de um arquivo de microfilmes; elementos para uma história da arte no Brasil; pesquisa de Elmer C. Corrêa Barbosa; assessoria no trabalho de campo: Adhemar Campos Filho e Aluizio Viegas; catalogação das músicas do século XVIII: Cleofe Person de Mattos. Rio de Janeiro: PUC/FUNARTE/Xerox, 1978. 454 p.

BARBOSA, Januário da Cunha. Necrológio (Nicrologia). In *Estudos Mauricianos*. Direção de José Cândido de Andrade Muricy. Rio de Janeiro: FU-

NARTE, 1983, p. 31 / 33. (extraído do Jornal da Imprensa Imperial Nacional. Rio de Janeiro, 30 de abril de 1830, p.402-404).

BRIGHENTI, René. A funcionalidade da música de José Maurício. In *Estudos Mauricianos*. Direção de José Cândido de Andrade Muricy. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983, p. 75 / 83.

CARDOSO, André. O arquivo musical e o repertório da Capela Real e Imperial do Rio de Janeiro: 1808-1889. V Encontro de Musicologia Histórica, Juiz de Fora, 19-21 de julho de 2002. *Anais*. Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2004, p. 40-54.

CARDOSO, André. *A música na Capela Real e Imperial do Rio de Janeiro 1808-1889*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Música, 2005.

CARDOSO, André. *A música na Corte de D. João VI*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DINIZ, Padre Jaime. A presença de José Maurício na Irmandade de São Pedro. In *Estudos Mauricianos*. Direção de José Cândido de Andrade Muricy. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983, p. 41 / 53.

DUPRAT, Régis e BALTAZAR, Carlos Alberto. *Acervo de manuscritos musicais: coleção Francisco Curt Lange - compositores não-mineiros dos séculos XVIII e XIX*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1991.

DUPRAT, Régis. O legado de Cleofe Person de Mattos. *Revista Brasileira de Música*, V.23 nº1, abril de 2010, p.175-179.

EXPOSIÇÃO comemorativa ao 2º centenário do nascimento de José Maurício Nunes Garcia (1767-1830). *Catálogo*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1967.

GAMA, Mauro. *José Maurício, o padre compositor*. Rio de Janeiro: FUNARTE / INM / Pro-Memus, 1983.

GARCIA JR., José Maurício Nunes. Apontamentos biográficos. In *Estudos Mauricianos*. Direção de José Cândido de Andrade Muricy. Notas de Curt Lange. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983, p. 15 / 22. (extraído da Revista de Estudios Musicales nº1-3, abril de 1950. Mendoza: Universidade de Cuyo, p.176-91).

KIEFER, Bruno. A música profana de José Maurício. In *Estudos Mauricianos*. Direção de José Cândido de Andrade Muricy. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983, p. 65 / 74.

LANGE, Francisco Curt. A música erudita na Regência e no Império. In *História Geral da Civilização Brasileira* tomo II, v. 3. Direção de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Difel, 1969, 5ª ed. p. 369-408.

LANGE, Francisco Curt. A música no Brasil durante o século XIX. In: *Die Musikulturen Lateinamerikas in 19 Jahrhundert*. Regensburg: Ed. Robert Günther, 1982, p. 121 / 159.

LIMA, Rossini Tavares de. *Vida e época de José Maurício*. São Paulo: Livraria Elo, 1941.

MATTOS, Cleofe Person de. *Catálogo temático de obras do Padre José Maurício Nunes Garcia*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura/MEC, 1970.

MATTOS, Cleofe Person de. A obra “a capella” do Padre José Maurício Nunes Garcia. In GARCIA, José Maurício Nunes. *Obras Corais*. Rio de Janeiro: Associação de Canto Coral, 1976, p. 9 a 15.

MATTOS, Cleofe Person de. Matinas do Natal. In GARCIA, José Maurício Nunes. *Matinas do Natal*. Rio de Janeiro: FUNARTE/INM/MEC/Associação de Canto Coral, 1978, p. VII a XI.

MATTOS, Cleofe Person de. Pesquisa e Texto. In GARCIA, José Maurício Nunes. *Gradual Dies Santificatus*. Rio de Janeiro: FUNARTE/INM/Pro-Memus, 1981, p. 5 a 30.

MATTOS, Cleofe Person de. Pesquisa e Texto. In GARCIA, José Maurício Nunes. *Gradual de São Sebastião*. Rio de Janeiro: FUNARTE/INM/Pro-Memus, 1981, p. 5 a 31.

MATTOS, Cleofe Person de. Pesquisa e Texto. In GARCIA, José Maurício Nunes. *Salmos Laudate Dominum Omnes Gentes e Laudate Pueri Dominum*. Rio de Janeiro: FUNARTE/INM/Pro-Memus, 1981, p. 5 a 22.

MATTOS, Cleofe Person de. Pesquisa e Texto. In GARCIA, José Maurício Nunes. *Aberturas*. Rio de Janeiro: FUNARTE/INM/Pro-Memus, 1982, p. 7 a 21.

MATTOS, Cleofe Person de. Pesquisa e Texto. In GARCIA, José Maurício Nunes. *Ofício 1816*. Rio de Janeiro: FUNARTE/INM/Pro-Memus, 1982, p. 7 a 38

MATTOS, Cleofe Person de. Pesquisa e Texto. In GARCIA, José Maurício Nunes. *Missa Pastoral para Noite de Natal 1811*. Para solistas, coro e orquestra. Rio de Janeiro: FUNARTE/INM/Pro-Memus, 1982, p. 7 a 16.

MATTOS, Cleofe Person de. Pesquisa e Texto. In GARCIA, José Maurício Nunes. *Tota Pulchra es Maria, 1783; para flauta, coro e cordas*. Rio de Janeiro: FUNARTE/INM/Pro-Memus, 1983, p. 9 a 12.

MATTOS, Cleofe Person de. Pesquisa e Texto. In GARCIA, José Maurício Nunes. *Missa de Santa Cecília, 1826; para solistas, coro e grande orquestra*. Rio de Janeiro: FUNARTE/INM/Pro-Memus, 1984, p. 7 a 29.

MATTOS, Cleofe Person de. *José Maurício Nunes Garcia - biografia*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1997.

MELO, Guilherme de. *A música do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.

MURICY, José Cândido de Andrade (org.). *Estudos mauricianos*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.

NEVES, José Maria. José Maurício e os compositores setecentistas mineiros. In *Estudos Mauricianos*. Direção de José Cândido de Andrade Muricy. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983, p. 55 / 63.

PEQUENO. Mercedes Reis. Mercedes Reis Pequeno: pioneira na biblioteconomia musical do Brasil. Entrevista a Maria Celina Machado. *Revista Brasileira de Música*, V.23 nº1, abril de 2010, p.181-189.

PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. Apontamentos sobre a vida e obras do Padre José Maurício Nunes Garcia. In *Estudos Mauricianos*. Direção de José Cândido de Andrade Muricy. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983, p. 23 / 29. (extraído da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo XIX, 3º trim. Rio de Janeiro, 1856, p. 354 / 369).

TAUNAY, Visconde de. *Esboço biográfico*. In *Estudos Mauricianos*. Direção de José Cândido de Andrade Muricy. Rio de Janeiro: Funarte, 1983, p. 11 / 13. (extraído de TAUNAY, Visconde de *Introdução*. In GARCIA, José Maurício Nunes. *Missa de Requiem (1816)*. Rio de Janeiro, São Paulo: Ed. Bevilacqua, 1897).

TAUNAY, Visconde de. *Uma grande glória brasileira: José Maurício Nunes Garcia*. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

TAUNAY, Visconde de. *Dous artistas máximos: José Maurício e Carlos Gomes*. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

TAUNAY, Visconde de. *Memórias do Visconde de Taunay*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.

Sessão em homenagem ao centenário de nascimento do sócio Josué Montello

JOSUÉ MONTELLO E OS ESTUDOS HISTÓRICOS¹

ALBERTO VENANCIO FILHO²

Josué Montello foi uma das grandes figuras intelectuais da segunda metade do século XX. Além de uma produção romanesca em quantidade e qualidade, atuou na crítica literária, no teatro, na crônica, na literatura infantil. Sua produção histórica é também significativa, objeto desta exposição.

Josué Montello nasceu em São Luiz do Maranhão em 1917 e faleceu no Rio de Janeiro em 2006. Salvo uma rápida estada em Belém do Pará quando adolescente, radicou-se na Capital Federal em 1936, sem perder as raízes da formação maranhense.

A aprovação em concurso público do Ministério da Educação deu-lhe estabilidade financeira, que lhe permitiu dedicar-se à literatura. Exerceu cargos relevantes no plano cultural, como diretor do Serviço Nacional de Teatro, da Biblioteca Nacional, do Museu Histórico Nacional, quando organizou e dirigiu o Museu da República. Exerceu cargos diplomáticos como Conselheiro Cultural da Embaixada do Brasil na França e Delegado do Brasil junto à UNESCO.

Em 1941, publicou o primeiro romance *Janelas Fechadas* e, no ano seguinte, a pedido de Afrânio Peixoto, editava para a Academia Brasileira de Letras uma biografia de Gonçalves Dias.

Entretanto, a sua primeira obra foi de história, publicada ainda em Belém do Pará em 1936: *História dos Homens da nossa História (1ª série)*. Este interesse estava também revelado no título dos autores Nélcio Reis e Josué Montello como pertencentes ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

O coautor da obra, Nélcio Reis, veio ao Rio junto a Josué Montello, formou-se em direito e teve uma atuação brilhante como advogado trabalhista, não se dedicando mais à história. No prefácio, define o livro como “um livro de estudos” que seria “despido das citações das frases buriladas e das imagens pomposas”. E acrescenta, falando por ambos: “o livro que escrevemos com as tintas do ardor da nossa mocidade” e também “com o nosso idealismo de moços”.

1 – Exposição comemorativa do centenário de nascimento de Josué Montello na sessão da CEPHAS do dia 13 de dezembro de 2017.

2 – Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

O livro contém vinte perfis de figuras importantes da história, apenas um poeta, Castro Alves, escritos pelos dois autores. É curioso observar que o perfil de Duque de Caxias de autoria de Josué Montello, é praticamente uma descrição da Balaiada no Maranhão, para somente no final referir-se ao Duque de Caxias “dominador da ressurreição é apenas um homem. Veio de longe para trazer no seu valor a certeza da unidade da pátria”. A referência ao estado natal está descrita no estudo sobre Beckman.

Josué Montello foi proposto para sócio efetivo do Instituto em 1960 por mais de uma dezena de proponentes, liderados pelo Embaixador Macedo Soares e pelo Pedro Calmon, considerado como escritor e historiador de sólida cultura e várias obras publicadas habilitavam com “brilhante credencial para ingressar na Instituição”.

Josué Montello foi um colaborador da *Revista do Instituto* com estudos significativos sobre a cultura brasileira, sobre perfis de Macedo Soares, de Rodrigo Otávio, de Júlio de Mesquita e um interessante estudo sobre “Vida e Morte do Silogeu Brasileiro”.

A importante obra romanesca de Josué Montello está respaldada numa exata verificação histórica. Afirmou na elaboração de *Os Tambores de São Luis* que “tudo quanto me foi possível obter em livros, revistas e jornais sobre o negro brasileiro como história, crenças, tradições, lutas, castigos, revoltas e humilhações, em conexão com a estrutura de *Os Tambores de São Luis* não deixou de ser lido e assimilado”.

E mais adiante: “No romance *Os Tambores de São Luis* a verdade histórica é a própria substância ficcional”, e quis dar como significação da obra uma revisão de ordem social e histórica.

Outro romance, *O Baile de Despedida*, se inspirava na tela monumental de Aurélio Figueiredo existente no Museu Histórico Nacional, o Baile da Ilha Fiscal, por ele restaurado quando da sua direção. Por isso, decide evocá-lo (o baile), “nas suas minúcias que constituía para mim, mais do que um dever”. E, assim, nasceu o livro “na festa imponente, a iluminação elétrica, os seis mil convidados, os fogos de artifícios”.

A ideia do romance *Antes que os pássaros acordem*, sobre a ocupação nazista na França, surgiu desde quando ocupou as funções de Conselheiro Cultural da Embaixada do Brasil na França e ainda se manifestavam resquícios do triste episódio. Só anos depois redigiu o romance “no esforço para lhe tirar o exagero narrativo e manter isento da polêmica e dos ressentimentos”. Josué Montello acrescentou “difícilmente, um escritor francês escolheria este

tema”, sendo certo que poucos livros de escritores franceses há sobre este triste episódio.

Gilberto Freyre afirmaria que o atrativo principal, em *A Décima Noite*, consiste na “evocação de um Maranhão que quase já não existe e guarda daquele Maranhão quase desfeito, imagens de uma forte sugestão poética”.

Uma obra singular na bibliografia de Josué Montello é livro publicado em francês em Paris em 1969 de crítica histórica, com o título *Um maitre oublié de Stendhal*, modelo de atribuição. Leitor frequente da obra desse escritor, ficara curioso com a epígrafe de um dos capítulos de *O Vermelho e o Negro*. Anos depois, percorrendo um sebo do Rio, encontrou os oito volumes das Obras de Saint Real, na edição de 1757. Da extensa obra de Saint Real que tanto influenciou Stendhal, apontava *Del’Historie*, que constitui uma espécie de núcleo central, de onde deriva, de uma coerente e harmoniosa, a obra futura. Por isso, afirmou Josué Montello que “em presença de gêneros literários ainda imprecisos na época, Saint Real encontrou na História sua vocação de romancista”. Em seguida, Saint Real publica Dom Carlos, que denominou “romance histórico”, mas com os elementos recolhidos na história. O livro *Conjuração dos Espanhóis contra a República de Veneza* poderia ser considerado uma obra da história, baseada, em parte, na veracidade dos fatos.

No plano da história, em *O Tempo Devolvido*, Josué Montello estuda cenas e figuras da história do Brasil. Na introdução, comenta que se compunha de trabalhos antigos, que, entretanto, deixou na forma primitiva. Os temas são variados estudos sobre a cultura brasileira, incluindo a transição da cultura em que analisa os episódios da Escola Mineira e a transmigração da Família Portuguesa. Os estudos sobre Pedro I e Pedro II se reportam a pesquisas baseadas na correspondência de ambos, bem como duas conferências pronunciadas no Instituto sobre o centenário de Júlio Mesquita e sobre Pedro Calmon. O Maranhão está bem presente neste livro, sobretudo no estudo sobre Lorde Cockrane e o Maranhão, que é uma análise que se estende para descrever a situação do Estado naquela época. Curioso é o estudo dos Bispos de Outrora no Maranhão do século XIX.

Entre outros trabalhos, cumpre mencionar a introdução ao volume de gravuras *Saudades do Rio de Janeiro*, de autoria de Carlos Gustavo Thering, cônsul da Prússia no Rio de Janeiro, descrição do primeiro Reinado.

Em 1944, por ocasião das comemorações do terceiro centenário da expulsão dos holandeses do Maranhão, Josué Montello realizou uma conferência sobre “Os Holandeses no Maranhão”, examinando tema pouco estudado e destacando as figuras do governador Manoel Gomes Parente e do líder Antônio Muniz Barreiros.

Na introdução explicara que

não sendo historiador profissional, desses que fazer do conhecimento de nossa crônica social e política o destino de uma vida, realizou um trabalho de divulgação histórica, de modo a oferecer uma imagem real e pitoresca do período de lutas que delimitou os vinte e sete meses da ocupação flamenga no Maranhão.

No Livro póstumo – *Areias do Tempo* – organizado pelo Sra. Yvone Montello, publicado no Maranhão, com as crônicas sobre a cultura francesa e seus autores, correspondendo as crônicas publicadas no Jornal do Brasil de 1895 a 1963, inclui um texto “Atualidade de um velho francês”, referindo ao livro de Padre Yves d’Evreux *Voyage dans le Nord du Bresil fait durant les années 1633-1634*. A narrativa do Padre d’Evreux corresponde à segunda parte da narrativa que o companheiro de missão, o Padre Claude d’Abbeville, escreveu sobre a fundação de São Luiz em 1763. Este livro se encontrava esquecido na Biblioteca Imperial de Paris e foi encontrado por Fenix Denis, que promoveu a edição em 1864.

A obra de Josué Montello *A Polêmica de Tobias Barreto, com os Padres do Maranhão*, é estudo biográfico e histórico extremamente importante, primeiro, porque analisa mais uma polêmica do escritor sergipano.

Transcreve o texto integral dessa polêmica, examina os artigos, atribuindo aos padres que, pelo tom e pela veemência, poderiam ter sido escrito por vários padres, inclusive um leigo.

Quando a polêmica se encerra, Tobias Barreto escrevia:

Ao terminar, seja-me lícito observar que aquele teu verso em que me pinta *venta sorbens utraque pitadam*, é insígnia da sabedoria e disparate, pois não tem aplicação alguma. Gosto do tabaco, mas não tabaqueio pelo nariz. Limito-me ao meu cigarrinho. Adeus padre mestre.

Em 1972, uma editora particular solicitou a Josué Montello a organização de uma coleção sobre o Brasil, comemorativa do sesquicentenário da Independência. A obra por ele planejada e dirigida corresponde a quatro volumes, mas a questão da Independência não é só mencionada no 7 de setembro, mas abrangendo antecedentes e consequentes.

Assim, foram examinados os caminhos da Independência, a Revolução Constitucional de 1820, a preparação da Independência, a imprensa na Independência, o percurso de Pedro I do Rio de Janeiro até o Ipiranga, as forças de guerra e mar, a Independência das províncias, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo no tempo da Independência, o símbolo do Brasil, o Hino da Independência e capítulos mais amplos, a formação do Brasil e o instinto de

nacionalidade, a base física do Império, o processo de autonomia cultural e a unidade do Império. Os capítulos foram entregues a reputados especialistas, como Pedro Calmon, Américo Jacobina Lacombe, Marcos Carneiro de Mendonça, Barbosa Lima Sobrinho, Afrânio Coutinho e Gilberto Freire.

Na introdução, Josué Montello apresenta um texto bastante abrangente como introdução aos volumes e uma síntese expressiva, salientando alguns pontos de relevo.

Assim, assinala que “se viviam as ideias políticas nos sonhos que idealizaram o Brasil, não variou o princípio da unidade nacional em função dos ideais dessa libertação”, e aponta que

uma elite brasileira que estudara nos grandes centros culturais da Europa, viera reformando no rolar do tempo, e aqui, de torna-viagem não perdera contato com as grandes correntes do pensamento universal. A revelia das medidas de repressão tomadas pela metrópole através de seus agentes no Brasil.

E concluía:

Muito ainda nos falta para alcançar a plenitude de nossa grandeza, com os recursos que advém de nossas potencialidades básicas. Mas essa nova etapa que completará o processo de emancipação nacional, corresponde ao compromisso de uma parte da geração atual – a quem compete entregar o Brasil ao novo século com os mesmos sentimentos de liberdade democrática e de unidade nacional que deram conteúdo e forma à Independência do Brasil.

O Diário é gênero pouco apreciado entre nós. *Os Diários de Josué Montello* representam uma exceção e os vários volumes representam uma reflexão autobiográfica e também relatos de fatos históricos.

Comenta:

Leve-me a reconhecer, à luz de uma experiência contínua serem os diários, em síntese, a própria literatura, na sua expressão original. [...] Tudo quando ocorre no diário corresponde a um episódio autobiográfico. Nos Diários não me limitei a recolher as imagens que me são privativas, mas também as que refletem meu mundo, minhas lutas, como espelho ao longo de mil caminhos. [...] Ao contrário da história, em que o narrador vai ao passado e o traz ao presente, o Diário é ainda o presente suscetível de contestação, e quase desloca para o futuro, como eventualidades que o tempo converterá em presente.

É preciso salientar a importância do Diário de Josué, tão bem ressaltado por Sérgio Paulo Rouanet, tanto pelo senso de humor como pelo caráter moralista, no sentido de que ele percebe os mores, com referência aos tipos dos caracteres que foram escritos pelos grandes moralistas do século XVII.

O Diário, subdividido em vários títulos, é obra significativa da nossa literatura pela riqueza de conhecimentos da literatura estrangeira e nacional, pelo perfil de personalidades e pela descrição de fatos e de coisas da Academia.

Os estudiosos não têm dado atenção entre nós à história das instituições. Felizmente, o nosso Instituto tem sido objeto de vários trabalhos, inclusive nas investigações do nosso Presidente Arno Wehling.

Entretanto, as referências entre nós são poucas. Quando do centenário dos cursos jurídicos, em 1927, surgiram os livros de Clóvis Beviláqua e Spencer Vampré, respectivamente, sobre a Escola do Recife e São Paulo. E há a excelente tese de José Murilo de Carvalho sobre a Escola de Minas Gerais e Ouro Preto.

Enquanto a Academia Francesa, desde o século da fundação, tem merecido várias histórias e estudos biográficos, como o recente *Des siècles d'immortalité*, de autoria da secretária perpétua Hélène Carrère-d'Encausse, a Academia Brasileira ainda não tem relatada a sua história, mas com os estudo de Josué Montello, podemos reconstituir em parte essa história.

No ano do centenário da Academia em 1997, a Presidente Nélida Piñon promoveu a publicação *A Academia Brasileira de Letras (Cem Anos – 1897-1997)*, comemorativa da efeméride e teve a feliz ideia de convocar o acadêmico Josué Montello para redigir os textos.

São quatro excelentes verbetes, descrevendo momentos dessa história: “A Liderança de Machado de Assis”, “O Velho Alves”, “Os arremates de Afrânio Peixoto” e “A Obra de Austregésilo de Athayde”.

A liderança de Machado de Assis é examinada com atenção pelo seu papel na consolidação da Academia. A fundação em 15 de dezembro de 1896 deve-se a Lúcio de Mendonça, mas uma vez criada a Academia, é ele a figura central que permitiu a sua consolidação. Testemunha do início da Academia, Graça Aranha disse que ela “foi oriunda de um pacto entre espíritos amigos que hauriu nesta inspiração original, a força que se mantém e vai transmitindo as gerações que se sucedem”.

A presidência foi exercida discretamente sem alarde e sem pressa. Nas atas do período, não há uma única referência a um pronunciamento seu em sessão e a sua presença se fazia nas conversas, nos bilhetes e nas sugestões. Pode-se, assim, dizer que a vida de Machado de Assis se dividia entre as atividades burocráticas, as de escritor e as de Presidente da Academia.

Nas eleições que constituíam o ponto alto da Instituição, só viriam dele as indicações dos nomes sobre qualquer referência mais elogiosa ou negativa. E, no curso dos anos, uma conduta cautelosa impôs aos seus contemporâneos ao mesmo tempo em que se formava outra geração de escritores. Sobre essas gerações, Machado de Assis estendia a sua autoridade unanimemente aceita e reconhecida. Ao falecer em 1908, como demonstrado no texto, a Academia se encontrava consolidada e veio assim viver anos futuros.

O capítulo “O Velho Alves” retrata com fidelidade a figura do livreiro Francisco Alves, com uma banca iniciada por seu pai Nicolau Alves em 1884, na antiga Rua dos Latoeiros, hoje, Gonçalves Dias. Francisco Alves não foi apenas livreiro, mas também editor, tendo publicado obras significativas da literatura brasileira. Publicou também livros didáticos com pseudônimo revelado com morte. Pode, portanto, ser considerado o criador da nossa indústria de livros didáticos, livro popular de ensino, ao alcance das camadas mais pobres. Falecendo sem herdeiros, Francisco Alves deixou sua herança para a Academia Brasileira de Letras, o que lhe deu meios para ampliar sua tarefa cultural.

Em *Os Arremates de Afrânio Peixoto*, é estudada a sua atuação como Presidente, responsável pela doação do Petit Trianon e pelo início das publicações de alta cultura com a criação da Biblioteca de Cultura Nacional, hoje Coleção Afrânio Peixoto. Vários episódios da sua presença na Casa são mencionados. Josué Montello, considerando a tripla atividade de Afrânio Peixoto – o romancista, o literário e o mestre da ciência médica – aborda essas atividades, aditando episódios de seu convívio com ele.

A obra de Austregésilo de Athayde, como definida no artigo, foi a construção do prédio, que tem o seu nome, e que deu independência financeira à Instituição. Não faltou a presidência das sessões um único dia e, ao mesmo tempo, nem um só dia deixou de escrever a crônica de jornal. Josué Montello salienta estas atividades e destaca a sua participação em 1948 na redação da Declaração Universal dos Direitos Humanos ao lado de Jean Cassin.

Em 1961, Josué Montello publicou *Pequeno Anedotário da Academia Brasileira de Letras*, divulgado cinco anos depois do seu ingresso na Instituição. Não seria possível que, nesse breve espaço de tempo, tivesse organizado um volume de 365 páginas, devendo ter iniciado a elaboração anteriormente. O prefácio, com o título “Em defesa da Anedota”, referia-se ao comentário de Saint Beuve de que a história da Academia Francesa tivesse mais interesse sobre o anedotário da vida acadêmica. O prefácio é longo e examina como desde os historiadores da Grécia e de Roma trataram do tema:

No Brasil, ao contrário do que se passa lá fora, a historieta jovial não parece em bom tom. Todo mundo gosta de ouvir e contar anedota, mas que não se confere entre nós a maior importância no mundo das letras. Daí a importância do anedotário no mundo das letras.

Conta Josué Montello: “A verdade que é dentro e fora da Academia a anedota é por vezes muito mais que a simples caricatura jovial a serviço da história: é a própria história”.

E comenta a observação de João Ribeiro uma crônica do jornal, que: “A excelência da anedota está que ela expressa psicologicamente o indivíduo, tanto ou mais quanto a verdade da história”.

E acrescentava:

É tempo de contar em livro o anedotário da Academia, não só relatando os episódios que diretamente se relacionam com a instituição, como também alargando o campo, no sentido de abranger a vida episódica dos seus fundadores e sucessores, o que importa em reunir, através do anedotário dos acadêmicos, o anedotário de nossa literatura, com a contribuição de bons números de seus vultos representativos.

O volume se inicia com o capítulo “À Margem do Anedotário Machadiano”, em que se registra o seu interesse pelas anedotas. Na coluna do *Jornal do Comércio*, José Veríssimo caracterizou esta tendência: “Verdadeiramente guloso da história, anedotas caso trouxessem algum interesse literário ou estético”. Na mesma linha Filinto de Almeida comentava que Machado de Assis, “ao contar anedota, o fazia com imensa verve, tinha efeito e graça da sua própria gagueira”.

Josué Montello editava em 1971 o *Anedotário Geral da Academia Brasileira de Letras*, versão ampliada do volume anterior, a que acrescentava a parte relativa aos patronos. Com *Na Casa dos Quarenta*, ampliava este painel. Comentava: “Chamei a mim, como acadêmico, o cuidado de recolher na tradição e nos documentos o anedotário dessas dinastias, por entender que as pequenas histórias têm também o seu lugar na crônica das gerações literárias. Poderia parecer que essa seria uma tarefa menor?”.

Em 1967, em obra do gênero, editando *Casa dos Quarenta*, uma sequência dos anedotários. Afirma:

Na colheita paciente e divertida dos episódios nele narrados, militou mais que intenção de contar a anedota graciosa, que se esvazie de conteúdo com o seu desfecho; animou-se a suposição de que, na urdidura de seus relatos, se delineiam perfis humanos, alguns dos quais somente subsistiram ao longo do tempo na evocação risonha de *petit le histoire*.

E conclui: “Os pequenos episódios narrados nesse livro, se não constitui a revelação ou o testemunho novo de uma figura ou de um homem de letras, dão-nos pelo menos o pretexto de recordá-los”.

Em certo momento, pretendeu Josué Montello elaborar uma História Secreta da Academia Brasileira, nos moldes da que René Peter dedicou aos pequenos mistérios da Academia Francesa. Para tanto, no plano geral do livro, destinou um capítulo ao estudo da atuação de Machado de Assis na criação do Instituto e outros sobre sua ação como Presidente da Casa no período de 1897 a 1909.

Mas a consulta ao Arquivo da Academia e a arquivos particulares de amigos e a correspondência ativa e passiva, o livro do plano inicial se transformou na obra *O Presidente Machado de Assis*, que pode ser uma história da fundação da Casa.

Do primeiro capítulo “A Casa de Machado de Assis” ao último “A Glorificação na Academia”, é a Academia o fio condutor da obra referida ao seu grande presidente. Quando trata, por exemplo, da amizade com Mário de Alencar e com Magalhães de Azeredo, baseado na correspondência com ambos, é a Academia o tema do diálogo.

O livro, baseado numa farta correspondência até então pouco conhecida e mesmo inédita, se insere entre as grandes obras da bibliografia machadiana.

O primeiro texto, o mais extenso, retrata com fidelidade e com inúmeras informações, a trajetória da instituição desde as origens até a última sessão presidida pelo autor de Dom Casmurro. Completa o volume o capítulo “O Centenário da Academia”, em que Montello assinala em palavras que se aplicam aos dias de hoje:

Academia Brasileira chega neste momento ao patamar de seu primeiro centenário exemplarmente fiel a si mesma. Para isso, nada mais fez do que seguir a lição suprema que também nos legou Machado de Assis, com seu próprio exemplo.

E acrescentava:

“dar a perenidade da instituição”. E foi exatamente a lição que seguiram os sucessivos responsáveis pelo comando da instituição (e acréscimo até hoje), notadamente nas ocasiões em que novamente ardeu Troia, reclamando nossa serenidade e paciência.

O volume *A Academia entre o Silogeu e o Petit Trianon* é uma coletânea organizada por Josué Montello no ano do centenário. A introdução tem o título expressivo de Afrânio Peixoto e a Academia Brasileira, pois, no prefá-

cio, são destacadas as notáveis contribuições desse acadêmico para a Casa, aí compreendida a sua participação na doação do prédio, com a reprodução do discurso nas duas solenidades, a última sessão no Silogeu e a inauguração da nova sede, o pronunciamento no encerramento dos trabalhos acadêmicos.

No prefácio, após examinar a contribuição de Afrânio Peixoto para a Casa, conclui: “A Academia lhe devia mais de que o espetáculo de sua Inteligência. Nos livros que publicara, tinha balizado o caminho percorrido”.

É digno de nota o discurso do Embaixador Alexandre Conty, Embaixador Francês, na sessão de inauguração, que tivera papel fundamental na tramitação da doação, e seria posteriormente eleito sócio correspondente.

No ano do centenário com organização e com prefácio de Josué Montello, surgiu o volume encabeçado pelo nome de Lúcio de Mendonça *Primeiras Notícias da Academia Brasileira de Letras*, caderno em que este colecionou os artigos e notícias publicadas em 1896 sobre a futura instituição.

Josué esclareceria que

Sem esse cuidado do fundador, a Academia não disporia dos subsídios básicos para a recomposição de sua crônica histórica, incluídas as primeiras controvérsias sobre a sua existência e os objetivos a que se propõem.

O volume inclui a primeira “Carta Literária de Lúcio de Mendonça”, publicada em 5 de novembro, a carta ao redator do *A Notícia* de 13 de novembro e a carta enviada ao Ministro da Justiça, às vésperas de 15 de novembro:

Alberto Torres. Quem tem amores não dorme, aproveite a oportunidade de hoje para conversar com o Vice-Presidente acerca da criação da Academia de Letras, que, estou convencido, a ideia que aceitará com entusiasmo. E mande-me logo autorização para consultar os que devem ser nomeados. Que o tempo urge.

Inclui, ainda, as manifestações pela imprensa de Medeiros e Albuquerque, Felinto de Almeida, Arthur de Azevedo, Valentim Magalhães, Domingos Olímpio, todos favoráveis à ideia, com a ressalva maliciosa de Carlos de Laet. Sem necessitar de outra documentação abundante em depoimentos e em cartas, fica evidente que a fundação da Academia se deve a Lúcio de Mendonça que, baldados os esforços para a iniciação da instituição por decisão do Governo, prosseguiu no esforço até a criação da instituição, em 15 de novembro de 1896.

O volume contém, ainda, trechos do discurso de Medeiros e Albuquerque em 10 de janeiro de 1924, rememorando esses episódios, declara:

Recordando esses fatos documentados por Lúcio, não estou procurando um título de benemerência. Posteriormente, sem Lúcio, nada se teria feito. Pode-se dizer que foi ele quem fez tudo. Nem mesmo Machado de Assis, que não era homem de ação, asseguraria coisa alguma.

Afinal, os discursos de recepção, pelos quais o novo acadêmico é recebido pelo colega, representam subsídios sobre a história da literatura brasileira. Josué Montello, que recebeu seis novos acadêmicos, deles traçou perfis significativos, no amplo de várias atividades.

O primeiro discurso, em 1965, é uma comparação entre as atividades de um e de outro, mostrando, acima de tudo, a identidade de atuação e de pensamento. Num outro, o orgulho de receber um conterrâneo e mostrar como a atividade política não impediria a atuação do escritor.

Em seguida, detinha na análise crítica do novo acadêmico e procurou ressaltar obras do autor interessado nos grandes temas da Filosofia, do Direito e da Sociologia, em outro discurso, fazendo análise do jornalista e da atuação e, finalmente, a apologia da advocacia representada por uma das suas figuras mais ilustres.

Assim, na expressão intelectual de Josué Montello, na qual se destaca a obra romanesca, não deve ser esquecida a contribuição aos estudos históricos.

Sessão em homenagem aos 90 anos do sócio Carlos Wehrs

SAUDAÇÃO A UM VELHO AMIGO

MIRIDAN BRITTO FALCI¹

Chega-se aos 90 anos com a alegria de se ter realizado coisas e coisas, de se ter tido a amizade de amigos, de se ter convivido com a família e, principalmente, de se ter sido um excelente memorialista e historiador do IHGB.

Assim lhe vejo, Carlos Wehrs.

Esta saudação, além de constituir uma homenagem aos 90 anos de Wehrs, persegue o objetivo de lembrar um momento único: a entrada do presidente Arno Wehling na direção dessa Casa da Cultura Nacional e o grupo primeiro de colaboradores que ele organizou. É quase um texto de memória.

Em 1993, fui eleita sócia honorária deste Instituto graças à interferência e conhecimento de meu orientador de mestrado, Vicente Tapajós, graças a meu antigo diretor no Instituto de Pesquisas da Amazônia (IMPA) Arthur Cesar Ferreira Reis e ao colega de universidade Arno Wehling.

E, aqui, entrando, passei, a convite de prof Arno, a ocupar a secretaria da Cephas e a integrar-me num grupo de colegas, muitos já desaparecidos, com as mesmas preocupações, de história social das doenças, como Luiz Castro e Souza, compadre meu e de meu marido, ambos médicos colegas do Hospital da Lagoa e de Carlos Wehrs, médico também obstetra e partilhante dos conhecimentos e das informações que trocavam comigo sobre demografia e mortalidade. Ao grupo de médicos juntavam-se Ivolino de Vasconcelos e Felício Falci, meu cunhado, da Academia Nacional de Medicina. Percebi que médico e historiador têm algo em comum: Trabalham com indícios, signos e sinais, para chegarem às hipóteses e para construir o quadro nosológico do doente ou das afecções. Depois de analisar e interpretar esses sinais, constroem as hipóteses e passam para suas conclusões. Foi, seguindo essas observações, que cheguei a construir um artigo publicado pela Instituição Fundação Oswaldo Cruz sobre “O conhecimento médico e a História”.

Mas, ao primeiro grupo de interesses de médicos que trocavam convívio e conhecimento comigo, juntaram-se Vitorino Coutinho Chermont de Miranda e Elisio Belchior pelo interesse por cartões postais e por calendários, gosto de meu marido, e ainda Frieda Wolff pelos interesses no conhecimento

1 – Doutora em História pela Universidade de São Paulo. Sócia titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

do vale do Paraíba. Victorino organizou, coordenou e dirigiu o grupo de visitas às antigas fazendas de café do vale do Paraíba. Eram sábados inteiros de visitas a três ou a quatro fazendas em vários municípios do estado do Rio como Vassouras, Valença, Paraíba do Sul etc., onde alguns estudavam dados genealógicos como fazia o genealogista Barata. Outros, como o arquiteto Donato Melo Junior, estudavam quadros a óleo, seus temas e seus autores, ou se interessavam pelo traçado arquitetônico das fazendas e os usos dos materiais de construção, outros pesquisavam móveis e jardins ou, simplesmente, passavam um sábado agradabilíssimo. E o grupo cresceu e, muitas vezes, médicos e colecionadores reuniam-se em nossa casa em almoços domingueiros. Wehrs com sua doce Maria Luiza, Vitorino com sua Olivia, Frieda com suas pesquisas, já sem seu Egon.

Embora não possa citar muitos e muitos que aqui encontrei no IHGB, cito acanhadamente esse grupo primeiro dessa administração profícua e trabalhadora, que reformulou os interesses e os objetivos do IHGB e que acompanha o presidente Arno há 25 anos tais como Cybelle de Ipanema, Maria da Conceição Beltrão, Alberto Venancio filho, Afonso Arinos de Melo Franco, e os que já não estão mais entre nós, como Madeira, José Arthur Rios, Paulo Pardal, Mons Schubert, entre outros.

Com funções determinadas pelo presidente Arno, o grupo deu calor e dinamismo aos objetivos do presidente.

E Wehrs, a convite de Arno, dirigia a *Revista do IHGB*.

Criterioso, calmo, grande conhecedor da língua, lutava para que os artigos tivessem conteúdo histórico, mas que fossem, principalmente, bem escritos. Durou perto de 10 anos a sua direção.

Passado algum tempo, Wehrs falou-me da necessidade de ter de parar a direção da edição da *Revista do IHGB*, sendo eu a indicada por Arno Wehling para essa árdua tarefa, que fiz por 10 anos, ajudado pelas leituras, pareceres e revisões de Wehrs, de Belchior, e de Cybelle, pois não tínhamos pareceristas externos, nem revisoras, nem éramos reconhecidos como revista de cunho histórico internacional

Assim, construímos uma amizade e uma colaboração que se ampliava pela união no grupo do IEV, Instituto de Estudos Valeparaibanos com Cybelle e Marcelo de Ipanema, participando de seminários e de congressos em Lorena, Taguatingueta e outras cidades do vale do Paraíba. O grupo ainda se fortalecia no Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, dirigido pelo prof. Vicente Tapajós.

A ação de Wehrs, ao cuidar da *Revista do IHGB*, sempre foi objetiva, clara, participativa, disciplinada, atenciosa.

Suas críticas a um texto da revista eram severas.

Muitos dos antigos amigos de almoço se foram e nós estamos aqui hoje, lembrando que vale a pena viver e trabalhar, construindo afetos e considerações.

Obrigada, Carlos Wehrs, pelas lições que nos deu.

Além de sócio do IHGB e diretor da Revista, cumpre-nos a obrigação de ressaltar a vida de Wehrs como historiador.

Sua produção histórico-literária está sempre ligada à história social e cultural

Pesquisador interessado em história social quase biográfica escreveu sobre José Vieira Fazenda, Charles Dunlop, Francisco Curt Lange e Carl von Koseritz.

Mas, a meu ver, o que o distingue nos textos é o cunho memorialista que insere em sua produção. Se seguirmos Le Goff com a análise do que seria Memória e o que seria História, nos deliciamos primeiramente sobre suas recordações da cidade natal, Niterói.

Em 1984, escreve *Niterói, cidade sorriso*, que é quase um sorriso de escrita. Em 1986, sai *Niterói ontem e anteontem*; em 1987, *Niterói tema para colecionadores*, e em 1997, *Capítulos da memória niteroiense*. São obras onde a informação histórica está envolvida nas saudades e na observação de uma vida de antanho, próprio da maneira de escrever dos memorialistas.

O objetivo não é, propriamente, fazer teoria ou desfiar filosofia ou outro conteúdo intelectual. O objetivo básico é conduzir-nos num fio de lembranças e de recordações a partir de um espaço e/ com pessoas que ali viveram. É uma construção difícil. Poucos historiadores conseguem fazer esse gancho de uma forma leve, agradável e sábia.

Lembramos os detalhes profundos quando trabalha sobre medicina, como *Gravidez prolongada*, 1962, *Homens e instituições fluminenses no combate a febre amarela*, *premio Carlos Chagas*, em 1993.

E, para a cidade do Rio, publica *O Rio Antigo de Aluizio Azevedo*, e sua obra mais envolvente, agradável e com informações.

É *O Rio Antigo – pitoresco e musical*.

Já em segunda edição, essa obra basicamente faz a tradução do alemão das notas de seu avô Carlos Wehrs (Memórias e diário, publicado em 1980), que aqui nasceu em 1865, músico amador e desenhista, de família hamburguesa, comerciante, proprietário da Casa Casam Carlos Wehrs, a rua da Carioca que inúmeras gerações procuraram para compra de partituras e de outros itens ligados à música clássica. Seu avô aqui morreu em 1942.

O livro nos fala dos usos e dos costumes do final do século XIX, da necessidade da cultura musical por parte das famílias de sangue germânico e a contribuição que eles trazem para a vida artística do Brasil, do modo de tratar os auxiliares e os escravos, da estrutura social, da vida cultural, dos meios de transporte.²

Descreve as ruas centrais do Rio de Janeiro, principalmente, a rua do Ouvidor, tão chique e onde só se podia passar com sapatos. E os escravos, que, então, só podiam e deviam andar descalços, transportadores dos pianos, tinham de portar um certo chinelo ou tipo de calçado. O livro mostra Copacabana, longe, com apenas duas moradias e onde só se chegava subindo e galgando o morro do, hoje, túnel velho.

Obra de mais de 200 páginas nos transporta para a cidade do Rio no século XIX, quando o avô Carlos Wehrs e sua família, moradores na rua do Cano, atual Sete de Setembro, acompanhavam a família imperial atravessando-a, descreve a delicadeza do aceno da imperatriz Teresa Cristiana, os aspectos das roupas das belas senhoras com grandes decotes para os quais, ele procurava (e não conseguia) fechar o olhar.

Como nos diz Carlos Wehrs no Prefácio (Rio, 2012) da segunda edição:

Se a História não é somente a vida dos soberanos, dos políticos e dos heróis militares e diários utilizados pelos historiadores não são somente as dos reis, dos príncipes, dos estadistas e dos generais, os papéis dos homens representativos das várias classes sociais constituem contribuição fundamental para a compreensão de uma época.³

Wehrs nos dá inúmeros artigos escritos nas revistas do IHGB, do IHGRJ e de outras.

Grande aficionado por música erudita clássica, era grande colecionador de obras clássicas de música e grande ouvinte, por isso escreveu, dentre outras obras, *Machado de Assis e a música*, *Neukomm e Maersk* e *De Simoni, músicos e libretista*. E tinha a seu lado, nos domingos de almoço, Edgard

2 – LACOMBE, Américo. Prefácio à primeira edição de *O Rio antigo – Pitoresco e musical*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1980,)

3 – WEHRS, Carlos. Prefácio à segunda edição de *O Rio Antigo*, *op. cit.*, p.13.

Falci, Mons Schubert e Elisio Belchior, também grandes apaixonados por música clássica.

Concluindo essa pequena fala de homenagem ao amigo Carlos Wehrs, afirmamos:

Construir é um exercício que exige dedicação, interesse e, principalmente, amor.

Por isso, que agradeço por vê-lo aqui entre nós.

E, nesses seus 90 anos, o parabenizo pela vida de trabalho e de dedicação.

LOUVAÇÃO AO DOUTOR CARLOS WEHRS, NOS SEUS NOVENTA ANOS

PEDRO KARP VASQUEZ¹

O convite para participar da homenagem ao nonagésimo aniversário natalício do doutor Carlos Wehrs partiu de nosso confrade Paulo Knauss que, em virtude de sua condição de diretor do Museu Histórico Nacional, se viu obrigado a participar de uma reunião no Ministério da Cultura, em Brasília. Convite irrecusável por duas razões: em primeiro lugar, porque o professor Paulo Knauss fez parte da minha banca de mestrado em Ciência da Arte, na Universidade Federal Fluminense, de modo que sou seu eterno devedor. Em segundo lugar, e, principalmente, porque eu não poderia perder essa oportunidade de homenagear esse insigne historiador que sempre foi um exemplo e uma fonte de inspiração para mim, em virtude de seus trabalhos sobre a história de Niterói.

Antes de tudo, gostaria de louvar a realização desta Sessão comemorativa do nonagésimo aniversário do sócio emérito Carlos Wehrs, no âmbito da Comissão de Estudos e Pesquisas Históricas do IHGB. Isso, porque, encontramos-nos em um país no qual governantes e autoridades das três instâncias – federal, estadual e municipal – cultivam o hábito pernicioso de desmerecer ou de negar o legado de seus predecessores em um infantil e deletério esforço autolaudatório, como se estivessem continuamente redescobrimdo o Brasil e reinventando a roda. Diante deste lamentável esforço de desconstrução da memória, em tudo semelhante aos desmandos do “Grande Irmão” orwelliano, narrados no clássico *1984*, mais importante ainda se tornam as iniciativas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de louvar os nomes dos construtores do país e seus feitos, bem como, na esfera estritamente institucional, os mais destacados dos seus sócios. São iniciativas desta natureza, como as Sessões da Saudade da Academia Brasileira de Letras, que colaboram para a costura da identidade nacional ao contrariar a afirmativa falaciosa de que o Brasil seria um país sem memória, mesmo porque, se assim fosse, estaríamos condenados a não ter futuro também.

Medicina e História sempre andaram de mãos dadas, tanto na dimensão social quanto na pessoal, em que cada paciente tem idealmente seu Histórico Médico, referência da maior importância para a prática médica, já que a incidência de determinada doença em uma pessoa pode ter significação diferente da ocorrência em outra pessoa, que não tenha uma predisposição genética familiar para o câncer, o diabetes ou para problemas cardíacos, por exemplo.

1 – Sócio do titular Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Por outro lado, admitimos aos médicos segredos que não compartilhamos com os familiares, com os melhores amigos e nem mesmo com os confesores, de tal forma que os médicos conhecem a alma humana em toda profundidade, grandeza e tristeza.

Talvez, por isso, existam tantos médicos escritores e/ou historiadores, como o homenageado de hoje, Dr. Carlos Wehrs, o saudoso Paulo Berger, Pedro Nava, historiador da vida cultural mineira e carioca de seu tempo, ou o acadêmico Moacyr Scliar, que se fez historiador e romancista de Porto Alegre natal e também da presença judaica no Brasil vista a partir do bairro do Bom Fim.

Obedecendo a este benigno atavismo profissional, Dr. Carlos Wehrs não fugiu à regra, tornando-se também historiador, dedicando especial atenção à sua cidade natal, Niterói, muito embora tenha se transladado para o outro lado da baía na idade adulta em virtude das contingências profissionais. Porém, obedecendo ao preceito de Gilberto Freyre, que recusou diversos convites para abandonar seu reduto recifense de Apipucos, convicto de que “não se deve fazer muita emenda ao soneto da vida”, Dr. Wehrs sempre viveu com um pé no Rio de Janeiro e outro na “Cidade Sorriso”, da qual foi entusiasta propagandista e um dos mais fecundos historiadores.

Médico especializado em Ginecologia e Obstetrícia, ele se graduou pela Universidade Federal Fluminense, em 1950, obtendo o título de Doutor em Medicina dois anos mais tarde, também pela UFF, com a tese “Vista retrospectiva e considerações sobre a operação de cesariana no Rio de Janeiro a partir de uma tese de 1849”. Sua longa e frutuosa carreira profissional o levou a se tornar Acadêmico Emérito da Academia de Medicina do Rio de Janeiro e Sócio Fundador da Academia Brasileira de História da Medicina, sediada na cidade de São Paulo, além de ter dois trabalhos premiados pela Academia Nacional de Medicina, em 1960 e 1993, respectivamente.

Desenvolveu, em paralelo, intensa carreira de historiador no campo da cultura – em particular, da música e da literatura –, e da história fluminense, com destaque para os estudos relativos à história de Niterói, entre os quais se sobressaem os livros: *Niterói Cidade Sorriso: a história de um lugar* (1984); *Niterói, Ontem e Anteontem* (1986); *Niterói: Tema para colecionadores* (1987); *Capítulos da memória niteroiense* (1989, com relançamento pela Niterói Livros em 2002). Descendente de uma célebre família de comerciantes de pianos e de editores de música, a prestigiosa Casa Carlos Wehrs, nosso confrade não herdou de seu ilustre antepassado apenas o nome. Herdou também a invulgar sensibilidade musical e o anseio de divulgação das grandes realizações dos mestres do passado. Esforço que o levou, por exem-

plo, a organizar a edição comentada de *O Rio Antigo pitoresco & musical: memórias e diário*, de Christiano Carlos João Wehrs (1980), assim como a redigir numerosos ensaios da maior importância neste campo, a maioria dos quais veiculados por intermédio da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tais como o seminal “Meio século de vida musical no Rio de Janeiro, 1889-1939”. Merece destaque igualmente a publicação, no mesmo periódico do Instituto, de “O Rio de Janeiro de 1828, visto por H. Trachsler”, com tradução, com notas e com comentários de sua autoria. No âmbito dos estudos literários, que englobam também a dramaturgia, a música e a história cultural carioca, não podemos deixar de citar duas obras fundamentais: *O Rio Antigo de Aluísio Azevedo* (1994) e *Machado de Assis e a magia da música* (1997). Para concluir essa breve evocação dos livros, dos ensaios e dos estudos do doutor Carlos Wehrs, é imperioso citar um livro eminentemente literário, que o aproxima do estilo envolvente e profundamente humano do mestre gaúcho Moacyr Scliar: *O canto do cisne: contos recolhidos em serões médicos* (2010).

Tudo isso e muito mais, que o limite de tempo me impede de evocar agora, fez com que Carlos Wehrs conquistasse o respeito e a admiração dos seus pares, consubstanciado e evidenciado no fato de ser ele Sócio Emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Sócio Emérito do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói e Sócio Titular da Academia Fluminense de Letras.

Para concluir, vou me permitir um testemunho pessoal, aproveitando a oportunidade para agradecer em público ao auxílio que me foi concedido pelo doutor Carlos Wehrs mais de duas décadas atrás. Na ocasião, eu iniciava as pesquisas preliminares para aquele que viria a ser o livro *Niterói e a Fotografia: 1858-1958* e procurei doutor Wehrs, por ser ele a referência maior e incontornável sobre a história da cidade. Apesar de não me conhecer, ele me recebeu no seu apazível apartamento do Flamengo com total disponibilidade, me prodigalizando os conselhos e as orientações que me permitiram levar a bom termo a tarefa. Assim, gostaria de terminar minha intervenção, reiterando meus sinceros agradecimentos pela generosa ajuda então recebida, bem como pela inspiração proporcionada por sua obra como um todo.

Muito obrigado por tudo, doutor Carlos Wehrs!

Sessão Comemorativa do Aniversário de Nascimento de D. Pedro II – Sessão itinerante – Museu Imperial

A VIAGEM DO IMPERADOR PEDRO II À PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO

GETÚLIO MARCOS PEREIRA NEVES ¹

Muito honrado foi que recebi o convite do presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, professor Arno Wehling, e do diretor do Museu Imperial, professor Maurício Vicente Ferreira Júnior, para nesta 8.^a sessão itinerante da CEPHAS, dizer algumas breves palavras sobre a visita do Imperador D. Pedro II à província do Espírito Santo, no bojo da viagem que no recesso legislativo de 1859/1860 fez às províncias ao norte do Rio de Janeiro.

Os motivos e as circunstâncias dessa viagem efetuada pelo Imperador já foram mais do que estudados e debatidos – eu diria dissecados – pelos jornais e pela opinião pública contemporâneas aos fatos, por estudiosos e por curiosos, ao longo dos tempos. O mínimo que podemos dizer, para não nos determos, é que D. Pedro II teve o propósito declarado de conhecer, de perto, as terras do seu Império e as condições de vida de seus súditos. Aos 35 anos de idade, estava ele no auge da vitalidade, que lhe seria muito exigida nos quase quatro meses e meio em que se ausentou da Corte naquele verão de 1859/1860, mais precisamente de 01 de outubro de 1859 a 11 de fevereiro de 1860, na sua segunda viagem às províncias do Império (a primeira se deu, em 1845, às províncias do sul).

De fato, assim anunciava ele a viagem, na fala com que encerrou a sessão legislativa da Assembleia Geral, a 11 de setembro de 1859:

Para melhor conhecer as províncias do meu Império, cujos melhoramentos morais e materiais são o alvo de meus constantes desejos e dos esforços do meu governo, decidi visitar as que ficam ao Norte da do Rio de Janeiro.

E prosseguia, lamentando que

a estreiteza do tempo que medeia entre as sessões legislativas me obrigue a percorrer somente as províncias do Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba.

Um relato dessas viagens pelo Brasil se vê no texto *Viagens de D. Pedro II*, de Rodolfo Garcia, publicado no tomo 98 da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em 1925, no centenário de nascimento do Impera-

1 – Sócio correspondente brasileiro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

dor. A cronologia da viagem é a seguinte: partindo do Rio de Janeiro a 1 de outubro, a 6, estava na Baía, de onde partiu a 19 de novembro, tendo chegado a 22 a Pernambuco. Ali, permaneceu até 24 de dezembro, quando partiu para a Paraíba, onde aportou no mesmo dia. No dia 30, zarpou em direção a Alagoas, chegando a Maceió a 31. A 11 de janeiro, chegava a Aracaju, onde ficou até 21, tendo chegado a 22 a Valença, na Baía. Aportou em Vitória a 26 de janeiro, e estava de volta à Corte a 11 de fevereiro.

Foram, portanto, 15 dias em terras capixabas.

Dos preparativos para a viagem – despesas, a composição da esquadra e os comandos de cada embarcação, o pessoal de serviço os e acompanhantes dos imperadores e outros detalhes – sabemos pelos Livros da Mordomia. Dos detalhes sobre os locais visitados, resultados das inspeções nos órgãos e repartições públicas e impressões pessoais de D. Pedro II sabemos por meio de suas anotações, nos Diários e nas cadernetas onde anotava, obsessivamente, o que considerava mais relevante. Das recepções por onde chegava, das reações das pessoas, sabemos por meio do relato dos jornais locais e dos correspondentes dos jornais da Corte que acompanharam a viagem, dada a notória discrição do Imperador.

Constituindo, então, essas anotações de próprio punho, registros privilegiados da viagem, convém lembrarmos que se trata de anotações rápidas feitas por D. Pedro II, o mais das vezes sem o conforto de uma mesa para apoio. Organizando o *Diário da Viagem ao Norte do Brasil*, da Livraria Progresso Editora, de Salvador, publicado em 1959, Lourenço Luiz Lacombe assim aprecia os escritos: “A caligrafia de D. Pedro II não prima pela nitidez de traço. A frase mesmo, nem sempre é perfeita; a expressão é, muitas vezes, repetida; a palavra truncada”. Mas, fazendo justiça, esclarece a seguir: “São, aliás, como já disse, simples notas apressadas de um chefe de estado, tomadas ao correr da viagem”.

Essas notas de D. Pedro II foram passadas a limpo com relação às províncias de Pernambuco e Bahia. Nesse trabalho, as referências do autor sobre certas pessoas e instituições foram “melhoradas”, provavelmente, porque o Imperador previsse uma possível publicidade indesejada sobre os escritos. Já as notas referentes ao retorno à Bahia e à ida ao Espírito Santo encontram-se no original, constituem “apontamentos telegráficos”, como os tachou o mesmo Lourenço Lacombe; isto é, não foram passados a limpo. Assim, como as demais, também as notas referentes a essa etapa da viagem se devem à transcrição paciente que delas fez Maria Conceição Moniz de Aragão, tendo sido posteriormente, publicadas pelo Museu Imperial, juntamente com os demais volumes.

No nosso caso, no caso da estadia no Espírito Santo, sobre elas se debruçou pacientemente o pesquisador Levy Cúrcio da Rocha, associado ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e membro da Academia Espírito-santense de Letras. Levy Rocha é autor do mais completo relato da viagem imperial às terras capixabas, o volume *Viagem de D. Pedro II ao Espírito Santo*, publicado originalmente em 1960, como separata da *Revista do IHGB* n.º 246, e de que foi impressa uma terceira edição, em 2008, pelo Governo do Estado do Espírito Santo.

Num breve parêntese, registro que o pesquisador Levy Rocha nasceu em 1916, no município de Muqui, próximo a Cachoeiro do Itapemirim, região sul do Espírito Santo. Farmacêutico, viveu no Rio de Janeiro e em Brasília. Tem outros livros publicados sobre temas espírito-santenses, entre eles o *Viajantes estrangeiros no Espírito Santo* (1971).

Voltando ao tema central da exposição, vindos de Bahia, Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Sergipe, o que veriam Suas Majestades Imperiais e comitiva, na província do Espírito Santo?

Vitória, em 1860, compunha-se de “trinta e uma ruas, sete ladeiras, oito becos, quatro praças e outros tantos largos, formados pelos trezentos e setenta sobrados e setecentas e tantas casas térreas”, descrição de Rocha. Ainda nas palavras do pesquisador:

Havia uma indústria da pesca desenvolvida, com duas dezenas de lanchas que iam pescar em alto-mar, nos Abrolhos e em Cabo Frio, demorando-se dias para regressar ao porto trazendo os peixes salgados. A carne verde, porém, escasseava, pois as reses sacrificadas nunca satisfaziam o consumo. Havia uma padaria explorada por um cidadão francês, o Sr. Penaud, mas o pão do pobre, o lastro da sua alimentação, era a farinha de mandioca ou o fubá de milho.

A população do entorno da Capital era de aproximadamente 15.000, mas a da cidade de Vitória, especificamente, andava à volta dos cinco mil habitantes.

O Imperador não esteve só na Capital, tendo visitado também Vila Velha, do outro lado da baía de Vitória, o Convento da Penha, e também as colônias imperiais de Santa Leopoldina e Santa Isabel. A 1.º de fevereiro, partiu rumo ao norte, à região do Rio Doce, visitando, no caminho, as povoações de Serra, Nova Almeida, Santa Cruz e Linhares (o antigo forte de Coutins, rebatizado em homenagem a D. Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Linhares), onde foi à Lagoa Juparanã, retornando, logo depois, a Vitória. Rumo ao sul, à localidade de Itapemirim, visitou Guarapari, onde se avistaria com o primo, o Arquiduque Maximiliano da Áustria, prosseguindo ambos para a então Benevente (hoje, Anchieta, onde se situa o Santuário Nacional de São

José de Anchieta); na Vila do Itapemirim, inspecionou, ainda, a colônia de Rio Novo. De todas as povoações relevantes à época da viagem, só não visitou São Mateus, ao norte. Especula-se, se pela premência de tempo ou se por receio da epidemia de varíola, que se abatera sobre a cidade no ano anterior, causando muitas mortes.

Na apreciação ao texto de Levy Rocha, o historiador Fernando Achiamé refere alguns aspectos que se podem ter em conta do estudo das notas de viagem do Imperador:

A partir desta visão de Levy Rocha, podemos ter diferentes leituras do Diário de Pedro II, e nos encontrarmos com diversas “personagens” do imperador. Em alguns trechos, é o contido Pedro que expressa seus sentimentos – por exemplo, ao se referir à paisagem do litoral no caminho para o rio Doce: “A praia antes do riacho Sauí que só em maré baixa dá vau, parece-se com a de Itapuça, por causa das pedras, e muitas saudades me fez”. O homem Pedro está presente também em outras passagens, como naquela em que registra o nome anihiknhik – dado pelos botocudos a um macaquinho de cara branca e apresentado em Linhares aos componentes da comitiva –, nome com o qual eles de imediato apelidaram o visconde de Sapucaí. De maneira telegráfica, “assim chamaram logo ao Sapucaí”, Pedro registrou o clima de gozações e brincadeiras de simples brasileiros adultos que compartilhavam os prazeres e distrações de uma excursão por recantos pitorescos. Em reiteradas ocasiões, no entanto, o Diário nos revela o “professor” Pedro de Alcântara, mestre-escola frustrado, e que sempre se preocupa com o nível e qualidade do ensino ministrado nas escolas do império [...]

E prossegue:

Em muitas outras passagens, pode-se testemunhar com nitidez a atuação do “Doutor” Pedro de Alcântara Bragança, de que nos dá mostra a atitude de trocar um passeio ao longo da baía de Vitória [que o presidente da província lhe havia preparado] pelo registro do vocabulário praticado por remanescentes de índios puri, trazidos até a capital capixaba, mas que viviam confinados no Aldeamento Imperial Afonsino, em terras hoje situadas, grosso modo, no município de Conceição do Castelo [distante aproximadamente 140 km da Capital].

Essa apreciação das notas de D. Pedro II põe em relevo alguns aspectos de sua personalidade já conhecidos, mas que ficam aqui devidamente reforçados. Como notou Achiamé, é bem provável que o Imperador tivesse consciência de estar registrando uma realidade social fadada a uma (já à altura) rápida transformação.

Feitas essas breves considerações sobre o conteúdo dos registros do Imperador na viagem ao Espírito Santo, devemos nos perguntar qual a consequência (ou quais as consequências) da viagem, para a província do Espírito Santo e para os espírito-santenses.

É fato que a viagem deu um inédito impulso ao desenvolvimento da província. Não nos detendo, aqui, sobre números e estatísticas, a afirmação fica evidente pelo fato de que, para contornar a situação de indigência dos cofres públicos, houve necessidade de uma convergência de esforços e de fazendas particulares para “arrumar a casa”, literalmente falando, para receber condignamente suas Majestades e comitiva no palácio do governo, o hoje Palácio Anchieta. O que se fez pelas grandes lideranças políticas da região de Itapemirim, inobstante a situação política contemporânea - nas palavras do imperador: “as intrigas andam tão acesas aqui...”

É que, no ofício recebido pelo presidente da província, Dr. Pedro Leão Veloso, do Ministério dos Negócios do Império, dando conta da visita, constava recomendação expressa para que eventuais gastos que se fizessem em homenagem a Suas Majestades fossem antes empregados para o bem das localidades:

É muito provável que visite as Colônias e as povoações mais notáveis dessa Província e porque os seus habitantes podem querer fazer gastos extraordinários para solenizarem tão honrosa visita, é meu dever prevenir a V. Exa. de que conquanto S. M. o Imperador aprecie devidamente todas estas demonstrações, seria muito do Imperial Agrado, que os donativos com que desejarem concorrer para tal fim possam ser aplicados a benefício das localidades, que o mesmo Augusto Senhor visitar.

Isso gerou, da parte do Presidente da Província, o seguinte ofício endereçado às Câmaras Municipais:

Será de muito agrado de S.S. M.M. I.I. ver que essa Câmara, zelosa dos interesses de seu município, lhe promove benefícios, cuidando principalmente de conservação e melhoramento de suas estradas; cumpre portanto que Vmcês. convocando seus habitantes façam-lhes efetivo o dever que têm de trazerem limpas e melhoradas as que atravessam pelos respectivos terrenos.

Ao Imperador parecia interessar de maneira especial, o exame das condições das colônias, tendo visitado as três então existentes. Talvez, para se certificar pessoalmente sobre o seu estado, havendo notícias de que essas condições não eram boas. Como referido, visitou Santa Isabel e Santa Leopoldina, colônias oficiais, na região serrana central, e Rio Novo, colônia particular, na região sul. Coincidentemente ou não, logo após a viagem de D. Pedro II, chegou ao Espírito Santo o fotógrafo francês Victor Frond, que fez

fotos da Capital e do interior da província, notadamente das colônias, lugares onde o Imperador tinha estado. O jornalista e pesquisador Cilmar Francischetto, diretor do Arquivo Público Estadual do Espírito Santo e responsável por identificar essas fotos no acervo do Arquivo Nacional, diz a respeito:

É plausível que, após visitar as colônias, o imperador e seus ministros, ao perceberem o progresso ali verificado, a grande quantidade de terrenos disponíveis para a colonização e o avanço que a imigração poderia trazer à Província, tenham resolvido investir em sua divulgação, contratando os serviços fotográficos de Frond. Na época, as colônias do Espírito Santo gozavam de má reputação, devido à total falta de infra-estrutura, e encontravam resistências junto aos colonos que tinham um conceito muito negativo sobre a situação das mesmas[...]

Esse conceito negativo, aliás, seria endossado pelo Barão von Tschudi que, em outubro do mesmo ano de 1860, visitaria as três colônias capixabas, como enviado extraordinário da Confederação Helvética, tendo entrevistado as famílias de suíços nelas estabelecidas.

De referir, ainda, a ida do Imperador à região do Rio Doce que, à época, marcava o limite norte do povoamento do território do Espírito Santo, daí abstraída a Vila de São Mateus, a que já nos referimos.

A região do Rio Doce tinha forte apelo, no mínimo entre naturalistas, porque na época vagavam pela região os nativos chamados de botocudos. Além disso, às margens do Rio Doce, na região onde hoje se localiza a cidade de Colatina, deu-se em 1857 a primeira experiência particular de colonização no Espírito Santo, a colônia de Fansilvânia, tocada pelo Dr. Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite. Os 48 colonos que, inicialmente, lá se assentaram dependiam de provimentos, que vinham pelo rio, e, em face do isolamento, estavam expostos a ataques indígenas, o que, de fato, aconteceu. Também daqui cremos ficar patente o interesse do Imperador pelos assuntos referentes à colonização naquela região do Império.

Pela região estivera, no ano anterior, o presidente da província, Pedro Leão Veloso, que, alertado pelo ofício de 5 de setembro, no mesmo mês de 1859, percorreu os locais por onde haveria de passar D. Pedro II naquele início de 1860. Visitou a Lagoa Juparanã e esteve na colônia Fransilvânia. Um relato da visita de Veloso foi publicado no jornal *Correio da Victória*, tratando-se de precioso testemunho sobre as condições contemporâneas e servindo de cotejo às observações registradas pelo Imperador nas suas notas de viagem.

Como aconteceu em outros lugares, em mais de um ponto de suas notas, D. Pedro transparece ter-se documentado devidamente para a viagem ao

Espírito Santo. Refiro apenas um exemplo: em dada altura, indo para o norte, rumo ao Rio Doce, registra em suas notas lembrança de leitura realizada na *Revista do IHGB*:

A respeito do Riacho até Comboios, e deste rio vide memórias do D'Alincourt, Revista trimestral do Instituto tomo 7º 1845, que também são muito curiosas a respeito do rio Doce e de um junto à vila da Serra.

Muito bem. Prosseguindo rumo ao norte, chegando a Linhares, subiu em canoa um trecho do Rio Doce, até a Lagoa Juparanã, onde almoçou numa ilha que, ainda hoje, recebe a óbvia denominação de Ilha do Imperador. Tendo visitado a região no verão, o rio estava cheio, o seu curso caudaloso, como registrou. Seu interesse pela fauna e pela flora ficam patentes das notas que fez nesse ponto da viagem. Atirou em aves, “julgando” ter acertado algumas, e recolheu espécime de uma flor roxa que muito o impressionou, levando-a consigo.

Ali, pôde mais uma vez dar vazão à sua curiosidade de naturalista, tirando notas das observações ligeiras que fazia sobre um grupo de indígenas que lhe fora levado à presença:

O chefe dos índios chamava-se [Kneknám] de 30 anos talvez; não quer dizer nada esse nome como muitos dos deles. Tem ar muito sério. Os índios que se apresentaram são mutuns menos 2 do Sul, um deles rapazinho excelente atirador. Falam muito riem e querem sempre comer. Os do Sul são em geral mais bonitos, havendo 2 índias de olhos azuis muito belas e claras e de cabelo ruivo, uma delas mulher do capitão Francisco. Não quiseram vir com medo por causa do tiro dado num em Cuieté! Os índios mostraram sentir muito calor mesmo dentro de casa, se não era preguiça porque ele está muito suportável. Um velho deitou-se debaixo do canapé onde eu estou assentado. Dançam em círculo passando os braços por cima dos pescoços dos vizinhos com diversas cantigas em toadas mais ou menos monótonas que um começa; não têm instrumentos de música. Festejam assim diversos sucessos, sobretudo caçadas, cujas peripécias referem nas cantigas; os Puris também dançam em círculo. Os meninos dançam à parte. – Os índios assobiam muito – Uma mulher dançava com o filho nas costas o qual suspendem pelas nádegas por uma embira que prende na cabeça. Algumas das toadas não me desagradaram e soltam às vezes seu grito ou assobio. As mulheres quando nuas dão um jeito às coxas que cobrem inteiramente as partes genitais, segundo me disse o Rafael Pereira de Carvalho. A rapariga tinha os mamilos demasiadamente grossos. Havia um velho chamado Nahém muito rabugento. Hén é o bicho do caramujo. Os homens têm apenas buço mais ou menos longo. Ficaram muito contentes com os chapéus, e fumo, sobretudo, com o qual bebendo água passam três dias sem comer, que se lhes distribuíram de minha parte e em minha presença.

Sobre a importância dos registros, mesmo em se tratando de ligeiras impressões, despidiendas maiores considerações, até mesmo porque a população autóctone não era de fácil contato, mesmo para os habitantes da província.

Diga-se, aliás, que esse interesse geral pelos nativos que habitavam as margens do Rio Doce não arrefeceu até o seu desaparecimento, já no século XX. Como exemplo, refira-se, brevemente, como impõe o tempo, a viagem a mesma região do Baixo Rio Doce, realizada pela princesa Tereza da Baviera, em agosto/setembro de 1888, cuja curiosidade foi atizada por informações a respeito que teve na Corte.

Encerro, premido pelo tempo, dizendo que, como podemos imaginar, a visita Imperial ao Espírito Santo trouxe como que um novo alento à província, cuja população, compreensivelmente, encheu-se de júbilo. Abstraídas as consequências imediatas, dentre as quais uma reorganização dos negócios públicos e a paulatina melhora das condições das colônias, com o café justamente por aquela época suplantando o açúcar como carro-chefe da economia capixaba, enxerga-se na viagem um significado simbólico, muito bem sintetizado por Fernando Achiamé, a cujas palavras mais uma vez recorro:

Nessa última região [Itapemirim] a passagem do imperador guarda até um gesto emblemático – ele não se detém em qualquer fazenda dos antigos produtores de açúcar, devido a brigas locais, mas principalmente para reafirmar que o futuro estava no café e na mão-de-obra imigrante. Esse talvez seja o sentido maior dessa visita imperial e que passa despercebido para muitos pesquisadores da história espírito-santense.

A ser assim, hoje podemos dizer que, de uma certa maneira, foi D. Pedro II o portador dos novos ares que então traziam novos tempos à província do Espírito Santo. O que é papel de um verdadeiro chefe de Estado.

I. 2 – Sessões de posse

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO SÓCIO HONORÁRIO GUILHERME PEREIRA DAS NEVES

ARNO WEHLING ¹

Os historiadores conhecem sociedades ou conhecem gente?

A julgar por algumas afirmações de Guilherme Pereira das Neves, conhecem sociedades para chegar à gente. Pelo menos, é o que se deduz da dedicatória de sua tese de doutorado, na qual a história está aquém da vida. E, ainda de uma conferência sobre biografia, que intitula “elétrons não são interessantes como gente”, frase do Nobel de física Steve Weinberg em que se contrapõe a identidade dos corpúsculos à individualidade das pessoas.

É o que se poderia esperar de um admirador de Haydn, de Proust e de Conrad, entre outras incorporações musicais e literárias que, de uma ou outra forma atrai para a reflexão sobre a história.

E com que finalidade? Poderia perguntar alguém mais pragmático.

Não respondo eu, mas Guilherme pela voz de Panofski: “a meta ideal da ciência seria algo como maestria, domínio e a das humanidades algo como sabedoria”.

Ao mesmo pragmático poderia ele acrescentar uma epígrafe que retira da *Autobiografia* de Collingwood: “o que a história pode trazer para a vida moral e política é um olhar treinado para a situação na qual temos de atuar”.

Pois é este rigoroso historiador com alma de humanista que ingressa, hoje, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Sua carreira, iniciada nos anos 1970, já vai longa, desde o bacharelado e a licenciatura em História na UFRJ até o mestrado na UFF e o doutorado na USP. Do magistério então chamado de primeiro e segundo grau à docência na Universidade Federal Fluminense desde 1977, ganhou rica experiência profissional e humana.

Pesquisador paciente – algo terá ficado dos ares respirados no Colégio de São Bento, mas suspeito que não apenas isto – dedicou-se à história colonial em seu ocaso, às questões teóricas e à inevitável relação de ambas as abordagens com o problema da modernidade. Publicou livros e escreveu muitos artigos, como ditam os mandamentos quantofrênicos – diria Guerreiro-

1 – Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

ro Ramos – das agências de fomento. Não simpatizava com o ditame, mas produziu e muito bem. Do mergulho nos arquivos, trouxe sempre bom pescado, porque sabia o que procurava, com a dúvida certa e o arpão apropriado.

Contribuiu também para a consolidação da área de História, colaborando com a Associação Nacional de História, a ANPUH, a Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, SBPH, o CNPq e a CAPES. Sua atuação, competente e superior, qualificou-se pela preocupação com o fortalecimento institucional da pesquisa histórica. Ao agir politicamente, o fez como se deve fazer uma *política de Estado*, por cima de interesses parciais e de alianças de clientela, num país cuja tônica não era exatamente essa.

Eventos científicos foram muitos, no Brasil e no exterior. Sua geração – nossa geração poderia dizer, apesar de ter sido, por acaso, seu professor de História Moderna na UFRJ – beneficiou-se nesse aspecto da profissionalização imposta pela política nacional de pós-graduação e pelo barateamento dos meios de transporte. A geração anterior media a participação em congressos por biênios, triênios ou lustros. Aquela que a antecedeu, menos ainda: limitava-se à troca de correspondência e, quando muito, a alguma excepcional viagem. Lembro-me de ouvir de Jacques Godechot que agora – estávamos em 1967 – o avião permitia o estreitamento do mundo acadêmico, enquanto seu mestre Jérôme Carcopino atravessara o oceano para vir ao Brasil somente uma vez, em 1930 – e “*ce fut le grand voyage de sa vie*”.

Permitam-me destacar dos trabalhos de Guilherme Pereira das Neves, três temas: o bispo Azeredo Coutinho e o Seminário de Olinda, objeto de sua dissertação de mestrado, a Mesa da Consciência e Ordens, seu doutorado e estudos teóricos e, como o autor os denomina, de “aplicação”.

A dissertação não foi publicada, mas temos dela um aperitivo na *Revista do IHGB*, n. 401, que se intitula “Repercussão, no Brasil, das reformas pombalinas da educação: o seminário de Olinda”. E, em outro trabalho, dedicado à polêmica entre Azeredo Coutinho e Ribeiro dos Santos, avança no estudo da obra do bispo de Pernambuco.

Grandes temas, o bispo e o seminário, pelo emaranhado de posições doutrinárias – teológicas, filosóficas, ideológicas – de política pragmática, de mudanças conjunturais e de leituras historiográficas posteriores, convincentes algumas, arrevesadas outras. Das primeiras, as doutrinárias, afloram posições tão distintas como as da monarquia tradicional, do absolutismo pombalino, do reformismo jurídico, do protecionismo mercantilista e do regalismo à *outrance* do bispo, tudo permeado por um estilo polêmico e bombástico. Mas, se ele nos parece tão distante e tão imbuído de um mundo que começava a morrer com a industrialização e a Revolução, vale lembrar que

distingue claramente entre a ciência e o entendimento do homem. Numa época em que o reducionismo da “filosofia da história” à “filosofia natural” ou à ciência pareciam irreversíveis, em que Vico era ignorado e Herder batido sem dó por Kant, eis que aparece um Azeredo Coutinho dizendo, e o cito apud Guilherme:

A razão não encontra obstáculos na indagação das verdades especulativas da física, da álgebra e da matemática, porque paixão alguma não é aí interessada. [...] Mas quando se trata das verdades que vão regular o coração, reprimir as paixões e combater este gosto de independência, de presunção e de orgulho que é muito forte na moda, então tudo se levanta no homem contra essas verdades, tudo reclama, tudo resiste, então se prova tudo o que nos representa.

Um verdadeiro discurso sobre a subjetividade das ações humanas, pronto para embasar o romantismo e o historismo... Mas isto – como dizia Kipling – já é outra história.

De Azeredo Coutinho à sua arqui-inimiga, a Mesa da Consciência e Ordens, este o itinerário de Guilherme, nos anos 1980 e 1990.

Há alguns belos achados em sua tese, que foi muito estimulante examinar em 1994.

Desde logo a distinção entre duas estruturas que se intercambiaram ao longo de séculos, a da Mesa da Consciência e Ordens como segmento da organização do Estado monárquico e a da atuação da Mesa a partir de uma perspectiva eclesiástica e, mais que isso, religiosa. Religiosa, aliás, numa época em que a religião não era apenas a *parte de um todo*, mas era a principal forma de expressão do todo.

A Mesa na máquina do Estado aparece para Guilherme como “a burocracia como obra de arte”. É boa a lembrança que intitula a primeira parte do livro de Burckhardt, que fala no “Estado como obra de arte” e remete às diferentes configurações assumidas pelas formas de governo na Itália de Frederico II ao século XVI. Não precisamos nos aferrar à ótica weberiana para considerar o funcionalismo da monarquia absoluta como diverso da burocracia: afinal, a palavra é de fins do século XVIII e se transformou no conceito que conhecemos pela tipologia do sociólogo. Mas nada impede que o autor lhe amplie o significado, englobando os séculos anteriores à plena racionalização considerada por Weber. E, observo eu, reconhecendo seu caráter próprio, como o prebendário, ainda para usar a expressão weberniana.

Ao tribunal, mesa ou conselho da Consciência e Ordens, poderíamos chamar uma *repartição* do Estado – note-se a remissão para o todo que a voz “repartição” envolve. E o era efetivamente, se recordarmos a existência das

outras “partes” desse ente que, à época, é verdade, não se denominava em diferentes línguas, “estado”, mas “governo”: os conselhos da guerra, da fazenda, a Suplicação para a justiça e, mais tarde, as secretarias de estado, protoformas dos ministérios modernos. Tal raciocínio nos conduz como deve ter conduzido o autor da tese, à segunda parte de sua proposta, à ideia de que a “cidade de Deus” estava nas “vísceras de um Leviatã”. Aí aparecem aspectos administrativos concretos, como os provimentos de cargos, as côngruas e as conhecenças, mas também a defasagem imensa entre a fé tridentina desejada pela cúpula eclesiástica e a prática religiosa de uma sociedade nove décimos analfabeta na qual o pároco se identificava muito mais com a população e suas crenças miscigenadas – Guilherme fala abertamente em “ausência de cristianização” – do que com a pureza doutrinária. Essa questão levantada pelo autor é das mais importantes para a compreensão do mundo moderno, pois revela o abismo existente na “societas christianae” medieval entre a cúpula letrada e sofisticada cristã e a base iletrada e quase pagã, constatação típica do momento anterior à Reforma luterana e uma das razões para que os protestantes defendessem a leitura da Bíblia pela massa de fiéis, alavanca, se não do letramento, pelo menos de uma mínima alfabetização. Essa percepção Guilherme a trouxe para 1822.

Na conclusão, já enveredando pela independência, pois a Mesa da Consciência e Ordens fora transferida para o Brasil com a Corte em 1808, nosso novo sócio constata a esquizofrenia entre povo e elite. Diz ele:

Ao conservar a liturgia da tradição, o Brasil do povo miúdo e dos escravos ficou com um passado sem história, enquanto às elites restava olhar para a Europa em busca de uma inspiração, que esbarrava sempre na distância em relação ao país real que pretendiam transformar. Para uns e outros o mundo não se desencantara.

[...]

Em suma, tanto quanto a documentação da Mesa da Consciência e Ordens permite avaliar, o Brasil da Independência, predestinado a tornar-se o maior país católico da Terra, revela-se uma nação de pau-oco.

Em *História, teoria e valorações*, retorna-se ao tema do desencantamento do mundo, talvez o principal veio das reflexões do autor. A partir do livro de Marcel Gauchet sobre o desencantamento do mundo, desde uma “história política da religião”, que, por sua vez, deriva de Weber, Guilherme elabora várias formulações e “caminhos de aplicação” que dão coerência e articulação ao conjunto de seu pensamento.

O livro é sugestivo e instigante e aponta aspectos vários que merecem ser lembrados. Por exemplo, o das tradições historiográficas na História Mo-

derna que identifica como a ciceroniana, derivada da retórica clássica, a de certo racionalismo crescentemente secularizado, que iria de Maquiavel a Adam Smith e a erudita derivada das disputas teológicas provocadas pela Reforma e pela Contra Reforma. Outro tema ainda, o do papel da hermenêutica, só tão recentemente descoberto em nosso país por seu viés historiográfico francófilo, com seguras incursões ao pensamento de Gadamer. E, como não poderia deixar de ser, o leit motiv do *mundo que perdemos*, claro está sem uma conotação nostálgica, nem tampouco a indiferença de um anatomista, mas com a empatia que empresta a suas abordagens.

As duas mensagens da obra são ricas de consequências para a reflexão histórica, a de que teoria e prática interagem todo o tempo e a de que a crescente identificação da história com as ciências sociais retirou-lhe o papel de dar grandes respostas, em substituição à religião. É o que observei na “orelha” do livro, ao qual agora acrescento um julgamento de valor: ainda bem.

Caro Guilherme Pereira das Neves, você, por todos os motivos, deve estar no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não digo “a casa é sua”, porque a ela já pertence pela eleição. Mas posso dizer, talvez segredado por algum íncubo calvinista, “venha trabalhar conosco”.

Conferência do empossado

MORADAS DA HISTÓRIA OU MARC BLOCH, OS HISTORIADORES E A POLÍTICA

GUILHERME PEREIRA DAS NEVES¹

Sr. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Prof. Arno Wehling,

Demais integrantes da Direção desta instituição aqui presentes, Prof^a Lucia Paschoal Guimarães, Prof^a Maria de Lourdes Viana Lyra, Dr. Fernando Tasso Fragoso Pires e também, *in absentia*, mais que justificada, Dr. Victori-no Chermont de Miranda

Prezados Confrades,

Amigos, colegas e alunos,

Senhoras e senhores,

Pertenço à geração do *baby-boom*. Nasci em meados do século passado, alguns dias antes que Pablo Casals e um punhado de músicos excepcionais celebrassem os duzentos anos da morte de Johann Sebastian Bach com o primeiro Festival de Prades, pequena cidade nos Pirineus franceses, onde o violoncelista catalão se refugiara para protestar, com seu silêncio, contra o regime franquista. Comecei, portanto, a tomar consciência do mundo na primeira metade da década de 1950 e me tornei filho da guerra fria. Originário de família tradicional e privilegiada, após onze anos de colégio religioso e alguns meses numa escola pública americana do *Middle West*, cheguei ao curso de história do antigo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ em 1969, ainda na quarentena da rua Marquês de Olinda, pouco depois do AI-5 e da reforma com que os militares criaram a universidade contemporânea no Brasil. O ambiente *soixante-huitard*, a presença do sexo feminino entre os colegas, as ideias e as percepções inéditas, a aversão a autores como Malinowsky, que pareciam esotéricos na versão apresentada por Gilberto Velho, ou a dificuldade para entender outros, tão simples quanto Capistrano de Abreu, enaltecido por José Luiz Weneck da Silva, assim como as aposentadorias forçadas de professores como Manoel Maurício de Albuquerque – que fui conhecer e admirar mais tarde –, tudo era novidade, geradora, quase sempre, de angústias e apreensões. No ano seguinte, a mudança para o austero

1 – Professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense e pesquisador do CNPq. Endereço eletrônico: neves.gp@gmail.com. Sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB.

prédio da antiga Escola de Engenharia no largo de São Francisco apenas emprestou ao ambiente desolador as sombras apropriadas, exorcizadas ao longo de um curso de férias extemporâneo e das aulas de Fernando Sgarbi, Arno Wehling, Célia Freire e Miridan Britto Falci, que espantavam, de quando em vez, alguns dos espectros que insistiam em assombrar o lugar.

Nesse tempo, comecei a fazer os amigos que contribuíram para que pudesse me encontrar, embora alguns tenham tomado outros rumos; e outros, sem pedir licença, partido no meio do caminho. E, dessa maneira, sobrepondo-se à formação cristã, a guerra fria veio despertar o impulso generoso dos movimentos utópicos em busca de uma Jerusalém terrestre, ainda que a experiência posterior tenha reiterado, cada vez mais, a constatação distópica do lenho torto de que é feita a humanidade. Por outro lado, entre muitas hesitações, antes como depois, encontrei o caminho para posição no Departamento de História de uma das menos asfixiadas universidades, a Federal Fluminense, em 1977; para o inacreditável mestrado de sete anos, ali mesmo, onde, fiz cursos com Francisco Falcon, José Calazans, Ruy Lourenço Filho e Régis Duprat; onde deixei de ser aluno de Ciro Cardoso, mas não perdi seu convívio; e onde tive as convicções abaladas pelas aulas de Salma Muchail. Mais tarde, encontrei também o caminho para o doutoramento na Universidade de São Paulo em 1994, acolhido com generosidade por Maria Beatriz Nizza da Silva; e para um lugar discreto no meio acadêmico brasileiro, que a indulgência desta casa, mais que centenária, amparada decerto por outras amizades, reconheceu, trazendo-me hoje aqui.

Desse trajeto, não estão ausentes as atividades do professor. Aulas e orientações servem de placas sinalizadoras das preocupações e das temáticas do percurso, desde o esforço desesperado para interessar alunos do ensino fundamental no Liceu de Artes e Ofícios e, durante poucos meses, na rede municipal, até os cursos de introdução ao estudo da história ou de história da Ilustração, as dissertações e as teses sobre personagens e questões do final do século XVIII e início do XIX ou, até mesmo, de história da música. A partir desse conjunto, acumulei certo botim, de que me posso valer para alinhar essas linhas: sobre o reformismo da Coroa portuguesa e a questão do ensino no final do século XVIII; sobre religião e cristianização na América portuguesa; e, a partir de certo momento, muitas vezes em companhia de Lucia – como em tudo mais –, sobre as linguagens da política no mundo luso-brasileiro durante a conjuntura crítica da Revolução Francesa, do período napoleônico e da corte no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, por gosto e por força das aulas a ministrar, me dediquei à reflexão sobre a própria história, que praticava e via praticar. E foi essa última vertente a que escolhi para

percorrer nesta ocasião. Afinal, antes de mais nada, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro é uma das muitas moradas da história².

Para tanto, decidi tomar como ponto de partida questão envolvendo um dos maiores historiadores do século passado. Se são muitos os estudos sobre Marc Bloch, serão poucos os leitores que não se deixaram enganar, à primeira vista, pela falsa simplicidade das páginas do livro inacabado que conheci com o nome de *Introdução à história* e que somente há alguns anos passou a circular entre nós com aquele que o autor lhe deixou: *Apologia da história ou ofício de historiador*.

I

Filho de um professor de história antiga, Marc Bloch nasceu em 1886, de família judia, mas secularizada. Após o serviço militar, obteve a *agrégation* aos 22 anos e seguiu para período de estudos na Alemanha como bolsista. Ao voltar, ensinou em liceus até a eclosão da I Guerra, na qual se engajou de corpo e alma, alcançando quatro condecorações por bravura. Em 1919, aos 33 anos, assume a cadeira de história medieval na estratégica Universidade de Estrasburgo, na Alsácia retomada aos alemães. Casa-se com a mãe de seus futuros seis filhos, obtém o doutoramento e se encontra com Lucien Febvre, oito anos mais velho, com quem funda, em 1929, um periódico de proposta interdisciplinar, que faz, hoje, parte do panteão de qualquer historiador que se preze – os famosos *Annales*.

Até aqui, não estou a dizer nada de novo. Menos conhecidas, porém, são as tensões entre Bloch e Febvre, que transparecem da correspondência entre eles, mesmo incompleta. Muito longe de marginais à profissão, ambos se mostravam bastante bem integrados ao mundo universitário, francês e europeu, onde se moviam com desembaraço. Ao mesmo tempo, com a notoriedade que esperavam conseguir da revista e dos trabalhos que publicavam, pretendiam acumular o capital acadêmico necessário para alçarem-se a alguma posição de destaque em Paris, centro da vida intelectual francesa.

Febvre foi o primeiro a consegui-lo, eleito para o *Collège de France* em 1933. Bloch precisou aguardar mais três anos para obter a cátedra de história econômica na Sorbonne, graças à aposentadoria de Henri Hauser, que seguiu para o Rio de Janeiro, onde atuou na malfadada Universidade do Distrito Federal, tendo por assistente ninguém menos do que Sérgio Buarque de Holanda. De 1936 a 1939, Bloch, já com 50 anos, desfrutou, então, de uma situação confortável em Paris e consolidou seu prestígio com a publicação de *A socie-*

2 – “Evangelho de São João”, cap. 14, v. 2. Cf. *Bíblia sagrada*. Trad. e anot. do Pe. Matos Soares. São Paulo: Paulinas, 1955, p. 1303.

dade feudal. Às vésperas da invasão da Polônia de 1º de setembro de 1939, no entanto, o exército francês entra em prontidão, e, como seu mais antigo capitão, Bloch vê-se mobilizado, uma vez nunca ter solicitado baixa, para a qual dispunha de motivos de sobra. Lotado no estado maior como oficial responsável pela distribuição de combustível, acompanha de perto a *drôle de guerre* até 10 de maio de 1940, quando a fulminante ofensiva dos blindados alemães torna inútil qualquer resistência e obriga a uma atropelada retirada até Dunquerque. Com dificuldade, consegue embarcar o que restava de seus homens e atravessa o Canal da Mancha.

Dois dias depois, estava de volta ao território francês. Escapando por pouco de ser aprisionado pelo inimigo, veste roupas civis e, no início de julho, reencontra a família em Fougères, Le Bourg-d’Hem, localidade onde tinha comprado uma casa de campo, situada no maciço central e incluída na dita área *livre*, sob o governo de Vichy. Excluído da Sorbonne, impossibilitado de retornar a Paris, tendo em vista a origem judaica, pede para ser transferido à Universidade de Estrasburgo, agora realocada em Clermont-Ferrand, e aproveita o verão para escrever o livro publicado com o nome de *A estranha derrota*³.

A obra, surpreendente testemunho para um medievalista ao querer captar a história viva, a acontecer no presente, revela um extraordinário poder de análise, que nunca perde a perspectiva do historiador. Atribui-se às lideranças políticas e militares francesas a culpa pela derrocada a que assistira, não se exime de considerar também a sua própria contribuição e a de seus colegas de ofício. A conclusão se abre com uma frase de impacto: “Pertencemos a uma geração que tem má consciência”. Má consciência de se ter deixado levar, após os quatro anos da I Guerra, pelas preocupações particulares, em detrimento das públicas. “Como não éramos profetas” – dizia ele –, “não adivinhamos o nazismo. Não obstante, nós prevíamos bem que, sob uma forma de que nos mostrávamos incapazes de definir os contornos com precisão, o revide alemão viria [...] terrível”. No entanto, embora soubessem, preferiram deixar acontecer. Dessa forma, não ousaram ser, na praça pública, “a voz que clama” e preferiram confinarem-se “na temerosa quietude de nossos escritó-

3 – Para a vida de Bloch, além do livro de Mastrogregori citado adiante, recorri a: FINK, Carole. *Marc Bloch: A Life in History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991; DUMOULIN, Olivier. *Marc Bloch*. Paris: Presses de Sciences Po, 2000; SCHÖTTLER, Peter. “Marc Bloch et les crises du savoir”. In: Peter Schöttler & Hans-Jörg Rheinberger (éds.). *Marc Bloch et les crises du savoir*. Berlin: Max Planck Institute for the History of Science, 2011 (Preprint 418), p. 5-26. Disponível em www.mpiwg-berlin.mpg.de/Preprints/P418. Acesso em 24/8/2014; e *Marc Bloch, Lucien Febvre et les Annales d’Histoire Économique et Sociale: Correspondance, tome premier, 1928-1933*. Éd. établie, présentée et annotée par Bertrand Müller. Paris: Fayard, 1994.

rios”. Por isso, que os mais novos perdoassem “o sangue que está em nossas mãos!”.

Tendo em má conta os políticos de todas as tendências, não era de política partidária que Bloch falava. O que pretendia enfatizar era que ele e seus colegas tinham “uma língua, uma pena, um cérebro”. De fato, acrescenta, adeptos “das ciências do homem ou pesquisadores de laboratório, talvez tenhamos sido desviados da ação individual por uma espécie de fatalismo, inerente à prática de nossas disciplinas”. Habitados a lidar com forças maciças “de uma irresistibilidade quase cósmica”, que poder haviam de ter “os gritos desesperados de um naufrago?”. Era, todavia, “interpretar mal a história”, uma vez que, entre “todos os traços que caracterizam nossas civilizações, não há outro mais significativo do que um imenso progresso na tomada de consciência da coletividade”⁴.

Concluído o texto e iniciadas as aulas em Clermont-Ferrand com um curso sobre “Como e por quê trabalha o historiador?”, a situação tendeu a agravar-se. O clima úmido da cidade fazia mal à saúde da mulher; as condições de vida eram precárias; a fragilidade do governo de Vichy despertava os piores temores; embora fizesse contatos, a tentativa, sem muita convicção, de emigrar para os Estados Unidos fracassa. Ainda que a preocupação com a natureza da disciplina e a sua prática tenham acompanhado Bloch desde o início, a intenção de escrever a *Apologia da história* (*Apologie pour l'histoire*) só aparece em caderno de anotações ainda inédito, com data de dezembro de 1940. Como assinala Massimo Mastrogregori, contribuiu para a reflexão, entre outras, a invectiva contra a história de Paul Valéry, em 1931, que cita nas primeiras páginas do livro, sem nomear o autor, atribuindo-a apenas a um crítico severo e conhecido.

No final do período letivo, em abril de 1941, a crise eclode. Depois da redação de seu testamento e do agravamento da saúde de Simonne, em momento doloroso com o falecimento da mãe, carta de Febvre propõe que retire seu nome do comitê editorial da revista que tinham fundado juntos, de modo que possa fazê-la circular na Paris ocupada pelos alemães. Bloch acaba cedendo à pressão e, daí em diante, envia um total de trinta contribuições para os *Annales* com o pseudônimo de M. Fougères.

Não obstante, data de alguns dias depois a elegante dedicatória do livro a Lucien Febvre, com a qual, ao que tudo indica, deu início à redação da obra, como antídoto à situação incerta em que se achava. Neste momento, o título designado é *Ofício de historiador* (*Métier d'historien*). Ao mesmo tempo, com muita dificuldade, consegue ser transferido para a Universidade de

4 – BLOCH, Marc. *L'étrange défaite* [1946]. Paris: Gallimard, 1990, p. 202-5.

Montpellier, mais ao sul e de melhor clima, onde passa a ensinar a partir do outono de 1941. Pouco escreve até o verão de 1942. Queixa-se de cansaço e da lentidão com que avança. Volta a referir-se ao texto como *Apologia*, minha *Apologia*. Em agosto de 1942, Febvre escreve-lhe para dissuadi-lo de prosseguir, receoso, talvez, de ver-se excluído – como ele próprio excluía o amigo dos *Annales* –, da co-autoria de um projeto que julgava comum. No mês seguinte, indaga Bloch do filho se *Ofício* não era melhor título que *Apologia*. Em outubro, Bloch defende o seu de novo *Métier* diante do colega, mas faz questão de acalmá-lo que não se trata de outro manual de estudos históricos, como o clássico Langlois & Seignobos, de 1898. Bloch ainda acrescenta que o livro era o resultado de uma compulsão, que já desistira de compreender, e que, na proximidade dos 60 anos, tinha o direito de obedecer a seus demônios interiores.

Em meados de novembro, contudo, os aliados desembarcam no norte da África, enquanto os alemães invadem o território *livre* de Vichy. A posição de Bloch em Montpellier torna-se insustentável, e ele refugia-se em Fougères com a extensa família. De lá, consegue encaminhar os dois filhos mais velhos para a Espanha através dos Pirineus, de onde alcançam o Marrocos. A essa altura, é muito provável que já estivesse em contato com a Resistência e, em março de 1943, viaja para Lyon, mais de 300 km a leste, assumindo inicialmente pequenas funções, mas, logo em julho, tornando-se importante instrumento do esforço para integrar os diversos grupos de orientações políticas distintas, que compunham o movimento, com o objetivo de preparar uma insurreição geral contra os invasores. Não pára de estudar e de escrever, para os *Annales* como para publicações clandestinas, em particular sobre a questão do ensino, pois, diz em *A estranha derrota*, a época propunha um dilema: “ou [...] fazer do povo um bordão que vibre, cegamente, em sintonia com o magnetismo de alguns chefes [...]; ou formá-lo para ser o colaborador consciente dos representantes que ele próprio se deu”. Já não havia meio termo. “A massa não obedece mais. Ela segue, ou porque posta em transe ou porque ela sabe”⁵.

Por meio de visitas esporádicas, mantém contato com a família e mesmo com Febvre, em Paris; mas, à medida que o tempo passa, expõe-se cada vez mais ao perigo. Em 8 de março de 1944, em Lyon, a Gestapo de Klaus Barbie prende Maurice Blanchard, um dos codinomes sob o qual se escondia Bloch. Levado para o forte de Montluc, é interrogado e torturado, parece que sem revelar grande coisa. Três meses depois, na madrugada de 16 de junho de 1944, em retaliação ao desembarque aliado na Normandia, conduzem-no em um caminhão com mais 26 prisioneiros até um prado, ao norte da cidade, e

5 – BLOCH. *L'étrange...*, p. 177-8.

fuzilam-nos. Bloch tinha 58 anos incompletos. Quinze dias depois, Simonne, a mulher, falece em hospital de Lyon, para onde viajara, gravemente doente, em busca de notícias.

II

Os originais, tanto de *A estranha derrota* quando da *Apologia da história ou ofício de historiador*, parecem ter permanecido em Fougères e passaram por muitas vicissitudes; mas conservaram-se. O primeiro saiu impresso logo em 1946 pelo grupo *Le Franc Tireur*, o franco-atirador, ao qual Bloch pertencera. Já o segundo somente apareceu em 1949, sob os cuidados de Lucien Febvre, como o terceiro volume de uma série que dirigia para a Armand Colin. Ao que tudo indica, em todas as diferentes versões dos originais – as entregues a Febvre ou aquelas conservadas por Étienne, o filho mais velho – mantinha-se a duplicidade do título, apesar das sucessivas hesitações do autor.

Por quê?

Se a questão não ficou ignorada, talvez valha a pena considerá-la de um ângulo diverso⁶. Étienne, ao preparar uma edição crítica da obra em 1993, acreditava que, desde as primeiras páginas, justificava-se o título, uma vez que Bloch perseguia um duplo objetivo: exaltar a história como disciplina, “que se vai demonstrar” – nas palavras dele – “ser uma ciência”, e, ao mesmo tempo, nas do pai, “dizer como e por que um historiador pratica seu ofício”. Não encontrei maior inquietação a respeito do assunto na principal biógrafa, Carole Fink, a qual, no entanto, chama a atenção para a possível aposta arriscada que Bloch fez ao engajar-se na Resistência, contando que, caso sobrevivesse, haveria a oportunidade de constituir uma liderança na nova república⁷. Por sua vez, é Massimo Mastrogregori, em *O manuscrito interrompido*, quem aproxima o homem Bloch, soldado e cidadão, do historiador, sugerindo, com força, a estreita articulação da *Apologia* com *A estranha derrota*.

Considerada dessa maneira, a duplicidade do título e o destino do texto podem revelar algo mais. Se Bloch não consegue decidir-se entre um e outro, talvez Étienne tivesse razão. Certamente, ele pretendia fazer as duas coisas, mas não creio que pelos motivos que avança. Quando se combinam os pontos de vista das duas obras, começa a ficar claro que a posterior constitui um desdobramento, uma espécie de continuação da anterior. Após o diagnóstico dos males do presente, havia que encontrar uma resposta para a situação no

6 – Fui levado à questão ao participar de duas mesas estimulantes no Seminário de Economia Mineira do CEDEPLAR, em Diamantina, por convite de João Antonio de Paula, coadjuvado por Alexandre Mendes Cunha.

7 – FINK. *Marc Bloch: A Life...*, p. 296.

futuro. Nesse sentido, a *apologia* não é a da história como disciplina acadêmica, como ciência, mas a da história enquanto consciência de estar no mundo, enquanto *consciência histórica*, capaz de revolucionar a percepção da realidade, capaz de ensinar os homens, conforme Hans-Georg Gadamer, “a olhar para o mundo com mil olhos”⁸.

No entanto, de nada adianta ao cidadão fazê-lo, se não for capaz de avaliar as informações disponíveis à maneira de um historiador com os testemunhos que utiliza. Ou seja, *ofício do historiador* é a atitude *política* do participante da república. Por isso, de um lado, a importância que Bloch atribui a 1681, o ano da publicação do livro de Jean Mabillon, símbolo da atitude moderna diante dos documentos⁹. Por isso, de outro, a impossibilidade de optar por um título ou outro. Por isso, enfim, o engajamento na Resistência, ainda que ao preço de deixar a obra inacabada.

Estarei exagerando? Fantasiando? Se não estiver, posso indicar o passo seguinte. Desse ponto de vista, a partir do qual Bloch pensou a história, sobretudo depois de 1940, como pensar, por sua vez, o lugar da história no Brasil?

III

A “democracia no Brasil foi sempre um lamentável equívoco”, escreveu Sérgio Buarque de Holanda em 1936¹⁰. Independentemente das modificações introduzidas na segunda edição de *Raízes do Brasil*, de 1948, a frase contundente, como tantas outras na obra e que permaneceu idêntica em todas as versões, até a definitiva, presta-se com facilidade a interpretações equivocadas, quando não se leva em conta o pano de fundo sobre o qual se estabelece a argumentação do livro; quando este é concebido apenas como um dos *atos de fala* na longa cadeia que define a discussão do chamado pensamento social brasileiro, como alguns parecem querer fazer nos últimos anos. Com efeito, a herança da colonização portuguesa surgia em *Raízes*, esse fruto da enorme curiosidade intelectual de Sérgio Buarque e da temporada que passou na Alemanha em 1929 e 1930, como a permanência, ainda no século XX, de estruturas sociais que, mais tarde, uma outra geração de historiadores – de Pierre Goubert a Peter Laslett – denominou de *antigo regime*, quer dizer, características, mas não exclusivas, dos séculos XVI ao XVIII, período em

8 – GADAMER, Hans-Georg. “Os limites da razão histórica (1949)”. In: *Hermenêutica em retrospectiva: a virada hermenêutica*. Trad. de M. A. Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 139-144, p. 139.

9 – BLOCH, Marc. *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien* [1949]. Préf. de J. Le Goff. Éd. critique par Étienne Bloch. Paris: Armand Colin, 1993, p. 120.

10 – HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936, p. 122, e nova ed. São Paulo: Cia das Letras, 2016, p. 281.

que se gestou a acelerada passagem à modernidade estudada por Reinhart Koselleck.

Não faltam indícios, no livro, por sua vez, da aguda percepção de Sérgio a respeito do lugar que a religião ocupara na colonização da América. Afinal, não foi por acaso o primeiro a citar Max Weber entre nós, nem passou provavelmente incólume pela leitura de Ernst Kantorowicz. No entanto, não podia antecipar uma profunda reflexão posterior.

Como de todas as demais anteriores à nossa, a religião constitui, para Marcel Gauchet, um modo de estruturação das sociedades de antigo regime, nas quais ela assegurava a manutenção da coesão dos indivíduos “por força de uma ordem exterior, anterior e superior à vontade deles”. A saída dessa situação significou “a passagem a um mundo em que as religiões continuam a existir, mas no interior de uma forma política e de uma ordem coletiva que elas [as religiões] não mais determinam”. Essa nova forma política nasceu de um olhar voltado para o mundo sublunar – como aquele de Masaccio, quando enxergou, como quer Paul Veyne, por volta de 1425, as sombras que se vêm no chão que pisam Adão e Eva na *Expulsão do Jardim do Éden*¹¹. Nela, nessa nova forma política, o poder dos homens tomou “o lugar da ordem definida pelos deuses ou desejada por Deus”. Por isso, “a expressão por excelência da saída da religião”, conclui Gauchet, é a democracia¹².

Nessas sociedades que saíram da religião, por outro lado, a função de orientação coletiva que, antes, a religião exercia, passou à história, salientou Jörn Rüsen¹³. De fato, na virada do século XVIII para o XIX, a história adquire características que a tornam uma disciplina da modernidade que se implantava. Graças às reflexões de juristas, filósofos e homens de governo dos séculos anteriores – pelo menos, desde o famoso painel de Ambrósio Lorenzetti em Siena, na primeira metade do século XIV – e ao trabalho beneditino dos eruditos-antiquários, como Dom Mabillon, que se puseram a decifrar documentos, a recolher antiguidades e a desenvolver critérios com que avaliar essas evidências, a velha história narrativa, *mestra da vida* de gregos e romanos, de apelo direto a um público mais amplo, adquiria nova dimensão¹⁴.

11 – VEYNE, Paul. *Mon musée imaginaire ou les chefs-d'œuvre de la peinture italienne*. Paris: Albin Michel, 2010, p. 76.

12 – GAUCHET, Marcel. *Un monde désenchanté?* Paris: Les Éditions de l'Atelier / Éditions Ouvrières, 2004, p. 183, e *La religion dans la démocratie: parcours de la laïcité*. Paris: Gallimard, 1998, p. 11. Ver ainda, do mesmo autor, *La condition historique. Entretiens avec François Azouvi et Sylvain Piron*. Paris: Gallimard, 2005.

13 – RÜSEN, Jörn. A história entre a modernidade e a pós-modernidade. *História: Questões e Debates*. Curitiba: v. 14, nº 26/27, 1997, p. 80-101.

14 – Foi a tese de COSTA, Ricardo Luiz Silveira da. *A Árvore Imperial: um espelho de príncipes na obra de Ramon Llull (1232 ?-1316 ?)*. Niterói, 2000 – que me revelou o painel de Lorenzetti, para

Passava a agregar certa capacidade explicativa a respeito dos acontecimentos humanos e dotava-se, ao mesmo tempo, de algum tipo de comprovação empírica, à semelhança das ciências naturais em ascensão. Dessa maneira, podia formar até mesmo crianças e jovens, reunidos na escola disciplinada que os jesuítas em larga medida inventaram, a fim de transformá-los em uma comunidade identificada por determinados valores.

Se procedente ao raciocínio, deduz-se também que, ao “lamentável equívoco” da democracia no Brasil de Sérgio Buarque, deve corresponder outro equívoco – tão lamentável quanto –, em termos da própria *história*. Vejamos.

Para tanto, ainda é Marc Bloch quem pode ser bom para pensar. Refiro-me à recepção da *Apologia*. A notícia da obra inacabada logo circulou entre as pessoas ligadas aos *Annales*, como aconteceu com Franco Venturi que, desde 1946, desejava providenciar uma tradução italiana. Foi somente em 1949, porém, quando saiu o livro em Paris, que Lucien Febvre comenta-o num artigo em revista francesa da área de filosofia, mas datado, ao que parece, por uma dessas circunstâncias curiosas, “Rio de Janeiro, 20 de julho” desse mesmo ano, onde ele se encontrava durante longa viagem pelo país, destinada a reerguer a projeção da cultura francesa no mundo¹⁵. Mastrogregori assinala as limitações da perspectiva de Febvre, em especial, o foco no aspecto *ofício*, em detrimento da preocupação com a *apologia*, assim como a insistência na presença de “pensamentos amplamente comuns”¹⁶.

Conhecido o livro no Brasil dessa maneira, aparece artigo de jornal em julho de 1950 intitulado justamente “Apologia da história”. Bem à moda de Sérgio Buarque de Holanda, começa com Goethe e acaba em José Honório Rodrigues. No caminho, contudo, aproxima Bloch do autor alemão, ao lembrar o episódio em que, chegando a Oslo para um congresso em companhia de Henri Pirenne, este propõe conhecer a nova prefeitura, uma vez que se julgava historiador e não antiquário¹⁷. Entretanto, as demais reações tendem

o qual a principal referência tornou-se, posteriormente, BOUCHERON, Patrick. “Tournez les yeux pour admirer, vous qui exercez le pouvoir, celle qui est peinte ici”. La fresque du Bon Gouvernement d’Ambrogio Lorenzetti. *Annales HSS*. Paris: v. 60, n. 6, nov-déc 2005, p. 1137-1199. Para os eruditos, ver HAY, Denys. *Annalists and Historians: Western Historiography from the Eighth to the Eighteenth Centuries*. London: Methuen, 1977.

15 – Cf. “Vers une autre histoire”. In: *Combats pour l’histoire* [1953]. Paris: Armand Colin, 1965, p. 419-438.

16 – MASTROGREGORI, Massimo. *El manuscrito interrumpido de Marc Bloch: Apología para la historia o el oficio de historiador*. México: FCE, 1998, p. 91.

17 – Cf. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos, 1950-1979*. Org. de Marcos Costa. São Paulo: Ed. Unesp / Fund. Perseu Abramo, 2011, v. 2, p. 18-21. Agradeço a um estudante em Ouro Preto, a quem deixei de perguntar o nome, ter-me apontado este artigo.

a seguir a opinião de Febvre. João Cruz Costa, na recém-criada *Revista de História* da USP, em 1951, comenta *A estranha derrota*, mas considera-a obra “injusta”¹⁸. Logo depois, Eduardo d’Oliveira França, o sucessor de Fernand Braudel na USP, detém-se longamente sobre o que denomina “O testamento de um historiador”, revelando-se mais bem informado sobre o autor e, como era de seu feitio, apresentando uma análise inteligente do conteúdo. No entanto, não esconde a insatisfação. Para ele, o *Métier*, título que preferia na esteira de Febvre, era “livro incompleto. E isso é grave defeito”, escreve. O parceiro de tantos anos devia tê-lo completado, a fim de torná-lo “o Langlois & Seignobos da nova geração”, isto é, o clássico manual de fins do século XIX, que, em sua correspondência, Bloch tentara convencer o colega de que não estava tentando atualizar¹⁹.

Trabalho de Aguirre Rojas evidencia que a percepção não se limitou ao Brasil e sugere motivos²⁰. De acordo com este professor mexicano, que não ignora a estreita relação entre a *Apologia* e *A estranha derrota*, a primeira edição em espanhol apareceu já em 1952, no México, na coleção “Breviarios” da Fondo de Cultura Económica, com a informação errada na quarta capa de ter sido redigida em campo de concentração. Atribuía-lhe, no entanto, o título diverso de *Introducción al estudio de la historia*, como ocorreria com a primeira em português, *Introdução à história*, feita pelas Publicações Europa-América de Lisboa, em 1965. O sucesso foi significativo. Num continente em que Bloch nunca pisara e sobre o qual nada escrevera, circulavam, quase meio século depois, apenas em espanhol, mais de 150 mil exemplares da obra, cerca de um em cada três vendidos no mundo, com destaque para México e Argentina. Em compensação, somente em 1986, no centenário de Bloch, realiza-se edição venezuelana com o título original da obra e, no Brasil, isso veio a acontecer ainda mais tarde, em 2001. Parece claro que, até muito recentemente, continuou prevalecendo a interpretação da obra que Febvre divulgara e que casava bem com a situação de países onde, nesse período, consolidava-se a profissão de professor e pesquisador de história. A *Apologia* devia ser o manual para historiadores que adquiriam as ferramentas de seu *ofício*.

Voltemos um pouco atrás, à maneira de uma *bird’s eye view*, para salientar o alcance dessa atitude.

18 – COSTA, João Cruz. Resenha bibliográfica. *Revista de História*. São Paulo: v. 2, n. 5, 1951, p. 223-4.

19 – FRANÇA, Eduardo d’Oliveira. O testamento de um historiador: Marc Bloch. *Revista de História*. São Paulo: v. 2, n. 8, 1951, p. 433-42.

20 – AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. La recepción del *Métier d'historien* de Marc Bloch en América Latina. *Estudios Sociales*. La Plata (Arg.): v. 8, n. 14, 1º semestre 1998, p. 199-232. Disponível na internet em 25/08/2014.

IV

Em 1800, quando inaugurado o Seminário de Olinda pelo bispo Azaredo Coutinho, história não integrava a grade das disciplinas ensinadas. Cabia ao professor de retórica as explicações necessárias, de modo que os alunos pudessem compreender Cícero e Tito Lívio. Na realidade, foi no ambiente do novo país surgido em 1822 e dilacerado por guerras regionais, após a abdicação do primeiro imperador, que pôde esboçar-se a concepção de uma disciplina histórica, a partir de três instituições fundamentais: o Colégio de Pedro II, em 1837, onde o poeta Gonçalves Dias veio a ser o primeiro professor de história do Brasil; o Arquivo Nacional, “a história dormida da nação” conforme Joaquim Manuel de Macedo²¹; e este Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, encarregado de escrevê-la, ambos em 1838. Uma longa tradição de estudos, que inclui Arno Wehling, Lucia Paschoal Guimarães e Manoel Salgado, tem abordado essa temática e não vou retomá-la. Quero apenas salientar a precariedade da base institucional, na medida em que a primeira legislatura, já dividida por ciúmeiras provinciais, mostrara-se incapaz de criar uma universidade em 1827, preferindo a implantação de faculdades isoladas nos principais centros: direito em São Paulo e Olinda; medicina na Bahia e no Rio de Janeiro. Enquanto isso, aprendi recentemente, a *Universidad Nacional de Colombia*, fundada em 1867, completa atualmente, portanto, 150 anos.

Em 1845, a publicação do célebre texto de Carl Philipp von Martius disponibilizava uma certa perspectiva de como escrever a história do Brasil, afinada com os preceitos dos historiadores alemães contemporâneos, como Leopold von Ranke, que assentavam as bases da historiografia que até hoje praticamos. Foi preciso, porém, aguardar 1854 para que o primeiro volume da *História geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Varnhagen concretizasse um modelo prático e concreto do que se podia e devia fazer – ainda que pouco seguido, a despeito das discussões que suscitou. Se Varnhagen obtinha na atividade de diplomata os meios de vida, o grande nome seguinte, o espartano João Capistrano de Abreu, foi funcionário da Biblioteca Nacional e professor do Colégio de Pedro II. Em outro campo, José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo viveram da política, enquanto Machado de Assis e Lima Barreto tiraram o sustento dos magros ordenados de funcionários públicos ou das matérias que escreviam para jornais. Ou seja, à vida intelectual no país, faltavam condições institucionais capazes de fornecer bases materiais para o seu exercício. Num país de dez milhões de habitantes em 1872, quando ocorreu o primeiro recenseamento geral, 84% da população não tinha acesso à cultura escrita, que permanecia um ornamento, quase sempre, de membros

21 – Cf. *Ephemerida historica do Brazil*. Rio de Janeiro: Typ. do Globo, 1877, v. 1, p. 4.

das elites, destinado com certeza a distingui-las, ao mesmo tempo que as loteava em algumas facções, como ocorria no antigo regime, gerando certa disputa pelo poder, de um lado, e, do outro, o problema da cidadania, que José Murilo de Carvalho tanto tem contribuído para enquadrar.

Ainda nas primeiras décadas do século XX, juristas, médicos, engenheiros, curiosos de toda espécie serviam de professores como atividade complementar ao trabalho propriamente profissional, em busca de satisfação pessoal ou de um contraditório prestígio, de que estavam excluídos aqueles que, por ventura, escolhessem viver do ensino. Quando pensavam ou escreviam, faziam-no movidos pela mesma estranha compulsão experimentada por Bloch e que, em determinadas circunstâncias, leva o indivíduo a refletir sobre o mundo e sobre si próprio. Assim, Pedro Lessa, advogado, indagava em 1900, se a história era uma ciência ou não; de Manuel Bandeira, pode-se dizer que viveu de biscates a maior parte da vida, mas aposentou-se como professor de literaturas hispano-americanas na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil; Afonso d'Escragno Taunay formou-se em engenharia, mas tornou-se autor de volumosa obra de história e professor dessa disciplina no Colégio São Bento paulista, onde teve Sérgio Buarque de Holanda como aluno, o qual, por sua vez, encontrou na tradução e na edição dos telegramas das grandes agências internacionais de notícias a principal fonte de renda até quase os cinquenta anos.

Ao longo desse século e meio de país independente, alguns locais tornaram-se importantes instâncias de sociabilidade para os letrados, em especial, alguns salões, cafês e livrarias, clubes musicais, como o Beethoven, e academias, como a de Medicina e a de Letras, esta bem mais tarde. Nenhuma delas, porém, com exceção de poucas instituições, como o Museu e a Biblioteca Nacionais, e o Instituto Oswaldo Cruz, posteriormente, tinham capacidade de assegurar o sustento de alguém. Muito menos este Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, estigmatizado como filho dileto da monarquia pela República positivista.

Algo mudou com a criação da Universidade de São Paulo, a USP, em 1934, dois anos depois da fracassada Revolução Constitucionalista. Logo em seguida, Pedro Ernesto e Anísio Teixeira lançavam a já mencionada Universidade do Distrito Federal, em que lecionaram Henri Hauser e Sérgio Buarque, sabotada sem tardar pela fúria centralizadora do poder central e pela generalizada ojeriza ao pensamento secular que representava. De seus escombros, porém, surgiu a Universidade do Brasil, a posterior UFRJ dos militares, e suas congêneres estaduais. Incorporando outros órgãos, como o IBGE, e reconfigurando a arquitetura administrativa, o Estado Novo assistiu, assim, ao surgimento do esboço de um campo propriamente intelectual.

Somente do início da década de 1950, contudo, ou seja, da redemocratização e da guerra fria, datam as duas instituições que passaram a implantar e a definir a pesquisa e a pós-graduação no país, o CNPq e a CAPES – aquele envolvendo a Academia Brasileira de Ciências, fundada em 1916, e esta, outra vez, Anísio Teixeira. Na característica tradição luso-brasileira, desde Pombal, o impulso veio do alto, do Estado, e dos próprios interessados, as elites acadêmicas, em processo de consolidação, sem envolvimento da sociedade em geral, que apenas alcançava a marca de 50% de alfabetização. Antes que se passasse uma geração, em proveito do controle mais cerrado e mais eficaz do poder central sobre os periféricos, as reformas educacionais e as medidas coercitivas, como o AI-5 de dezembro de 1968, excluíram vozes discordantes e contiveram ou desvirtuaram a dinâmica acadêmica em processo de consolidação, como avaliou Sérgio Buarque na famosa entrevista concedida a Richard Graham pouco antes de morrer²². Desde então, o ensino fundamental e médio caminhou, aos trancos e barrancos, para a situação cada vez mais precária em que se encontra, mas a pós-graduação, em todas as áreas, explodiu, absorvendo apreciáveis quantidades de recursos. A título de amostra, a avaliação trienal da CAPES, entre 2010 e 2012, verificou a média anual de 250 novos doutores em história; de 2013 a 2016, a avaliação quadrienal, que acabou de sair, elevou esse resultado para quase 370 doutores por ano.

Nessas condições, no Brasil dos últimos dois séculos, parece fora de dúvida que a história se fez disciplina universitária e proporcionou meios de vida substanciais para uma população considerável, que inclui a mim e a muitos dos aqui presentes. No entanto, não creio que tenha contribuído de maneira significativa para a geração de uma consciência histórica, para a formação daquela *consciência da coletividade* que Bloch valorizava. E, deste ângulo, para a democracia, tal deficiência não será das menores desvantagens do momento atual que vivemos no país.

Para concluir.

V

Na Europa dos séculos XVII e XVIII, na esteira das entidades renascentistas, as academias desempenharam papel fundamental na coleta, na sistematização e na circulação do que se chamou de *erudição moderna*, fundamento da disciplina que conhecemos como história. Ao mesmo tempo,

22 – Na impossibilidade de fornecer referências adequadas para assunto tão amplo, lembro apenas FERREIRA, Marieta de Moraes. Notas sobre a institucionalização dos cursos universitários de história no Rio de Janeiro. In: Manoel Luiz Salgado Guimarães (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 139-61.

como argumentou Koselleck, junto a diversas outras formas de associação, as academias serviram de maneira decisiva para desenvolver a sociabilidade que está na raiz da sociedade civil, capaz de desafiar o monopólio da opinião, invocado pelos monarcas absolutos, de modo a criar o que denominamos de esfera pública de poder²³. Em inícios do século XIX, por sua vez, a partir da subversão de valores e de convicções que a fulgurante trajetória de Napoleão assegurara, a concepção de *instituto* – foi Arno Wehling quem destacou certa vez –, traduziu, de forma concreta, a consciência plena da autonomia que a ação humana em relação ao mundo vinha, gradualmente, adquirindo.

Por conseguinte, em todas essas dimensões, associações como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro mostraram-se fundamentais para conduzir à fascinante combinação de monarquia e república que Franco Venturi enxergou na concepção moderna de Estado de Direito e até mesmo – por que não? – na de *Welfare State*²⁴. A erudição está presente, de maneira mais que evidente, no esforço excepcional que assegurou a publicação contínua e ininterrupta da *Revista* desta casa, ao longo de 178 anos. Concebido no âmbito de uma Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, inspirado pela Real Academia de Ciências de Lisboa e pelo *Institut Historique* de Paris, tornou-se lugar privilegiado de sociabilidade para homens de governo e letrados, desde as crises das Regências até os espasmos de sufocamento, a que assistimos, da democracia que surgiu depois do período militar. Aqui ou ali, o IHGB precisou encontrar patrocínios, mas, desde o início, teve o objetivo de pensar o Brasil a partir da sociedade de que fazia parte.

Muito mais recentes no país, as universidades públicas nasceram, ao inverso, das necessidades do Estado e, apesar da famosa autonomia, que se lhes atribui, estiveram, quase sempre, senão a serviço de seus interesses, subordinadas às verbas, às diretrizes e aos regulamentos que esse Leviatã sempre distribuiu na razão direta da saúde econômica, muitas vezes, vacilante, de que gozava, e da sede de controle, que nunca lhe faltou. Dessa maneira, elas, as universidades, possibilitaram e aceleraram, com certeza, amplo processo de ascensão social, que ainda acompanhamos, e, após algum tempo, com o desenvolvimento da pesquisa e da pós-graduação, contribuíram igualmente para a criação de uma infinidade de atividades inimagináveis há apenas oitenta anos. Dentre essas profissões, encontra-se a de historiador, que veio emprestar prestígio àquela mais prosaica de professor. À medida que

23 – Veja-se o segundo capítulo de KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Trad. de L. V.-B. Castelo-Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ / Contraponto, 1999, p. 49-110.

24 – Veja-se o primeiro capítulo, “Kings and Republics in the Seventeenth and Eighteenth Centuries”, de VENTURI, Franco. *Utopia and Reform in the Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971, p. 18-46 (há tradução brasileira).

o processo se foi consolidando, porém, os novos profissionais, se não estou enganado, passaram a julgar que pertenciam a uma tribo distinta, que pertenciam àquela *república de professores*, fechada sobre si mesma, que identifica Philippe Ariès para a França do entre-guerras e que fora alvo das críticas de Bloch em 1940²⁵. Resultado: a dimensão da história como vida é que tende a perder-se²⁶.

Exercício em busca de tempos aparentemente perdidos – como Proust intuiu ou Kubrick, Rohmer, Scola e tantos outros transferiram para a tela –, a história consiste no contrapeso mais sólido à sociedade apressada, superficial e alienada em que vivemos. O trabalho do historiador, no entanto, casa-se mal com laboratórios assépticos, em que se cultiva a objetividade da ciência, ou com as linguagens esotéricas, que daí resultam²⁷. Por isso, tem dificuldade para ocorrer em universidades tecnocráticas, regidas por critérios quantitativistas e produtivistas. Ao contrário – denunciou o autor de *L'étrange défaite* –, o trabalho do historiador vive do espaço público. Existe na *cidade*. E, como vem insistindo Arno Wehling – mais que às universidades, acrescento eu –, cabe ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro abrigar esse trabalho do historiador, pois, por direito de primogenitura, ele deve constituir a morada por excelência da história no Brasil.

Não creio que a isto se oponham nem o espírito de Sérgio Buarque de Holanda, nem o de Marc Bloch, nem o desta casa quase bicentenária.

Muito obrigado.

25 – ARIÈS, Philippe. “L’histoire ‘scientifique’”. In: *Le temps de l’histoire*. Préf. de Roger Chartier. Paris: Seuil, 1986, p. 202-224 (há tradução brasileira).

26 – Cf. MURRAY, Oswyn. Arnaldo Momigliano, 1908-1987. *The Journal of Roman Studies*. London: v. 77, 1987, p. xi-xii.

27 – O comentário não envolve menosprezo das atividades das ciências naturais. Pretende apenas assinalar suas diferenças em relação àquelas que caracterizam as humanidades. Cf. WEIZENBAUM, Joseph. *Computer Power and Human Reason: From Judgement to Calculation*. New York: W. H. Freeman, 1976, particularmente, p. 278. Em *Significado nas artes visuais*. Trad. de M. C. F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 45, PANOFKY, Erwin observa que “A meta ideal da ciência seria algo como maestria, domínio, e a das humanidades algo como sabedoria”.

I. 3 - Sessão Magna

Fala do Presidente

DISCURSO NA SESSÃO MAGNA DO IHGB EM 21 DE OUTUBRO DE 2017

ARNO WEHLING ¹

Uma das características mais presentes no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro tem sido a da reflexão sobre seu papel na produção e na divulgação da ciência e da cultura no país.

O primeiro presidente, visconde de São Leopoldo, levantou uma questão quase – diríamos hoje – de identidade, ao se indagar se o Instituto era o sucessor das academias setecentistas brasileiras. Logo em seguida e sob a orientação do secretário e fundador, cônego Januário da Cunha Barbosa, instituiu-se o concurso que teve Martius como vencedor. E todos haveremos de lembrar seu tema: “como se deve escrever a história do Brasil?”

Era o traçar de um programa, como outros que se desenhavam à época e que se renovariam ao longo dos anos.

Entre as contribuições, há uma que merece ser lembrada, a de um sócio que esteve muito presente em espírito e pouco presente fisicamente. É quase certo que nosso confrade preferisse dizer “moralmente” presente, já que usava o conceito de moral num sentido muito preciso, de desenvolvimento não só material ou cognitivo, mas também comportamental e social.

Desse sócio disse o presidente conde de Afonso Celso que tinha obra reveladora de “investigação meticulosa, probidade, conceitos engenhosos e argutos, imparcialidade e justiça, apreciação ponderada dos homens e das coisas, suprema independência, patriotismo”. O secretário perpétuo Max Fleiuss simplesmente colocava-o na tríade dos maiores historiadores brasileiros, ao lado de Varnhagen e de Capistrano de Abreu. Outro sócio, de diversa geração, José Honório Rodrigues, situava-o em nova tríade, a dos que no início do século XX se apresentava como a mais bem preparada da historiografia brasileira, na companhia de Capistrano de Abreu e do Barão do Rio Branco.

Em seu centenário houve comemoração significativa, com a edição de uma “obra seleta” em papel bíblia – seleta, não completa, tanto ele escreveu.

1 – Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Vários de seus trabalhos continuam sendo reeditados e sua vida e sua obra mereceram estudos acurados de Fernando da Cruz Gouveia, Gilberto Freire, Barbosa Lima Sobrinho e Américo Jacobina Lacombe, para lembrar somente os clássicos.

Estamos no ano de seu sesquicentenário e os registros são muito menos presentes do que em 1968. Fazê-lo, neste momento, é uma forma, embora modesta, de compensar este fato.

Em 1913, nosso confrade proferiu na tribuna deste Instituto uma conferência – de que são testemunhas mudas a mesa diretora e as cadeiras dos sócios da Sala Pedro Calmon – intitulada *O atual papel do Instituto Histórico*.

Nesta sessão magna de 2017, é assim, perfeitamente, razoável retomar mais uma vez o fio das reflexões sobre o IHGB, ligando-o a uma das sugestões mais fecundas que já ecoaram na Casa. Assim fazendo, unimos a preocupação com o presente e o futuro que motiva toda reflexão, com uma justa homenagem pelo sesquicentenário de nascimento de um de seus formuladores.

Manuel de Oliveira Lima é de quem se trata. O *Dom Quixote gordo* de seu jovem amigo Gilberto Freire.

A escassa presença de Oliveira Lima no Instituto se justifica por sua pouca presença no Brasil, primeiro pela vida de diplomata e, em seguida, pela atividade de scholar na França, Inglaterra e Estados Unidos. Neste país, acabaria por residir em Washington e se tornar um embaixador informal – e não apenas no âmbito da cultura – do Brasil.

No Instituto Histórico, ingressou em 1895, com 27 anos, na esteira do primeiro livro, *Pernambuco e seu desenvolvimento histórico*, publicado na Alemanha. Na sequência do estatuto de então, tornou-se sócio honorário em 1912 e benemérito em 1917. Seu envolvimento com o IHGB foi relevante, tendo publicado na Revista, em 1903, a relação dos manuscritos existentes no Museu Britânico de interesse para o Brasil. Entre outras contribuições, destacam-se a conferência sobre o papel do Instituto, a sugestão para que a Casa promovesse o primeiro congresso de história nacional, efetivada no ano seguinte e a proposta para a criação de uma Academia de Altos Estudos, tema estudado por nossa primeira secretária Lucia Guimarães em seu livro sobre o IHGB. Esta acabaria institucionalizada como Faculdade de Filosofia e Letras, a primeira do Distrito Federal, mantida pelo IHGB. Mas deve ser lembrado ainda que Oliveira Lima conhecia bem nosso acervo, destacando no arquivo as cartas de Dona Leopoldina e as coleções particulares do visconde de Ourém e do general Osório

A conferência de 1913 merece ser mais conhecida, pois boa parte do que denominava “atual” naquele ano continua atual mais de cem anos depois.

Aliás, deve ser recordado aqui o juízo de José Honório Rodrigues em *A pesquisa histórica no Brasil*, para quem

Na importantíssima conferência sobre o papel do Instituto Histórico, pronunciada em 1913, ele dava à direção do Instituto as normas de uma orientação moderna, verdadeiramente dedicada a auxiliar o estudioso, fornecendo-lhe métodos, revelando documentos, incentivando pesquisas.

Após elogiar o Instituto pelo trabalho até então realizado, destacando a constituição do acervo documental, a Revista e a atuação de Vieira Fazenda e Max Fleiuss, Oliveira Lima alinhava uma série de sugestões. Podemos agrupá-las em três blocos.

Sobre a ampliação do acervo arquivístico, dizia ser muito importante que o Instituto continuasse a receber arquivos particulares, como vinha fazendo. E também que prosseguisse levantamentos e pesquisas no exterior, como em Portugal, onde sugeria que se continuasse a explorar o arquivo do Conselho Ultramarino e os arquivos das casas nobres portuguesas. Em relação ao Conselho, dava como exemplo de sucesso o trabalho de Alberto Lamago sobre João Fernandes Vieira com material daquele arquivo, publicado no ano anterior na Revista do Instituto. No segundo caso, chamava a atenção para o fato de que os administradores coloniais foram maciçamente egressos das grandes famílias, razão pela qual, em seus arquivos, havia manancial importante de informações sobre a colônia. Em ambas as situações, lembrava, fiel a antigos interesses e a seu modo de ver a história, eram documentos que interessavam sobretudo à história social e econômica do Brasil.

Esse trabalho europeu não se esgotava em Portugal. Ele que havia elaborado o valiosíssimo catálogo de manuscritos do Museu Britânico lembrou ainda a documentação existente na Holanda e dedicou menção especial a Roma. Já que, afirmava, o Brasil era “criação moral dos jesuítas”, cumpria um programa de pesquisa exaustiva dos arquivos do Vaticano, revelando na conferência seus contatos com D. Gerardo van Coelen, abade do mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, para a criação de um sonhado “instituto histórico” de pesquisa colonial brasileira, em Roma.

Uma segunda linha de propostas dizia respeito às relações interinstitucionais do IHGB, que desejava fossem tanto com os institutos históricos estaduais quanto com instituições congêneres dos Estados Unidos e da Europa, demonstrando particular entusiasmo pelo então recém criado Instituto Teuto-Sul-Americano de Bonn.

Tomando como exemplo a American Historical Association fundada quase meio século depois do Instituto, que articulava diferentes entidades congêneres por todo o território norte-americano, Oliveira Lima sugeria que o IHGB coordenasse no Brasil as relações com os institutos históricos estadu-ais. À época, parte significativa dos estados da federação já os possuía. Este fato e a recente realização do Congresso Internacional de Ciências Históricas, ao qual fez referência, provavelmente, levaram Oliveira Lima a sugerir a Max Fleiuss a realização de um congresso nacional de história, o primeiro que se realizaria no Brasil. Sugestão feita e aceita, logo no ano seguinte, foi possível reunir no IHGB o encontro, de que resultaram contribuições importantes à historiografia brasileira, reunidas nos cinco volumes publicados.

Portanto, ao estabelecer relações sistemáticas com os institutos estadu-ais e com as academias estrangeiras e ao realizar permanentemente eventos científicos, continuamos a trilhar o mesmo caminho apontado por ele pragmaticamente em 1913.

Uma terceira linha de atuação seria a do reforço do sentimento nacional. Visava à unidade cultural do país, advertia, não o estímulo a um “nacionalismo estreito e, ao cabo, esterilizador”. Refutava chauvinismos e também não amava o passado pelo passado: o objetivo era conhecê-lo para valorizar a tradição, mas a “guarda das suas tradições” não implicava para ele em “reacionarismo”, isto é, ao retorno puro e simples ao que tinha sido.

Num repisar quase didático, o conferencista finalizou o discurso dizendo a seus ouvintes que competia ao Instituto fomentar pesquisas, cultivar relações com instituições semelhantes e divulgar a tradição nacional. Ainda acrescentava mais uma tarefa: no passado recente, a de zelar pela integridade do país, quando documentos de seu acervo permitiram embasar os direitos brasileiros à ilha da Trindade e ao Amapá. Não mais existindo desafios dessa natureza, cabia-lhe agora lutar pela coesão nacional.

Territórios da história, da memória e do patrimônio, diríamos hoje com nosso referencial, mas que traduzem preocupações e sobretudo finalidades que são as do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de agora, de 1913, quando enunciadas por Oliveira Lima e de 1838, quando da sua fundação.

Por último um conselho metodológico, mas também ético, ele que sempre bem conciliou competência intelectual e probidade. A interpretação do passado brasileiro deveria levar em conta que “a civilização material [prepara]... a moldura para a cultura moral”, uma de suas teses preferidas e que reflete o otimismo liberal *fin de siècle*. Deveria ademais ser equilibrada e justa, sem “enaltecer um período” em detrimento do outro, recado que vinha dando há algum tempo para desestimular o conflito entre portugueses e brasileiros,

republicanos e monarquistas, dois antagonismos com os quais conviveu na mocidade e que eventualmente ressurgiam.

Um grande programa, que até hoje subscrevemos, com as modificações que a contingência histórica justifica, mas que permanece fiel ao espírito de Oliveira Lima, dos fundadores e certamente de todos aqueles que ao longo destes 179 anos tiveram uma “certa ideia” do que é e do que deve ser o Instituto.

Nosso confrade Gilberto Freire identificou um forte quixotismo em Oliveira Lima. Para nós, que constituímos uma sociedade civil franciscana nos recursos e espartana na gestão, a distância entre a altitude e a nobreza dos fins contrasta com a escassez dos meios, mas não implica em quixotismo. Implica apenas em ousadia para encarar os desafios. De certa forma, foi também a mensagem de Oliveira Lima ao apontar o “papel atual do Instituto Histórico”: ter bem consciente a diretriz e agir corretamente para atingir seu fim.

Uma grande e permanente lição que merece ser lembrada.

Relatório da Primeira-Secretária

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DO ANO SOCIAL 2017

LUCIA MARIA PASCHOAL GUIMARÃES ¹

Em 3 de novembro de 1839, celebrou-se a Primeira Sessão Magna de Aniversário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A cerimônia realizou-se nas dependências do Paço imperial, franqueado ao Instituto por D. Pedro II, o seu jovem protetor que, lamentavelmente, não pode comparecer, pois se encontrava ausente da Corte, na Fazenda de Santa Cruz.

De acordo com a descrição do *Jornal do Comércio*, às 17 horas e um quarto, as cornetas da Guarda do Paço anunciaram a chegada do regente Pedro de Araújo de Lima, que foi recepcionado e introduzido no salão por uma comissão de doze Sócios. Composta a Mesa de honra e declarada aberta a sessão, uma orquestra irrompeu, executando a vibrante *ouverture* da ópera *O cavalo de Bronze*, de Daniel Auber. Em seguida, ouviram-se o pronunciamento do presidente do Instituto Histórico, o visconde de São Leopoldo, o Relatório do Primeiro Secretário – cônego Januário da Cunha Barbosa e o Elogio histórico aos Sócios falecidos, proferido pelo orador Pedro de Alcântara Bellegarde. Cumpridas essas formalidades, o Sócio José Silvestre Rebelo dissertou sobre a palavra Brasil, memória histórica de sua autoria. No intervalo entre cada uma das intervenções foram interpretadas diversas peças musicais clássicas. Levantada a sessão, por volta das 19 horas, a diretoria do Instituto despediu-se oficialmente do Regente e demais autoridades, acompanhando-os até o topo da escadaria do Paço. “Bela solenidade!”, segundo a nota do *Jornal do Comércio*, prestigiada por ministros de estado, parlamentares, militares de alta patente, homens de letras, prelados e membros do corpo diplomático e consular². À guisa de curiosidade, observo que no rol desses ilustres convidados não constavam presenças femininas...

O cerimonial inaugurado pelos fundadores do IHGB continuaria a ser cultivado pelas novas gerações de Sócios. Certamente com menor pompa do que no passado. Seja como for, hoje, como outrora, a Sessão de Aniversário é a data maior do Instituto. E, também, de acordo com dispositivos regimentais, o momento de prestar contas do trabalho realizado, oferecendo ao mundo acadêmico e à sociedade em geral o Relatório desta corporação, que acaba de completar cento e setenta e nove anos de existência.

1 – Sócia titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

2 – *Jornal do Comércio*, nº 0266, Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1839, p. 2. Ver, também, IHGB. Sessão de Aniversário. R. IHGB, nº , 1839, p. 207-212.

Criado em 21 de outubro de 1838, a propósito de coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos necessários para a história e a geografia do Império, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) se inscreve no panorama cultural euro-americano das primeiras décadas do século XIX, no âmbito das *sociétés savantes* ou *corps savante*, organizações muito em voga na época, formadas por homens de notório saber e talento, que se reuniam para discutir aspectos da literatura, da história, das ciências e das artes, conforme já assinalou Arno Wehling³.

Ao longo dos anos, todavia, os horizontes se expandiram. Sem dúvida, o Instituto Histórico constituiu espaço de reconhecimento acadêmico e um lugar de memória. Não por acaso, Pedro Calmon o denominou de Casa da Memória Nacional. Mas não só. As atividades que hoje em dia têm lugar no IHGB o credenciam como centro de pesquisa, de produção e de disseminação do conhecimento. O Relatório que ora apresento orienta-se por essa perspectiva diversificada, esclareço, porém, que a divisão presta-se apenas aos fins da minha exposição, pois, no fundo, todos esses elementos se combinam, dando unidade aos empreendimentos científicos e culturais do Instituto. Assim, vou começar pelos Setores Técnicos do IHGB.

Arquivo

Diretor: Sócio Jaime Antunes

Chefe do Arquivo: Arquivista Sonia Nascimento de Lima.

O rico acervo documental do IHGB foi ampliado por doações e por aquisições. Novos fundos foram liberados para consulta, após o respectivo tratamento arquivístico como, por exemplo, o Fundo Macedo Soares. O Arquivo também se destaca no atendimento aos consulentes que buscam material para subsidiar investigações acadêmicas, projetos editoriais, documentários e reportagens. Outro aspecto a ressaltar é sua interface com os demais setores técnicos do Instituto. O acervo do Arquivo contribuiu para a montagem de exposições e de mostras preparadas pelo Museu, as quais se articularam com outros eventos promovidos por esta Casa.

Núcleo de Projetos Especiais

Coordenadora: sócia Regina Wanderley

Também voltado para a área do tratamento arquivístico, o Núcleo de Projetos Especiais disponibilizou recentemente novos instrumentos de pes-

3 – Ver, WEHLING, Arno. "Prefácio - Uma revista entre a história e a memória". In: GUIMARÃES, Lucia Maria P. *Debaixo da imediata proteção imperial. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)*. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2011, p. 10.

quisa, a saber: o Índice de Códices do Arquivo Histórico Nacional de Angola; o Índice Analítico da Documentação Farrroupilha no IHGB ; o Inventário analítico do Arquivo Visconde do Uruguai e o Inventário Analítico Preliminar do Arquivo Emílio Garrastazu Médici.

Mapoteca do IHGB

Diretor: Sócio Jaime Anunes

Responsável pelo setor: Sonia Nascimento Lima

A Mapoteca do IHGB está subordinada ao Arquivo. Seus trabalhos concentram-se na conservação do acervo, especialmente de obras raras, além do atendimento ao público. O setor mantém suas atividades de atendimento ao público pesquisador e de reprodução de mapas. Além disso, salienta-se a participação da Mapoteca na Exposição “O desafio cartográfico do Novo”, realizada recentemente na cidade de Belo Horizonte.

Iconografia

Diretores: Sócios Pedro Karp Vasquez e D. João de Orleans e Bragança.

Responsável pelo Setor: Sônia Nascimento de Lima

O setor de Iconografia tem envidado esforços no tratamento do material sob a sua guarda e a respectiva catalogação. A meta é oferecer aos usuários um Catálogo *on-line* com o inventário das coleções de imagens. Evidencia-se, ainda, o crescimento do patrimônio, por meio de doações e de aquisições. O setor também se destaca pelas atividades de atendimento a consultas e pela reprodução digital de imagens.

Biblioteca

Diretor: Sócio Claudio Aguiar

Chefe da Biblioteca: Maura Macedo Corrêa e Castro

A Biblioteca do Instituto é uma das jóias da coroa, por assim dizer. Além da preocupação com o restauro de livros raros e a conservação das coleções, neste exercício, houve substantiva ampliação do acervo, por comodato, por doações e por compras. O catálogo disponibilizado para consulta na internet atingiu 34.150 títulos. Neste exercício, o tradicional Salão de Leitura do IHGB continua a se destacar pela frequência expressiva e regular de consulentes.

Hemeroteca

Diretor: Sócio Cláudio Aguiar

Responsável pelo expediente do setor: Maura Macedo Corrêa e Castro

A Hemeroteca do IHGB é reconhecida internacionalmente. Além do cumprimento das tarefas rotineiras de conservação e de digitalização de periódicos raros, registra-se a ampliação do acervo tanto por doações e por permutas, quanto por compras. Atualmente, o catálogo *on-line* da Hemeroteca conta com 6.349 títulos. O setor salienta-se, ainda, pelo atendimento ao público. Acoplado à Hemeroteca, funciona o serviço de digitalização de imagens do IHGB, do mesmo modo, alvo de substantiva demanda por parte dos consulentes neste último ano.

Museu

Diretora: Sócia Vera Lucia Botrell Tostes

Museóloga: Magda Beatriz Vilela

O Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro é um espaço aconchegante, onde se combinam memorabilia, peças raras e obras de arte. No exercício 2016-2017, entre exposições e mostras, o Museu realizou 6 eventos, articulados com outras atividades promovidas pelo Instituto. A Exposição Revolução Pernambucana de 1817, por exemplo, foi montada em consonância com o Seminário sobre o mesmo tema. É oportuno mencionar que todos os eventos do Museu receberam a colaboração dos setores de Biblioteca, Hemeroteca, Arquivo, Iconografia e Mapoteca.

O setor de museologia, por iniciativa da sua diretora – sócia Vera Lúcia Botrell Tostes, efetivou o projeto de integração da imagem histórica do entorno do IHGB, vista do terraço, com a visitação do museu, por meio da instalação de tótems com painéis fotográficos que contemplam pontos fundamentais da história da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil desde o século XVI.

Atividades de Pesquisa

Há muito que as atividades realizadas no IHGB o caracterizavam como um centro de investigação científica. Isso veio a se formalizar com a criação de dois núcleos de pesquisa, em 2013: o primeiro é dedicado ao campo da História das Relações Internacionais, coordenado pelo Sócio Luiz Felipe de Seixas Corrêa; o segundo, liderado por Arno Wehling, privilegia o estudo da História do Direito e das Instituições. Em 2016, estabeleceu-se um terceiro – o Núcleo e Laboratório de Arqueologia, tendo à frente a sócia Maria Beltrão. Os três redutos de pesquisa já apresentam resultados estimulantes,

como se pode comprovar na coluna à direita, do slide. Também está em curso o projeto “Memória dos Sócios”, coordenado por Rogério de Vasconcelos F. Tavares. Até o momento, foram realizadas 37 entrevistas, gravadas em vídeo, material que contribuirá para expandir a memória institucional desta Casa, e há de servir de fonte para futuras investigações.

Comissão de Estudos e Pesquisas Históricas - CEPHAS

Coordenação: Sócias Maria de Lourdes Viana Lyra, Lucia Maria Paschoal Guimarães e Vera Lucia Cabana de Andrade (ad hoc)

A Comissão de Estudos e Pesquisas Históricas – a CEPHAS promoveu 32 sessões, sendo 25 ordinárias e 07 temáticas, em que foram apresentadas 61 comunicações. As reuniões semanais realizam-se às quartas-feiras e são abertas ao público. Nas sessões ordinárias, há exposições individuais de estudos em andamento, relatos de pesquisas e de livros autorais, que são vivamente debatidos. As sessões temáticas são voltadas à discussão de temas ou de questões históricas por grupos de especialistas convidados e também a apresentações de obras coletivas. Trata-se, portanto, de um espaço em que se trocam experiências e se compartilham conhecimentos.

Jornadas Acadêmicas

No ano social 2016-2017, o IHGB sediou 10 jornadas acadêmicas, que reuniram especialistas nacionais e estrangeiros, alcançando boa repercussão, sobretudo junto ao público universitário. Todas as jornadas redundaram de parcerias estabelecidas entre o Instituto e diversos órgãos afins, universidades, instituições de patrimônio, associações congêneres e grupos de pesquisa cadastrados no CNPq. Lembro, ainda, que as contribuições apresentadas em algumas dessas jornadas acham-se publicadas sob a forma de dossiê, na *Revista do IHGB*. No quadro a seguir, encontra-se o inventário cronológico dos eventos, com a indicação das parcerias e da divisão de responsabilidades.

Quadro nº 1 Jornadas Acadêmicas

Evento	Data	Observações
Seminário Comemorativo do Bicentenário de Varnhagen	25-26/10/2016	Realização IHGB, FUNAG, Instituto Martius-Staden; Laboratório REDES/UERJ; FAPERJ.
Seminário Comemorativo do Centenário da Aviação Naval Brasileira	17/11/2016	Realização: IHGB e Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.
Seminário Revolução Pernambucana de 1817	05-06/04/2017	Realização IHGB e IAHP
Oficina Programa da Memória do Mundo da UNESCO	27/05/2017	Apoio IHGB. Realização Comitê Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da UNESCO e MoWBrasil.

Colóquio "A Biblioteca Nacional do Palácio de Mafra. Um testemunho do Tempo das Luzes"	23-24/05/2017	Realização IHGB, Laboratório REDES/UERJ, PPGH/ UERJ; Companhia das Índias/UFF; PN Mafra; Universidade de Évora; Compete 2020; FCT/Portugal, FAPERJ.
Leituras Tomistas do Direito	01-02/06/2017	Apoio IHGB. Organização GRPESq "A formação do pensamento jurídico moderno no mundo ibérico"
I Semana Nacional de Arquivos: O Arquivo do IHGB	05-08/06/2017	Realização IHGB/CONARQ.
IX Congresso Brasileiro de História do Direito	04-06/09/2017	Realização: IBHD, IHGB e UERJ. Apoio: CNPq, CAPES, UFPR, UFF, PUC/RJ, FAPERJ, EMERJ e ITAIPU.
II Simpósio Nacional de História Militar	29-31/08/2017	Apoio IHGB. Realização UEL, DPHDM, UNIRIO, ECEME, UNIVERSO e EGN
Seminário "O Brasil e a Grande Guerra: interfaces da participação brasileira na Primeira Guerra Mundial"	04-05/10/2017	Realização: IHGB e Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha

Lançamentos de Livros

O terraço do Instituto Histórico, lugar onde se pode desfrutar de uma das mais belas vistas da baía de Guanabara, é, sem dúvida, local propício para a realização de eventos culturais, como tardes de autógrafos, por exemplo. Neste espaço privilegiado foram lançados 11 livros, na sua maioria apresentados e discutidos previamente em sessões da CEPHAS.

Quadro nº 2 Livros lançados no IHB

Títulos	Autores	Data
Minerva Brasileira: Leituras	Lucia M.B. P. das Neves & Lucia M. P. Guimarães (orgs.)	Nov./2016
Os Vice-Reis no Rio de Janeiro	Aline Montenegro e Rafael Zamorano (orgs.)/ Museu Histórico Nacional	Dez./2016
Colégio Pedro II. Polo cultural da cidade do Rio de Janeiro	Beatriz Boclin Marques dos Santos e Vera Lucia Cabana de Andrade	Dez./2016
Relações Internacionais do Brasil. Antologia comentada de artigos da Revista do IHGB (1841-2004)	Luiz Felipe de Seixas Corrêa (org.)	Mar./2017
O Rio de Janeiro nas notícias da Gazeta de Lisboa	Carlos Francisco Moura	Mar./2017
A presença negra em Alagoas	Douglas Apratto Tenório	Mai./2017
Notáveis empreendimentos de Engenharia no Brasil	Pedro da Silva Telles	Mai./2017
A Pré-História e a História da Baixa-Fluminense	Ondemar Ferreira Dias	Ago./2017
Efemérides Fluminenses	Cybelle de Ipanema	Ago./2017

Patrimônio Arqueológico Subaquático na Marinha do Brasil. Objetos oriundos de sítios de naufrágios na costa brasileira.	Armando de Senna Bittencourt (org.)	Set./2017
Edmundo P. Barbosa da Silva e a construção da diplomacia econômica brasileira	Rogério Sousa Faria	Out/2017

Cursos

Diretor: Sócio Antonio Celso Alves Pereira.

Em 1838, quando da sua criação, os fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro enfatizaram-lhe a função pedagógica. Desde então, várias experiências foram realizadas, projetos ambiciosos como a Academia de Altos Estudos, há pouco referida pelo Sr. Presidente, e o da Faculdade de Filosofia do IHGB, que chegou a funcionar durante três anos. Bem mais modesta hoje em dia, a proposta é de oferecer cursos de curta duração de alto gabarito. Nesse sentido, foram oferecidos 3 cursos, todos ministrados por Sócios: História Militar do Brasil, por Sérgio Paulo Muniz Costa; IV Curso de Paleografia, por João Eurípedes Franklin Leal (cujo êxito repete-se desde 2013) e “Ao encontro da Memória: reflexões em torno de História comum”, por Miguel Monteiro, curso orientado para o exame das relações luso-brasileiras, também bastante concorrido, já na sua 3ª. edição.

Publicações do IHGB

1. Revista do IHGB

Diretora: Sócia Lucia Maria Bastos Pereira das Neves

Secretária: Sra. Tupiara Machareth

Circulando desde 1839, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* é uma das mais antigas publicações especializadas do mundo ocidental. Sua missão consiste em divulgar a produção do corpo social do Instituto, bem como contribuições de historiadores, geógrafos, antropólogos, sociólogos, arquitetos, etnólogos, arqueólogos, museólogos e documentalistas de um modo geral. Até dezembro de 2016, a *R.IHGB* manteve a sua formatação original, em suporte de papel e impressa pela Gráfica do Senado Federal, com periodicidade trimestral, sendo o último número de cada ano reservado ao registro da vida acadêmica do Instituto e de demais atividades institucionais. Procurava-se, assim, combinar as especificidades de periódico científico com o cumprimento dos dispositivos regimentais do Instituto. Lamentavelmente, o acordo de cooperação entre o IHGB e o Senado não foi re-

novado. A perda do patrocínio levou a *R. IHGB* a adotar o meio eletrônico de divulgação e a alterar a sua periodicidade. A partir de janeiro de 2017, passou a circular *on-line*, três vezes por ano com conteúdo voltado exclusivamente para temas especializados. As atividades da vida acadêmica e a memória institucional do IHGB deverão compor uma nova publicação, também digital: o *Anuário*, que será lançado no próximo ano. A Coleção completa da *R. IHGB* está disponível para leitura, desde o número inaugural até o de 474, que corresponde aos meses janeiro, fevereiro, março e abril de 2017, no seguinte endereço eletrônico: <https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/itemlist/filter.html?category=9&moduleId=147>.

2. Noticiário

Editor: Sócio Victorino Chermont de Miranda – 1º Vice-Presidente do IHGB

Além da sua centenária *Revista*, o IHGB também edita o *Noticiário*. Trata-se de uma espécie de boletim onde se publicam informações pontuais, de natureza mais imediata, que contemplam notícias a respeito de Sócios, livros doados à Biblioteca, pesquisas em curso, que utilizam os acervos do Instituto, representação do IHGB em eventos e notas do gênero. O *Noticiário* também conta regularmente com a colaboração do presidente Arno Wehling, na seleção de fragmentos de textos teóricos e metodológicos de autores clássicos, sempre impressos na 4ª. Capa. A partir do segundo semestre do corrente ano, o *Noticiário* passou a circular trimestralmente, devendo aparecer em breve, nº 321, relativo aos meses de julho, agosto e setembro.

Anteriormente, fiz referência ao IHGB como um espaço de consagração acadêmica. No quadro a seguir, visualiza-se a movimentação do quadro social, no período 2016-2017, com a relação dos Sócios recém admitidos e daqueles que foram elevados de categoria.

Quadro Nº 3 Movimentação do Quadro Social

INGRESSOS	
Christian Edward Cyrill Lynch Joaquim de Arruda Falcão Neto Pedro Pinchas Geiger Sérgio Eduardo Moreira Lima	Categoria: Sócio Honorário Brasileiro
Airton Cerqueira Leite Seelaender Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes Marilene Corrêa da Silva Freitas Ricardo Marcelo Fonseca	Categoria: Sócio Correspondente Brasileiro
ELEVAÇÃO DE CATEGORIA	
Marilda Corrêa Ciribelli Sonia Aparecida de Siqueira	Sócio Emérito Sócio Emérito

Carlos Eduardo de Almeida Barata Maurício Vicente Ferreira Júnior	Sócio Titular Sócio Titular
--	--------------------------------

O relato estaria incompleto se deixasse de assinalar o expressivo envolvimento do Quadro Social nas atividades do Instituto, em particular, dos confrades que se encontram à frente das diretorias, e do titular da Tesouraria do IHGB, o Sócio Fernando Tasso Fragoso Pires. Realço, também, o empenho e o comprometimento do exíguo corpo de funcionários técnicos e administrativos desta Casa, aos quais expresso profundo reconhecimento. Deixo, ainda, uma palavra de agradecimento, ao gerente administrativo do Instituto, Sr. Jeferson dos Santos Teixeira e à secretária da presidência, Sra. Tupiara Macareth, doublé de secretária da nossa *Revista*, cuja inestimável dedicação muito nos estimula.

Sr. Presidente, Senhoras e Senhores, eis, sucintamente exposto, o Relatório do ano social que hoje se encerra. Apesar da prolongada crise financeira que o país atravessa e do descaso das autoridades para com a ciência e a cultura, o Instituto Histórico cumpriu sua missão sem esmorecer, o que me leva a parafrasear aquele conhecido aforismo de Francis Bacon: na adversidade descobre-se melhor a virtude.

Obrigada pela atenção.

Discurso do Orador

ELOGIOS AOS SÓCIOS FALECIDOS

ALBERTO DA COSTA E SILVA¹

Todos os anos, escrevemos no nosso livro de ausências os nomes dos companheiros que se foram. E, ao fazê-lo, os trazemos para a nossa saudade.

Encontrei-me pela primeira vez com José Arthur Rios num almoço em Santa Teresa, em 1953 ou em 54. Não me lembro sobre o que conversamos, mas guardo a lembrança de um demorado e estimulante diálogo, o primeiro dos muitos que permitiram as minhas estadas no Rio de Janeiro. Ficamos amigos – e cresceu com os anos uma amizade que tinha por húmus a minha admiração pela solidez de seus saberes e pela beleza de sua alma. Era um homem bom.

Sejam as do sociólogo de *Problemas Humanos das Favelas Cariocas e A Educação por Grupos*, ou as do poeta de *Câmara Escura*, *Teto Zero* e *Poemas do Cuco* ou, ainda, as do investigador do passado e as do analista e intérprete das criações da sensibilidade, da imaginação e da inteligência, que se revelam em suas conferências e nos *Ensaios de Olhar e Ver*, as palavras que nos deixou por escrito estão desenhadas com o mesmo bom gosto e a mesma firmeza de convicções. Era um homem de fé, mas não desprezava as descrenças em quem o ouvia ou o lia.

Contava com a vitória da vida sobre o tempo, ainda que este pareça desgastar-nos de minuto a minuto, pois apostava na eternidade. E sabia, como Emily Bronte, que “é breve a fabula da vida, mas basta viver um só instante, para não morrer nunca mais”.

Seus dias foram numerosos, ainda que não bastassem para aqueles que lhe queriam bem. E foram quase tantos quanto os que viveu outro companheiro em nosso afeto, Vasco Mariz, nascido na mesma cidade, o Rio de Janeiro, e no mesmo ano, o de 1921.

Nossa camaradagem começou em 1956, no Itamaraty. Naquela época, ainda disputavam a precedência no jovem Vasco Mariz, o diplomata, o cantor – possuía uma bela voz de baixo cantante –, o musicólogo e o historiador. No início, parecia que a do cantor se imporia sobre as demais imagens que projetava de si mesmo. Mas, apesar da atenção e do louvor que mereceu da crítica, foi reduzindo a frequência dos concertos até o silêncio em público. Ouço de

1 – Sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

novo a sua voz, num disco *long playing* comercial que ele gravou em 1956, *Vasco Mariz em recital de canções brasileiras*, acompanhado ao piano pelos compositores das cantigas – e estes eram Frutuoso Viana, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri e Waldemar Henrique .

Já então, Vasco Mariz se fazia conhecido como crítico musical, biógrafo e exegeta de Villa Lobos e divulgador da música brasileira de seu tempo. Mais alguns anos, e ele nos daria, entre várias outras, duas obras de leitura quase obrigatória, *A canção brasileira* e *Historia da música no Brasil*, nas quais o musicólogo completa o serviço do historiador da cultura. E à história ele dedicaria boa parte de seus últimos anos, escrevendo incansavelmente sobre os franceses no Rio de Janeiro e no Maranhão.

José Arthur Rios e Vasco Mariz foram participantes ativos de seu tempo. Um terceiro sócio emérito que nos deixou, Antônio Gomes da Costa, fica na nossa memória, como o dedicadíssimo guardião e renovador das instituições que lhe foram confiadas, como o Real Gabinete Português de Leitura e o Liceu Literário Português.

Conheci-o em Lisboa, em 1961. E desde então o vi como a própria personificação daquele luso-descendente definido por Antônio Sérgio. Nele estava sempre nítido o desenho do português, acompanhado pelo tracejar do brasileiro. Português foi, e brasileiro. Brasileiro foi, e português.

De nosso sócio correspondente Hildebrando Campestrini, sei que, nascido em Santa Catarina, teve Mato Grosso do Sul por destino. E devotou à terra de eleição a sua inteligência e cultura. Autor de várias obras, entre as quais se destacam *História de Mato Grosso do Sul* (com a colaboração de Acyr Vaz Guimarães) e *Santana do Paranaíba*, foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul e secretário-geral e presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Também tivemos de dizer adeus a dois de nossos sócios correspondentes estrangeiros: Andrée Mansuy-Diniz Silva e Aniello Angelo Avella.

A francesa Andrée Mansuy-Diniz Silva foi uma grande especialista na história da sociedade e da cultura de Portugal e, subsidiariamente, do Brasil, na segunda metade do Setecentos e no início do século XIX. Arrisco-me a dizer que ninguém estudou a vida e a atuação política e diplomática de D. Rodrigo de Souza Coutinho como ela, que disso deu prova nas quase 1500 páginas de *Portrait d'un homme d'Etat: D. Rodrigo de Souza Coutinho, comte de Linhares*, e na numerosa coleção de ensaios que sobre ele escreveu. E os brasileiros lhe devemos a melhor edição crítica da obra de André João Antonil, *Cultura e opulência do Brasil*.

Também somos devedores ao italiano Aniello Angelo Avella, e não só por seu encantamento pelo Brasil e por sua persistência em tornar nossa cultura mais conhecida na Itália, mas principalmente pelo belo retrato de mulher inteligente, culta e em dia com o seu tempo, que nos deixou da Imperatriz Teresa Cristina, em sua biografia pioneira. Vamos sentir falta do entusiasmo de Avella e dos repetidos contactos com seu espírito inquieto.

Há ausências que se acompanham de um sentimento de orfandade como se nos privassem de arrimo e de rumo, de quem nos seja mestre. Ainda que voltemos repetidas vezes a *Os parceiros do Rio Bonito*, a *Formação da Literatura Brasileira* e aos vários livros em que recolheu os seus ensaios exemplares, obras-primas de brevidade, de precisão, de nitidez, de concisão e de riqueza de pareceres e de afetos, sempre nos faltará a serenidade pessoal de Antônio Cândido de Mello e Souza e sofreremos a falta de sua palavra para ajudar-nos a encontrar a nossa.

Durante quase 99 anos, Antônio Cândido presenciou, quando não viveu como personagem, o século cruel que a muitos nos coube, quando repetidamente se transformaram em crimes ferozes o que tínhamos por matéria de sonhos. As decepções não lhe enxugaram a esperança. E ensinou-nos a nos precaver da intolerância das certezas.

Lembro-me dele a dizer-me “bom dia” com o esboço de um sorriso. Escrevo o seu nome e fecho, por um ano, este livro de ausências.

II – ATAS E DELIBERAÇÕES SOCIAIS

II. 1 – Atas das assembleias gerais, ordinárias e extraordinárias

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 31 DE MAIO DE 2017

Prestação de Contas de 2016, Previsão Orçamentária de 2017 e Assuntos Gerais

O presidente abriu a sessão falando sobre a difícil situação financeira que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro atravessa provocada pela desocupação das salas e/ou andares do prédio, importante fonte de renda proveniente dos alugueis.

Passa a palavra ao tesoureiro que comenta as contas, informando o parecer do Conselho Fiscal e destaca que o déficit se deve à falta de locatários, nos seguintes andares:

3º andar = 1 sala desalugada

5º andar = $\frac{2}{3}$ desalugados

8º andar = todo espaço desalugado

O presidente retomou a palavra para detalhar aspectos da prestação de contas, informando que, face à crise geral que o país atravessa, principalmente o Estado do Rio de Janeiro, é necessário tomar medidas que diminuam o déficit mensal de R\$ 46.000,00. Informa que já fez cortes no número de funcionários; corte de alguns pontos de iluminação; transformação da *R.IHGB* em edição eletrônica e apenas 300 exemplares em papel que resultou na diminuição do déficit para cerca de R\$ 23.000,00.

Quanto à previsão orçamentária, informou que nada difere das anteriores, à exceção dos cortes realizados e solicitando, como sempre, autorização para a mudança da rubrica de itens de despesa, se necessário.

Colocados em discussão os itens de pauta, manifestaram-se os seguintes sócios:

Vera Tostes – pediu esclarecimentos sobre a rescisão dos contratos de manutenção de itens relativos à segurança, manifestando sua preocupação com a preservação do acervo.

Luiz Felipe de Seixas Corrêa – sugeriu a adoção de pagamento pelos sócios, em cotas, pelo menos temporariamente e de modo voluntário.

Victorino Chermont – chamou a atenção para a questão da segurança e considerou que a adoção de mensalidades nada resolve.

José Murilo de Carvalho – solicitou receber a planilha de custos, para verificar se pode sugerir outras medidas e propôs a adoção de uma taxa anual de R\$ 500,00 a ser paga pelos sócios.

Miridan Britto Falci – solicitou esclarecimentos sobre as outras fontes de renda, como a venda de livros e o aluguel do terraço.

Arno Wehling e Victorino Chermont respondem que o resultante da venda de livros é irrisória e que o aluguel do terraço foi cortado para não sobrecarregar os elevadores.

O Presidente, em resposta à preocupação dos sócios Vera Tostes e Victorino Chermont, esclareceu que os contratos de manutenção não foram suspensos, mas modificados, passando-se à vistoria de mensal para trimestral. Informou ainda que, segundo informado pelos próprios contratados e pelo gerente administrativo, a segurança não seria afetada; a diferença está no fato de, no contrato anterior, a mão de obra dos eventuais reparos já estar incluída, enquanto, na renegociação, se pactuou que a cobrança ocorreria sempre que a empresa fosse chamada e apenas nestes casos.

Lembrou ainda que existem das despesas irreduzíveis, como gastos comuns do prédio e impostos, que não podem ser cortados.

Lucia Guimarães, Miridan Falci, Vera Tostes e Senna Bittencourt apoiam a sugestão de José Murilo de Carvalho para a cobrança da taxa de R\$ 500,00.

Em Assuntos Gerais foi anunciado a mudança no quadro da diretoria: a sócia titular Lucia Guimarães assume o lugar da sócia emérita Cybelle de Ipanema no cargo de 1ª secretária, sendo por sua vez substituída pela sócia honorária Lucia Bastos na direção da Revista.

Maria de Lourdes solicita a palavra, parabenizando a consócia Lucia Guimarães por ter aceitado o convite para ocupar a 1ª secretária confirmando que é a pessoa certa, talhada para o cargo.

Alberto Venâncio – pede que seja feito um voto de pesar pela saída de Cybelle de Ipanema no cargo de 1ª Secretária e aplausos pelo excelente serviço por ela prestado ao longo dos anos.

Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão.

Maria de Lourdes Viana Lyra – 2ª Secretária.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DE 19 DE JULHO DE 2017

Eleição de sócios para o Quadro Social

Às quatorze horas e quinze minutos do dia dezenove de julho de dois mil e dezessete, realizou-se, em segunda convocação, a AGE de Eleição de Sócios para preenchimento de vagas no Quadro Social. Sessão na Sala Pedro Calmon, presidida pelo presidente Arno Wehling, com secretaria de Maria de Lourdes Viana Lyra. Cumpridos todos os atos legais de Assembleias semelhantes, após a recepção de Propostas de Candidatos, submetidas, juntamente com resumo curricular e obras publicadas, à Comissão de Admissão de Sócios e a outras Comissões, conforme suas especialidades: checagem do número dos presentes, distribuição de cédulas, preenchimento pelos mesmos sócios e seu posterior recolhimento. Havia chegado, nos prazos estabelecidos, 17 (dezessete) votos por correspondência (postal e/ou eletrônica), tendo comparecido 11 (onze) sócios, o que perfaz o total de 28 (vinte e oito) votantes alcançando, portanto, o quorum necessário para se proceder à eleição. O presidente designou para escrutinadores os sócios Fernando Tasso Fragoso Pires e Antonio Izaías da Costa Abreu. Realizada a contagem dos votos, retornaram presidente e secretária à Mesa, onde o primeiro anunciou o resultado obtido: 1) Para *sócio emérito*, Marilda Correa Ciribelli e Sonia Aparecida de Siqueira; 2) Para *sócio titular*, Carlos Eduardo de Almeida barata e Maurício Vicente Ferreira Junior; 3) Para *sócio correspondente brasileiro*, Airton Cerqueira Leite Seelaender, Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, Marilene Corrêa da Silva Freitas e Ricardo Marcelo Fonseca; 4) Para *sócio honorário brasileiro*, Christian Edward Cyrill Lynch, Joaquim de Arruda Falcão Neto, Pedro Pinchas Geiger e Sérgio Eduardo Moreira Lima. O presidente proclamou-os todos eleitos, aplaudidos, e encerrou a sessão.

Compareceram os seguintes sócios: Arno Wehling, Alberto Venancio Filho, Antonio Izaías da Costa Abreu, Carlos Wehrs, Cybelle Moreira de Ipanema, Dora Alcântara, Fernando Tasso Fragoso Pires, José Arthur Rios, José Murilo de Carvalho, Maria de Lourdes Viana Lyra e Victorino Chermont de Miranda.

Votos enviados por correspondência:

Via postal: Fernando Lourenço Fernandes e Gonçalo de Carvalho e Mello Mourão.

Via eletrônica: Adilson Cezar, Antonio Celso Alves Pereira, Armando Alexandre dos Santos, Armando de Senna Bittencourt, Caio Cesar Boschi, Cândido Mendes, Célio Borja, , Geraldo Mártires Coelho, Jali Meirinho, Pe.

José Carlos Brandi Aleixo, Marcos Guimarães Sanches, Miridan Brito Falci, Nestor Goulart Reis, Pedro Karp Vasquez e Ulpiano Toledo Beserra de Menezes.

Maria de Lourdes Viana Lyra – 2ª Secretária.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE 13 DE DEZEMBRO DE 2017

Eleição de Diretoria, Conselho Fiscal e Comissões Permanentes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para o biênio 2018-2019

Aos treze dias do mês de dezembro de 2017, na Sala Pedro Calmon, realizou-se, em segunda convocação, às quinze horas, a Assembleia Geral Ordinária de Eleição de Diretoria, Conselho Fiscal e Comissões Permanentes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para o biênio dois mil e dezoito-dois mil e dezenove. Para presidir a Assembleia, o presidente do IHGB, professor Arno Wehling, convocou os sócios Luiz Felipe de Seixas Corrêa e Antônio Celso Alves Pereira. Distribuídas as cédulas entre os 11 (onze) sócios presentes, votaram todos, sendo posteriormente recolhidas. Além dos 11 (onze) votos presenciais, havia 27 (vinte e sete) votos por via eletrônica. Verificados os votos, elegeram-se a Diretoria, para o período de mandato de 1/1/2018 a 31/12/2019, constituída de, *presidente*, Arno Wehling; *1º vice-presidente*, Victorino Coutinho Chermont de Miranda; *2º vice-presidente*, Affonso Arinos de Mello Franco; *3º vice-presidente*, João Maurício de Araújo Pinho; *1ª secretária*, Lucia Maria Paschoal Guimarães; *2ª secretária*, Maria de Lourdes Viana Lyra; *tesoureiro*, Fernando Tasso Fragoso Pires, e *orador*, Alberto da Costa e Silva. Para o *Conselho Fiscal*, eleitos *Efetivos* Alberto Venancio Filho, Luiz Felipe de Seixas Corrêa e Marilda Corrêa Ciribelli, para *Suplentes*, Marcos Guimarães Sanches, Pedro Carlos da Silva Telles e Roberto Cavalcanti de Albuquerque. As *Comissões Permanentes* ficaram assim formadas: *Comissão de Admissão de Sócios*: Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Carlos Wehrs, Fernando Tasso Fragoso Pires e Lucia Maria Paschoal Guimarães; *Comissão de Ciências Sociais*: Antonio Celso Alves Pereira, Cândido Mendes de Almeida, José Murilo de Carvalho, Maria Cecília Londres e Maria da Conceição de M. Coutinho Beltrão; *Comissão de Estatuto*: Alberto Venancio Filho, Antonio Celso Alves Pereira, Célio Borja, João Maurício A. Pinho e Victorino Chermont de Miranda; *Comissão de Geografia*: Armando de Senna Bittencourt, Cybelle Moreira de Ipanema, José Almino de Alencar, Miridan Britto Falci e Vera Lucia Cabana de Andrade; *Comissão de História*: Eduardo Silva, Guilherme de Andrea Frota, Lucia Maria Paschoal Guimarães, Marcos Guimarães Sanches e Maria de Lourdes Viana Lyra, e *Comissão de Patrimônio*: Afonso Celso Villela de

Carvalho, Antonio Izaías da Costa Abreu, Cláudio Moreira Bento, Fernando Tasso Fragoso Pires e Roberto Cavalcanti de Albuquerque. Anunciados, pela presidente da Assembleia, o resultado final, que foi aplaudido, o presidente Arno Wehling pronunciou-se esperando continuar, no próximo biênio, com a criatividade possível e o máximo de colaboração dos sócios. Aproveitou a oportunidade para formular votos de Feliz Natal e de Próspero Ano Novo, encerrando a Assembleia às dezesseis horas.

Compareceram os seguintes associados: Arno Wehling, Cybelle Moreira de Ipanema, Antonio Izaías da Costa Abreu, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Fernando Tasso Fragoso Pires, Antonio Celso Alves Pereira, Alberto Venâncio Filho, Dora Alcântara, Victorino Chermont de Miranda, Lucia Maria Paschoal Guimarães e Maria de Lourdes Viana Lyra. Votos por *Via eletrônica*: Caio Cesar Boschi, Gonçalo de B. Carvalho e Mello Mourão, José Jobson de Andrade Arruda Mello, Edivaldo Machado Boaventura, Candido Antonio Mendes de Almeida, João Mauricio Ottoni W. de A. Pinho, Marcos Guimarães Sanches, Pedro Karp Vasquez, Vera Lucia Bottrel Tostes, Armando Alexandre dos Santos, Sergio Paulo Muniz Costa, Jaime Altavila, Marilda Ciribelli, Reinaldo Carneiro Leão, Elizabeth Madureira Siqueira, Eduardo Diatahy, Ricardo Fonseca, Marilene Corrêa, Pedro Corrêa do Lago, Carlos Eduardo Barata, Mary del Priore, Junia Furtado, José Murilo de Carvalho, Maria Cecília Londres, Sergio Paulo Muniz Costa, Miridan Britto Falci e Airtton Seelaender.

Antonio Celso Alves Pereira – Secretário.

Luiz Felipe de Seixas Corrêa – Presidente.

II. 2 – Atas de reuniões de Diretoria

REUNIÃO DE DIRETORIA DE 06 DE JUNHO DE 2017

Convocados pelo presidente Arno Wehling os membros da diretoria do IHGB – Victorino Chermont de Miranda, Alberto da Costa e Silva, João Mauricio Pinho, Fernando Tasso Fragoso Pires, Lúcia Maria Paschoal Guimarães, Pedro Karp Vasques, Maria de Lourdes Viana Lyra, Vera Lucia Botrel Tostes, Antônio Celso Alves Pereira, Carlos Eduardo Barata e Jaime Antunes da Silva –, compareceram à reunião realizada no dia 06 de novembro de 2017, às 10h:30min, na Sala Teresa Cristina, para discutirem os seguintes temas em pauta: 1. Situação financeira deficitária do IHGB; 2. Ações já tomadas pela Presidência para fazer frente ao deficit; 3. Necessidade de

definição e institucionalização de um novo modelo de sustentabilidade econômica para o Instituto; 4. Iniciativas de curto e de médio prazo para reverter a situação atual do IHGB; 5. Assuntos gerais.

Após cumprimentar os consócios, o presidente fez um balanço da situação financeira do IHGB. Acentuou que o modelo de financiamento das atividades do IHGB baseia-se sobretudo na receita dos alugueis dos andares e das salas do Edifício Pedro Calmon e das salas da rua México. As outras fontes de renda são: subvenção do MinC, no valor de [...], venda de livros e oferta de cursos. A receita vem sofrendo acentuada queda, devido à forte crise econômica que o país atravessa. No caso do Instituto, a crise é agravada pela situação insolvência do Estado do Rio de Janeiro e pelo novo perfil do centro da cidade, delineado pela Prefeitura do Rio de Janeiro (deslocamento para a antiga área portuária). No momento, três andares do Edifício Pedro Calmon estão desalugados. O problema se torna ainda mais sério, porque com os andares vazios, além da falta da receita mensal, geram despesas que o IHGB necessita cobrir junto ao condomínio do Edifício, na ordem de R\$ 16.000,00. Até setembro de 2017, o déficit mensal do Instituto estava na casa de R\$ 27.000,00, e vinha sendo financiado com recursos provenientes das aplicações financeiras que o Instituto possui. Mas, alertou o presidente, se a situação perdurar por muito tempo, as reservas do Instituto se acabarão. Por outro lado, o presidente comunicou à diretoria que já foram tomadas providências para a contenção das despesas: a) redução de pessoal e remanejamento de funcionários do Edifício Pedro Calmon; b) revisão de contratos de manutenção do prédio; c) troca de lâmpadas e providências com o objetivo de economizar eletricidade. Em seguida, o presidente enumerou, também, os contatos que procurou estabelecer com instituições públicas e privadas, visando obter patrocínio para as atividades do IHGB: FIRJAN, Fundação Dom Cabral, BNDES, Ministério da Cultura, Instituto Moreira Salles, entre outras. Depois de expor detalhadamente o quadro financeiro do IHGB e as ações que já se encontram em curso, solicitou aos presentes que apresentassem medidas para ajudar a reverter esse quadro deficitário. Após ampla discussão, foram oferecidas as seguintes sugestões: aluguel dos espaços do IHGB (auditórios e cobertura); adoção de setores do IHGB por empresas; submissão de projetos ao MINC para captar patrocínios (Lei Rouanet); lançamento de projetos temáticos com a participação de sócios do IHGB; ampliação da visibilidade e dos canais de divulgação do Instituto. Finalmente, debateu-se a situação das entidades que ocupam salas do Edifício Pedro Calmon, cujo aluguel é simbólico (R\$ 286,00), a saber: Liga da Defesa Nacional, Federação das Academias de Letras do Brasil, Academia Carioca de Letras, Instituto dos Advogados Brasileiros. Foi esclarecido pelo 1º vice-presidente do IHGB que essas corporações são beneficiadas por acordos anteriores, quando da construção

do Edifício Pedro Calmon, os quais não podem ser alterados. Nada mais a tratar, o presidente agradeceu a colaboração de todos e encerrou a reunião.

Maria de Lourdes Viana Lyra – 2ª Secretária.

REUNIÃO DE DIRETORIA DE 05 DE JULHO DE 2017

Convocada pelo Sr. presidente Arno Wehling, realizou-se, na Sala Teresa Cristina, às dezessete horas do dia cinco de julho de dois mil e dezessete, a Reunião de Diretoria, à qual compareceram o primeiro vice-presidente Victorino Coutinho Chermont de Miranda, a primeira secretária, Lucia Maria Paschoal Guimarães, a segunda secretária, Maria de Lourdes Viana Lyra, o orador Alberto da Costa e Silva e a diretora da Revista do IHGB, Lucia Maria Bastos Pereira das Neves. A pauta constou dos seguintes assuntos: 1) Quadro econômico-financeiro: projeções e providências; 2) *Revista do IHGB*: reestruturação e política editorial; 3) Anuário do IHGB; 4) Comissão de Estudos e Pesquisas Históricas (CEPHAS): avaliação e reformulações. O Presidente cumprimentou os presentes e destacou que a grave crise econômica porque passam o país e o estado do Rio de Janeiro também afetou a situação financeira do Instituto. Informou que desde o final de 2016, há uma defasagem mensal entre as receitas e as despesas, na ordem de R\$ 30 000,00 (trinta mil reais). Explicou que a principal fonte de renda do Instituto são os aluguéis de salas e/ou andares do Edifício Pedro Calmon, porém, desde novembro de 2016, diversos inquilinos entregaram os espaços alugados. Isso gera um duplo prejuízo porque, além da perda do rendimento com os aluguéis, o IHGB é obrigado a arcar com as despesas de manutenção do prédio, relativas aos andares desocupados. O presidente lembrou que, felizmente, o Instituto possui algumas reservas, mas estas são finitas. Esclareceu, ainda, que a administração do IHGB trabalha com duas contabilidades: a do próprio Instituto e a do condomínio do Edifício Pedro Calmon. Para minimizar os efeitos da crise, já foram tomadas as seguintes iniciativas: a) redução de despesas com pessoal do IHGB e da administração do Edifício Pedro Calmon; b) renegociação de contratos de serviço (detecção de incêndio; manutenção do circuito interno de televisão; limpeza e manutenção da central de ar condicionado e serviços de elevadores e de telefonia). Essas providências já geraram uma economia de cerca de R\$ 20.000,00 reais na despesa mensal. A projeção é de que o déficit seja decrescente, chegando a R\$ 16.000,00 até dezembro/2107, mantidas as atuais condições. Por outro lado, encontra-se em curso a negociação de uma proposta para aluguel de um andar, apresentada por um plano de saúde, porém o valor é menor do que o antigo inquilino pagava. Maria de Lourdes Lyra lembrou que, na última Assembleia Geral, em face dos problemas eco-

nômicos atualmente enfrentados, aventou-se a criação de uma associação dos amigos do IHGB. Victorino Chermont considerou a alternativa pouco viável, pois a atual crise econômica também envolve as pessoas que se tornariam possíveis amigos. Maria de Lourdes lembrou, ainda, que se poderia solicitar uma contribuição mensal dos sócios ou se fazer uma eventual subscrição. Victorino Chermont ponderou que essas iniciativas não resolveriam a situação. No seu entender, caso se faça necessário, o Instituto poderia reduzir o seu horário de funcionamento. Ficou acordado, então, que, se aguardasse o fim da negociação do aluguel do 8º andar, para se fazer um novo balanço da situação financeira. O Presidente passou para o 2º ponto da pauta: Revista do IHGB: reestruturação e política editorial. Consultou a ex-diretora (Lucia Guimarães) e a atual diretora da *R. IHGB* (Lucia Bastos) sobre a viabilidade de a revista ser indexada pelo SCIELO. Ambas advertiram que a *R. IHGB* não deve ser semelhante aos periódicos dos Programas de Pós-Graduação, e se manifestaram contrárias ao ingresso no SCIELO, embora sejam favoráveis à adoção de alguns padrões recomendados pelo SCIELO, como a alteração da periodicidade da Revista, para três números por ano, a publicação de artigos em inglês etc. No momento, a meta é passar a Revista para nota A2 no ranking de periódicos da CAPES. Para tanto, Lucia Bastos comprometeu-se a levantar os itens necessários para ajustar a revista às normas da CAPES. O Presidente deu sequência à pauta com o exame do Item 3, dedicado ao *Anuário* do IHGB. Arno Wehling argumentou que, com a mudança da periodicidade da Revista (de trimestral para quadrimestral), o antigo último número de cada ano, relativo ao inventário das atividades do IHGB, deverá tornar-se uma publicação independente, com ISBN próprio. Após breve discussão, ficou acertado que a publicação deverá denominar-se *Anuário. Crônica do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Ficou decidido, ainda, que ambos os periódicos terão suporte digital, sendo que a *Revista* deverá ter uma certa quantidade de exemplares impressa em papel, para ser distribuída a entidades congêneres. Finalmente, o Presidente passou ao exame do item 4 da pauta – Comissão de Estudos e Pesquisas Históricas (CEPHAS): avaliação e reformulações. O Presidente externou sua preocupação com a baixa frequência às sessões da CEPHAS, sobretudo dos sócios. Indagou se não seria conveniente que houvesse apenas uma comunicação em cada sessão. Victorino Chermont ponderou que a frequência dos sócios depende do tema e do expositor. Maria de Lourdes Viana Lyra e Lucia Guimarães, respectivamente, coordenadora e sub-coordenadora da CEPHAS, assinalaram que, no momento, há uma retração do quadro social. Assinalaram a importância de se manterem as sessões temáticas, que sempre trazem bom público ao IHGB. Victorino sugeriu que se programassem sessões sobre temas atuais, com convidados de fora do âmbito acadêmico, como jornalistas, literatos, autores de livros recém-lançados.

A sugestão foi acatada pelas coordenadoras, que lhe pediram auxílio neste sentido. Ficou também decidido que o Presidente fará uma carta aos sócios, convidando-os a participarem da CEPHAS com maior assiduidade.

Lucia Maria Paschoal Guimarães – 1ª Secretária.

II. 3 – Atas de sessões ordinárias, extraordinárias e Magna

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DE 04 DE OUTUBRO DE 2017

Sessão de posse do Sócio Honorário Brasileiro
Guilherme Castagnoli Pereira das Neves

Aos quatro dias do mês de outubro de dois mil e dezessete, realizou-se, no Salão Nobre, a posse do associado honorário brasileiro Guilherme Paulo Castagnoli Pereira das Neves. Sessão presidida pelo senhor presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, prof. Arno Wehling, e secretariada por Lucia Maria Paschoal Guimarães. Sessão foi aberta às dezessete horas e trinta minutos e obedeceu a todos os rituais de sessões semelhantes do IHGB, a primeira, a formação da Mesa Administrativa dos trabalhos, composta de presidente do IHGB e dos sócios Lucia Maria Paschoal Guimarães, Maria de Lourdes Viana Lyra, Fernando Tasso Fragoso Pires e Lucia Maria Bastos Pereira das Neves. Lidas, em seguida, as Efemérides Brasileiras, do barão do Rio Branco, alusivas à data. A Comissão de Associados para a introdução do novo sócio foi o próximo passo, integrada por Miridam Britto Falci, Paulo Knaus de Mendonça e Lucia Maria Paschoal Guimarães. Com o auditório lotado de sócios, amigos e familiares de Guilherme Pereira das Neves, entrou o associado saudado de pé e por aplausos. Acercou-se da Mesa onde lhe foi lido, pela secretária, o Termo de Posse; pelo empossando, o Termo de Compromisso e entrega do Diploma de Associado do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pelo presidente, com assinatura no livro próprio, onde já constava a deste. O último ato regimental foi a imposição do colar acadêmico da agremiação, realizado por sua esposa a sócia Lucia Maria Bastos Pereira das Neves. Em seguida, o presidente Arno Wehling recepcionou o novo sócio, traçando o seu perfil acadêmico e profissional. Arno destacou sua contribuição aos estudos de Teoria da História, além de enumerar diversas obras por ele publicadas. Findo o discurso de Recepção, o presidente passou a palavra a Guilherme Pereira das Neves que pronunciou o Discurso de Posse, intitulado “As moradas da História ou Marc Bloch: os historiadores e a política”. Guilherme refletiu sobre o ofício do Historiador, suas práticas e

a relação com a política, tomando como estudo de caso a obra do consagrado historiador francês Marc Bloch. Encerrando a sessão, o presidente Arno Wehling teceu comentários sobre o Discurso de Posse, que considerou uma aula magna no âmbito da teoria da história e da historiografia, agradeceu a presença de todos e convidou para o coquetel no terraço do IHGB, oferecido pelo novo sócio.

Compareceram os seguintes sócios: Arno Wehling, Cybelle Moreira de Ipanema, Maria Luiza Penna Moreira, Julio Bandeira, Vera Lucia Cabana de Andrade, Miridan Brito Falci, Fernando Tasso Fragoso Pires, João Eurípedes Franklin Leal, Maria de Lourdes Viana Lyra, Antonio Izaías da Costa Abreu, Paulo Knauss, Marcilio Marques Moreira, Antônio Celso Alves Pereira, José Murilo de Carvalho, Marcos Sanches Guimarães, Miryam A, Ribeiro de Oliveira, Dora Alcântara e Tania Maria Bessone.

Lucia Maria Paschoal Guimarães – 1ª secretária

II. 4 – Documentos e pareceres das Comissões Permanentes

4.1 – Propostas para eleição e para admissão de sócios

SÓCIO CORRESPONDENTE

Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes

Proposta

Propomos para sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o professor Dr Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, em vaga decorrente do falecimento do sócio Fernando da Cruz Gouvea.

Juntamos em anexo, o Curriculum Vitae do Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará, intelectual respeitado no Brasil e no exterior.

Seu saber científico se espria por diferentes campos das ciências sociais, destacando-se o da sociologia, o da antropologia e o da história. Saber esse fincado em vasto conhecimento epistemológico e alimentado por sua constante atividade de pesquisa.

Rio de Janeiro, 08 de maio de 2017. Ass.: Vasco Mariz, Antonio Izaías da Costa Abreu, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Miridan Britto Falci, Cybelle Moreira de Ipanema, Marcos Guimarães Sanches, João Mauricio de Araújo Pinho, Arnaldo Niskier, Dora Alcântara, Cândido Mendes, Vera Lucia Bottrel Tostes, Victorino Chermont de Miranda, Melquíades Pinto Paiva, Maria

de Lourdes Viana Lyra, Sergio Paulo Muniz Costa, Maria Cecília Londres Ferreira e Arno Wehling.

SÓCIO CORRESPONDENTE BRASILEIRO

Airton Cerqueira Leite Seelaender

Proposta

Propomos para sócio Correspondente brasileiro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o Prof. Dr. Airton Cerqueira Leite Seelaender, em decorrência de ampliação de vaga por determinação estatutária (art. 2º, inciso III), atualmente residente em Brasília. Bacharel em Direito pela USP, Mestre pela W. Goethe – Universität / Frankfurt am Main e Doutor pela mesma Universidade, dedica-se à história do direito luso-brasileiro, sendo um dos expoentes da área no Brasil. Foi pesquisador visitante no Instituto Max Planck de Frankfurt e na Westfälische Wilhelms – Universität/Münster. Procurador do estado de São Paulo entre 1993 e 2006, optou pela carreira universitária, tendo sido docente de história do direito da Universidade Federal de Santa Catarina e encontrando-se atualmente na Universidade de Brasília.

Suas principais publicações são: *História do Direito em perspectiva*. Curitiba, Juruá, 2008, (org. c/ R. Fonseca); *Polizei, Ökonomie und Gesetzgebungslehre*. Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 2003; Francisco Campos (1891-1968). In: FONSECA, R. M. (ed.) - *As formas do direito*. Curitiba, 2013; A doutrina estrangeira e o jurista brasileiro. in: SIQUEIRA, G. (ed.) - *Direito e experiências jurídicas*. Belo Horizonte, 2013; História constitucional brasileira. in: DIMOULIS, D. - *Dicionário brasileiro de direito constitucional*. São Paulo, 2012; Estado de polícia. in: BARRETO, V. de P. (ed.) - *Dicionário de filosofia política*. S. Leopoldo, 2010; Lei fundamental, in: BARRETO, V. de P. (ed.) - *Dicionário de filosofia política*. São Leopoldo 2010; A polícia e o Rei-Legislator. In: BITTAR, E. (ed.) – *História do direito brasileiro*. São Paulo, 2003.

Publicou, ainda, artigos em periódicos especializados no Brasil e no exterior.

Rio de Janeiro, 10 de maio de 2017. Ass.: Vasco Mariz, Antonio Izaías da Costa Abreu, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Miridan Britto Falci, Cybelle Moreira de Ipanema, João Mauricio de Araújo Pinho, Arnaldo Niskier, Dora Alcântara, Cândido Mendes, Vera Lucia Bottrel Tostes, Victorino Chermont de Miranda, Melquíades Pinto Paiva, Ondemar Dias, Antonio Celso Alves Pereira, Sergio Paulo Muniz Costa, Maria Cecília Londres Ferreira e Arno Wehling.

SÓCIO TITULAR

Carlos Eduardo de Almeida Barata

Proposta

Propomos para Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o Sócio Honorário Carlos Eduardo de Almeida Barata, em vaga decorrente do falecimento de Jonas de Moraes Correia Neto. Atuante nas áreas de pesquisa genealógica e história, Carlos Eduardo de Almeida Barata é especialista na história do Rio de Janeiro. Ex-Presidente do Colégio Brasileiro de Genealogia e Sócio honorário do IHGB desde 2009, tem colaborado com a Casa, apresentando trabalhos, participando de eventos dirigindo o Museu do Instituto. Na atual gestão, assumiu a direção de Informática e Disseminação da Informação do IHGB.

É autor, entre outras, das obras *Origens de algumas famílias paraenses (não lusitanas)*. O Liberal, Belém, 14 de maio de 1985, 1º Caderno, fls. 21; *Os herdeiros do poder*. Rio de Janeiro: Revan, 1994; 2ª ed. em 1995. Em co-autoria com Francisco Antonio Dória, Jorge Ricardo Fonseca, Ricardo Teles Araújo e Gilson Nazareth. Obra premiada pela Confédération Internationale de Généalogie et d'Héraldique; *Presidentes do Senado no Império: uma radiografia histórica, genealógica, social, política e diplomática do Brasil Imperial*. Brasília: Senado Federal, 1997. Prefácio de José Sarney; *Dicionário das famílias brasileiras: um livro sem fim*. Rio de Janeiro [s.n.], 1999. Tomo I, 2 v.: acompanha o CD-ROOM. 2ª tiragem 2000. Em coautoria com Antonio Henrique da Cunha Bueno; *De Engenho a Jardim: memórias históricas do Jardim Botânico*. Rio de Janeiro: Capivara, 2008. Em coautoria com Claudia Braga Gaspar. Prefácio de Elysio de Oliveira Belchior.

Rio de Janeiro, 10 de maio de 2017. Ass.: Vasco Mariz, Maria de Lourdes Viana Lyra, Antonio Izaías da Costa Abreu, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Marcos Guimarães Sanches, Cybelle Moreira de Ipanema, Miridan Britto Falci, João Mauricio de Araújo Pinho, Arnaldo Niskier, Dora Alcântara, Cândido Mendes, Sergio Paulo Muniz Costa, Vera Lucia Bottrel Tostes, Victorino Chermont de Miranda, Melquíades Pinto Paiva, Maria Cecília Londres Ferreira, Pedro Karp Vasquez, Ondemar Dias e Arno Wehling.

SÓCIO HONORÁRIO

Christian Edward Cyril Lynch

Proposta

Propomos para Sócio Honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o Prof. Dr. Christian Edward Cyril Lynch, em vaga decorrente da

transferência de categoria de Antonio Celso Alves Pereira. Graduado em Direito pela UNIRIO, mestre em Direito pela PUC-RJ e Doutor pelo IUPERJ, é pesquisador da Fundação Casa de Rui Barbosa e professor do Instituto de Estudos Políticos e Sociais (IESP) da UERJ e da Universidade Veiga de Almeida.

Participou de eventos científicos promovidos pelo IHGB e apresentou comunicações à Cephass na área de história do pensamento político.

É autor de *Monarquia sem despotismo e liberdade sem anarquia: o pensamento político do Marquês de Caravelas* (UFMG, 2014 – prefácio de Antônio Manuel Hespanha) e de *Da Monarquia à Oligarquia: história institucional e pensamento político brasileiro (1822-1930)* (Alameda, 2014). Tem ainda em seu currículo 50 artigos publicados em periódicos acadêmicos, 45 capítulos de livro, 21 comunicações e 52 palestras em diversos seminários, congressos e seminários.

Rio de Janeiro, 10 de maio de 2017. Ass.: Vasco Mariz, Antonio Izaías da Costa Abreu, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Cybelle Moreira de Ipanema, Miridan Britto Falci, João Mauricio de Araújo Pinho, Arnaldo Niskier, Dora Alcântara, Cândido Mendes, Sergio Paulo Muniz Costa, Vera Lucia Bottrel Tostes, Victorino Chermont de Miranda, Melquíades Pinto Paiva, Maria Cecília Londres Ferreira, Pedro Karp Vasquez, Ondemar Dias, Antonio Celso Alves Pereira e Arno Wehling.

SÓCIO HONORÁRIO

Joaquim de Arruda Falcão Neto

Proposta

Propomos para sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na vaga aberta pelo falecimento de Jarbas Passarinho, o advogado Joaquim de Arruda Falcão Neto, diplomado pela PUC-Rio e com mestrado pela Harvard Law School, em Direito e Economia, e em Planejamento da Educação, pela Universidade de Genebra, por onde também se doutorou em Educação.

Foi professor e diretor da Faculdade de Direito da PUC-Rio, presidente do Comitê de Direito da Capes, depois CNPq, consultor da Finep, membro do Conselho Consultivo do IPHAN, co-fundador da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), presidente da Fundação Nacional Pró-memória, secretário-geral da Fundação Roberto Marinho, e fundador da Faculdade de Direito – Rio, da FGV, de que é atualmente diretor, e membro, em dois mandatos, do Conselho Nacional de Justiça.

No Recife, onde residiu por certo tempo, lecionou Sociologia do Direito, na Universidade Federal de Pernambuco, e foi fundador do Departamento de Ciência Política da FJN, no Recife, superintendente de Documentação do Museu do Homem do Nordeste e da Editora Massangana.

Autor de extensa produção, nas áreas de Ciência Política, Cultura e Patrimônio Cultural, e de marcante presença na mídia escrita e televisiva e nos movimentos de defesa da cidadania, é colunista de *O Globo* e da *Folha de São Paulo*. Dentre seus trabalhos, destacam-se os livros *A Favor da Democracia* (com prefácio de Raimundo Faoro), *Democracia, Direito e Terceiro Setor* (2006) e *O Supremo* (2015) e, em coautoria, o recém-publicado *Onze Supremos: o Supremo em 2016* (2017) e ensaios biográficos sobre Gilberto Freyre e Roberto Marinho.

Rio de Janeiro, 10 de maio de 2017. Ass.: Vasco Mariz, Maria de Lourdes Viana Lyra, Antonio Izaías da Costa Abreu, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Marcos Guimarães Sanches, Cybelle Moreira de Ipanema, Miridan Britto Falci, João Mauricio de Araújo Pinho, Arnaldo Niskier, Dora Alcântara, Sergio Paulo Muniz Costa, Vera Lucia Bottrel Tostes, Victorino Chermont de Miranda, Melquíades Pinto Paiva, Maria Cecília Londres Ferreira, Pedro Karp Vasquez, Ondemar Dias e Arno Wehling.

SÓCIA EMÉRITA

Marilda Corrêa Ciribelli

Proposta

Propomos para Sócia emérita do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a Sócia Titular Marilda Corrêa Ciribelli, em vaga decorrente do falecimento de Lêda Boechat Rodrigues. Professora universitária de larga atuação, titular da UFRJ, foi eleita para o IHGB, em 1989, sócia honorária, passando em 2007 a Sócia Titular. Participou de diversas atividades no Instituto, como comunicações, conferências e comissões, bem como de eventos aqui realizados, inclusive do Colóquio Luso-Brasileiro sobre a transferência da Corte para o Brasil, em 2008. Tornou-se membro do Conselho Fiscal do IHGB em 2008.

Rio de Janeiro, 10 de maio de 2017. Ass.: Vasco Mariz, Maria de Lourdes Viana Lyra, Antonio Izaías da Costa Abreu, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Marcos Guimarães Sanches, Cybelle Moreira de Ipanema, Miridan Britto Falci, João Mauricio de Araújo Pinho, Arnaldo Niskier, Dora Alcântara, Cândido Mendes, Sergio Paulo Muniz Costa, Vera Lucia Bottrel Tostes, Victorino Chermont de Miranda, Melquíades Pinto Paiva, Maria Cecília Londres Ferreira, Pedro Karp Vasquez, Ondemar Dias e Arno Wehling.

SÓCIA CORRESPONDENTE BRASILEIRA

Marilene Corrêa da Silva Freitas

Proposta

Propomos para Sócia Correspondente Brasileira do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a Prof^a Dr^a Marilene Corrêa da Silva Freitas, em vaga decorrente do falecimento de Ático Frota Vilas Boas da Motta. Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas, é Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP. Possui pós-doutoramento na Universidade de Caen e na UNESCO.

É professora da Universidade Federal do Amazonas, onde atua na produção e na pós-graduação. Membro da Academia Amazonense de Letras e Presidente do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

Publicou, entre outros, os seguintes trabalhos:

Artigos – The contours of the processes of nature and science education. *International Journal of Sociology of Education*, v. 5, p. 1-22, 2016; Joaquim Nabuco e a inteligência estratégica na formação intelectual. *Revista da Academia Amazonense de Letras*, v. 35, p. 75-100, 2016; New Sustainability Dimensions: An Illustrative Case, *Amazonia European Journal of Sustainable Development*, v. 4 p. 347-358, 2015. *European Journal of Sustainable Development* (2015), 4, 2, 347-358; Institucionalização da educação escolar Indígena no Brasil. *Voices dos Vales*, v. 01, p. 01-22, 2014.

Livros – *Amazônia: passado-presente-futuro*, 1^a ed. Curitiba: Editora Juruá Publishers, 2016, v. 1, 178 p.; *Caminhos Metodológicos do processo de pesquisa e de Construção do Conhecimento*, 1 ed., Manaus: EDUA - Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2016. v. 1, 176p.; *Diálogos Interdisciplinares e educação*. 1 ed., Manaus: Valer, 2016. v. 1. 220p.; *Sustainability: Man-Amazonia-World*. 1 ed., America Star Books Publisher, 2014. v. 1. 300p.; *Metamorfose da Amazônia*. 2 ed., Manaus, Editora Valer, 2013. v. 1. 219p.;

Rio de Janeiro, 10 de maio de 2017. Ass.: Vasco Mariz, Maria de Lourdes Viana Lyra, Antonio Izaías da Costa Abreu, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Marcos Guimarães Sanches, Cybelle Moreira de Ipanema, Miridan Britto Falci, João Mauricio de Araújo Pinho, Arnaldo Niskier, Dora Alcântara, Cândido Mendes, Sergio Paulo Muniz Costa, Vera Lucia Bottrel Tostes, Victorino Chermont de Miranda, Melquíades Pinto Paiva, Maria Cecília Londres Ferreira e Arno Wehling.

SÓCIO TITULAR

Mauricio Vicente Ferreira Júnior

Proposta

Propomos para Sócio Titular o Professor Mauricio Vicente Ferreira Júnior, Sócio Honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em vaga decorrente da transferência de categoria de Antonio Gomes da Costa. Para além de seus méritos como professor universitário de História, pesquisador e diretor do Museu Imperial de Petrópolis, o Prof. Mauricio Ferreira Jr. tem colaborado permanentemente com o IHGB, inclusive em iniciativas como a da sessão itinerante da Cephas que se realiza, anualmente, nas dependências daquela instituição, por ocasião do aniversário de nascimento do Imperador D. Pedro II, patrono do Instituto.

Rio de Janeiro, 10 de maio de 2017. Ass.: Vasco Mariz, Maria de Lourdes Viana Lyra, Antonio Izaías da Costa Abreu, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Marcos Guimarães Sanches, Cybelle Moreira de Ipanema, Miridan Britto Falci, João Mauricio de Araújo Pinho, Arnaldo Niskier, Dora Alcântara, Cândido Mendes, Sergio Paulo Muniz Costa, Vera Lucia Bottrel Tostes, Victorino Chermont de Miranda, Melquíades Pinto Paiva, Maria Cecília Londres Ferreira, Pedro Karp Vasquez, Ondemar Dias e Arno Wehling.

SÓCIO CORRESPONDENTE BRASILEIRO

Ricardo Marcelo Fonseca

Proposta

Propomos para Sócio Correspondente brasileiro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca, do Paraná, em decorrência de ampliação de vaga por determinação estatutária (art. 2º, inciso III). Graduado em Direito e em História pela Universidade Federal do Paraná, é doutor em Direito por esta Universidade e Pós Doutor pela Università degli Studi di Firenze, sob a supervisão do Prof. Paolo Grossi Pesquisador do CNPq, foi presidente do Instituto Brasileiro de História do Direito, diretor da Faculdade de Direito da UFPR, onde atualmente é Reitor.

Principais publicações (livros): *Introducción teórica a la historia del derecho*. 1. ed. Madrid: Editorial Dykinson, 2012. v. 200. 167p.; *Nova história brasileira do direito: ferramentas e artesanias*. 1. ed. Curitiba: Juruá Editora, 2012. v. 1000. 313p.; *Introdução Teórica à História do Direito*. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2009. v. 1000. 174p. *História do direito em perspectiva: do artigo regime à modernidade*. (Seelaender, Airton org.) 1. ed. Curitiba: Juruá

Editora, 2008. v. 1000. 463p.; Repensando a teoria do Estado. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora Forum, 2004. v. 1000.

Possui ainda capítulos de livros em obras coletivas e artigos em periódicos especializados no Brasil e no exterior.

Rio de Janeiro, 10 de maio de 2017. Ass.: Vasco Mariz, Antonio Izaías da Costa Abreu, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Miridan Britto Falci, Cybelle Moreira de Ipanema, João Mauricio de Araújo Pinho, Arnaldo Niskier, Dora Alcântara, Cândido Mendes, Vera Lucia Bottrel Tostes, Victorino Chermont de Miranda, Melquíades Pinto Paiva, Ondemar Dias, Antonio Celso Alves Pereira, Sergio Paulo Muniz Costa, Maria Cecília Londres Ferreira e Arno Wehling.

SÓCIO HONORÁRIO

Sergio Eduardo Moreira Lima

Proposta

Propomos para sócio honorário do IHGB o Embaixador Sergio Eduardo Moreira Lima, em vaga decorrente do falecimento do sócio Luiz Felipe Lampreia. É diplomata de carreira, com cursos de formação, aperfeiçoamento e de Altos Estudos do Instituto Rio Branco (CAE). Formado em Direito pela UERJ, fez mestrado em Direito Internacional Público pela Universidade de Oslo. Foi Professor do IRBr e examinador de teses do CAE. Serviu nas Embaixadas em Washington, Lisboa, Londres, Tel Aviv (cumulativa com Ramallah), Oslo e Budapeste e na Missão junto às Nações Unidas em Nova Iorque. Exerceu, entre outras funções, a de Diretor de Departamento de Política Comercial, Secretário de Controle Interno, Diretor do Instituto de Pesquisas em Relações Internacionais (IPRI) e é Presidente da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG). Organizou Resenha de Política Exterior do Brasil (1974) e documentos históricos da gestão Azeredo da Silveira (1974-1979), que se encontram no CPDOC/FGV. Criou os Cadernos de Política Exterior, em 2014. É autor de livros e ensaios, como Imunidade Diplomática, Instrumento de Política Externa, baseado em sua tese de CAE (relator Celso Lafer) e com prefácio de Francisco Rezek; *A Time For Change*, com prefácio Shimon Perez; *The Expanding Powers of the UN security Council and the Rule of Law in International Relations*; *A Reflection on the Universality of Human Rights, Democracy and the Rule of Law*; Diplomacia e Academia; Oriente Médio e as Credenciais Brasileiras; Direito do Mar, Nota sobre uma Narrativa de Valores; O Brasil e a Independência de Angola; Democratização do Conhecimento das Relações Internacionais; Portugal e a Gênese do Pensamento Diplomático Brasileiro.

Organizou, entre outros, *Visões da Obra de Hélio Jaguaribe*; *Quarenta Anos de Relações Brasil Angola*; *Varnhagen, Diplomacia e Pensamento Estratégico*; *Pedro Teixeira, a Amazônia e o Tratado de Madri*; *Brasil e China, 40 Anos de Relações Diplomáticas*; e *A Importância da Espanha para o Brasil*. Concebeu e executou projetos de pesquisas, estudos, traduções relevantes para o conhecimento da História e das Relações Internacionais, além de palestras em conceituadas instituições acadêmicas nacionais e estrangeiras e também artigos na mídia sobre temas de interesse histórico. Rio de Janeiro, 10 de maio de 2017. Ass.: Vasco Mariz, Antonio Izaías da Costa Abreu, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Candido Mendes, Miridan Britto Falci, João Mauricio de Araújo Pinho, Arnaldo Niskier, Dora Alcântara, Cândido Mendes, Vera Lucia Bottrel Tostes, Victorino Chermont de Miranda, Melquíades Pinto Paiva, Maria Cecília Londres Ferreira, Pedro Karp Vasquez, Ondemar Dias, Antonio Celso Alves Pereira e Arno Wehling.

SÓCIA EMÉRITA

Sonia Aparecida de Siqueira

Proposta

Propomos para Sócia Emérita do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a Sócia Correspondente brasileira Sonia Aparecida de Siqueira, em vaga decorrente do falecimento de Consuelo Pondé de Sena. Professora Emérita da Universidade de São Paulo, onde fez toda a carreira acadêmica, foi também docente das Universidades de Taubaté e professora visitante da UNIRIO e da UERJ. Autora de diversas obras, é especialista em História da Inquisição, estudo do qual foi pioneira no Brasil. No IHGB colaborou durante algum tempo com o Projeto Memória dos Sócios.

Rio de Janeiro, 10 de maio de 2017. Ass.: Vasco Mariz, Maria de Lourdes Viana Lyra, Antonio Izaías da Costa Abreu, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Marcos Guimarães Sanches, Cybelle Moreira de Ipanema, Miridan Britto Falci, João Mauricio de Araújo Pinho, Arnaldo Niskier, Dora Alcântara, Cândido Mendes, Sergio Paulo Muniz Costa, Vera Lucia Bottrel Tostes, Victorino Chermont de Miranda, Melquíades Pinto Paiva, Maria Cecília Londres Ferreira, Pedro Karp Vasquez, Ondemar Dias e Arno Wehling.

SÓCIO HONORÁRIO BRASILEIRO

Pedro Pinchas Geiger

Proposta

Apresentamos a PROPOSTA de um estudioso que milita em área pouco aqunhoada no âmbito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a

de *Geografia*, sendo poucos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro oriundos de cursos de formação de Geógrafos ou com atuação nesse ramo do conhecimento humano.

Pedro Pinchas Geiger formou-se academicamente, entre 1939 e 1970 cursando Universidades brasileiras e estrangeiras: graduação em Geografia (Universidade Federal do Rio de Janeiro, ex-Universidade do Brasil), Université Joseph Fourier (UJF), em Grenoble, França, em Curso de especialização em Geografia, 40 horas, e coroamento com um *Doutorado*, em Programa de Pós-Graduação em Geografia, na UFRJ, com orientação do professor Delgado de Carvalho, com o título geral de Geografia Econômica, englobado na grande área de Ciências Humanas, com o setor de atividade de Desenvolvimento Urbano.

A partir deste, sua atuação profissional têm sido em Universidades Brasileiras e do Exterior, na condição de Professor Visitante, em Cursos de Pós-Graduação (mestrado) e graduação. Na UERJ, Brasil, com carga de 40 horas ministrou Geografia em Tempos de Globalização e Pós-modernidade, Geografia Brasileira e Geografia Humana, desdobrado em Pesquisa e Desenvolvimento (na linha de pesquisa Globalização, Políticas Públicas e Reestruturação Territorial) e Ensino e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Geografia, em nível de Pós-Graduação, ministrando Geografia Brasileira.

Na mesma categoria funcional de Professor Visitante (40 horas), exerceu suas atividades na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade de São Paulo, com Curso sobre Pensamento Geográfico do Brasil.

Ainda na mesma categoria, Cursos sobre Urbanização e Regionalização no Brasil e na América Latina; na Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne, Paris 1, França; University of Toronto, no Canadá; e na Columbia University, Estados Unidos, sempre com fulcro no ensino em Pós-Graduação e Graduação em Geografia.

Quando atuou na Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, no Brasil, as categorias funcionais tinham mudado e Pedro Pinchas Geiger se enquadrou na de servidor público ou celetista, como Geógrafo Senior, em carga de 40 horas, com as especialidades Geografia Urbana, Regionalização, Análise Regional, Geografia Econômica e Geografia Política.

Sua produção bibliográfica traduz-se em livros publicados, só ou em coautoria, em destaque aos títulos *Dimensões do Desenvolvimento Brasileiro* (1978), *Evolução da Rede Urbana do Brasil* (1963), *Estudos Rurais na Baixada Fluminense* (1956), além de outros: *A Construção da Geografia Universitária no Rio de Janeiro*, *As Três Geografias da França*, *Mudanças no*

Espaço Econômico Brasileiro, Nova Formatação no Sistema Urbano Fluminense (conferência), bem como, alocação no Natural Museum of Women.

Rio de Janeiro, 17 de maio de 2017. Ass.: Vasco Mariz, Maria de Lourdes Viana Lyra, Antonio Izaías da Costa Abreu, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Marcos Guimarães Sanches, João Mauricio de Araújo Pinho, Arnaldo Niskier, Dora Alcântara, Cândido Mendes, Sergio Paulo Muniz Costa, Vera Lucia Bottrel Tostes, Victorino Chermont de Miranda, Maria Cecília Londres Ferreira, Ondemar Dias e Arno Wehling.

4.2 – Pareceres das Comissões

a – Comissão de Admissão de Sócios

PARECER DA COMISSÃO DE ADMISSÃO DE SÓCIOS

Parecer

Em 05 de julho de 2017, reuniu-se a Comissão de Admissão de Sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e, após examinar proposta e respectivo currículo para o sócio honorário e sócio correspondente brasileiro, decidiu recomendar à Assembleia os nomes de:

– para sócios correspondentes brasileiros Eduardo Diatahy, Marilene Corrêa, Airtton Seelaender e Ricardo Fonseca,

– para sócios honorários brasileiros Christian Lynch, Joaquim Falcão, Pedro Geiger e Sergio Eduardo Moreira Lima.

Ass.: Carlos Wehrs, Fernando Tasso Fragoso Pires, Alberto Venancio Filho e Alberto da Costa e Silva.

b – Comissão de História

PARECER DA COMISSÃO DE HISTÓRIA

Em 05 de julho de 2017, reuniu-se a Comissão de História de sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e, após o exame de todas as propostas apresentadas para sócios eméritos, titulares correspondentes brasileiros e honorários brasileiros, bem como dos respectivos currículos, decidiu recomendar à Assembleia:

Promoção à categoria de sócios eméritos: Marilda Corrêa Ciribelli e Sonia Aparecida Siqueira;

Promoção à categoria de sócios titulares: Carlos Eduardo de Almeida Barata e Mauricio Vicente Ferreira Junior;

Admissão ao quadro de correspondentes brasileiros: Airton Seelaender e Ricardo Fonseca

Admissão ao quadro de sócios honorários brasileiros: Christian Edward Cyril Lynch e Sergio Moreira Lima.

Ass.: Lucia Maria Paschoal Guimarães, Guilherme de Andrea Frota, Marcos Guimarães Sanches e Maria de Lourdes Viana Lyra.

c – Comissão de Ciências Sociais

PARECER DA COMISSÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Em 05 de julho de 2017, reuniu-se a Comissão de Ciências Sociais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e, após o exame de todas as propostas apresentadas para sócios honorários e correspondentes, bem como dos respectivos currículos, decidiu recomendar à Assembleia:

– admissão ao quadro de sócios honorários Joaquim de Arruda Falcão Neto

– admissão ao quadro de correspondentes brasileiros Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes e Marilene Corrêa da Silva Freitas.

Ass.: Antônio Celso Alves Pereira e José Murilo de Carvalho.

d – Comissão de Geografia

PARECER DA COMISSÃO DE GEOGRAFIA

Os membros da Comissão de Geografia, reunidos no dia 5 de julho de 2017, na Sala Teresa Cristina do IHGB, às 14h e 30min, concordam com a indicação do candidato Pedro Pinchas Geiger, conhecido estudioso da Geografia do Brasil e do mundo, para uma das vagas de sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde faltam, realmente, nomes representativos da área.

Rio de Janeiro, 5 de julho de 2017

Ass.: Armando de Senna Bittencourt, Cybelle Moreira de Ipanema, Miridan Britto Falci e Vera Lucia Cabana de Andrade.

II. 5 – Atas da Comissão de Estudos e Pesquisas Históricas – CEPHAS

1ª SESSÃO DA CEPHAS DE 22 DE MARÇO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Lucia Maria Paschoal Guimarães

Os trabalhos foram abertos pelo Presidente do IHGB, Arno Wehling, que cumprimentou os presentes e desejou a todos um bom início de ano acadêmico, aproveitando a oportunidade para divulgar as próximas atividades da CEPHAS, no dia 29 de março próximo, quando serão apresentados e lançados os livros dos sócios Carlos Francisco Moura (*O Rio de Janeiro nas notícias da Gazeta de Lisboa, 1715-1750*) e Luiz Felipe Seixas Corrêa (*Relações internacionais do Brasil. Antologia comentada de artigos da Revista do IHGB, 1841-2004*). Informou, ainda, que já se acham disponíveis as edições impressas dos nºs 470 e 471, da *R. IHGB*, que correspondem aos dois primeiros trimestres de 2016. Em seguida, Arno assinalou que a pauta da sessão de hoje tem o predomínio temático da Ordem de São Bento. Devido a uma alteração de última hora na programação da CEPHAS, esclareceu que caberia ele expor a primeira comunicação da tarde, intitulada “Ordem beneditina e garrote absolutista – o caso brasileiro”, trabalho que está intimamente relacionado com as intervenções subsequentes, preparadas por George Ermakoff e D. Mauro Frago, com o intuito de apresentar o livro “Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – 425 anos (1590-2015), da autoria de ambos.

Arno Wehling iniciou sua intervenção com uma reflexão teórica, em que procurou estabelecer as diferenças entre monarquia absoluta e absolutismo. Esclareceu que, na monarquia absoluta, o poder dos reis estava sujeito a certos limites, como, por exemplo, os privilégios da Igreja, das cidades e dos senhores. A passagem de uma concepção de monarquia absoluta, ainda que limitada, para o absolutismo setecentista foi acompanhada de mudanças organizacionais internas, nas quais o patrimonialismo cedeu lugar ao Estado burocrático. Neste processo, à luz de concepções mercantilistas, buscava-se neutralizar o poder daqueles setores. Em Portugal, o clero regular foi extremamente visado por essa política regalista. Muitas ordens religiosas eram grandes proprietárias, o que se apresentava como um duplo problema para a Coroa: seus bens eram entendidos como recursos que deixavam de ser aplicados para o engrandecimento do Estado e para a prosperidade econômica.

Ademais, os privilégios de que as ordens eram tão ciosas – recebidos do papado desde o Medievo – permitiam-nas maior refração à desejada centralização absoluta, sendo mesmo considerada uma fonte de interferência de Roma em assuntos internos do Reino, o que gerou a determinação da necessidade de placitação de papéis emanados de Roma. Somem-se a isso algumas crenças da época: desregramento dos religiosos, mau exemplo social, entrave para o crescimento populacional (causado pelo celibato) e carência de braços para as atividades econômicas. De qualquer modo, o controle regalista apertava o garrote no clero regular. Assim, em 1762 e 1764, foi proibido o ingresso de noviços nos conventos regulares. Em 1766 e 1769, foram promulgadas leis que restringiam o direito dos testadores de deixarem seus bens a associações religiosas. De tempos em tempos, levantamentos de bens e de número de frades das ordens passaram a ser exigidos pelo governo. Mais tarde, em 1779, a Coroa determinou a obrigatoriedade de licença episcopal para a atuação de regulares em confissão e em celebração de missas, sob pena de excomunhão, tendo sido definida uma série de poderes dos bispos sobre os frades. Na década de 1790, o governo português ordenou a venda das propriedades das ordens no Brasil, porém, a dificuldade em encontrar compradores acabou por levar à suspensão da medida. A historiografia, no caso brasileiro, enfatiza bastante a situação dos jesuítas frente a política regalista da coroa portuguesa. Contudo, há que se salientar que outras ordens também foram afetadas por aquelas medidas, a exemplo da Ordem de São Bento, cuja presença na colônia data do final do século XVI, com mosteiros na Bahia, Rio de Janeiro, Olinda, São Vicente e Paraíba. Os beneditinos reagiram contra a política regalista, valendo-se de duas estratégias: impetrando recursos judiciais, em defesa dos bens da Ordem e fazendo doações em dinheiro. Não obstante, a burocracia absolutista conseguiu enfraquecer bastante o poder dos beneditinos, que apesar do garrote conseguiram sobreviver.

Comentários: Os convidados Nireu Cavalcanti e Paulo Albuquerque Maranhão, assim como os sócios Vera Cabana e Armando de Senna Bittencourt, cumprimentaram o expositor e levantaram questões pertinentes, que foram por ele devidamente respondidas.

Na sequência, Arno Wehling convocou à mesa os convidados George Ermakoff e D. Mauro Fragoso, autores do livro “Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – 425 anos (1590-2015)”. George Ermakoff é economista e editor. Entre outras obras, publicou *Bibliotecas Brasileiras*; Genevieve Naylor, *uma fotografia norte-americana no Brasil, 1940-1942*; A trilogia *Rio de Janeiro, uma crônica fotográfica, 1840-1900, 1900-1930, 1930-1960*; *Paisagem do Rio de Janeiro: aquarelas, desenhos e gravuras dos artistas viajantes, 1790-1890*; *Theatro Municipal do Rio de Janeiro: 100 anos*; Augusto Malta e o

Rio de Janeiro, 1903-1936; O negro na fotografia brasileira do século XIX e Juan Gutierrez, imagens do Rio de Janeiro, 1892-1896. Dom Mauro Maia Fragoso é monge do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, onde ingressou no ano de 1990, após concluir o curso de Pedagogia. Mestre em História e Crítica da Arte pela UFRJ e Doutor em Geografia, na linha de pesquisa, cultura e natureza, pela UERJ, é professor na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro e Diretor de Patrimônio do acervo beneditino fluminense.

Os palestrantes agradeceram o convite para apresentar a obra recém lançada na CEPHAS. Apoiados em farto material iconográfico, os autores correram sobre o conteúdo da contribuição, escrita em comemoração aos 425 anos do surgimento do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. George Ermakoff ofereceu um resumo histórico ilustrado da longa e exemplar trajetória do Mosteiro, consoante à organização dos três capítulos do livro, a saber: *O Mosteiro*, no qual se retomam os fatos mais significativos de sua existência, *A Igreja* e *O Colégio*, centrados, respectivamente, na história da Igreja Nossa Senhora do Monserrate e do Colégio de São Bento. Por sua vez, Dom Mauro Fragoso esclareceu que os beneditinos foram à segunda ordem a estabelecer raízes ininterruptas no Rio de Janeiro. Neste sentido, seu contributo foi muito importante para o desenvolvimento da cidade, seja pela assistência religiosa, seja pela interação com seu desenvolvimento econômico e com todas as camadas sociais de cada época atravessada. D. Mauro centrou sua intervenção no exame do conjunto arquitetônico do mosteiro e analisou suas principais obras de arte. Acentuou que preservação desse patrimônio significa salvar guardar a memória de monges e escravos, que trabalharam na edificação da igreja sobre a rocha firme, “história até então omitida pelos historiadores”, observando que poucas pessoas sabem da atuação de Antônio Teles, escravo com titulação de mestre pintor, e de seus oficiais na decoração desse templo. Lembrou, finalmente, que a construção e a ornamentação da igreja de Nossa Senhora do Monserrate constituem um marco na memória beneditina em todo o continente americano, uma vez que apenas o Brasil contou com a presença essa ordem durante todo o período colonial das três Américas,

Comentários: O convidado Paulo Albuquerque Maranhão, bem como os sócios João Eurípedes Franklin Leal, Armando de Senna Bittencourt, Dora Alcântara, Tasso Fragoso Pires e Maria Arair Pinto Paiva, felicitaram os expositores pela obra e teceram comentários pertinentes, seguindo-se animado debate.

Sessão Pinga-Fogo: A sócia Ismênia Lima Martins pediu a palavra para ler um voto de congratulações do Departamento de História da UFF, dirigido ao presidente Arno Wehling, pela sua eleição para a Academia Brasileira de Letras. Arno manifestou o seu contentamento e solicitou que Ismênia trans-

mitisse seus agradecimentos aos colegas da Universidade Federal Fluminense. A sócia Maria Arair Pinto Paiva informou que está disponível sobre a mesa publicação *Terra de Sol. Revista da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro*.

Nada mais havendo a tratar, Arno Wehling encerrou a sessão e convidou os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB, quando serão distribuídos aos sócios os últimos números publicados da *Revista*.

Frequência: assistentes

Número de sócios presentes: 19

Número de convidados: 21

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Maria Arair Pinto Paiva, Melquíades Pinto Paiva, Esther Caldas Bertoletti, Fernando Tasso Fragoso Pires, João Eurípedes Franklin Leal, Ondemar Dias, Marcos Guimarães Sanches, Getúlio Marcos Pereira Neves, Miranda Neto, Cláudio Aguiar, Vera Lucia Cabana de Andrade, Dora Alcântara, José Almino de Alencar, Carlos Francisco Moura, Lucia Bastos, Vera Lucia Tostes, Regina Wanderley e Lucia Guimarães.

2ª SESSÃO DA CEPHAS DE 29 DE MARÇO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

A sessão foi aberta pelo presidente, que saudou os presentes e solicitou à coordenadora para proceder à leitura da ata da sessão anterior, sendo ela aprovada sem correção. Em seguida, foi convocado à mesa o sócio correspondente para a apresentação do tema: *O Rio de Janeiro nas notícias da Gazeta de Lisboa 1715-1750*.

Após cumprimentar os presentes e expressar sua satisfação pela oportunidade de apresentar, na CEPHAS/IHGB, o 1º volume do livro recém-publicado, sob o título acima mencionado, com o resultado da pesquisa realizada, passou a explanar sobre o conteúdo, ou seja, esclareceu tratar-se da compilação de todas as notícias que, direta ou indiretamente, se referem ao Rio de Janeiro e que foram publicadas no mais antigo e longo periódico português. Iniciou com a análise sobre o modo de dizer e a maneira de escrever da época; seguindo com o comentário sobre as notícias elencadas:

assuntos administrativos; religiosos; atividades marítimas – exemplificadas pelo naufrágio da nau *Rainha dos Anjos*, em plena Baía da Guanabara; menção a piratas e a corsários –; exportações pelo porto do Rio de Janeiro de açúcar, de tabaco e, principalmente, de ouro; visitantes ilustres; atuação de governos; festejos – como a inauguração do Convento de Santa Teresa –; e notícias específicas sobre a cidade do Rio de Janeiro, em 1750. Isso, além de comentar sobre: o Glossário do século XVIII; os Índices: cronológico, alfabético, onomástico, toponímico; e a relação dos nomes de embarcações, apresentadas no final do livro.

Comentários: Os sócios Lúcia Guimarães, Lourdes Lyra, Arno Wehling e Miranda Neto cumprimentaram o confrade pela excelência do trabalho de pesquisa realizado, que, sem dúvida, será de grande valia aos demais pesquisadores e estudiosos da História do Brasil, sobretudo, aos que se dedicam à História do Rio de Janeiro. Sendo aconselhado a prosseguir no precioso levantamento até, pelo menos, o ano de 1808.

Na sequência, o presidente encerrou a sessão, convidando os presentes a se deslocarem para a *Sala Pedro Calmon*, para assistirem à apresentação do sócio Luiz Felipe Seixas Correia sobre o tema do livro, por ele organizado, a ser lançado em seguida, intitulado: *Relações internacionais do Brasil. Antologia comentada de artigos da Revista do IHGB, 1841-2004*.

Frequência:

Número de sócios presentes: 23

Número de convidados: 14

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Maria Arair Pinto Paiva, Melquíades Pinto Paiva, Miridan Britto Falci, Fernando Tasso Fragoso Pires, Antonio Izaías da Costa Abreu, João Eurípedes Franklin Leal, Ondemar Dias, Alberto Venancio Filho, Marcos Guimarães Sanches, Miranda Neto, Vera Lucia Cabana de Andrade, Dora Alcântara, Carlos Francisco Moura, Guilherme Frota, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Lucia Guimarães, Marcos de Azambuja, Lucia Bastos, Maria Luiza Penna Moreira, Marcilio Marques Moreira, Antonio Celso Alves Pereira e Maria de Lourdes Viana Lyra.

3ª SESSÃO DA CEPHAS DE 19 DE ABRIL DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Victorino Chermont de Miranda

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

A sessão foi aberta pelo presidente, que saudou os presentes e solicitou à coordenadora para proceder à leitura da ata da sessão anterior, sendo ela aprovada se correção. Em seguida, foi chamada à mesa a convidada, Cristiane Maria Marcelo para apresentar o tema: *Diplomacia a serviço do Império: Duarte da Ponte Ribeiro e a promoção dos interesses da Monarquia nas Repúblicas do Pacífico (1829-1841)*.

Após agradecer o convite e expressar satisfação pela oportunidade de apresentar na CEPHAS/IHGB, a convidada – doutora em História pela UERJ e professora da rede municipal do Rio de Janeiro –, passou a expor o tema, esclarecendo tratar-se de parte do trabalho de pesquisa para a elaboração de sua tese de doutorado e ressaltando que, embora seja uma problemática pouco explorada na trajetória de Duarte da Ponte Ribeiro, a atividade diplomática do personagem enfocado constitui importante referência no estudo do conturbado relacionamento político do Império com as repúblicas vizinhas uma vez que suas missões pelo Peru, pela Bolívia, pelo México e pela Confederação Argentina transformaram este homem de governo em um perito nos assuntos relacionados à América espanhola. Em seguida, explicou que, tomando por base as missões por ele encabeçadas às repúblicas do Peru e da Bolívia, durante a década de 1830, e as memórias escritas sobre a temática da integração americana, elaboradas ao longo da sua trajetória, o objetivo da apresentação é discutir as impressões do diplomata sobre os governos vizinhos, as estratégias para promover uma maior aproximação da monarquia com os mesmos e o papel a ser assumido pelo Império nos congressos que almejavam alguma perspectiva de união americana.

Comentários: Os sócios Lúcia Guimarães, Lourdes Lyra, Senna Bittencourt, e os visitantes Pedro Geiger e Antônio Xavier felicitaram a professora pela importância do estudo sobre as relações do Brasil imperial com os países vizinhos e pela abordagem original do tema, apresentado de forma clara e didática.

Em seguida, foi chamada à mesa a segunda convidada, Érica Sarmiento Silva – professora adjunta de História de América da UERJ e professora titular do Programa de Mestrado em História da Universidade Salgado de Oliveira – para apresentar o tema: *Estudos comparados e historiografia da emigração galega no Rio de Janeiro e Buenos Aires (1870-1930)*. Após agradecer o convite e expressar satisfação pela oportunidade de apresentar na CEPHAS/IHGB, inicialmente, a professora esclareceu que a pesquisa objetiva abordar, de maneira sucinta, a historiografia argentina e brasileira no período da Grande Imigração (1880-1930), priorizando o estudo do associativismo galego nas cidades de Buenos Aires e Rio de Janeiro. Explicou, em seguida, que o associativismo representou um importante campo de ação e

de visibilidade desse grupo imigratório tanto na sociedade de origem, como nas sociedades de recepção, recriando identidades e contribuindo com as remessas para o desenvolvimento da sociedade agrícola galega. Por meio da metodologia dos estudos comparados, pretende-se analisar algumas diferenças e semelhanças da coletividade galega, o avanço da historiografia acerca da temática e as fontes utilizadas.

Comentários: As sócias Lúcia Guimarães, Lourdes Lyra, e os visitantes Pedro Geiger, Lená Medeiros, Antônio Xavier, Denise Porto e Celso Louzada parabenizaram a professora pela elaboração do estudo comparado sobre a emigração galega, temática quase inexplorada pela historiografia, mas de comprovado interesse pela discussão suscitada.

Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão e convidou os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 07

Número de convidados: 13

Relação dos sócios presentes: Victorino Chermont, Dora Alcântara, Carlos Francisco Moura, Guilherme Frota, Miridan Britto Falci, Lucia Guimarães e Maria de Lourdes Viana Lyra.

4ª SESSÃO DA CEPHAS DE 26 DE ABRIL DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Victorino Chermont de Miranda

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

A sessão foi aberta pelo presidente que saudou os presentes e solicitou à coordenadora para proceder à leitura da ata da sessão anterior, sendo a sem correção. Em seguida, foi chamada à mesa o convidado Luiz Felipe Ferrão – Mestre em História pela UERJ; Doutorando pela UFRJ; pós-graduado lato-senso em Relações Internacionais pela UCAM; Professor da Rede pública municipal do Rio de Janeiro –, para apresentar o tema: *Instituto Arqueológico Geográfico Pernambucano: um tributo a memória regional (1848-1911)*

Após agradecer o convite e expressar sua emoção pela grande honra de se apresentar na magna Instituição, sede do saber histórico, o professor passou à apresentação do tema de pesquisa desenvolvido para a preparação de sua dissertação de mestrado que versa sobre a história da criação do Instituto

Arqueológico Geográfico Pernambucano, em 1862, cuja meta principal foi a defesa da memória local e, cuja data de criação, constituía-se numa referência direta à Restauração Pernambucana, fato marcante ocorrido em 1654, com a expulsão definitiva dos holandeses em terras do Brasil. Explicou que procurou desenvolver a análise em múltiplas direções, concluindo que, diante de um passado recente problemático, o IAGP optou pelo silêncio quando o assunto gravitava em torno das revoluções oitocentistas que convulsionaram a Província, mas, com o advento da República, o Instituto passou a lutar, bravamente, para transformar aquelas mesmas revoluções em fatos nacionais e os seus mártires em heróis da República nascente.

Comentários: Os sócios Alberto Venâncio, Claudio Aguiar, Maria de Lourdes Lyra, Victorino Chermont de Miranda, e o visitante Pedro Geiger cumprimentaram o expositor pela validade do tema analisado e levantaram inúmeros questionamentos sobre o que fora exposto, animando o debate.

Em seguida, foi convidado à mesa o segundo convidado, Christian Lynch – Doutor em Ciência Política pelo antigo IUPERJ; Professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ); Pesquisador da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), Professor da pós-graduação em Direito da Universidade Veiga de Almeida (UVA). Autor de *Monarquia sem despotismo e liberdade sem anarquia: o pensamento político do Marquês de Caravelas* (2014) e *Da monarquia à oligarquia: história institucional e pensamento político brasileiro* (2014) -, para apresentar o tema: *Alberto Torres e o pensamento nacionalista no Brasil*, em homenagem ao centenário de falecimento do pensador, que foi sócio do IHGB.

Após agradecer o convite e expressar satisfação pela oportunidade de mais uma vez, se apresentar na sessão da CEPHAS/IHGB, o professor passou à abordagem do tema, afirmando que Alberto Torres, nascido em 1865 e falecido em 1917, foi, ao lado de Rui Barbosa, o mais influente pensador político do século vinte brasileiro; que, na qualidade de pai do pensamento nacionalista brasileiro, sua influência foi avassaladora a partir da década de 1920 e se fez sentir, tanto à direita quanto à esquerda, em autores como Oliveira Vianna, Cândido Motta Filho, Virgínio Santa Rosa, Plínio Salgado, Guerreiro Ramos, Nélson Werneck Sodré, Golbery do Couto e Silva, João Camilo de Oliveira Torres e Barbosa Lima Sobrinho. Acrescentando que, para recordá-lo, neste que é o centenário de sua morte, a comunicação recordará a trajetória política e intelectual do homenageado, pontuando sua obra política; o contexto político e intelectual em que ela foi produzida; os principais temas de seu pensamento e sua fortuna crítica.

Comentários: os sócios José Almino, Maria de Lourdes Lyra, Lúcia Guimarães, Maria Luísa Pena, e os visitantes Paulo de Albuquerque Maranhão, Pedro Geiger, Luciene Cardoso, felicitaram o expositor pela abordagem clara e objetiva apresentada, levantando questões fundamentais à discussão política da época e sobre as diversas vagas de nacionalismo então existentes.

Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão, anunciou a programação da próxima semana e convidou os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 11

Número de convidados: 7

Relação dos sócios presentes: Victorino Chermont, Vera Lucia Cabana de Andrade, Fernando Tasso Fragoso Pires, Alberto Venancio Filho, João Eurípedes Franklin Leal, Cláudio Aguiar, Maria Luíza Penna Moreira, Odeimar Dias, Marcílio Marques Moreira, Lucia Guimarães e Maria de Lourdes Viana Lyra.

5ª SESSÃO DA CEPHAS DE 03 DE MAIO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

A sessão foi aberta pelo presidente que saudou os presentes e solicitou à coordenadora para proceder à leitura da ata da sessão anterior, sendo ela aprovada sem correção. Em seguida, foi chamado à mesa o convidado Don Mauro Maia Fragoso – monge do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, onde atua como professor e diretor de patrimônio. Mestre em História e Crítica da arte pela UFRJ e Doutor em Geografia, na linha de pesquisa natureza e cultura, pela UERJ – para apresentar o tema: *Grafia & iconografia: Traços identitários na Escola de Serviço do Senhor – Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro (1602-1802)*

Após agradecer o convite e expressar sua satisfação pela oportunidade de apresentar numa sessão da CEPHAS/IHGB, o tema da tese de doutorado apresentada na UERJ, Don Mauro passou a expor sobre o objeto em pauta. Inicialmente, esclareceu o sentido do título – Grafia e iconografia – que é a análise de 147 *Cartas de profissão* religiosa de noviços que professaram no

Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro entre os anos de 1602 e 1802. Em seguida, informou que, em alguns casos, cruzando as informações contidas nas *Cartas de profissão* com outros dados fornecidos por outras fontes, foi possível delinear a trajetória dos indivíduos que perseveraram nas promessas feitas à Congregação beneditina luso-brasileira; que as primeiras profissões religiosas ocorridas no cenóbio fluminense remontam a 1602; que o ano de 1802 foi estabelecido como limite do recorte temporal, tendo em vista a ornamentação de um desses manuscritos estudados; e que os anos de 1602 e 1802 não devem ser entendidos como recorte temporal estanque. Pelo contrário, devem ser entendidos como sinalizadores de uma sociedade em movimento.

Comentários: Os sócios Maria de Lourdes Lyra, Dora Alcântara, Cláudio Aguiar, Armando Alexandre dos Santos, os visitantes Pedro Geiger, Paulo Albuquerque Maranhão cumprimentaram o expositor pela excelência da pesquisa sobre a estrutura organizacional dos beneditinos. O presidente Arno Wehling ressaltou a ideia de rede, utilizada na análise do tema, como uma concepção muito fecunda.

Em seguida, foi convidado à mesa o sócio correspondente, Armando Alexandre dos Santos, para falar sobre o tema: *Do Império para a República: a figura esquecida de Brasília Machado (1848-1919)*. Após cumprimentar os consócios e os demais presentes, o expositor passou falar sobre um personagem com importância reconhecida no seu tempo e hoje esquecido, recordando os principais traços da trajetória do intelectual católico, político, jurista e literato Brasília Augusto Machado de Oliveira, que foi membro do IHGB e teve intensa atuação pública na fase final do Império e nas primeiras décadas da República brasileira. Acrescentou ter sido ele um exemplo de pessoas que, como Carlos de Laet, Rio Branco, Joaquim Nabuco e João Alfredo, colaboraram, pontualmente e de modo expressivo, com a República, sem renunciar a suas convicções monárquicas.

Comentários: Os sócios Arno Wehling, Maria de Lourdes Lyra e o visitante Pedro Geiger felicitaram o expositor pela homenagem prestada ao ilustre personagem.

Nada mais havendo a tratar, o presidente anunciou a programação da próxima semana e encerrou sessão, convidando os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 11

Número de convidados: 10

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Carlos Francisco Moura, Miranda Neto, Armando Alexandre dos Santos, Armando de Senna Bittencourt, Antonio Celso Alves Pereira, João Eurípedes Franklin Leal, Cláudio Aguiar, Dora Alcântara, Lucia Guimarães e Maria de Lourdes Viana Lyra

6ª SESSÃO DA CEPHAS DE 10 DE MAIO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Lucia Maria Paschoal Guimarães

Os trabalhos foram abertos pelo Presidente do IHGB, Arno Wehling, que cumprimentou os presentes, deu alguns informes e solicitou um minuto de silêncio em razão do falecimento do sócio emérito Dr. Antonio Gomes da Costa.

Após a homenagem, Arno Wehling chamou à mesa a primeira convidada da tarde, professora Maria José Azevedo Santos para apresentar a comunicação “O valor das letras em tempos de Luís de Camões”. Professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, membro da Academia Portuguesa da História, sócia fundadora da Sociedade de Estudos Medievais e integra o Comité Internacional de Paléographie Latine, tem dedicado boa parte de suas pesquisas e de sua carreira docente aos estudos de Paleografia, de Diplomática e de Codicologia medievais latinas e portuguesas, campos em que também se concentra sua volumosa produção bibliográfica.

A palestrante agradeceu o convite para se apresentar no IHGB, em especial, ao sócio João Eurípedes Franklin Leal e dirigiu uma saudação especial aos membros do Instituto, em nome da Doutora Manuela Mendonça, presidente da Academia Portuguesa da História. Segundo Maria José, o século XVI constitui o século de ouro de Portugal no que toca à função do escrito. Trata-se de um período paradigmático apesar da invenção da imprensa. Apoiada em material iconográfico pertinente, a professora fez uma incursão naquilo que designou de escribocracia, ou seja, textos que evidenciam a preponderância e hegemonia da escrita como meio de governação, geral, pública e privada. No seu entender, naquele lapso de tempo tudo se escreve, quer para estabelecer relações institucionais, quer para dirimir contendas, quer para inventariar, vender ou doar bens móveis e imóveis, quer tão só para “matar saudades”. Neste sentido, exibiu reproduções de diversas fontes de época, a exemplo de escritos de Pedro Álvares Cabral, de Vasco da

Gama, que se assinava, simplesmente, “O Almirante”. Concluindo, Maria José, destaca que contam aos milhares os documentos que circularam no período quinhentista por toda a Europa, África Ásia e América. Num vaivém, entre Portugal e o Brasil, cabe assinalar o número significativo de papéis e de pergaminhos, que atravessaram séculos, mantendo viva a memória da vida dessas gentes e dessas instituições.

Comentários: Os sócios Arno Wehling e Lucia Guimarães cumprimentaram a autora pelo erudito trabalho e levantaram questões pertinentes, que foram por ela devidamente respondidas.

Na sequência, Arno Wehling convocou à mesa o convidado Gonçalo de Vasconcelos e Sousa, para expor a comunicação “*Vencer Khronos: os documentos de Ephemera e a sua relevância para a História dos séculos XIX e XX*”. Gonçalo de Vasconcelos e Sousa é professor catedrático da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, onde exerce as funções de diretor do Centro Interpretativo da Ourivesaria do Norte de Portugal e de coordenador científico do Curso de Doutoramento em Estudos do Patrimônio. Autor de diversas obras publicados, recebeu o prêmio Fundação Calouste Goulbenkian de História Regional e Local (2005) e atualmente dirige os periódicos *Museu e Revista das Artes Decorativas*.

O convidado externou sua satisfação de se apresentar no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cumprimentou os presentes, dirigindo-se particularmente ao Dr. Victorino Chermont de Miranda, 1º vice-presidente do IHGB e ao Cônsul Geral de Portugal e Sra Jaime Leitão. O Professor Gonçalo assinalou que os documentos que corporizam o que denomina de *Ephemera* não estavam destinados a perdurar no tempo, pelo menos em número significativo: são convites, cartões de visita, participações, menus de festas, cardápios, *souvenirs-pieux* (santinhos, lembranças de missas, etc), além de faturas, recibos de compras, e papéis do gênero. Eis a razão pela qual se tornam muito interessantes e raros, para além da sua importância específica enquanto manifestações do tempo em que foram criados. Acompanhado por imagens exibidas em *power point* o autor percorreu sobre o tema e abordou as tipologias documentais mais relevantes, com exemplos retirados de diversos países, mas privilegiando a ligação ao Brasil e a Portugal. Alguns destes espécimes são verdadeiras obras de arte tipográfica, espelhando as correntes estéticas vigentes e diversos materiais empregues; outros possuem anotações curiosas, transformando-os em testemunhos vivos da denominada “*petite histoire*”, mas que ajudam a compor contextos históricos contextualiza e permitem compreender melhor os grandes momentos.

Comentários: Os convidados Pedro Pinchas Geiger e Maria José Azevedo Santos, bem como o sócio João Eurípedes Franklin Leal cumprimentaram o expositor e fizeram comentários pertinentes, seguindo-se animado debate.

Nada mais havendo a tratar, Arno Wehling encerrou a sessão e convidou os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB, ocasião em que será lançado o livro *Notáveis empreendimentos de engenharia no Brasil*, do sócio titular Pedro Carlos da Silva Telles.

Frequência:

Número de sócios presentes: 12

Número de convidados: 21

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Victorino Chermont de Miranda, Carlos Francisco Moura, Miranda Neto, Armando de Senna Bitencourt, Maria Arair Pinto Paiva, Melquíades Pinto Paiva, Ondemar Dias, Vera Lucia Cabana de Andrade, Maria Luiza Penna Moreira, João Eurípedes Franklin Leal e Lucia Guimarães

7ª SESSÃO DA CEPHAS DE 17 DE MAIO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Lucia Maria Paschoal Guimarães

Os trabalhos foram abertos pelo Presidente do IHGB, Arno Wehling, que cumprimentou os presentes, e solicitou um minuto de silêncio em razão do falecimento do sócio correspondente professor Antonio Candido de Melo e Souza. Prestada a homenagem, o presidente pediu à sub-coordenadora da CEPHAS para proceder à leitura da ata da sessão anterior, sendo ela aprovada sem correções.

Em seguida, Arno Wehling chamou à mesa o primeiro convidado da tarde, professor Fernando Luiz Vale Castro, para expor a comunicação “O Brasil e as Américas nas páginas da *Revista Americana*”. Fernando Luiz é doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, realizou estágio de pós-doutoramento em História Social na Universidade de São Paulo e exerce o magistério na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor de diversos trabalhos publicados, entre os quais se destaca o livro *Pensando um continente: A Revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul* (RJ: Mauad X: FAPERJ, 2012).

O palestrante agradeceu o convite para se apresentar em sessão da CEPHAS, e salientou a sua relação de afeto com o IHGB, em cuja biblioteca compulso fontes para a elaboração da sua tese de doutorado, em especial, a coleção completa da *Revista Americana*, objeto da mencionada tese. Fernando Luiz ofereceu um breve histórico da *Revista Americana*, publicada pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, entre os anos de 1909 e 1919, com algumas interrupções, assinalando que a sua criação foi estimulada pelo barão do Rio Branco e teve como editor nos seus primeiros anos o diplomata Araújo Jorge. Em sua análise, o professor destacou que a revista desenvolveu um programa de aproximação cultural e intelectual do Brasil com os países da América do Sul, e elencou os temas mais tratados pela publicação, em particular, as questões de território e fronteira, sob a perspectiva da defesa do direito internacional público e do arbitramento internacional. Examinou, também, alguns de seus principais colaboradores, a exemplo de Rui Barbosa, de Carlos de Laet. De Gomes Ribeiro e de Pandiá Calógeras, detendo-se neste último, autor de profunda reflexão sobre o projeto de diplomacia de Rio Branco. Para Fernando Vale Castro, a *Revista Americana* privilegiou determinados aspectos da história brasileira e sul-americana, com o objetivo de se construir um ideal continental. Tal valorização, no seu entender, possibilita pensar o periódico como um espaço no qual se buscou refletir sobre um projeto para a América do Sul, baseado na elaboração de uma identidade, marcada por características próprias e específicas construídas ao longo de sua história e que teriam, sobretudo, por meio da ação de sua diplomacia, a possibilidade de concretização.

Comentários: Os sócios Seixas Corrêa, Muniz Costa e Senna Bittencourt cumprimentaram o autor pela originalidade do tema e levantaram questões a respeito da cultura de história militar do Barão do Rio Branco. O convidado Pedro Pinchas Geiger e os sócios Arno Wehling e Seixas Corrêa teceram comentários sobre o conceito de diplomacia cultural, seguindo-se animada discussão com o expositor.

Após as intervenções, Arno Wehling convocou à mesa o sócio correspondente Douglas Apprato Tenório, para apresentar a obra coletiva “A presença negra em Alagoas” (Maceió: Viva Editora, 2014), da qual é um dos organizadores.

O sócio correspondente e membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas externou sua satisfação de participar novamente da sessão da CEPHAS. Lembrou que costuma comparecer ao IHGB, pelo menos uma vez por ano, para apresentar breves relatos de suas investigações. Acentuou, ainda, que sua comunicação contempla a história regional, em contraste com a apresentação precedente que trata de aspectos da diplomacia nacional. Se-

gundo o autor, em fevereiro de 2012, o então governador de Alagoas – Teotônio Vilela Filho fez um pedido público de Perdão do Estado de Alagoas aos negros pela Quebra do Terreiros de umbanda e candomblé, episódio também conhecido como Quebra de Xangô, ocorrido em 1912, por motivações políticas. A assinatura do pedido de perdão aos religiosos de matriz afro representou, pois, um ato de combate à intolerância religiosa. Segundo o expositor, a partir desta celebração estabeleceu-se um amplo debate sobre o assunto no mundo acadêmico, resultando na publicação de um livro por ele organizado juntamente com o professor Jairo José Campos, que tem como título “A Presença Negra em Alagoas”. Em linhas gerais, a obra oferece uma alentada reflexão sobre a herança afro na construção da identidade alagoana e o reconhecimento da sua importância na história e na formação do povo de Alagoas.

Comentários: A sócia Miridam Falci cumprimentou o expositor e levantou questão a respeito da escravidão em Alagoas, no final do século XIX, traçando um quadro comparativo com a situação no Piauí. O sócio Arno Wehling aproveitou a oportunidade para comunicar que no próximo dia 20 de setembro a CEPHAS realizará uma sessão temática sobre a história de Alagoas, em razão do bicentenário da criação da capitania de Alagoas, desmembrada do território da de Pernambuco, depois de debelada a Revolução Pernambucana de 1817.

Nada mais havendo a tratar, Arno Wehling encerrou a sessão e convidou os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB, ocasião em que será lançado o já mencionado livro “A presença negra em Alagoas”.

Frequência:

Número de sócios presentes: 11

Número de convidados: 10

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Douglas Apratto Tenório, Cybelle de Ipanema, Fernando Tasso Fragoso Pires, João Eurípedes Franklin Leal, Armando de Senna Bittencourt, Miranda Neto, Miridan Britto Falci, Sérgio Paulo Muniz Costa, Pedro Geiger, Luiz Felipe de Seixas Corrêa e Lucia Maria Paschoal Guimarães.

8ª SESSÃO DA CEPHAS DE 31 DE MAIO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Victorino Chermont de Miranda

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

A sessão foi aberta pelo presidente, que saudou os presentes, e lhes comunicou que, em virtude do atraso para o início da sessão, dispensaria a leitura da ata, ficando à disposição dos interessados. Após a anuência de todos, o presidente chamou à mesa das convidadas Ana Pessoa – arquiteta, mestre e doutora em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ, pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa –, e Ana Lúcia Vieira dos Santos – igualmente arquiteta, mestre em Arquitetura, pela UFRJ, doutora em História e professora na Escola de Arquitetura e Urbanismo na UFF –, para exporem o tema: *Moradas de engenho e arte: as casas do conde da Barca no Novo Mundo*.

Após agradecerem o convite para se apresentarem em sessão da CEPHAS, inicialmente, falou a pesquisadora Ana Pessoa, depois a professora Ana Lúcia, utilizando ambas o recurso da apresentação de imagens e discorrendo sobre a pesquisa que veem desenvolvendo no campo das artes decorativas e das formas de morar luso-brasileiras no Rio de Janeiro no período joanino, tendo como referência as residências, no Rio de Janeiro, de Antônio Araújo de Azevedo, o conde da Barca, diplomata, ministro do rei, e destacado homem de ciência. Tomaram como foco de análise a casa da Rua do Passeio e a chácara nos arredores da cidade, situando a localização de ambas por meio de imagens do traçado urbanístico da época, comentando sobre o mobiliário dos interiores e sobre os arredores das mesmas e destacando as paisagens através da projeção de belas aquarelas do pintor austríaco Thomas Ender.

Comentários: Os sócios Maria de Lourdes Lyra, João Franklin, Senna Bittencourt, Luís Filipe Seixas, Júlio Bandeira, e as visitantes Neusa Fernandes e Rosana Lancelot felicitaram as expositoras pela importância da pesquisa realizada que, sem dúvida, amplia o conhecimento sobre a vivência do ministro na cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XIX e que, principalmente, representa uma valiosa contribuição ao estudo sobre o acalentado projeto político de permanência da Corte portuguesa no Brasil.

Em seguida, foi chamada à mesa a segunda expositora, Tania Dias – graduada, mestre e doutora em Letras e pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa –, para apresentar o tema: *A escrita diária de uma “viagem de instrução”*. Após agradecer o convite, a pesquisadora explicou tratar-se da apresentação de alguns pontos de uma edição crítica do *Diário de minha viagem para Filadélfia*, realizada no contexto amplo de uma abordagem histórica da questão das viagens, do texto escrito pelo jovem Hipólito José da Costa, enviado pelo ministro Rodrigo de Sousa Coutinho, em missão oficial

aos Estados Unidos e o México. Abordou apenas alguns pontos das possíveis motivações da viagem em pauta.

Comentários: Os sócios Júlio Bandeira, Maria de Lourdes Lyra, Sena Bittencourt, João Franklin, e o visitante Pedro Geiger, cumprimentaram a expositora e levantaram questões sobre alguns pontos do que fora apresentado.

Nada mais havendo a tratar, o presidente anunciou a programação da sessão da próxima semana e encerrou sessão, convidando os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 15

Número de convidados: 14

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Victorino Chermont de Miranda, Miridan Falci, Miranda Neto, Armando de Senna Bittencourt, Vera Lucia Cabana de Andrade, Cláudio Aguiar, Julio Bandeira, Marcos Sanches, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Vera Tostes, João Eurípedes Franklin Leal, Lucia Guimarães, Cybelle de Ipaname e Maria de Lourdes Viana Lyra

9ª SESSÃO DA CEPHAS DE 07 DE JUNHO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

A sessão foi aberta pelo presidente, que saudou os presentes e solicitou a coordenadora a leitura da ata da sessão anterior, que foi aprovada. Em seguida, chamou à mesa a convidada, Karla Gobo – Graduada em Ciências Sociais (UFPR), Mestre em Ciência Política (USP) e Doutora em Sociologia (UNICAMP) e professora na Escola Superior de Propaganda e Marketing –, para apresentar o tema: *Noblesse D'état: Gênese e estrutura do Campo Diplomático brasileiro*.

Após agradecer o convite, inicialmente, a expositora explicou que a diplomacia brasileira por muito tempo se manteve fiel às normas e ao espaço que a consagravam e a distinguiam do restante da sociedade brasileira, tornando o Itamaraty o espelho de sua elite. Apontou os aspectos que, de forma naturalizada, compunham o *habitus diplomático* – inteligência, sofisticação, gosto apurado, domínio de várias línguas, conhecimentos estabelecidos de arte, cultura e o uso das regras de etiquetas. Isso, até a redemocratização,

quando, a partir da segunda metade dos anos 1990, foram adotadas medidas mais efetivas nas regras de entrada com a preocupação de diversificar os quadros da carreira. Em seguida, esclareceu que encaminhou o estudo no sentido de verificar se tais mudanças resultaram em diversificação nos agentes recrutados e que empregou métodos quantitativos e qualitativos – *survey*, entrevistas, livros de memórias, biografias, banco de dados com a origem geográfica e formação escolar, anuários e editais de concurso –, além de citar as principais referências teóricas utilizadas para traçar os quadros estatísticos resultantes e apresentados no decorrer da apresentação.

Comentários: Os sócios Antônio Celso, Alberto Venâncio, Senna Bitencourt, Maria de Lourdes Lyra, Arno Wehling, e os visitantes Roberto Smith, Eliseu e Luciene cumprimentaram a professora pelo trabalho de pesquisa e análise sobre um tema de real interesse a todos.

Em seguida, o presidente convidou à mesa o sócio Armando Senna Bitencourt para apresentar o tema: *O emprego do Poder Militar na Paz e o Pensamento Militar de Rio Branco*. Após cumprimentar os presentes o expositor passou a esclarecer sobre a questão da necessidade estratégica de emprego do poder militar não apenas em período de guerra, mas permanentemente utilizado em tempos de Paz, para defesa dos interesses nacionais, segundo a proposta do Barão do Rio Branco, inclusive em um emprego classificado atualmente como “diplomático”. Deteve-se na apreciação dessa importante orientação e no papel exercido pelo Barão na condução da política diplomática brasileira, apresentando imagens ilustrativas no decorrer da apresentação.

Comentários: Os sócios Fernando Tasso, Dora Alcântara, Antônio Celso, e os visitantes Eliseu e Luís Severiano, cumprimentaram o consócio pelo trabalho de pesquisa e pela análise apresentados e levantaram questões complementares.

Nada mais havendo a tratar, o presidente comunicou que não haveria sessão na próxima semana, em virtude do feriado, e encerrou sessão, convidando os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 13

Número de convidados: 13

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Miridan Falci, Miranda Neto, Fernando Tasso Fragoso Pires, Dora Alcântara, Armando de Senna Bitencourt, Guilherme Frota, Vera Lucia Cabana de Andrade, Antonio Celso

Alves Pereira, Alberto Venancio Filho, João Eurípedes Franklin Leal, Antonio Izaías da Costa Abreu e Maria de Lourdes Viana Lyra.

10ª SESSÃO DA CEPHAS DE 21 DE JUNHO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Victorino Chermont de Miranda

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

A sessão foi aberta pelo presidente, que saudou os presentes e solicitou aos presentes que todos se levantassem e fizessem *um minuto de silêncio* em memória do sócio emérito Vasco Mariz, recentemente falecido. Em seguida, solicitou à coordenadora para proceder à leitura da ata da sessão anterior, que foi aprovada. Antes de dar prosseguimento à programação, o presidente informou sobre a inversão da pauta, convidando à mesa o prof. Francisco Roque de Oliveira, da Universidade de Lisboa, para apresentar ao falar sobre o Convênio – Diálogos Geográficos Brasil-Portugal, firmado entre a CAPES e a Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal, para desenvolver o projeto: “*Saberes geográficos e Geografia Institucional: influência e relações recíprocas entre Brasil e Portugal no século XX*” –, com a participação dos pesquisadores membros: da ULisboa – Francisco Roque de Oliveira e Jorge Malheiros; da UERJ – Mônica Machado e Pedro Geiger; da UFRJ – Lia Osório Machado; da UFF- Ruy Moreira; da USP – André Martim. Em nome de todos, o prof. Francisco Roque de Oliveira expressou o contentamento pela oportunidade de apresentar o projeto no IHGB, instituição de referência histórica no Brasil, e aproveitou o ensejo para ofertar à biblioteca exemplares dos livros: *Leitores de Mapas: Dois séculos de História da Cartografia em Portugal*. Biblioteca Nacional de Portugal; e *Percepções europeias da China dos séculos XVI a XVIII*. Francisco Roque de Oliveira (org.) Centro de Estudos da Universidade de Lisboa.

Na sequência, foi chamado à mesa o convidado Nireu Cavalcanti – graduado em Arquitetura e Urbanismo, doutor em História Social e professor da Universidade Federal Fluminense –, para apresentar o tema: *Alagoas 1817, o território das capitanias coloniais: Rio de São Francisco (Penedo), Porto Calvo e das Alagoas*.

Após agradecer o convite e expressar sua satisfação pela oportunidade de mais uma vez participar da Cephas, o expositor passou a apresentar a análise do Decreto de 16 de setembro de 1817, que criou a capitania de Alagoas e a tornou independente da capitania de Pernambuco. Anotou a curiosa

omissão do território que ela abrangeria e destacou os vários níveis de dependência que havia entre as capitanias anexas à principal de Pernambuco. Além de afirmar que, no caso de Alagoas, existiam no período colonial, três capitanias: do Rio de São Francisco (Penedo), de Porto Calvo e a das Alagoas; por entender que, constando expressamente na documentação primária, o termo “capitania”, evidencia não se tratar de simples sesmarias, como interpretam alguns historiadores. E também que, é nesse contexto que a coroa dá o primeiro passo para a independência de Alagoas da capitania de Pernambuco, no nível jurídico, ao criar a ouvidoria geral.

Comentários: Os sócios Guilherme Pereira, João Franklin e Arair Paiva, cumprimentaram o expositor pelo tema apresentado, tendo a sócia Maria de Lourdes Lyra, além de felicitar o professor e de realçar sua extraordinária capacidade de pesquisa documental, apontou a necessidade de atentar para as estratégias utilizadas na prática da administração colonial através dos séculos e quanto ao entendimento do sentido dos termos – capitania e província -, utilizados no início do século XIX, sobretudo após a interiorização da metrópole e da criação do Reino Unido luso-brasileiro.

Em seguida foi chamado à mesa o sócio Pedro Karp Vasquez para apresentar o tema: *O templo da Humanidade da Igreja Positivista do Brasil*, sendo antes anunciada, pelo presidente, a presença na sessão, dos senhores: Alexandre Martins, Diretor Presidente; Clóvis Nery, Secretário Geral; Christiane Souza, Diretora de Patrimônio da Igreja Positivista do Brasil; e Luiz Edmundo Horta Barbosa, Presidente da Associação dos Amigos do Templo da Humanidade.

Expressando sua satisfação pela oportunidade de apresentar na Cephas o trabalho desenvolvido para recuperação de um bem cultural, o expositor esclareceu que, utilizando como fio condutor a documentação fotográfica realizada por ele próprio, no decorrer de uma visita ao Templo da Humanidade, situado à rua Benjamin Constant, na Glória, optou por dividir o tema em duas partes. Inicialmente, apresentou um resumo da história do prédio em si, apontando inclusive as medidas previstas para sua recuperação. Em seguida, buscou sintetizar o pensamento positivista, tal como sistematizado pelo criador da doutrina, o filósofo francês Auguste Comte, indicando de que forma o positivismo se adaptou ao cenário cultural brasileiro e qual foi sua real influência no desenvolvimento do movimento republicano e no período da Primeira República.

Comentários: Os sócios Guilherme Pereira, Victorino Chermont, Vera Cabana, e o visitante Pedro Geiger cumprimentaram o expositor pela realização do trabalho apresentado, levantando questões sugestivas e complemen-

tares ao tema, tendo o visitante Luiz Edmundo Horta Barbosa aproveitado o ensejo para falar sobre o trabalho empreendido na preservação do acervo no empenho na recuperação do prédio em ruínas.

Nada mais havendo a tratar, o presidente comunicou a programação da próxima sessão e encerrou a sessão, convidando os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 12

Número de convidados: 22

Relação dos sócios presentes: Victorino Chermont de Miranda, Regina Wanderley, Miranda Neto, Dora Alcântara, Melquíades Pinto Paiva, Maria Arair Pinto Paiva, Armando de Senna Bittencourt, Cláudio Aguiar, Vera Lucia Cabana de Andrade, João Eurípedes Franklin Leal, Antonio Izaías da Costa Abreu, Lucia Maria Guimarães e Maria de Lourdes Viana Lyra.

11ª SESSÃO DA CEPHAS DE 28 DE JUNHO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

A sessão foi aberta pelo presidente que saudou os presentes e solicitou à coordenadora para proceder à leitura da ata da sessão anterior, sendo ela aprovada. Foram, então, chamados à mesa os convidados: Helio Brasil Corrêa da Silva – professor de Arquitetura na USU, UFRJ, UFF; autor de livros sobre a construção de prédios históricos e sobre a história de bairros do Rio de Janeiro; além de contos e textos de ficção –, e José Rezende Reis – advogado, coproprietário e administrador do condomínio hereditário, Fazenda do Rochedo –; para apresentarem o tema da Sessão Temática: *O Solar do Rochedo em Cataguases*.

Os expositores agradeceram o convite e expressaram satisfação pela honra de apresentar no IHGB o resultado do trabalho desenvolvido ao longo de anos e publicado no livro intitulado: *O Solar da Fazenda do Rochedo e Cataguases*. Inicialmente, José Rezende apresentou o histórico do *Solar dos Vieira de Rezende*, situando no mapa de Minas Gerais o local e identificando os primeiros povoadores, traçando as condições da área no período posterior à exploração das minas de ouro e diamantes, o surgimento do município de

Cataguases e a origem da família Vieira de Rezende, fundadora da fazenda sesquicentenária. Na sequência, o professor Helio Brasil, utilizando o recurso da projeção de imagens, apontou os traços característicos do movimento modernista – iniciado em São Paulo na década de 1920 –, ainda hoje encontrados em edificações marcantes da cidade de Cataguases, resultante de iniciativas de personagens atuantes na época que, sensíveis à nova estética, solicitaram a arquitetos renomados, como Oscar Niemeyer entre outros, projetos de casas residenciais e de prédios públicos. Além disso, na época, se fazer presente na literatura, através da revista *Verde*, fundada por Henrique de Rezende, e que, ao congregiar intelectuais e artistas em torno de valores da cultura nacional, destacou a cidade no contexto da nova estética, cujo exemplo mais expressivo é a obra cinematográfica de Humberto Mauro, ali nascido e celebrado como o iniciador da nova arte no Brasil. Por fim, os expositores falaram sobre o empenho de ambos em obterem o reconhecimento oficial sobre a importância histórica do Solar do Rochedo de Cataguases e, portanto, passar a categoria de Patrimônio Nacional.

Comentários: Os sócios Dora Alcântara, Senna Bittencourt, Fernando Tasso, Claudio Aguiar, Arno Wehling, Maria de Lourdes Lyra, e o visitante Mário Afonso felicitaram os expositores pelo trabalho de pesquisa e pela publicação do livro, tecendo comentários sobre a forma mais indicada de obter o devido reconhecimento pelo IPHAN.

Em seguida, na Sessão Pinga Fogo, inicialmente, a sócia Dora Alcântara comunicou que o livro de sua autoria (e mais duas especialistas), intitulado *Azulejaria em Belém do Pará. Inventário – Arquitetura civil e religiosa – Século XVIII ao XX*, publicado pelo Iphan, em 2016, fora agraciado com o Prêmio Além-Fronteiras, concedido pelo Programa SOS Azulejo, da Área de Cultura, da Comunidade Europeia. Tendo ela a honra de receber pessoalmente a condecoração, em cerimônia solene realizada no Palácio Fronteira, em Lisboa, no início do mês em curso. Em seguida, a sócia Maria de Lourdes Lyra, informou sobre as comemorações do “*Ano José Maurício na Antiga Sé – 250 anos de nascimento*”, remarcando o evento realizado no último dia 20/06 na capela da Antiga Sé, data em que seria feita a palestra do sócio emérito do IHGB, o embaixador Vasco Mariz e que, em virtude do seu falecimento na semana anterior, foi substituída por uma bela homenagem em sua memória, tendo o sócio Victorino Chermont falado em nome do IHGB. Acrescentando que, na ocasião, foi agendada uma Sessão Temática na Cefas na quarta-feira, 16 de agosto próximo, sobre a vida e a obra do Padre José Maurício, com a participação dos maestros Ricardo Tacuchian e André Cardoso.

Por fim, nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão e convidou os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 10

Número de convidados: 15

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Laurent Vidal, Fernando Tasso Fragoso Pires, Miranda Neto, Dora Alcântara, Armando de Senna Bitencourt, Vera Lucia Cabana de Andrade, Antonio Izaías da Costa Abreu, Cláudio Aguiar e Maria de Lourdes Viana Lyra.

12ª SESSÃO DA CEPHAS DE 05 DE JULHO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

A sessão foi aberta pelo presidente, que saudou os presentes e solicitou à coordenadora para proceder à leitura da ata da sessão anterior, sendo ela aprovada. Foi chamada à mesa a convidada Géssica Góes Guimarães Gaio – professora de Teoria da História e História da Historiografia da UERJ –, para expor o tema: *José Honório Rodrigues e a autonomização da História da Historiografia no Brasil*.

Após agradecer o convite e expressar sua satisfação pela oportunidade de apresentar no IHGB seu estudo sobre José Honório Rodrigues, autor de obra monumental, mas ainda desconhecida por grande parte na nova geração de historiadores no Brasil, a expositora comentou sobre o número de dissertações, de teses e de artigos científicos que, na última década, tomaram a obra de Honório Rodrigues como objeto de estudo, levando-a a refletir sobre a razão dessa demonstração de interesse acadêmico de pelo autor e pelas suas ideias. Isso resultou no trabalho desenvolvido e ora apresentado, entendendo que tal interesse não é inesperado, mas revelador de uma transformação sensível na pesquisa historiográfica, a saber, a consolidação da área de Teoria da História e, em especial, a autonomização da História da Historiografia como um campo de pesquisa no Brasil. Pretendeu demonstrar o pioneirismo de Honório Rodrigues na construção de saberes e de métodos para o desenvolvimento da Teoria da História e da História da Historiografia brasileira e a recepção de seu trabalho no universo acadêmico.

Comentários: A sócia Lucia Guimarães felicitou, com orgulho, a ex-orientanda pela qualidade da reflexão apresentada. Os sócios Marcos Sanches, Lúcia Bastos, Vera Cabana, Alberto Costa e Silva, Miranda Neto, Miridan Falce e Regina Wanderley, cumprimentaram a expositora e deram depoimentos sobre a importância do contato com o autor, como professor e divulgador de fontes para a pesquisa histórica. O sócio Arno Wehling completou com informações sobre a criação da disciplina *Introdução aos Estudos Históricos* na Universidade do Brasil e na USP, sob o encargo de especialistas renomados, como Jean Glénisson, Jaime Coelho, Gui de Holanda.

Em seguida, foi chamado à mesa o sócio José Almino de Alencar para apresentar o tema: *Homenagem ao Centenário de Nascimento de Miguel Arraes (1916 -1917)*. Explicou tratar-se de um texto por ele apresentado em sessão especial da Câmara Federal, como representante da família e em memória do expoente parlamentar, seu pai. E discorreu sobre a trajetória de vida do personagem, nascido no Araripe (Ceará) e notabilizado como político pernambucano, tendo sido eleito para deputado estadual, deputado federal, prefeito do Recife e, finalmente, governador do Estado de Pernambuco por três vezes. Apresentando um esboço biográfico de Arraes, situando-o no contexto sócio histórico de sua geração, cuja trajetória política – marcada por grandes períodos de instabilidade institucional no Brasil, foi também afetada pelos movimentos de radicalização ideológica que marcaram o século XX –. Foi feito prisioneiro após o movimento militar de 1964, durante 11 meses na Ilha de Fernando de Noronha e, ao sair da prisão, exilou-se na Argélia onde permaneceu por 14 anos, até o seu retorno ao Brasil, em setembro de 1979, com a lei de anistia.

Comentários: Os sócios Claudio Aguiar, Ismênia Martins, Maria de Lourdes, Fernando Tasso, Lyra, Arno Wehling, e a visitante Neuza Fernandes, cumprimentaram o consócio pela excelência da análise histórico-sociológica do ilustre personagem que, apesar do laço afetivo, soube traçar o perfil do homem público distante do sentimentalismo e sem o desnecessário distanciamento. Os três primeiros comentadores, acima citados, prestado depoimentos sobre contatos pessoais marcantes que tiveram com o ilustre homenageado, através do *Movimento de Cultura Popular* por ele criado, ou da Universidade do Cariri, posteriormente criada e hoje administrada por sua irmã, Violeta Arraes.

Por fim, nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão e convidou os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 19

Número de convidados:17

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, José Almino de Alencar, Alberto da Costa e Silva, Fernando Tasso Fragoso Pires, Miranda Neto, Alberto Venancio Filho, Marcos Guimarães Sanches, Lucia Maria Paschoal Guimarães, Vera Lucia Cabana de Andrade, Claudio Aguiar, Cybelle de Ipanema, Miridan Falci, Lucia Bastos, Antonio Izaías da Costa Abreu, Guilherme Frota, Regina Wanderley, Victorino Chermont de Miranda, Antonio Celso Alves Pereira e Maria de Lourdes Viana Lyra.

13ª SESSÃO DA CEPHAS DE 12 DE JULHO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

A sessão foi aberta pelo presidente, que saudou os presentes e solicitou à coordenadora a leitura da ata da sessão anterior, que foi aprovada. Em seguida, foi chamado à mesa o convidado Carlos Gabriel Guimarães – professor do Departamento de História da UFF e pesquisador do CNPq –, para expor o tema: *Frei Mariano Veloso e o manuscrito “Discrição do Estado do Brasil, suas Capitânias, produções e commercio, c. 1792”*.

O expositor agradeceu e expressou seu contentamento pelo convite, passando a apresentar o que vem elaborando sobre o manuscrito inédito encontrado no Museu Britânico de Londres, com ricas informações sobre o período colonial brasileiro. Informou tratar-se de um texto inicialmente considerado de autor anônimo até o início do século XX. Quando o historiador Manuel de Oliveira Lima, encontrou indícios da sua autoria, no livro *Relação de Manuscritos Portugueses e Estrangeiros de interesses para o Brasil*, concluindo ter sido escrito por Frei José Mariano da Conceição Veloso – um dos intelectuais mais importantes da geração de 1790, que fez inúmeras viagens científicas e políticas em território luso-brasileiro, afirmando que este teria sido: “*composto vagorosamente entre 1769 e 1792, à medida que se obtinham mais dados indispensáveis*”.

Comentários: Os sócios Arno Wehling, Guilherme Pereira, Lúcia Guimarães e Maria de Lourdes Lyra cumprimentaram o professor pela excelência da apresentação, realçando a importante contribuição da análise em elaboração à ampliação do conhecimento sobre o período colonial.

Foi, então, chamado à mesa o segundo expositor, Fabiano Cataldo – bibliotecário, doutorando em História Política na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, professor de História do Livro e das Bibliotecas e Políticas de Preservação de Acervos Bibliográficos na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro –, para apresentar o tema: *A Biblioteca Nacional e “Exposição Camoneana”: a atuação de Ramiz Galvão nas comemorações do Tricentenário de Camões em 1880*.

Após agradecer e expressar satisfação pelo convite, o expositor passou a apresentar o resultado da investigação que buscou deslindar a “*Exposição Camoneana*”, organizada por Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional, em junho de 1880 – como parte integrante das comemorações pelo *Tricentenário da Morte de Luís de Camões*, capitaneada pelo Gabinete Português de Leitura. Comentou sobre a metodologia utilizada, baseada na análise de recortes de jornais, de catálogos e de documentos manuscritos, pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional com o objetivo de evidenciar que a referida exposição serviu de modelo para outras a partir de então ali organizadas, além de remarcar a influência da instituição BN e a importância da atuação do próprio Ramiz Galvão.

Comentários: Os sócios Lucia Guimarães, Guilherme Pereira, Marcos Sanches, Claudio Aguiar, Maria de Lourdes Lyra, Arno Wehling, e os visitantes Carlos Gabriel e Paulo Albuquerque Maranhão, cumprimentaram o expositor pela qualidade da análise e pela sua contribuição ao tema da criação de uma memória luso-brasileira.

Na sequência, a sócia Arair Pinto Paiva fez um breve comentário sobre o livro do historiador Timothy Snyder, recém editado no Brasil e intitulado “*Sobre a Tirania: vinte lições do século XX para o presente*”, ressaltando a pertinência da análise sobre questões importantes hoje vivenciadas. No mesmo sentido, o presidente Arno Wehling comentou sobre a recente publicação do livro “*Oswaldo Aranha uma fotobiografia*”, escrito pelo sócio do IHGB e neto do biografado, Pedro Correia do Lago, apontando-o como um “*livro interessante à Historiografia do século XX*”. Por fim, o visitante Paulo de Albuquerque Maranhão solicitou a palavra para registrar a passagem da data histórica do *Morticínio de Cunhaú*, fato corrido em 16 de julho de 1645, na Capela do Engenho de Cunhaú, durante a invasão holandesa no Rio Grande do Norte, quando foram mortas dezenas de pessoas, entre os quais, o Pe. André de Soveral e Domingos Carvalho, hoje beatificados pela Igreja Católica, em cerimônia por ele presenciada em Roma, devendo ser canonizados no corrente ano de 2017.

Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão e convidou os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 11

Número de convidados: 12

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Armando de Senna Bittencourt, Fernando Tasso Fragoso Pires, Carlos Francisco Moura, Maria Arair Pinto Paiva, Miranda Neto, Marcos Guimarães Sanches, Lucia Maria Paschoal Guimarães, Claudio Aguiar, Antonio Izaías da Costa Abreu, e Maria de Lourdes Viana Lyra.

14ª SESSÃO DA CEPHAS DE 02 DE AGOSTO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

A sessão foi aberta pelo presidente, que saudou os presentes e solicitou à coordenadora a leitura da ata da sessão anterior, sendo ela aprovada. O presidente informou sobre a realização da recente eleição de novos sócios, nomeando os eleitos para as categorias de: Sócios Eméritos: Marilda Corrêa Ciribelli e Sônia Aparecida de Siqueira; Sócios Titulares: Carlos Eduardo de Almeida Barata e Maurício Vicente Ferreira Júnior; Sócios Correspondentes Brasileiros: Airton Cerqueira Leite Seelaender, Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, Marilene Corrêa da Silva Freitas e Ricardo Marcelo Fonseca; Sócios Honorários: Christian Edward Cyrill Lynch, Joaquim de Arruda Falcão Neto, Pedro Pinchas Geiger e Sérgio Eduardo Moreira Lima. Em seguida, foi chamada à mesa a convidada Beatriz Piva Momesso – doutora em História e professora pós-doutoranda na Universidade Federal Fluminense, onde desenvolve o trabalho de pesquisa “*As ideias e práticas progressistas e centro liberais nas décadas de 1850 e 1860 no Brasil Imperial*” no Centro de Estudos do Oitocentos –, para apresentar o tema: *Nabuco de Araújo e a construção da política imperial pela via intelectual*.

Após expressar contentamento e agradecer o convite, sobretudo às professoras Lúcia Guimarães e Tânia Bessonne pela oportunidade de participar da sessão da CEPHAS, a expositora passou à abordagem do tema, que versa sobre a ação política e burocrática do jurista José Thomaz Nabuco de Araújo durante o Segundo Reinado, entendida a partir dos livros que ele leu e das

ideias por ele apropriadas e do estudo dos seus manuscritos, onde glosava ele suas opiniões sobre o pensamento da época, e das listas de compras em livrarias do Império, que denotam a origem de formas de pensar e de resoluções que circularam na Corte, além da natureza de linguagens disponíveis como o utilitarismo, o liberalismo, o jus-naturalismo e os conceitos e as imagens oriundos do mundo greco-romano, que constituíram sistemas intelectuais a partir dos quais ele elaborou projetos na qualidade de ministro da justiça ou líder de movimentos políticos. Além de pensar sobre temas pontuais ao oitocentos, como o fim da escravidão, apoiando-se nessas doutrinas para projetar a organização do sistema prisional da época, a atuação do juiz de paz e as leis nacionais, questões ainda hoje contemporâneas ao Brasil.

Comentários: As sócias Lúcia Guimarães, Tânia Bessonne, Maria de Lourdes Lyra, os sócios Alberto Venâncio e Arno Wehling, cumprimentaram a expositora pela excelência da análise que se revela como real contribuição ao estudo da formação intelectual do homem público e sobre questão escravista/abolição, tendo a professora Tânia Bessone expressado sua satisfação pela orientação da pesquisa e pela análise apresentadas com merecido louvor.

Na sequência, foi chamado à mesa o sócio correspondente Laurent Vidal, para apresentar o tema: *As circulações atlânticas das experiências de arquitetura moderna. Os exemplos de Royan e Brasília*. Após cumprimentar os presentes e expressar contentamento pelas presenças do consócio Cláudia Aguiar e do representante do Consulado da França, Philippe Michelon passou à apresentação, que versa sobre a análise das aproximações existentes em experiências de arquitetura moderna, encontradas nos exemplos de reconstrução – na França, em Royan –; e de construção da nova capital do Brasil, Brasília –, no decorrer das décadas de 1940 e 1950, ao que chama de *circulações atlânticas*. Explicou que tais anos de pós-guerra, eram tempos de reconstrução da França e de redemocratização no Brasil e que, em cada um destes países, cidades novas ou renovadas deveriam testemunhar a vinda de tempos novos. Apontou, a partir de imagens projetadas na tela, os traços recorrentes em Royan – cidade balneária bombardeada e destruída em 1945, quando os jovens arquitetos franceses encarregados da reconstrução, decidiram adotar um modelo de arquitetura tropical, influenciados pela obra de Oscar Niemeyer na Pampulha ao mesmo tempo em que, do outro lado do Atlântico, Lúcio Costa, um dos pais de Brasília e que estuda em Paris, alega que “*Brasília é uma cidade de filiação francesa*”.

Comentários: Os sócios Claudio Aguiar, Miridan Falce, Dora Alcântara, Maria de Lourdes Lyra, e o visitante Paulo Albuquerque Maranhão cumprimentaram o expositor pela forma criativa e interessante da análise apresentada.

Por fim, o presidente apresentou o médico e pesquisador, Fernando Antônio Gomes de Andrade, membro do IHGAL, do IAHGP, autor do livro: *Legba: a guerra contra o Xangô em 1912* – texto publicado no Volume 207 – Edições do Senado Federal, 2015 –, ora em visita ao IHGB, convidando-o à mesa para um breve comentário sobre o teor do livro em questão. Expressando o agradecimento pela honra do convite, o pesquisador esclareceu tratar-se de um estudo sobre as tradições afro religiosas do Brasil, focada na análise do episódio da destruição dos terreiros de Xangô cultuados pelos negros malês de Alagoas, e das peças religiosas e dos objetos de culto recolhidos após a destruição que formam a preciosa *Coleção Perseverança*, pertencente ao acervo do IHGAL e constituindo a maior coleção da cultura negra no Brasil.

O presidente agradeceu ao expositor e, nada mais havendo a tratar, encerrou a sessão convidando os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 14

Número de convidados: 13

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Fernando Tasso Fragoso Pires, João Eurípedes Franklin Leal, Miranda Neto, Alberto Venancio Filho, Lucia Maria Paschoal Guimarães, Tania Bessone, Laurent Vidal, José Arthur Rios, Claudio Aguiar, Miridan Falci, Dora Alcântara, Carlos Francisco Moura, e Maria de Lourdes Viana Lyra.

15ª SESSÃO DA CEPHAS DE 09 DE AGOSTO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

A sessão foi aberta pelo presidente, que saudou os presentes e solicitou à coordenadora a leitura da ata da sessão anterior, sendo ela aprovada. Em seguida foi chamado à mesa o sócio João Eurípedes Franklin Leal para apresentar o tema: *Paleografia: teoria e prática*.

Após cumprimentar os presentes, com o entusiasmo que lhe é peculiar, o expositor falou sobre a importância do estudo da Paleografia - por significar o estudo técnico de textos manuscritos antigos, na sua forma exterior, que compreende o conhecimento dos materiais e dos instrumentos para escre-

ver: a história da escrita, a evolução das letras e dos números, objetivando a leitura, a transcrição e a interpretação do texto documental. Discorreu sobre as fases do curso que, nos últimos quatros anos, vem ministrando no IHGB e tem despertado grande interesse, demonstrado pela relevante afluência de alunos, que aumenta a cada ano.

Comentários: Os sócios Ondemar Dias, Pedro Geiger, Lúcia Guimarães, Maria de Lourdes Lyra, e os visitantes Mário Afonso e Luiz Severiano cumprimentaram o professor, tecendo comentários elogiosos ao aprofundado conhecimento da Paleografia e ao seu empenho na divulgação do estudo sobre as técnicas paleográficas.

Na sequência, foi chamado à mesa o sócio Ondemar Dias para apresentar o livro por ele escrito em parceria com Jandira Neto, intitulado: *A Pré-História e a História da Baixada Fluminense: a ocupação humana da Bacia do Rio Guandu*. Após cumprimentar os presentes, o professor explicou tratar-se de um livro escrito a quatro mãos, discutido e revisado em conjunto com a equipe encarregada da sua edição; com o objetivo de expor as descobertas realizadas pelos pesquisadores do IAB, no sentido de ampliar o conhecimento sobre a cultura humana antiga e de esclarecer sobre a questão da Educação Patrimonial; através do estudo de um conjunto de urnas encontrada e pertencentes a um antigo povo indígena que habitou o território do hoje Estado do Rio de Janeiro, conhecido como *Povo Tupi*. Ao finalizar, ofereceu a cada sócio do IHGB um exemplar do livro acompanhado de uma cartilha explicativa sobre o processo de elaboração do mesmo.

Comentários: Os sócios Marcos Sanches, Lúcia Guimarães, Senna Bitencourt, Pedro Geiger, Claudio Aguiar, Maria de Lourdes Lyra, e o visitante José Vilhena felicitaram o expositor pela excelência do trabalho de pesquisa realizado, publicado e ora apresentado.

O presidente parabenizou e agradeceu ao confrade, pela bela apresentação e pela doação dos exemplares, convidando à mesa, em seguida, o professor Alfredo Flores, da UFRGS, em visita ao IHGB. Agradecido, o professor informou sobre o trabalho de integração que está sendo feito entre a aquela universidade e o IHGRGS; falou da satisfação em participar do 7º Encontro dos Institutos Históricos a se realizar entre os dias 25 e 26 de outubro próximo; e fez doação de dois exemplares dos três volumes do livro *Temas de História do Direito*, um ao presidente e outro à Biblioteca do IHGB.

O presidente agradeceu e, nada mais havendo a tratar, encerrou a sessão convidando os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 14

Número de convidados: 14

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Fernando Tasso Fragoso Pires, Ondemar Dias, Antonio Izaias da Costa Abreu, Armando de Senna Bitencourt, Claudio Aguiar, Marcos Guimarães Sanches, Cybelle de Ipanema, Lucia Maria Paschoal Guimarães, Dora Alcântara, Melquíades Pinto Paiva, Maria Arair Pinto Paiva, Miridan Falci, e Maria de Lourdes Viana Lyra.

16ª SESSÃO DA CEPHAS DE 16 DE AGOSTO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

Excepcionalmente realizada na Sala Barão do Rio Branco, pelo foco musical do tema a ser tratado, a sessão foi aberta pelo presidente, que saudou os presentes e solicitou à coordenadora a leitura da ata da sessão anterior, sendo ela aprovada. Após registrar tratar-se de uma *Sessão Temática*, organizada pela CEPHAS/IHGB em conjunto com a Academia Brasileira de Artes – ABA, e inserida no contexto das comemorações dos 250 anos de nascimento do Padre José Maurício, o presidente convocou à mesa os palestrantes, Ricardo Tacuchian e André Cardoso, eminentes conhecedores da obra mauricianiana e, portanto, à frente das celebrações em louvor do *Mestre Capela*, para apresentarem o tema: *Homenagem aos 250 anos do Padre José Maurício Nunes Garcia*.

Inicialmente, falou o maestro, compositor e regente Ricardo Tacuchian – graduado em piano, composição e regência (UFRJ), doutorado em composição (University of South Califórnia), autor de 250 obras musicais executadas e gravada em cerca de 100 faixas de mais de 50 CDs no Brasil e nos Estados Unidos, tendo seu nome em verbete do Grove Music Dictionary II, regido um concerto coral-sinfônico inteiramente dedicado a sua obra, na cidade portuguesa do Porto, além de ter sido regente titular da Orquestra da UNIRIO. Por meio do levantamento da documentação referente que serviu de base histórica para o conhecimento que se tem hoje da vida e da obra do personagem, o expositor analisou a repercussão da obra de Padre-Mestre José Maurício. Apontou os principais arquivos onde foram preservados os manuscritos; ressaltou a importância da musicóloga Cleofe Person de Mattos na preservação desta memória; e registrou a presença viva da obra do compositor nos dias de hoje, a partir de publicações acadêmicas, livros, gravações

e concertos públicos. Por fim, noticiou sobre as comemorações dos 250 anos de nascimento de José Maurício, que veem ocorrendo ao longo do ano na Antiga Sé do Rio de Janeiro, a Casa de José Maurício, onde ele atuou como Mestre Capela da Coroa Portuguesa.

Na sequência, falou o maestro e pesquisador André Cardoso – professor de Regência e Prática de Orquestra da Escola de Música da UFRJ, onde exerceu o cargo de diretor entre 2007 e 2015, foi também diretor artístico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e, atualmente, é presidente da Academia Brasileira de Música, além de autor de livros e de artigos sobre a música brasileira nos períodos Colonial e Imperial. Dissertou sobre a trajetória do Padre José Maurício (1767-1830) que nasceu e restringiu os passos e a vivência no perímetro central da cidade do Rio de Janeiro. Situou as diferentes fases composicionais do excepcional músico e ressaltou as obras que mais a caracterizam, como: a “*Antifona Tota Pulchra es Maria*”, a mais antiga; a “*Missa da Nossa Senhora da Conceição*”, a mais sofisticada; a *Missa de Santa Cecília*, a derradeira. Ressaltou, além disso, o contexto histórico no qual foram criadas e ilustrou a apresentação com belas audições gravadas, relacionando-as aos eventos políticos e sociais do período compreendido entre 1783, ano da primeira composição, e 1826, quando escreveu sua última obra.

Comentários: Os sócios Arno Wehling, Fernando Tasso, Maria de Lourdes Lyra, Dora Alcântara, Senna Bittencourt, Miranda Neto, Pedro Geiger, e o visitante Flávio Silva, felicitaram os palestrantes pela excelência da apresentação, tecendo comentários sobre a valiosa contribuição, de ambos expositores, à ampliação do conhecimento sobre a importância da obra do expoente *Mestre Capela* brasileiro, no século XIX

Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão, convidando os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 12

Número de convidados: 10

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Fernando Tasso Fragoso Pires, João Eurípedes Franklin Leal, Miranda Neto, Antonio Izaías da Costa Abreu, Ondemar Dias, Dora Alcântara, Carlos Francisco Moura, Regina Wanderley, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Armando de Senna Bittencourt, e Maria de Lourdes Viana Lyra.

17ª SESSÃO DA CEPHAS DE 23 DE AGOSTO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Lucia Maria Paschoal Guimarães

Os trabalhos foram abertos pelo Presidente do IHGB, Arno Wehling, que cumprimentou os presentes e advertiu que a sessão temática “Cem anos de Evaristo de Moraes Filho”, deveria ter o seu título alterado, uma vez que o IHGB já havia prestado tributo ao sócio, por ocasião do seu centenário, em 2014. A sessão de hoje tem como foco o livro “Evaristo de Moraes: 100 anos de vida – contribuição à sociologia e ao direito do Trabalho”, e contará com a participação de quatro dos seus autores, Elina Gonçalves da Fonte Pessanha, José Sergio Leite Lopes, Sayonara Grillo Coutinho Leonardo da Silva e Regina Morel.

Após este registro, Arno Wehling chamou à mesa a primeira expositora, Elina Gonçalves da Fonte Pessanha, antropóloga e professora titular do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ. Ela é autora de estudos na área de trabalho sobre, sindicalismo, e mais recentemente sobre direitos trabalhistas e Justiça do Trabalho. Coordena o Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro e é editora da revista *Sociologia & Antropologia*, editada pela mesma universidade.

A palestrante agradeceu o convite para se apresentar no IHGB, e lembrou que o livro em questão é tributário de um evento, realizado em 2014, pelo Colégio Brasileiro de Altos Estudos da UFRJ, o IFCS/UFRJ e a Faculdade de Direito da UFRJ, em razão do centésimo aniversário do Dr Evaristo. Infelizmente, a publicação só veio a ser lançada depois de seu falecimento, ocorrido no ano passado. Esclareceu que sua fala é tributária do capítulo que escreveu para a coletânea, intitulado “Bacharel da República: as várias faces da contribuição de Evaristo de Moraes Filho à construção dos direitos do trabalho no Brasil”. A professora deteve-se na formação superior de Evaristo de Moraes Filho, em uma época em que as questões sociais eram debatidas na Faculdade de Direito, pois não existiam as faculdades de filosofia. Acentuou que os bacharéis cumpriram papel fundamental no pensamento e na efetivação dos ideais republicanos. Nesse sentido, Evaristo se autodenominava “socialista possibilista”. Após concluir o curso, iniciou as atividades profissionais na área do direito do trabalho. Fez parte de duas comissões Mistas de Negociação e Julgamento, e depois integrou o grupo dos primeiros procuradores da Justiça do Trabalho. Foi assistente técnico do Ministério

do Trabalho, no período da “invenção do trabalhismo, segundo a expressão cunhada por Angela de Castro Gomes. Participou do projeto de elaboração da CLT, em 1943, mas deixou o governo Vargas, ao se acentuar a tendência policialesca do Estado Novo. Retornou ao Ministério do Trabalho na presidência de Eurico Gaspar Dutra, quando foi encarregado de analisar o projeto sindical, proposto por João Mangabeira. Naquela altura, Evaristo defendeu a unicidade sindical, tema por ele abordado no livro “O problema do sindicato único no Brasil”, lançado em 1952. Mais tarde, João Mangabeira o convidou para escrever um novo código do trabalho. Cassado e aposentado como professor da UFRJ, em 1969, continuou escrevendo e produzindo obras que são referência nas áreas do direito do trabalho e da sociologia. Segundo Elina, nos últimos anos de vida, o Dr. Evaristo vinha externando suas preocupações com a preservação e a ampliação dos direitos sociais. No entender da palestrante, se vivo fosse, o jurista certamente teria ficado bastante triste com as reformas trabalhistas aprovadas pelo atual governo.

Na sequência, Arno Wehling passou a palavra ao Professor José Sérgio Leite Lopes, antropólogo e professor titular do Museu Nacional, atualmente diretor do Colégio Brasileiro de Altos Estudos da UFRJ. Autor de pesquisas sobre operários do açúcar, trabalhadora(e)s têxteis, ambientalização dos conflitos e movimentos sociais, no momento, desenvolve uma investigação comparada entre movimentos de trabalhadores rurais e urbanos.

O professor externou sua satisfação de se apresentar no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Acentuou o papel pioneiro de Evaristo de Moraes Filho, na análise do sindicalismo brasileiro, na obra “O problema do sindicato único no Brasil”, alvo de entrevista realizada com o Dr. Evaristo em 1992. Discorreu, também, sobre a formação do campo da Sociologia universitária, tecendo um paralelo entre as linhagens acadêmicas que floresceram na USP e as figuras que se destacaram no campo, mas que permaneceram marginalizadas, como é o caso de José Albertino Rodrigues, da Escola Livre de Sociologia de São Paulo e depois integrado ao movimento sindical e ao DIEESE; José Albertino recuperou a obra sociológica de Evaristo de Moraes Filho. A atualidade persistente do seu contributo está relacionada ao seu duplo pertencimento ao mundo do direito do trabalho e ao mundo da sociologia, e à sua análise impregnada da experiência obtida nos primórdios do Ministério do Trabalho e da justiça do trabalho. Ao final, o professor exibiu uma série de slides com retratos do Dr. Evaristo e com ilustrações sobre tópicos da sua comunicação.

Após esta intervenção, o presidente convidou a fazer uso da palavra a professora Sayonara Grillo Coutinho Leonardo da Silva, doutora em Ciências Jurídicas pelo PUC/RJ, professora associada da Faculdade de Direito da

UFRJ, e desembargadora do Trabalho no Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região.

Sayonara agradeceu o convite e expressou o seu contentamento de participar de sessão da CEPHAS. Também fundamentada no capítulo que preparou para o livro *Evaristo de Moraes Filho. 100 Anos de Vida: Contribuição à Sociologia e ao Direito do Trabalho*, Sayonara privilegiou a dupla formação e a dupla inserção do Dr. Evaristo – acadêmica e profissional – nas áreas de ciências jurídicas e sociais. Acentuou que seus estudos o situam no âmbito do pensamento social brasileiro e examinou a repercussão da obra por ele deixada na sociologia do trabalho e no direito coletivo, realizando uma revisão bibliográfica de e sobre Moraes Filho. Argumentou que a recursa do jurista à tese da outorga e do insolidarismo se faz acompanhada da afirmação de um caráter compromissório e de mediação do direito laboral. Concluiu sua fala destacando a singularidade metodológica do Dr. Evaristo, apontando ainda um inventário de temas de pesquisa que permitem ampliar a compreensão sobre a contribuição de Evaristo de Moraes Filho para a cultura jurídica trabalhista.

Arrematando a sessão temática, o presidente convocou a palestrante Regina Lucia Moraes Morel. Socióloga, professora aposentada da UFRJ, autora de livros e artigos sobre trabalhadores, sindicalismo, direitos e Justiça do Trabalho, Regina é filha de Evaristo de Moraes Filho.

Regina Morel agradeceu em seu e em nome da família a oportunidade de apresentar no IHGB o livro *Evaristo de Moraes: 100 anos de vida* Lembrou que o pai foi sócio efetivo desta Casa, onde possuía muitos amigos, que se empenham para manter viva a sua memória. A professora abordou a trajetória acadêmica de Evaristo, desde os tempos de estudante da antiga Faculdade Nacional de Direito até a sua dupla inserção no magistério, na Faculdade de Direito e no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, lecionando, respectivamente, as disciplinas Direito do Trabalho e Sociologia. Assinalou a participação em órgãos colegiados, bem como os cargos de instância decisória que ocupou na UFRJ. Salientou, entre outras atividades, o seu trabalho no MEC, na Ford Foundation, nas agências de fomento, CAPES e CNPq, a fundação do Instituto de Ciências Sociais, voltado para a carreira de pesquisador e que se situava à margem das cátedras, extinto pelo golpe de 1964. Cassado e aposentado pelo governo militar, após a anistia Evaristo foi instado a solicitar a sua reintegração nos quadros da UFRJ, porém rejeitou o convite. A anistia chegara tarde. Sua opção havia sido a favor do estudo, a sós com seus livros e com seus pensamentos. Porém, não ficou recluso, continuou escrevendo e com vida cultural

intensa, entre a Casa Rui, o Instituto Histórico e a Academia Brasileira de Letras.

Comentários: Os sócios Pedro Pinchas Geiger, Alberto Venancio Filho, Cybelle de Ipanema, Maria Arair Pinto Paiva, Lucia Guimarães e Arno Wehling teceram comentários e levantaram questões pertinentes que foram respondidas pelos quatro palestrantes.

Após as intervenções, o presidente chamou à mesa o sócio correspondente francês Jean Pierre Blay para fazer uma sinopse das suas investigações atuais. Jean Pierre agradeceu a oportunidade e, acompanhado de uma exibição em power point, ofereceu o relato da pesquisa que empreendeu para a mostra “Cartier, in motion”, atualmente exposta em Londres pela Joalheria Cartier. Jean Pierre abordou aspectos do design da famosa joalheria, em especial, obras de Louis Cartier, cujas criações se inspiravam na arquitetura de Paris, após a reforma urbana promovida por Haussaman, bem como nos monumentos erguidos para a celebração do centenário da revolução francesa. Recordou, também, que a criação do primeiro relógio de pulso da marca, batizado de Santos, deveu-se à encomenda do brasileiro Alberto Santos-Dumont, que necessitava de uma máquina diferente dos relógios de bolso, apropriada para suas experiências em balões e em dirigíveis.

Nada mais havendo a tratar, face ao adiantado da hora, Arno Wehling agradeceu aos palestrantes, encerrou a sessão e convidou os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB

Frequência:

Número de sócios presentes: 11

Número de convidados: 3

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Fernando Tasso Fragoso Pires, Maria Arair Pinto Paiva, Cybelle de Ipanema, Jean Pierre Blay, Alberto Venancio Filho, Antonio Izaías da Costa Abreu, Vera Lucia Cabana de Andrade, Miridan Falci, Pedro Pinchas Geiger, e Lucia Maria Paschoal Guimarães.

18ª SESSÃO DA CEPHAS DE 30 DE AGOSTO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Lucia Maria Paschoal Guimarães

Os trabalhos foram abertos pelo Presidente do IHGB, Arno Wehling, que cumprimentou os presentes e solicitou à sub-coordenadora da CEPHAS que procedesse à leitura da ata da sessão anterior, sendo ela aprovada sem correções. Em seguida, informou o desaparecimento do sócio correspondente italiano Aniello Angelo Avella e pediu um minuto de silêncio em memória do sócio recém falecido. Após a homenagem, propôs a inversão da pauta dos trabalhos desta tarde e chamou à mesa o sócio titular Antonio Izaías Costa Abreu para uma breve comunicação.

Antonio Izaías agradeceu a deferência e teceu algumas considerações sobre a importância das doações para o enriquecimento do arquivo, do museu e da biblioteca do IHGB. Sejam certidões, moedas, selos, fotografias ou livros, o importante é não perder de vista que o acervo deve ser constantemente ampliado, de modo a preservar da melhor e mais completa forma possível o estudo em suas inúmeras vertentes, quer histórica, geográfica, política e antropológica, a fim de que não se percam os testemunhos do curso dos acontecimentos. Inventariou, ainda, as doações que ofertou ao IHGB nos últimos dias: 1) Cópia do pedido de homologação de proprietários da cidade de Bom Jesus do Itabapoana doando o terreno para a criação da vila; 2) Cópia da certidão de Inteiro Teor de João Carlos Pardal Mallet, membro da Academia Brasileira de Letras, falecido em Caxambu (MG), em 24 de novembro de 1894; 3) Cópia do Mandado de Retificação do Registro Civil ao Dr. Morel Mendonça Meireles, juiz de Direito da Comarca de Caxambu, requerido pela genitora do falecido João Carlos Pardal Mallet, d. Germana Mallet Jacques de Lucena. A averbação à margem do acento de óbito foi procedida às fls 76, do Livro C, nº 1, constando outros dados da vida civil do requerido; 4) Cópia da notícia da Abolição da Escravatura, com a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, no *Diário Popular*, edição de 14 de maio de 1888; 5) Ofício do Presidente da Câmara Municipal de Barra do Pirai, agradecendo ao desembargador Antonio Izaías o empenho na restauração do quadro, em óleo sobre tela, do retrato do Governador Portela, obra que contou com a colaboração de Vera Lucia Bottrel Tostes, então diretora do Museu Histórico Nacional; 6) Título de eleitor de Leopoldo de Vargas Corrêa, residente em Natividade de Carangola, município de Campos dos Goitacazes, cujo alistamento se deu em 1882, provando ter bens de raiz e renda anual de quinhentos mil reis, conforme o exigido para ser eleitor à época; 7) Vinte e uma fotografias digitalizadas de José Gomes Bezerra da Câmara; 8) Três fotografias digitalizadas de Diocleciano Martins de Oliveira; 9) Medalha em homenagem à instalação da Relação no Brasil; 10) Medalha em homenagem ao centenário do desembargador José Navega Cretton, que presidiu o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro e fundou Grandes Lojas Maçônicas no Brasil; 11) Caderno de Exposições do Museu da Justiça do Estado do Rio de Ja-

neiro, janeiro/2009. 12) Obras completas de Rui Barbosa, por José Gomes Bezerra Câmara. Organização e coordenação Desembargador Antonio Izaías da Costa Abreu. Prêmio FUNAGER, 2015. Poder Judiciário, 25 anos. 13) Livro *As últimas pensões e mesadas de D. Pedro II*, de Guilherme Auler; e *Enciclopédia Histórica, Política, geográfica e Comercial*. Lisboa: Imprensa de JJ Soares, 1840.

O Presidente Arno Wehling agradeceu as doações e convidou a primeira expositora da tarde, a professora Patricia Aranha, para apresentar a comunicação “Uma aproximação à constituição do curso universitário de Geografia no Brasil”. Patricia Aranha é doutora em História Social pela UFRJ, e integra o quadro de pesquisadores visitantes do Instituto Ibero-Americano de Berlim.

A palestrante agradeceu o convite para se apresentar no CEPHAS, bem como as colaborações que recebeu dos funcionários do IHGB e dos sócios Pedro Pinchas Geiger, Miridam Britto Falci e Cybelle de Ipanema durante a elaboração da sua tese doutorado, intitulada “Geografia como profissão: campo, auto-representação e historiografia (1934-1955)”. Esclareceu, também, que sua fala é tributária desta tese e tem por objetivo abordar a constituição do campo da geografia no Brasil. Nesse sentido, examinou os ambientes onde geógrafos eram formados, onde circulavam profissionalmente, bem como as disputas nas quais estavam inseridos, traçando um caminho que se estende desde as querelas sobre a criação do curso universitário de Geografia e História até a defesa de um “perfil ideal” de geógrafo profissional. Lembrou, ainda, o estabelecimento dos primeiros cursos de graduação em Geografia e História na Universidade de São Paulo e de Geografia na Universidade do Distrito Federal, o primeiro constituído sob forte influência francesa, voltado para a pesquisa acadêmica e o magistério. O segundo, direcionado para o trabalho de campo, com metodologia específica. Em que pesem as diferenças, a Universidade tornou-se o local privilegiado de formação dos geógrafos. Com a fundação do IBGE e da Universidade do Brasil, estabeleceu-se o campo de atuação desses profissionais, para além das atividades do magistério. Estas instituições funcionavam em conjunto, numa relação de associação que marcou a interferência que um ambiente exerceria sobre o outro. Assim, as ligações entre o IBGE e a Universidade acabariam por conduzir o processo de separação dos cursos de Geografia e História, por conseguinte, apartando a formação do geógrafo da do historiador no Brasil.

Comentários: Os sócios Pedro Geiger, Cybelle de Ipanema e Arno Wehling cumprimentaram a expositora, teceram comentários e levantam questões pertinentes que por ela foram respondidas.

Dando prosseguimento à sessão, Arno Wehling passou a palavra ao convidado Rui Aniceto Fernandes, para expor a comunicação “Ilha das Flores, de memórias e histórias. O museu da Imigração da Ilha das Flores”. Rui Fernandes é doutor em História pela PUC/RJ, professor adjunto da UERJ, membro do Corpo Curador do Museu de Imigração da Ilha da Flores. Coordenador Institucional do PIBID/CAPES/UERJ e Vice-lider do Grupo de Pesquisa História de São Gonçalo Memória e Identidade, cadastrado no Diretório do CNPq.

O professor externou sua satisfação de se apresentar no IHGB. Iniciou sua exposição apresentando um documentário sobre a chegada de imigrantes na antiga Hospedaria da Ilha das Flores. Esclareceu que o local, hoje em dia, já não é mais uma ilha, pois as obras de construção da rodovia Mário Covas, na década de 1980, promoveram uma série de aterramentos no local ligando-a ao continente. Apesar disso, a denominação de Ilha das Flores perdurou. Exibindo ilustrações em power point, Rui fez um relato sobre a história daquele espaço que, ao longo do tempo, sofreu ocupações das mais variadas. Nos últimos dois séculos, a ilha abrigou um engenho de mandioca, um experimento pioneiro de criação intensiva de peixes, funcionou como presídio e, atualmente, sedia a Tropa de Reforço do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil. Seja como for, um dos usos mais conhecidos diz respeito à Hospedaria de Imigrantes ali instalada em 1883 e extinta em 1966. Este viria a ser o primeiro estabelecimento do gênero do país e foi criado em meio aos debates de políticos e intelectuais sobre o processo de transição de mão-de-obra escrava para livre no país. Por ali, passaram milhares de homens, mulheres e crianças que traziam seus sonhos e desejos de (re)construção de suas vidas. A Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores foi o primeiro endereço de levas de trabalhadores que, no final do século XIX, eram vistos como uma solução para substituir a mão-de-obra escrava. A Ilha das Flores, portanto, é um espaço rico em experiências de configurações sociais e de memórias pouco conhecidas. O Museu da Imigração ali erguido, inaugurado em julho de 2016, busca recuperar essa memória.

Comentários: Os sócios Armando de Senna Bittencourt, Franklin Leal e Miranda Neto, bem como os convidados Rodrigo Hemerly e Luis Severiano Soares Rodrigues teceram comentários e levantaram questões pertinentes, que foram respondidas pelo palestrante.

Após essas intervenções, o Presidente convidou o sócio titular Armando de Senna Bittencourt para apresentar o livro “Patrimônio Arqueológico Subaquático na Marinha do Brasil: Objetos oriundos de sítios de naufrágios da costa brasileira”, que será lançado hoje no IHGB. Senna Bittencourt esclareceu que o livro é um dos resultados do trabalho realizado pela Diretoria

do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha juntamente com Sociedade Brasileira de Arqueologia. Assinalou que a arqueologia subaquática é um campo de pesquisa recente no Brasil, cujas primeiras atividades datam dos anos 1990. Até então, os acervos formados principalmente por objetos provenientes de restos de embarcações naufragadas no litoral brasileiro eram fruto de intervenções amadoras e até mesmo aventureiras. Senna Bittencourt apresentou imagens digitalizadas de peças de coleções que estão sob a salvaguarda da Marinha, como, por exemplo, canhões, porcelanas, faianças, moedas e utensílios de bordo provenientes dos mais variados sítios arqueológicos de naufrágios, que ocorreram na costa desde o século XVI.

Nada mais havendo a tratar, Arno Wehling encerrou a sessão e convidou os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB, onde também haverá o lançamento do já mencionado livro “Patrimônio Arqueológico Subaquático na Marinha do Brasil”.

Frequência:

Número de sócios presentes: 17

Número de convidados: 17

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Guilherme Frota, Fernando Tasso Fragoso Pires, Cláudio Aguiar, Cybelle de Ipanema, Armando de Senna Bittencourt, Antonio Izaías da Costa Abreu, Vera Lucia Cabana de Andrade, Miranda Neto, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Antonio Celso Alves Pereira, João Eurípedes Franklin Leal, Lucia Bastos, Dora Alcântara, Pedro Pinchas Geiger e Lucia Maria Paschoal Guimarães.

19ª SESSÃO DA CEPHAS DE 13 DE SETEMBRO DE 2017

Sob a direção do Presidente Arno Wehling e tendo como secretária a prof^a. Miridan Britto Falci, realizou-se a sessão da Cephas de 13 de setembro de 2017, tendo como inscritos o sócio honorário Dr. Pedro Geiger e o sócio correspondente português Miguel Monteiro.

O primeiro palestrante, recém eleito para o IHGB proferiu uma reflexão intitulada “*de De Martonne a Deleuze e Guattari ou História e Geografia retornam à Filosofia*”.

O geógrafo dividiu a sua palestra em 5 principais sub títulos e reflexões.

Na apresentação anunciou que trataria na sua fala de :

A separação de ciência e Filosofia. A união da Geografia e História há 20 anos e atual separação. A pós-modernidade; a globalização e o capitalismo. Max e a História.

Primeiro item: O sócio tratou da Globalização: a geografia nos anos 1920, as interpretações de Martonne, o grande geógrafo francês; a transformação dos conteúdos com a revolução quantitativista em 1970;

Segundo item: Refletiu e explicou Aa Causalidade.

A explicação da guerra como ponto da globalização e a importância da informática, as causas da segunda guerra em sua causalidade e a figura de Hitler finalizando com a reflexão A história só se repete como farsa;

Terceiro item: História e Geografia- retorno a Filosofia. Gilles Deleuze e Felix Guattari suas contribuições filosóficas; Braudel com a sua geo-história; os conceitos de trabalho e riqueza pura, a compreensão que a geografia é mental e ligada ao ambiente e a geo-história ligada à singularidade de um povo dando como exemplo o pragmatismo da Inglaterra e as noções de revolução do povo francês.

Quarto item: A Territorialização – a reflexão sobre capitalismo e territorialização.

Conclusão: A compreensão de uma interação entre globalização e Filosofia. A declaração do seu pensamento: formado e amadurecido pelo marxismo e entremeado de noções atuais de um mundo moderno e globalizado.

Ao final, recebeu apertes de Fernando Tasso, desejando mais informações sobre os conceitos apresentados, Vera Cabana, Miridan Falci, Arno Wehing e Cybelle de Ipanema sobre conceitos apresentados e personalidades geográficas como os geógrafos Delgado de Carvalho e Francis Ruellan.

O segundo palestrante, sócio português Miguel Monteiro discorreu sobre *D. Pedro I Imperador do Brasil e a experiência liberal portuguesa*.

O palestrante iniciou lembrando, como as figuras históricas são vistas diferentemente pela historiografia no Brasil e em Portugal e refletiu que não se pode julgar a história, pois ela não é um tribunal de julgamento e mostra como exemplo desses julgamentos as análises historiográficas da figura de Carlota Joaquina, D. João VI e D. Pedro I.

Apresenta, em primeiro lugar, diversas fotos de D. Pedro I, em suas diversas fases, como criança, como jovem e como adulto, além de muitas fotos do Rio de Janeiro na época.

Segue-se um quadro cronológico com acontecimentos luso-brasileiros entre 1807 e 1822 e reflexões sobre visões da sociedade secreta Sinédrio fundada no Porto – com visão progressista da História. Assinala a existência de inúmeros documentos portugueses que ficaram por muito tempo e, ainda hoje, sem conhecimento. Assinala as imposições das Cortes Constituintes como a volta de D. João, extinção da inquisição, a abolição dos direitos senhoriais, a transformação dos bens da Coroa em bens nacionais.

Realça as diferenças entre D. Pedro e D. Miguel, o liberal e maçom e o absolutista.

Relembra as dívidas do Brasil no início do governo, as guerras da Cisplatina, o pagamento da independência e a volta de D. Pedro.

Ao final da palestra, houve participação da Dra. Manuela, da Academia Portuguesa de História, lembrando a construção de um método de construir a História ou a construção de uma história científica.

Dr. Monteiro lembra o que aconteceu quando D. Pedro renuncia e vai apenas ser regente, mas aparece, depois, como defensor das liberdades. D. Maria foi rainha e regente. Finalmente, os liberais aclamaram D. Pedro como rei liberal, atual Duque de Bragança e difusor das liberdades, objeto principal da palestra dele hoje no IHGB.

Vários sócios e outros presentes participaram com observações como Fernando Tasso Fragoso Pires, Luis Severiano e Edivaldo Boaventura.

Ao final, o presidente agradeceu a oportunidade da discussão e de se realizar neste momento o encontro entre a Academia Portuguesa da História e o IHGB. Encerrou a sessão, agradecendo a todos os presentes.

Número de convidados: 23

Número de sócios presentes: 15

Relação de sócios presentes: Arno Wehling, Guilherme Frota, Fernando Tasso Fragoso Pires, D. Carlos Tasso de Saxe Coburgo e Bragança, Manuela Mendonça, Miguel Monteiro, Edivaldo Boaventura, Carlos Francisco Moura, Cybelle de Ipanema, Antonio Izaías da Costa Abreu, Vera Lucia Cabana de Andrade, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Antonio Celso Alves Pereira, Pedro Pinchas Geiger, e Miridan Britto Falci.

20ª SESSÃO DA CEPHAS DE 20 DE SETEMBRO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Lucia Maria Paschoal Guimarães

Os trabalhos foram abertos pelo Presidente do IHGB, Arno Wehling, que cumprimentou os presentes e solicitou à sub-coordenadora da CEPHAS que procedesse à leitura da ata da sessão de 30 de agosto passado, sendo ela aprovada sem correções. O Presidente informou o desaparecimento do sócio emérito, vice-presidente do IHGB Dr. José Arthur Rios, e pediu um minuto de silêncio em memória do confrade recém-falecido. Ao fim da homenagem, Arno destacou a expressiva participação do Dr. Rios nas atividades do IHGB, apesar da idade já avançada, bem como a contribuição por ele deixada aos estudos de sociologia, de história e de ciência política. Informou, ainda, que a missa de 7º dia será celebrada na Igreja do Mosteiro de São Bento, no próximo sábado, 23 de setembro, às 10:30 horas.

Em seguida, Arno Wehling chamou à mesa a primeira convidada da tarde, Nisia Verônica Trindade Lima, para a apresentar a comunicação “Centenário de falecimento de Oswaldo Cruz”. Nisia Trindade é Doutora em Sociologia pelo IUPERJ, atual IESP/UERJ, professora adjunta de Sociologia da UERJ, pesquisadora titular da Casa de Oswaldo Cruz, integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação de História das Ciências e da Saúde. Autora de diversas obras voltadas para os seguintes temas: ciência e pensamento social no Brasil; história das ideias em saúde pública e o sertão no pensamento social do Brasil. Atualmente, exerce as funções de Presidente da Fundação Oswaldo Cruz.

A palestrante agradeceu o convite para se apresentar na CEPHAS e prestou tributo à memória de José Arthur Rios, lembrando aspectos da entrevista que o sociólogo lhe concedeu e que faz parte do acervo da Casa de Oswaldo Cruz, unidade da Fiocruz e centro de pesquisa e de documentação dedicado à memória, à história das ciências biomédicas e da saúde pública e à educação e divulgação em ciência e da saúde. Segundo Nisia, a passagem do centenário da morte de Oswaldo Cruz constitui um bom momento para se refletir sobre grandes dilemas da sociedade brasileira, nos campos da saúde pública e da educação. A imagem positiva do médico e cientista pode contribuir para se pensar nos desafios que temos de enfrentar na atual conjuntura. Acompanhada de imagens em powerpoint, a professora apresentou os principais traços biográficos de Oswaldo Cruz, detendo-se na sua formação

voltada para o campo da patologia experimental. Examinou também a atuação do cientista, pioneiro no estudo das moléstias tropicais e da medicina experimental no Brasil. Em 1902, assumiu a direção do Instituto Soroterápico Federal e no ano seguinte nomeado Diretor-geral da Saúde Pública (1903), quando coordenou as campanhas de erradicação da febre amarela e da varíola, no Rio de Janeiro, e convenceu o então presidente da República, Rodrigues Alves, a decretar a vacinação obrigatória da população, o que provocou a rebelião de populares e da Escola Militar, conhecida como Revolta da Vacina. Foi apontado como «inimigo do povo», nos jornais, nos discursos da Câmara e do Senado, nas caricaturas e nas modinhas de Carnaval. Organizou os batalhões de “mata-mosquitos”, encarregados de eliminar os focos dos insetos transmissores. Salientou, ainda, que Oswaldo Cruz, em 1916, ajudou a fundar a Academia Brasileira das Ciências e, no mesmo ano, assumiu a prefeitura de Petrópolis onde tencionava criar um museu imperial. Doente, faleceu vítima de insuficiência renal um ano depois, não tendo completado o seu mandato. A autora examinou o legado de Oswaldo Cruz, detendo-se ainda na história do Instituto que leva o seu nome. De acordo com Nísia, a passagem do centenário da morte de Oswaldo Cruz constitui um bom momento para se refletir sobre grandes dilemas da sociedade brasileira, nos campos da saúde pública e da educação. A imagem positiva do médico e cientista pode contribuir para se pensar nos desafios que temos de enfrentar na atual conjuntura. Nesse sentido, a palestrante destacou o papel desempenhado pela FIOCRUZ, cujas atividades atualmente se disseminam em 11 estados da federação, promovendo a articulação entre ciência, tecnologia e inovação, nos âmbitos regional, nacional e internacional.

Comentários: Os sócios Lucia Guimarães, Isabel Lustosa e Claudio Aguiar, bem como os convidados Mario Afonso Carneiro e André Heráclio cumprimentaram a expositora e teceram comentários pertinentes. O sócio Tasso Fragoso indagou sobre a arquitetura do prédio sob a forma de castelo que abriga a FIOCRUZ, idealizado pelo médico brasileiro. A expositora respondeu às questões e aos comentários, seguindo-se animado debate.

Dando prosseguimento à sessão, Arno Wehling passou a palavra à convidada Claudia Cristina Azeredo Atallah, para expor a comunicação “Da justiça em nome d’El Rey: Justiça, ouvidores e inconfidência no centro-sul da América portuguesa”. Claudia Atallah é doutora em História pela UFF, professora adjunta do Departamento de História da UFF em Campos dos Goytazes, pesquisadora nas áreas de História do Brasil colonial e História Moderna, com ênfase Autora do livro *Da justiça em nome d’El Rey: ouvidores e inconfidência no centro-sul da América Portuguesa* (Sabará 1720-

1777), (Rio de Janeiro: EdUERJ/Faperj, 2015), obra que originalmente foi apresentada como tese de doutorado, defendida na UFF em 2010.

A professora externou sua satisfação de se apresentar no IHGB. Iniciou sua exposição, esclarecendo que a comunicação é tributária do livro em questão. Seu trabalho discute as relações políticas entre a colônia e a metrópole, pela ótica dos ouvidores na comarca do Rio das Velhas, Minas Gerais, no período entre 1720 e 1777. A autora assinala o abalo que o ministério do Marquês de Pombal causou no universo político português, com suas estratégias centralizadoras de governo, a partir de mudanças no campo educacional e acadêmico, bem como as novas diretrizes estabelecidas por Pombal para a Universidade de Coimbra e o Desembargo do Paço, principais redutos de uma elite formada para servir à Coroa nos moldes da tradição. Nesse contexto, Claudia procurou examinar tais relações com base em uma razão política corporativa e jurisdicional, contemplando a atuação dos indivíduos nomeados pelo Desembargo do Paço para assumir o cargo de ouvidor geral na região mineradora e considerando essa instituição como representante máxima da razão política típica de Antigo Regime português.

Comentários: Os sócios Maria Arair Pinto Paiva, Lucia Guimarães, Tasso Fragoso e Arno Wehling cumprimentaram a palestrante e teceram comentários pertinentes que, por ela, foram respondidos. Arno Wehling convidou a expositora a publicar o documento “Representação de 1775”, na *Revista do IHGB*, acompanhado do respectivo estudo crítico.

Após essas intervenções, o Presidente sugeriu que os presentes visitassem a Exposição que, atualmente, está montada no Museu do IHGB, sobre a constituição do próprio acervo, trabalho que foi realizado a pedido do IBRAM.

Nada mais havendo a tratar, Arno Wehling encerrou a sessão e convidou a todos para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 11

Número de convidados: 7

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Cláudio Aguiar, Fernando Tasso Fragoso Pires, Maria Arair Pinto Paiva, Melquíades Pinto Paiva, Carlos Francisco Moura, Cybelle de Ipanema, Antonio Izaías da Costa Abreu, Luiz Felipe de Seixas Corrêa, Pedro Pinchas Geiger e Lucia Guimarães.

21ª SESSÃO DA CEPHAS DE 27 DE SETEMBRO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Victorino Chermont de Miranda

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

A sessão foi aberta pelo presidente que saudou os presentes e solicitou à coordenadora a leitura da ata da sessão anterior, sendo ela aprovada sem correção. Após informar a inversão da pauta anunciada, na qual o palestrante convidado seria o primeiro a falar, o presidente convocou à mesa o sócio Manuel José de Miranda Neto, para apresentar o tema: *Fazenda Santa Cruz: potência jesuítica 1589-1759*.

O palestrante cumprimentou os presentes e logo passou à abordagem do tema, centrando a atenção na atividade produtiva da fazenda Santa Cruz que, no século XVIII, era considerada verdadeira potência econômica da Companhia de Jesus e atuava como abastecedora do Rio de Janeiro. Informou que a fazenda abrangia enorme área contínua e se destacava na criação de gado, além da produção agrícola diversificada, como a da cana de açúcar, de legumes, de fármacos e de hortaliças. Também incluía a produção de manufaturas e de artesanatos, exercida por indígenas e por africanos, especialmente treinados pelos padres para as diversas funções requeridas.

Comentários: Os sócios Fernando Tasso, Senna Bittencourt e o visitante Xavier cumprimentaram o expositor e teceram comentários pertinentes sobre o que fora apresentado.

Em seguida, o presidente passou a palavra à convidada Ângela Cunha da Motta Telles – diretora da Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, integrante do Polo de Pesquisa Luso-Brasileira, da mesma instituição, professora do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estácio de Sá –, para apresentar o tema: *A história do comércio exterior do Brasil no final do Império e o Real Gabinete Português de Leitura: Eduardo Lemos e Joaquim Ramalho Ortigão*.

Após agradecer o convite par se apresentar na CEPHAS/IHGB, agradecer as presenças da professora Neuza Fernandes, de quem foi aluna; do sócio Carlos Moura, companheiro do Real Gabinete; dos amigos Suely Franco, Aline Montenegro e Rafael Bezerra; de colegas e alunos da Universidade Estácio de Sá, a palestrante passou à abordagem do tema. Inicialmente, esclareceu que a investigação teve início nas páginas da *Revista Ilustrada* (1876-1898), que revelou significativo acervo documental conservado no Real Ga-

binete sobre a história do café no Brasil e a política econômica relativa ao principal produto de exportação do Segundo Reinado. Observou que a pesquisa propiciou relevantes informações sobre Eduardo Lemos e Joaquim Ramalho Ortigão, figuras de destaque na sociedade da época, mas que ficaram esquecidos nas brumas do tempo apesar de ambos, terem sido importantes comerciantes de café, membros do *Centro da Lavoura e Commercio* (associação não governamental criada em 1881), ocupado o cargo de presidente do Real Gabinete, e serem os responsáveis pela construção o belo prédio, marco da unidade luso-brasileira. Além disso, ambos foram idealizadores das primeiras exposições de café do Brasil no exterior, sendo, por isso, escolhidos representantes do Império brasileiro nessas mostras internacionais.

Comentários: Inicialmente, o sócio Pedro Geiger questionou o enfoque econômico da palestra, em detrimento do cultural, a área de saber do Real Gabinete, tendo a expositora respondido satisfatoriamente a questão posta. Na sequência, os sócios Cybele de Ipanema, Vera Cabana, Maria de Lourdes Lyra, e os visitantes Neuza Fernandes, Aline Montenegro, Rafael Bezerra, Rogério e Xavier felicitaram a expositora pelo trabalho de pesquisa realizado e pela validade da análise apresentadas.

Por fim, o presidente informou sobre a programação da próxima CEPHAS e, nada mais havendo a tratar, encerrou a sessão, convidando os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 11

Número de convidados: 23

Relação dos sócios presentes: Victorino Chermont de Miranda, Miranda Neto, Armando de Senna Bittencourt, Fernando Tasso Fragoso Pires, Carlos Francisco Moura, Cybelle de Ipanema, Antonio Izaia da Costa Abreu, Pedro Pinchas Geiger, Vera Lucia Cabana de Andrade, Antonio Celso Alves Pereira, e Maria de Lourdes Viana Lyra.

22ª SESSÃO DA CEPHAS DE 04 DE OUTUBRO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Victorino Chermont de Miranda

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

A sessão foi aberta pelo presidente, que saudou os presentes e solicitou à coordenadora a leitura da ata da sessão anterior, sendo ela aprovada sem correção. Antes de prosseguir a sessão, a coordenadora solicitou ao presidente a palavra, para registrar, com grande pesar, a dolorosa morte do Reitor da UFSC, Luiz Carlos Concelier, que cometeu suicídio por ter sido injustamente acusado de desvio de verba, pela justiça, preso e afastado do cargo, sem qualquer prova nem anterior abertura de processo. Em seguida, o presidente convocou à mesa os dois palestrantes convidados, os pesquisadores: Lúcia Maria Veloso de Oliveira – doutora em História Social, pela USP; graduada em História, pela UFRJ e em Arquivologia, pela UERJ; professora na UFF e na Fundação Casa de Rui Barbosa –, e o sócio José Almino de Alencar, para apresentarem o tema da sessão temática: *A Coleção Família Barbosa de Oliveira*.

Inicialmente, falou a professora Lúcia Maria Veloso de Oliveira, seguida pelo sócio José Almino de Alencar, informando ambos tratar-se de uma coleção de documentos doada à Fundação Casa de Rui Barbosa, em 1993, pela família de Américo Lourenço Jacobina Lacombe, juntamente ao seu arquivo pessoal. Esclareceu que o historiador e genealogista Lacombe conseguiu reunir uma documentação ampla e interessantíssima com registros sobre o modo de viver e de se relacionar de várias famílias da sociedade por quase dois séculos e que foi catalogada como *Coleção Família Barbosa de Oliveira*. Além disso sugeriu a publicação do livro hoje lançado e que discorre sobre o minucioso trabalho arquivístico inovador sob o ponto de vista metodológico, com o objetivo de tornar as informações disponíveis aos pesquisadores interessados no estudo sobre o período entre 1778 e 1965 da História do Brasil. Organizado pela professora palestrante, o livro dedica especial atenção à descrição dos principais desafios encontrados pela equipe técnica para dar utilidade, a mais ampla possível, à documentação reunida, imprimindo-lhe um sentido que potencialize o seu uso por diferentes usuários, com interesses de pesquisa diversificados, como educação, economia, política, história cultural, história social, moda, entre outros.

Comentários: Os sócios Vera Cabana, Maria de Lourdes Lyra, Fernando Tasso e a visitante Tereza Fachada Levy Cardoso cumprimentaram os expositores pela excelência do trabalho arquivístico realizado, que constitui elemento crucial ao historiador, e pela forma clara e precisa da apresentação.

Por fim, o presidente informou sobre a programação da próxima CEPHAS e, nada mais havendo a tratar, encerrou a sessão, convidando os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 13

Número de convidados:5

Relação dos sócios presentes: Victorino Chermont de Miranda, José Almino de Alencar, Fernando Tasso Fragoso Pires, Carlos Francisco Moura, Miranda Neto. Antonio Izaias da Costa Abreu, Cybelle de Ipanema, Pedro Geiger, João Eurípedes Franklin Leal, Miridan Falci, Antonio Celso Alves Pereira Vera Lucia Cabana de Andrade e Maria de Lourdes Viana Lyra .

23ª SESSÃO DA CEPHAS DE 18 DE OUTUBRO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

A sessão foi, excepcionalmente aberta pelo sócio Fernando Tasso, enquanto se aguardava a chegada do presidente Arno Wehling, retido em reunião para resolver questões extras relativas à administração. Após informar que não haveria leitura da ata da sessão anterior, por motivo de força maior, o presidente convocou à mesa os professores convidados da sessão temática, Tereza M. R. Fachada Levy Cardoso e Samuel Silva Rodrigues de Oliveira, para apresentarem o tema: *Centenário do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET*.

Sendo iniciada pela professora Tereza Fachada Levy Cardoso – mestrado e doutorado em História, pela UFRJ; pós-doutorado em Educação, pela Universidade de Lisboa; professora nos programas de pós-graduação do CEFET – que falou sobre: *CEFET-RJ: 100 anos de História*. A expositora ressaltou que o CEFET/RJ comemora, em 2017, 100 anos de educação profissional nível médio, 51 anos de educação nível superior e 25 anos de ensino nível de pós-graduação. Constituindo, portanto, uma instituição de trajetória marcante tanto no cenário da educação técnico profissional no Rio de Janeiro, quanto no quadro geral do desenvolvimento nacional. Pontuou a trajetória da instituição desde o início, quando foi criada como *Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz*, passando por diversas transformações até chegar ao atual CEFET/RJ, afirmando que vê na comemoração da data centenária um convite à reflexão sobre a história da instituição, uma oportunidade de rememorar um passado que vale a pena ser revisitado.

Nesse momento, o professor Arno Wehling chegou e assumiu a presidência. Em seguida, após agradecer ao consócio Fernando Tasso pelo encar-

go de abrir a sessão, o presidente passou a palavra ao professor Samuel Silva Rodrigues de Oliveira – mestrado, doutorado e pós-doutorado em História, respectivamente pelas UFMG, CPDOC, UF; professor no Ensino Técnico Integrado e no programa de pós-graduação do CEFET – que falou sobre: *A história do CEFET-RJ na memória da associação de ex-alunos*. Inicialmente, o expositor informou que a Associação, de Ex-Alunos do CEFET foi criada em 1987 e dissertou sobre as atividades da Associação desenvolvidas em sede própria no interior da unidade Maracanã do CEFET, onde realizam-se festas e publicam-se jornais, seus integrantes participam do Conselho Diretor da escola, estabelecem parcerias na organização de arquivos e centros de memória, e que, até o ano passado, era uma das responsáveis pelo espaço do museu escolar. Em seguida, comentou sobre a prática da sociabilidade articulada à identidade de “cefetiano” ou de “ex-aluno da escola técnica”, que ganhou centralidade na articulação de projetos de estudos sobre representações do passado, possibilitando a análise dos significados dessa sociabilidade a partir de três entrevistas com membros “fundadores” da associação.

Comentários: Os sócios Miranda Neto, Miridan Falci, Fernando Tasso, Senna Bitencourt e Maria de Lourdes Lyra cumprimentaram os professores pelo trabalho de pesquisa e pela reflexão realizados, ressaltando a validade da análise sobre a importância da instituição centenária apresentada.

Na sequência, o presidente convidou à mesa o consócio emérito, Carlos Wehrs, concedendo a ele a palavra para homenagear uma instituição de terna lembrança e de importância incontestada na cidade do Rio de Janeiro – a Pro-Matre –, que completaria em 2018 um século de existência.

Sob o título: *Pró-Matre: História e Memória*, o consócio iniciou sua apresentação com o registro da feliz coincidência da agenda para sua participação na CEPHAS, justo no Dia do Médico, sendo essa a primeira vez que fala no IHGB sobre um tema ligado à Medicina. Depois registrou o lamentável incêndio ocorrido em março do corrente ano (2017), que paralisou os trabalhos da instituição filantrópica, onde iniciou sua atividade profissional, logo desejando que suas funções sejam restabelecidas em tempo de comemorar a data centenária, apesar de se mostrar cético ante à precariedade da atual situação financeira, além da falta de apoio governamental. Em seguida, passou a comparar a situação atual com a da época da criação da instituição, também de crise econômica, alta taxa de desemprego e de mortalidade infantil, quando foi fundada, em 1918, a *Associação Pro-Matre – Proteção à mulher desamparada e infância desvalida*, sob a direção de um grupo de 14 mulheres da elite local (inclusive a esposa do presidente da República) pertencentes à Associação das Damas da Cruz Verde do Rio de Janeiro, tendo à frente D. Stela de Carvalho Guerra Duval e sendo mantida através de

contribuições de sócios mantenedores e contratos com empresas. Seguiu comentando sobre a participação efetiva de inúmeras personalidades expoentes e de profissionais dedicados às atividades da instituição, lembrando, inclusive, de sua inclusão no prestigiado quadro de médicos, onde permaneceu no decorrer de oito anos, inicialmente, como interino-plantonista (quartanista de Medicina), depois por concurso como Médico Adjunto, época marcante na sua vida profissional.

Comentários: Após concluir sua apresentação, o consócio foi saudado com louvor pelos presentes, sendo lido pela coordenadora, mas, sob seu protesto, o certificado da sua aprovação em primeiro lugar no Concurso de ingresso na instituição.

Por fim, o presidente informou sobre a programação da próxima CEPHAS e, nada mais havendo a tratar, encerrou a sessão, convidando os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 8

Número de convidados:8

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Fernando Tasso Fragoso Pires, Carlos Wehrs, Miridan Britto, Miranda Neto, Antonio Izaías da Costa Abreu, Armando de Senna Bittencourt e Maria de Lourdes Viana Lyra.

24ª SESSÃO DA CEPHAS DE 22 DE NOVEMBRO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Fernando Tasso

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra

Face à ausência do presidente Arno Wehling, a sessão foi aberta pelo sócio Fernando Tasso que solicitou à coordenadora a leitura da ata da sessão anterior, sendo ela aprovada sem correção. Foi, então, chamado à mesa o convidado Roberto Acízelo de Souza – doutor em Letras pela UFRJ e professor de Literatura na UERJ –, para apresentar o tema: *Nacionalismo e regionalismo na literatura brasileira*.

Após agradecer o convite e expressar sua satisfação pela oportunidade de apresentar suas reflexões no IHGB, instituição importante pela riqueza da documentação necessária a sua pesquisa, o professor passou a expor o tema, esclarecendo que a opção romântica pelo particular e local em detrimento

do universalismo clássico, determinou que o romance entre nós, desde seus primeiros ensaios na década de 1830, fizesse da localização dos enredos em cenários imediatamente reconhecíveis como nacionais um verdadeiro programa de ação estética e política; e também comentando que, por consequência, a nossa prosa de ficção inaugural tivesse forte orientação nacionalista, mas também regionalista, observando-se entre essas orientações em geral, uma relação de complementaridade, mas, pelo menos em alguns casos, também de tensão e de contradição.

Comentários: Os sócios Pedro Geiger, Guilherme Pereira das Neves, Miridan Falci, Luiz Felipe Seixas e Maria de Lourdes Lyra felicitaram o expositor pela excelência da análise apresentada, que muito contribui à ampliação do conhecimento sobre a Literatura brasileira e também sobre a questão regional na História do Brasil.

Em seguida, foi chamado à mesa o segundo convidado, Rodrigo Goyena Soares – doutor em História Social, pela UNIRIO, pesquisador visitante na New York University e professor em cursos preparatórios à carreira diplomática –, para apresentar o tema: *Razões e sentidos do Conde d’Eu na Guerra do Paraguai: uma revisão historiográfica*. Após agradecer o convite e expressar sua satisfação pela oportunidade de se apresentar no IHGB, o expositor passou a analisar o contexto, no qual predominou a desconfiança do partido conservador em relação ao Conde d’Eu, julgando-o próximo demais das alas liberais. Enquanto, entre os membros do partido liberal, vislumbravam no Conde a garantia de retorno ao poder, após a crise de 1868, tê-los aliado dos gabinetes imperiais. E, para Dom Pedro II, as vitórias do Conde d’Eu, seu genro, no Paraguai, dariam bons augúrios para um eventual Terceiro Reinado. Ressaltou que as controversas ponderações historiográficas sobre as ações militares do Conde na guerra induziram ao questionamento sobre a acusação de que teria ele sido o autor da execução sumária de oficiais paraguaios, ou à hipótese de que seria essa perspectiva um relato imiscuído em uma campanha republicana de rejeição tanto ao Conde quanto à Princesa Isabel, o que levou o autor a revisitar o lugar do Conde d’Eu na Guerra do Paraguai no sentido de propor respostas às tais controvérsias.

Comentários: Os sócios Pedro Geiger, Miridan Falci, Maria de Lourdes Lyra e os visitantes Luiz Severiano e Neuza Fernandes cumprimentaram o jovem professor pelo notável trabalho de pesquisa realizado e pela clareza da apresentação.

Por fim, o presidente informou sobre a programação da próxima CEPHAS e, nada mais havendo a tratar, encerrou a sessão, convidando os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 8

Número de convidados: 15

Relação dos sócios presentes Victorino Chermont de Miranda, Fernando Tasso Fragoso Pires, Cybelle de Ipanema, Miridan Falci, Guilherme Pereira das Neves, Marcos Sanches, Pedro Geiger, Dora Alcântara, e Maria de Lourdes Viana Lyra.

25ª SESSÃO DA CEPHAS DE 29 DE NOVEMBRO DE 2017

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Victorino Chermont de Miranda.

Coordenação: Maria de Lourdes Viana Lyra.

A sessão foi aberta pelo presidente, que solicitou à coordenadora a leitura da ata da sessão anterior, sendo ela aprovada sem correção. Foi, então, chamado à mesa o palestrante convidado Daniel Pinha – doutor em História Social, pela PUC-Rio e professor de História do Brasil na UERJ –, para apresentar o tema: *Apropriação e recusa: Machado de Assis e a Geração de 1870*.

Após agradecer o convite para se apresentar na CEPHAS, e registrar com pesar a lamentável situação atual da UERJ, o professor passou a apresentar a reflexão elaborada sobre a década de 1870 – tema da sua tese de doutorado defendida na PUC-Rio –, marcada pela efervescência de um discurso de modernidade no contexto intelectual brasileiro. Partiu da análise do Silvio Romero – que entendeu ser esse um tempo caracterizado pela chegada de um bando de ideias novas que invadiu as letras brasileiras e evidenciou a vontade de romper com o passado e afirmar o novo –, para ressaltar que Machado de Assis (1839-1908) vivenciou esse contexto e refletiu sobre ele no exercício da crítica literária, estabelecendo com a Geração de 1870 uma relação de apropriação e recusa. Entendeu que o escritor requisitou à sua leitura crítica a tarefa de constituir um repertório local, ao propor o estabelecimento de uma linha de continuidade no pensamento brasileiro, no qual a atual geração e outras poderiam desfrutar.

Comentários: Os sócios Pedro Geiger, Lúcia Guimarães e Maria de Lourdes Lyra cumprimentaram o expositor pela validade da reflexão elaborada e apresentada com clareza.

Em seguida, o presidente deu início à Sessão Temática, sobre o tema: *Revolução Russa: contexto europeu e repercussão no Brasil*, e chamou à mesa os palestrantes convidados, Williams Gonçalves – doutor em Sociologia, pela USP e professor de História na UFF –, e Lená Medeiros de Menezes – doutora em História, pela USP, Pós-doutorado, pela PUC-SP, professora de História na UERJ, e autora de inúmeros livros publicados –, para exporem as questões propostas.

Inicialmente, falou o professor Williams Gonçalves, sobre: *A crise do Estado Russo e a Revolução de Outubro de 1917*, com o objetivo de esclarecer que a Revolução resultou da fusão de uma crise conjuntural, determinada pela participação da Rússia na I Guerra Mundial, com uma crise estrutural que minava o Estado imperial desde meados do século XIX. Entendeu que, de um lado, a participação na guerra evidenciou as insuficiências do desenvolvimento do capitalismo na Rússia e revelou a defasagem militar entre o Estado russo e os Estados aliados e inimigos; de outro lado, a guerra trouxe à tona a grande insatisfação que grassava nos círculos sociais mais preocupados com o futuro do país, manifestada veladamente no intenso debate filosófico, literário e político havido no transcurso dos séculos XIX e XX.

Depois, falou a professora Lená Medeiros sobre: *Imprensa e Revolução: a circulação internacional de representações sobre a Revolução de Outubro de 1917*, discorrendo sobre o contexto de um capitalismo caracterizado pela formação de monopólios, que atingiu a imprensa, em seu processo de consolidação enquanto poderoso ramo industrial, no qual, por conta das possibilidades técnicas e da “divisão do mundo” entre agências internacionais de notícias, as notícias sobre a revolução tenderam a assumir impressionante uniformidade nos grandes jornais do ocidente. E, também, por conta das disputas ideológicas, transformadas em “luta de representações”, as notícias sobre a revolução foram marcadas pelo inter cruzamento entre vivência mítica e recurso ao mito como estratégia de convencimento. Projetou imagens de exemplos recolhidos em jornais do Rio de Janeiro, com atenção para a origem primeira das notícias, com o objetivo de demonstrar as formas pelas quais o público-leitor, no ocidente, foi impactado pela força do mito em suas “leituras” sobre a revolução, com a imprensa assumindo o papel de “filtro semiótico”.

Comentários: Os sócios Pedro Geiger, Victorino Chermont e Maria de Lourdes Lyra felicitaram os palestrantes pela excelência dos trabalhos de reflexão elaborados e apresentados com a profundidade e a clareza necessária sobre o acontecimento histórico que, ainda hoje, desperta interesses e sensibilidades, de um lado; e provoca reações contrárias, de outro. Os visi-

tantes Luiz Severiano e Paulo de Albuquerque Maranhão também teceram comentários.

Por fim, o presidente informou sobre a programação da próxima CEPHAS e, nada mais havendo a tratar, encerrou a sessão, convidando os presentes para o tradicional café no terraço do IHGB.

Frequência:

Número de sócios presentes: 14

Número de convidados: 27

Relação dos sócios presentes: Victorino Chermont de Miranda, Armando de Senna Bittencourt, Fernando Tasso Fragoso Pires, Carlos Francisco Moura, Miranda Neto, Luiz Felipe de Seixas Corrêa,, Cybelle de Ipanema, Vera Lucia Cabana de Andrade, Miridan Falci, Pedro Geiger, Antonio Izaías da Costa Abreu, Lucia Bastos, Lucia Guimarães e Maria de Lourdes Viana Lyra.

26ª SESSÃO DA CEPHAS DE 06 DE DEZEMBRO DE 2017

8ª Sessão Itinerante, realizada no Museu Imperial

Composição da Mesa dos Trabalhos:

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Lucia Maria Paschoal Guimarães

Os trabalhos foram abertos pelo Diretor do Museu Imperial, prof. Maurício Vicente Ferreira Júnior, que cumprimentou os presentes e manifestou sua satisfação de receber, mais uma vez, a sessão anual itinerante da CEPHAS/IHGB, na antiga residência de verão do Imperador D. Pedro II. Maurício observou que a data era muito oportuna para se prestar homenagem ao Imperador, exemplo de governante, cujo falecimento completara 126 anos na véspera. Lembrou, também, que, no dia de hoje, comemora-se o sesqui-centenário de nascimento do Príncipe D. Augusto, único membro da família imperial nascido em Petrópolis, aqui neste palácio. Assinalou, ainda, a incorporação de cinco cartas originais escritas por D. Pedro II ao acervo do Museu, documentos doados ao presidente da República por Vladimir Putin, presidente da Federação Rússia. Quatro cartas são de gabinete e foram remetidas ao conde de Trapani e aos cardeais Patrizi Befondi e Bilio. A última correspondência era endereçada ao poeta francês Sully Prudhome, membro

da Academia Francesa, da qual D. Pedro II fazia parte. Após esta breve apresentação, o prof. Mauricio passou a palavra ao Presidente do IHGB, Prof. Arno Wehling.

Arno Wehling agradeceu a acolhida do Museu Imperial, frisando que esta era a oitava sessão itinerante da CEPHAS no Museu, o já se constituía uma tradição na programação anual do IHGB. Em seguida, passou a palavra ao sócio corresponde Getúlio Marcos Pereira Neves, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, para proferir a conferência “A viagem do Imperador D. Pedro II ao Espírito Santo”.

O conferencista externou o seu contentamento de se apresentar no Museu Imperial na sessão itinerante CEPHAS. Acentuou que sua intervenção apoia-se em obra clássica da historiografia capixaba, “Viagem de D. Pedro II ao Espírito Santo”, de Levy Rocha, escrita com base nos diários do Imperador, e publicada originalmente na *Revista do IHGB*, em 1960. Getúlio esclareceu que a viagem do Imperador ao Espírito Santo situa-se no contexto da longa excursão que ele realizou por quatro meses, de outubro de 1859 a fevereiro de 1860, quando também percorreu as províncias da Bahia, de Pernambuco, da Paraíba, de Alagoas e de Sergipe. A estadia de D. Pedro II no Espírito Santo alongou-se por 15 dias, entre 26 de janeiro e 9 de fevereiro de 1860. Getúlio sumariou a visita, apontando as homenagens que D. Pedro II recebeu na capital da província, as inspeções que ali realizou em colégios, em hospitais e em órgãos públicos. Salientou também as passagens pelo interior, onde visitou plantações de café, colônias de imigrantes e deteve-se no encontro do Imperador com remanescentes de índios puris que viviam confinados no Aldeamento Imperial Afonsino, cujo vocabulário D. Pedro II fez questão de deixar anotado no seu diário. Getúlio registrou, ainda, a passagem por Guarapari, no litoral, quando o Imperador encontrou-se com seu primo, o arquiduque Maximiliano de Habsburgo que, na ocasião, visitava o Brasil. Juntos percorreram a vila de Benevente, sendo recebidos com júbilo pela população. Deste ponto do litoral, Maximiliano seguiu para a Bahia e D. Pedro II, para a vila de Itapemirim, de onde regressou para a Corte. Concluindo, o palestrante ressaltou a importância política da viagem do Imperador.

Comentários: Os sócios Senna Bittencourt, Lucia Guimarães, Fernando Tasso Fragozo e Claudio Aguiar, bem como o convidado José Guilherme Kliemann, cumprimentaram o expositor e levantaram questões pertinentes que, por ele, foram respondidas.

Ao final dessas intervenções, Arno Wehling comentou que a contribuição de Getúlio Neves, para além da descrição do itinerário cumprido por D. Pedro II no Espírito Santo, reforça o perfil do monarca de homem público

preocupado com a educação e as condições de vida da população, e do intelectual cujos conhecimentos de etnografia devem ser assinalados.

O Presidente agradeceu mais uma vez a recepção calorosa do Museu Imperial. Nada mais havendo a tratar, encerrou a sessão itinerante da CEPHAS e passou a palavra ao Diretor do Museu, que convidou os presentes para visitar o Museu, em particular, a exposição das cinco cartas originais de D. Pedro II, anteriormente aludidas.

Frequência:

Número de sócios presentes: 12

Número de convidados: 21

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Maurício Vicente Ferreira Junior, Getúlio Marcos Pereira Neves, Armando de Senna Bittencourt, Fernando Tasso Fragoso Pires, Carlos Francisco Moura, Miranda Neto, Cybelle de Ipanema, Vera Lucia Cabana de Andrade, , Dora Alcântara, Cláudio Aguiar e Lucia Guimarães.

27ª SESSÃO DA CEPHAS DE 13 DE DEZEMBRO DE 2017

2ª parte celebração do 90º aniversário do sócio emérito Carlos Wehrs.

Presidência: Arno Wehling

Coordenação: Lucia Maria Paschoal Guimarães

O Presidente do IHGB cumprimentou a assistência e esclareceu que a 2ª parte da sessão da CEPHAS destinava-se a prestar tributo ao Sócio Emérito Carlos Wehrs, que completara 90 anos. Assinalou que, com muita satisfação, o Instituto vem comemorando a longevidade dos sócios, a exemplo do que ocorreu por ocasião do nonagésimo aniversário de Helio Leôncio, de José Arthur Rios, de Vasco Mariz e de Cybelle de Ipanema, aqui presente. Em seguida, indicou que, para celebrar o natalício de Wehrs, já estavam à mesa os sócios Miridam Brito Falci, Pedro Karp Vasques e Ismênia de Lima Martins, passando a palavra à primeira. Miridam disse sentir-se contente, agradecida e homenageada com o convite para compartilhar esta celebração, apontando as qualidades do confrade, como médico, historiador e memorialista. Pontuou os interesses de pesquisa de Wehrs, – música, fotografia e a cidade de Niterói –, comentou a sua produção historiográfica e o importante papel que desempenhou durante longos anos à frente da Revista do IHGB. Cumprimentou o aniversariante, destacando que Carlos Wehrs é um exemplo de que vale a pena viver e trabalhar, construindo afetos e considerações.

O segundo orador, Pedro Karp Vasques, esclareceu que se sentia honrado em participar daquela celebração, porquanto substituiu o confrade Paulo Knaus, impossibilitado de comparecer devido um compromisso de trabalho em Brasília. Destacou que, há 25 anos, preparava um livro de fotografias sobre Niterói e que Carlos Wehrs, especialista na matéria, o recebeu e lhe ensinou “o caminho das pedras”: indicou-lhe fontes preciosas sobre Niterói além das suas próprias obras. Aproveitava a oportunidade para lhe agradecer de público a ajuda pessoal e comprometeu-se de voltar para celebrar o centenário de Wehrs no IHGB.

A terceira oradora sócia Ismênia de Lima Martins, externou o seu prazer inenarrável de compartilhar da homenagem a Carlos Wehrs, memorialista da melhor cepa, cujos livros sobre a cidade de Niterói constituem referências. Basta lembrar, entre outros títulos, a obra “Niterói cidade sorriso”. Observou que considera a tradição memorialista como um aspecto estruturante para a produção da boa história. E Carlos Wehrs destaca-se como o melhor autor da memória niteroiense. Neste sentido, arrematando a sua fala, Ismênia se disse portadora de um presente para o aniversariante: a Secretaria de Cultura de Niterói instituiu o Prêmio Carlos Wehrs, para laurear a melhor monografia sobre o bicentenário da Vila Real da Praia Grande.

Concluídas as três intervenções, a Arno passou a palavra a Carlos Wehrs, que exclamou: eis aqui um ancião pouco afeito à oratória e à retórica, mas como não fora apanhado de surpresa preparou uma breve alocução. Wehrs agradeceu à Divina Providência pela vida e pontuou que vem cumprindo o que prometeu há 28 anos, por ocasião da sua investidura no IHGB. Salientou o seu ingresso no Instituto, apoiado por Talita Conzendei, e recordou o concurso de redação sobre fatos dos primeiros anos do regime republicano, ao qual concorreu com uma monografia sobre a música no Rio de Janeiro até 1939. Lembrou a amizade com Américo Jacobina Lacombe, com Vicente Tapajós e sua trajetória na Casa, como diretor da Revista do IHGB, diretor do Arquivo e atualmente membro da Comissão de Admissão de Sócios e do Conselho Editorial da Revista. Externou sua satisfação em receber a homenagem do IHGB e agradeceu emocionado, as palavras generosas dos confrades que lhe prestaram tributo.

Em seguida, a Sra Maria Cristina Wehrs, filha do homenageado, pediu a palavra para manifestar o agradecimento da família ao Instituto, pelas manifestações de apreço ao seu pai.

Encerrando a sessão, o presidente Arno Wehling, mais uma vez, declarou a sua satisfação pela oportunidade de poder comemorar o nonagésimo aniversário de Carlos Wehrs, enfatizando que Wehrs representa a tradição

dos historiadores médicos no IHGB, tal como Vieira Fazenda e Luiz de Castro Sousa. Disse ainda que Carlos Wehrs pode ser pouco afeto à oratória, mas escreve lindamente. Sua contribuição ao Instituto é inestimável e serve de exemplo aos sócios mais novos. Arno agradeceu ao confrade pelo convívio, e fez votos para que venham outros aniversários.

Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a sessão e convidou a todos para festejarem a data no terraço do Instituto

Frequência:

Número de sócios presentes: 11

Número de convidados: 21

Relação dos sócios presentes: Arno Wehling, Carlos Wehrs, Victorino Chermont, Miranda Neto, Guilherme Frota, Maria de Lourdes Viana Lyra, Miridan Britto Falci, Guilherme Pereira das Neves, Fernando Tasso Fragoso Pires, Antonio Celso Alves Pereira, Claudio Aguiar, Carlos Francisco Moura e Lucia Guimarães.

III – INFORMES ADMINISTRATIVOS

III. 1 – Atos do Presidente

EDITAIS E PORTARIAS

Edital nº 01/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por determinação estatutária, declara aberta a vaga no quadro de sócios correspondentes estrangeiros em decorrência do falecimento da sócia Andrée Mansuy-Diniz Silva. Rio de Janeiro, 06 de fevereiro de 2017. Arno Wehling, presidente.

Edital nº 02/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por determinação estatutária, declara aberto por 30 (trinta) dias o prazo para apresentação de propostas de candidatos a 02 (duas) vagas de sócio emérito em razão do falecimento das sócias Lêda Boechat Rodrigues e Consuelo Pondé de Sena observando-se os procedimentos estabelecidos no artigo 2º do Estatuto. Rio de Janeiro, 23 de março de 2017. Arno Wehling, presidente.

Edital nº 03/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por determinação estatutária, declara aberto por 30 (trinta) dias o prazo para apresentação de propostas de candidatos a 02 (duas) vagas de sócio titular em razão do falecimento do sócio Jonas de Moraes Correia Neto e da transferência do sócio Antonio Gomes da Costa observando-se os procedimentos estabelecidos no artigo 2º do Estatuto. Rio de Janeiro, 23 de março de 2017. Arno Wehling, presidente.

Edital nº 04/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por determinação estatutária, declara aberto por 30 (trinta) dias o prazo para apresentação de propostas de candidatos a 04 (quatro) vagas de sócio honorário brasileiro em razão do falecimento dos sócios Luiz Felipe Lampreia e Jarbas Passarinho e das transferências de Antonio Celso Alves Pereira e Pedro Corrêa do Lago, observando-se os procedimentos estabelecidos no art. 6º do Estatuto. Rio de Janeiro, 23 de março de 2017. Arno Wehling, presidente.

Edital nº 05/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por determinação estatutária, declara aberta por 30 (trinta) dias o prazo para apresentação de propostas de candidatos a 04 (quatro) vagas de sócio correspondente brasileiro em razão do falecimento dos sócios Fernando da Cruz Gouvêa e Ático Frota Villas Boas da Mota e da ampliação do número de vagas observando-se os procedimentos estabelecidos no artigo 2º do Estatuto. Rio de Janeiro, 23 de março de 2017. Arno Wehling, presidente.

Edital nº 06/17

Ficam convidados os Sócios Eméritos, Titulares e Correspondentes Brasileiros a se reunirem em Assembleia Geral Ordinária no dia 31 de maio, em primeira convocação às 12:30h, em segunda convocação às 14:30h, com o quorum previsto no art. 20 do Estatuto, com a seguinte ordem do dia: Prescrição de Contas 2016; Previsão Orçamentária 2017; Assuntos Gerais. Rio de Janeiro, 15 de maio de 2017. Arno Wehling, presidente.

Edital nº 07/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por determinação estatutária, declara aberta a vaga no quadro de sócios eméritos em decorrência do falecimento do sócio Antonio Gomes da Costa. Rio de Janeiro, 16 de maio de 2017. Arno Wehling, presidente.

Edital nº 08/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por determinação estatutária, declara aberta a vaga no quadro de sócios correspondentes brasileiros em decorrência do falecimento do sócio Antonio Cândido Melo e Souza. Rio de Janeiro, 19 de maio de 2017. Arno Wehling, presidente.

Edital nº 09/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por determinação estatutária, declara aberta a vaga no quadro de sócios eméritos em decorrência do falecimento do sócio Vasco Mariz. Rio de Janeiro, 23 de junho de 2017. Arno Wehling, presidente.

Edital nº 10/17

Ficam convidados os Sócios Eméritos, Titulares e Correspondentes Brasileiros a se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária no dia 19 de julho, em primeira convocação às 13:00 horas e em segunda convocação às 15:00 horas, com o quorum previsto no § 2º do artigo 20 do Estatuto, com a seguinte pauta: Eleição de novos membros do Quadro Social nas categorias: Sócio Emérito 2 vagas, Sócio Titular 2 vagas, Sócio Correspondente Brasileiro 4 vagas, Sócio Honorário Brasileiro 4 vagas. Rio de Janeiro, 07 de julho de 2017. Arno Wehling, presidente.

Edital nº 11/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por determinação estatutária, declara aberta a vaga no quadro de sócios correspondente estrangeiro em decorrência do falecimento do sócio Aniello Angelo Avella. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 2017. Arno Wehling, presidente.

Edital nº 12/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por determinação estatutária, declara aberta a vaga no quadro de sócios emérito em

decorrência do falecimento do sócio José Arthur Rios. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2017. Arno Wehling, presidente.

Edital nº 14/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no uso de suas atribuições e considerando a eleição para preenchimento dos cargos de Diretoria, Conselho Fiscal e Comissões Permanentes, para o biênio 2018/2019. Resolve, *ad referendum* do Conselho Consultivo: Fica estabelecido o prazo de 20 dias, a contar desta data, para a apresentação de chapas na Secretaria do Instituto, encerrando-se às 17 horas do dia 28 de novembro. A eleição ocorrerá no dia 13 de dezembro, às 13 horas em 1ª convocação e às 15 horas em 2ª convocação. O processo eleitoral reger-se-á pelo disposto no art. 12 do Regimento do Instituto e, no que couber, pela Portaria 03/05 de 11 de novembro de 2005. Rio de Janeiro, 09 de novembro de 2017. Arno Wehling, presidente.

Edital nº 15/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por determinação estatutária, declara aberta a vaga no quadro de sócios eméritos em decorrência do falecimento da sócia Isa Adonias. Rio de Janeiro, 11 de novembro de 2017. Arno Wehling, presidente.

Edital nº 16/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por determinação estatutária, declara aberta a vaga no quadro de sócios correspondente brasileiro em decorrência do falecimento do sócio Luiz Alberto Vianna Moniz Bandeira. Rio de Janeiro, 17 de novembro de 2017. Arno Wehling, presidente.

Edital nº 17/17

Ficam convidados os Sócios Eméritos, Titulares e Correspondentes Brasileiros a se reunirem em Assembleia Geral Ordinária no dia 13 de dezembro, em primeira convocação às 13 horas e em segunda convocação às 15 horas, com o *quorum* previsto no § 2º do artigo 20 do Estatuto, com a seguinte pauta: Eleição de Diretoria, Conselho Fiscal e Comissões Permanentes, para o biênio 2018/2019. Rio de Janeiro, 28 de novembro de 2017. Arno Wehling, presidente.

Portaria nº 01/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no uso de suas atribuições, RESOLVE: Designar para compor a Comissão de Exame da Política referente ao Ensino Médio: posição da História e da Geografia, os sócios abaixo: Guilherme Pereira das Neves, Ismênia de Lima Martins, Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, Lucia Maria Paschoal Guimarães, Maria de Lourdes Viana Lyra e Vera Lucia Cabana de Andrade. Rio de Janeiro, 14 de março de 2016. Arno Wehling, presidente.

Portaria nº 02/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no uso de suas atribuições, RESOLVE: Designar para compor a Comissão Organizadora do VII Colóquio dos Institutos Estaduais, sob esta presidência, a realizar no período de 25 a 27 de outubro de 2017. Victorino Chermont de Miranda, Lucia Maria Paschoal Guimarães e Cybelle Moreira de Ipanema. Rio de Janeiro, 14 de março de 2017. Arno Wehling, presidente.

Portaria nº 03/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no uso de suas atribuições, RESOLVE: Acrescentar para compor a Comissão Organizadora das Atividades Relativas ao Bicentenário da Independência do Brasil, instituída em Portaria nº 05/16, de 19 de outubro de 2016, os sócios: Lucia Maria Paschoal Guimarães, Mauricio Vicente Ferreira Junior e Paulo Knauss de Mendonça. Rio de Janeiro, 24 de maio de 2017. Arno Wehling, presidente.

Portaria nº 04/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no uso de suas atribuições, RESOLVE: Designar como membro efetivo do Conselho Fiscal, o sócio titular Antonio Izaías da Costa Abreu em vaga decorrente do falecimento de Antonio Gomes da Costa. Rio de Janeiro, 24 de maio de 2017. Arno Wehling, presidente.

Portaria nº 05/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no uso de suas atribuições, RESOLVE: Designar a sócia titular Lucia Maria Paschoal Guimarães para ocupar o cargo de 1ª secretária, em vaga decorrente de Cybelle Moreira de Ipanema. Rio de Janeiro, 24 de maio de 2017. Arno Wehling, presidente.

Portaria nº 06/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no uso de suas atribuições, RESOLVE: Designar a sócia honorária Lucia Maria Bastos Pereira das Neves para ocupar o cargo de Diretora da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, bem como integrar a Comissão da Revista. Rio de Janeiro, 24 de maio de 2017. Arno Wehling, presidente.

Portaria nº 07/17

O Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no uso de suas atribuições, RESOLVE: Acrescentar para compor a Comissão Organizadora das Atividades Relativas ao Bicentenário da Independência do Brasil, instituída em Portaria nº 05/16, de 19 de outubro de 2016, o sócio correspondente Carlos Henrique Cardim. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 2017. Arno Wehling, presidente.

III. 2 – Relatórios Setoriais

ARQUIVO

Relatório de Atividades

Período 21 de outubro de 2016 a 21 de outubro 2017

Práticas Arquivísticas

As execuções das atividades arquivísticas permanecem presentes na rotina do Arquivo:

- Acondicionamento da documentação em material próprio;
- Catalogação dos documentos que foram reorganizados;
- Análise dos documentos manuscritos;
- Pesquisas para identificação e classificação da documentação;
- Reorganização física do material existente no acervo;
- Higienização e reparo dos documentos;
- Atendimento aos pesquisadores;
- Levantamento estatístico da documentação consultada.

Para realização destas e demais tarefas, contamos com o empenho de 1 estagiário da APAR, que é de grande auxílio para execução e para progresso das atividades.

Tratamento do Acervo

- Catalogação de Arquivos Privados

Prosseguimos em parte deste período, com o projeto “Inventário Sumário de Arquivos Privados” que teve início em maio/2015 e era realizado por estagiários da Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO).

Após a organização do Fundo Maurice Haritoff e a separação e a identificação das séries do Fundo Xavier Pedrosa, o projeto foi suspenso e, no momento, há apenas o Fundo Rui Vieira da Cunha, sendo trabalhado pela funcionária Iliana Monteiro.

- Análise da documentação a catalogar

Juntamente com o Professor Jaime Antunes, Diretor do Arquivo, finalizou-se a etapa de análise e de separação de documentos a catalogar, acumulados no decorrer dos anos.

Ao final desta etapa, identificamos a qual Coleção/Fundo o documento pertence, quais materiais que serão transferidos e o que é passível de expurgo.

- Revisão dos Inventários

O Arquivo procede à revisão e à padronização dos Inventários dos Arquivos Privados já catalogados para sua publicação diretamente em nosso site.

Elaborou-se piloto de um dos inventários o qual foi diagramado por especialista da área, com o intuito de ser avaliada pela Presidência a possibilidade de levarmos adiante o projeto.

- Fundo José Carlos de Macedo Soares

Levaram-se ao conhecimento da Presidência as várias solicitações de pesquisadores sobre acesso ao Fundo Macedo Soares, que se encontrava fora de consulta desde o ano 2000.

Autorizado pelo Presidente, procedeu-se o exame dos referidos documentos à luz da Lei de Acesso às Informações do Brasil (Lei 12.527 de 18/11/2011), devidamente confrontados com os resumos apresentados nas fichas e capas dos mesmos. E, não sendo constatados quaisquer temas que possam ferir a vida privada, a intimidade, a honra e a imagem das pessoas autoras dos documentos ou neles retratadas, o Fundo Macedo Soares foi liberado para a consulta.

- Identificação dos documentos transferidos

O Arquivo possui grande volume de documentos que com o passar dos anos foram transferidos fisicamente dentro do Arquivo ou para outros setores. O objetivo deste trabalho é, a partir de um instrumento (planilha), conseguir localizá-los rapidamente.

- Termo de Cooperação

O Instituto firmou, junto ao Arquivo Nacional, Termo de Cooperação que visa ao auxílio do Arquivo Nacional na conservação e no restauro de documentos.

Este Termo inclui também o empréstimo de *scanner* a fim de digitalizarmos as fichas catalográficas da Sala de leitura referentes aos Documentos Textuais e à Iconografia para disponibilização deste material em nosso site.

O representante do Arquivo Nacional visitou-nos para conhecer as necessidades do Instituto e para elaborar relatório indicando qual o tipo de equipamento se adéqua melhor às nossas necessidades.

Até o momento, o Arquivo Nacional não procedeu ao empréstimo do(s) equipamento(s).

- Workshop de Processamento Técnico de Acervos Arquivísticos, Bibliográficos e Museológicos

Realizou-se encontro intersetorial do IHGB com a presença do Professor Dr. Arno

Wehling, Presidente do IHGB, Professor Jaime Antunes, Diretor do Arquivo, Dr. Cláudio Aguiar, Diretor da Biblioteca e da Professora Dr.^a Vera Lucia Bottrel Tostes, Diretora do Museu.

Os objetivos desse encontro foram estreitar laços de cooperação entre as áreas de Acervos, promover o nivelamento de conceitos básicos entre as áreas e apresentar metodologias e tratamento técnico da informação. Ao final, espera-se abrir espaço para discussões como normas de aquisição de acervos, normatização das rotinas de cada setor, melhor interface entre os setores e etc.

- I Semana Nacional de Arquivos

Em iniciativa do Arquivo Nacional e da Fundação Casa de Rui Barbosa foi, este ano, no período de 05 a 10 de junho, a I Semana Nacional de Arquivos. As instituições que se interessaram em participar desenvolveram atividades para o público.

O Arquivo IHGB participou, realizando palestra (no primeiro dia) proferida pelo Professor Jaime Antunes, Diretor do Arquivo e por Sônia N. de Lima, Chefe do Arquivo, com o tema “Realizações do Arquivo do IHGB”, visita guiada à Sala de Leitura onde as pessoas conheceram o funcionamento para realização de pesquisa na Instituição e para visitação à mostra “O Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” e ao Museu do IHGB.

- Cartografia

Com a saída da colaboradora Sr.^a Célia da Costa, Chefe da Hemeroteca que respondia interinamente pela Cartografia (Mapoteca), o setor passou a compor a estrutura do Arquivo.

- Museu da Escravidão e da Liberdade

No mês de maio, o Arquivo IHGB participou de reunião no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, juntamente a outras instituições para tratar do tema *Escravidão e Liberdade*.

O objeto da reunião é discutir com as instituições e realizar um mapeamento entre elas, Arquivos, Bibliotecas e Museus, acerca do tema; conhecer seus estados de controle, de conservação e de acesso; e organizar cerca de quinze encontros, um por mês, nos quais dois pesquisadores e uma instituição interagiriam na relação acervo e enfoque da historiografia quanto à questão.

Esses quinze encontros vinculam-se a um Seminário, solicitado pelo Grupo de Trabalho Patrimônio do Museu da Escravidão e da Liberdade (GT Patrimônio MEL), da Secretaria Municipal de Cultura.

Enriquecimento do acervo

Adquiridos por compra – FARP/ Leilão

Efêmeras

- Ingresso para o Baile de Carnaval de 1888 no Club dos Fenianos [RJ] em nome de Silvestre Cozta.
- Bilhetes Postais retratando Petrópolis:
 - Colégio São Vicente de Paulo - bilhete não endereçado;
 - Colégio e Capela de São (antiga Quinta Imperial) – enviado por Marieta de Castro endereçado à Berthe Hertzog – 26/08/1902;
 - Colégio de São (Quinta Imperial) – enviado por Lisoca, Luizinha e Sylvia endereçado à Dulce Carneiro – 18/05/1903;
 - Entrada de Westphalia – enviado por S. Ishibashi endereçado a Mr. e Mrs Valle – 01/01/1903;
 - Westphalia e Colégio São Vicente – enviado por Jules endereçado a Antoinette Rouff – 02/06/1903.
- Cardápio do almoço oferecido pela Diretoria do [Jornal] *O Paiz* à Oficialidade da Canhoneira “Pátria”. Rio de Janeiro, 02/10/1906
- Apólice da Empresa de Navegação Gram-Pará, referente a dois fardos de tecidos de algodão embarcados pela Cia. Petropolitana no Pacote a Vapor Bragança com destino a Recife onde será entregue à empresa Loureiro Maia & Cia. Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1909.
- Menu oferecido na Comemoração do Primeiro Decênio de Formatura da Turma de Bacharéis de 1919, com assinaturas dos participantes. Realizado no Beira Mar Casino (RJ) em 15/12/1929.
- Menu de Natal do Casino Atlântico (RJ), 24/12/1937
 - Capa desenhada por Guignard com os dizeres “*1937 Feliz Natal Casino Atlantico*”.
- Menu do banquete oferecido em homenagem ao Presidente Getúlio Vargas pela cidade de Leopoldina. Nominal ao Dr. Carlindo Mayrinck. Leopoldina (MG), 24/10/1939.

Adquiridos por doação

Doação de Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança:

- Cartas de Dom Pedro II ao Dr. Prof. Charles-Éduard Brown-Séquard, Neurologista (cópias)
- Auto de falecimento de Dom Pedro II (extrato da certidão)

- Autos de nascimento e de batismo da Imperatriz Dona Amélia, Princesa de Leuchtenberg-Beauharnais (cópia)
- Auto de falecimento da Condessa d'Eu (extrato da certidão)
- Auto de falecimento de Dona Januária, casada com o conde d'Aquila (extrato da certidão)
- Auto de falecimento do conde d'Aquila (extrato da certidão)
- Auto de nascimento do Conde d'Eu (extrato da certidão)
- Auto de falecimento do Conde d'Eu (extrato da certidão)
- Auto do casamento civil de Dom Luís de Orléans e Bragança com a princesa Pia de Bourbon (extrato da certidão)
- Auto de batismo da Princesa Dona Pia de Bourbon (extrato da certidão)
- Auto de nascimento da Princesa Dona Pia de Bourbon (extrato da certidão)
- Auto de falecimento de Dom Luis de Orléans e Bragança (extrato da certidão)
- Auto de falecimento de Dom Antônio de Orléans e Bragança, filho dos Condes d'Eu (extrato da certidão)
- Auto de falecimento de Dona Francisca, Princesa de Joinville (extrato da certidão)
- Auto de nascimento do Príncipe de Joinville (transcrição)
- Auto de falecimento do Príncipe de Joinville (extrato da certidão)
- Auto de casamento do Príncipe do Grão-Pará com Dona Elisabeth Dobrzensky de Dobrzenicz (extrato da certidão)
- Auto de falecimento do Príncipe do Grão-Pará (original)
- Auto de nascimento do Príncipe Dom Afonso, filho de Dom Pedro II e Dona Teresa Cristina (transcrição)
- Auto de batismo do Príncipe Dom Afonso, filho de Dom Pedro II e Dona Teresa Cristina (transcrição)
- Auto de batismo da Princesa Dona Maria Amélia, filha de Dom Pedro I e Dona Amélia de Leuchtenberg (cópia)
- Auto de falecimento da Princesa Dona Maria Amélia, filha do segundo casamento de Dom Pedro I (2) (certidão passada por José Pereira da Costa, Diretor do Arquivo Distrital do Funchal, sobre extração de notícia do “Livro de Registo de Correspondência com os Administradores dos Concelhos” sobre o falecimento da Princesa. Com carimbo do Arquivo Distrital do Funchal)
- Auto de batismo da Sr.^a Fátima Chirine casada com Dom João de Orléans e Bragança (original)

- Notícia do nascimento de Dona Maria Januária de Bourbon, neta dos Condes d'Aquila (transcrição)
- Ato da Solene Renúncia à coroa imperial da Áustria por parte da Arquiduquesa Dona Leopoldina (cópia)
- Cartas de D. João VI ao Imperador Francisco I da Áustria (cópia)
- Cartas de Dom Pedro I príncipe real, aos sogros (2) (cópia)
- Importante documentação relativa ao casamento de Dom Pedro com a Arquiduquesa Dona Leopoldina (cópia)
- Carta cifrada do Conde d'Aquila ao irmão, o Rei Ferdinando II (cópia)
- Decreto de Dom Pedro II de 29 de maio de 1846 autorizando Dona Januária e o Conde d'Aquila a deixarem o país por um ano (cópia)
- Certidão de nascimento da Imperatriz Dona Teresa Cristina, sua certidão de casamento em italiano e a certidão de nascimento do Conde d'Aquila (cópia)
- Cartas da Imperatriz Dona Teresa Cristina e outros documentos existentes no Arquivo de Praga (cópia)
- Termos de entrega dos corpos, na Igreja de São Vicente de Fora, de Dom João VI, Dom Pedro I, Dona Maria II, Imperatriz Dona Amélia, Dom Fernando II, Príncipe Augusto de Leuchtenberg (cópia xerox da transcrição)
- Pacto Nupcial de Dona Maria II com o Príncipe Fernando de Saxe-Coburgo e Gotha (cópia xerox da transcrição)
- Discurso de autoria de Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança intitulado “*O Arquivo Borbónico de Nápoles e sua História*” (original)

Atendimentos

Pedidos de reprodução: 309 documentos.

Finalidade: Pesquisas acadêmicas, projetos editoriais e documentários, biografias, pesquisa de histórico familiar, reportagens.

Pedidos não atendidos: 125. Referem-se a pesquisas em nossa Sala de Leitura e a solicitações de reproduções realizadas por e-mail.

Os pedidos não foram atendidos por desistência dos consulentes, por estarem os documentos em mau estado, por motivo de direitos autorais ou para preservação do acervo.

A Sala de Consulta totalizou 1.964 atendimentos, contabilizados conforme quadro a seguir:

Mês	Iconografia	Textuais	Microfilmes	Códices	CD/DVD
nov/16	12	187	---	14	05
dez/16	09	185	---	---	---
jan/17(*)	---	07	---	01	---
fev/17	02	153	---	03	---
mar/17	31	43	---	---	01
abr/17	02	238	---	01	---
mai/17	04	51	---	01	01
jun/17	07	294	---	06	---
jul/17	15	234	---	10	---
ago/16	44	269	---	05	---
set/17	05	124	---	---	---
out/17					
Total	131	1785	---	41	07
Total Geral	1964				

(*) excepcionalmente no ano de 2017, a Sala de Leitura funcionou durante o período de 02-06 de Janeiro.

Participação em Exposições

O Arquivo disponibilizou seu acervo de documentos textuais, a fim de compor as exposições internas elaboradas neste período, além de reunir pequena mostra para divulgação na Oficina Programa Memória do Mundo da UNESCO quando houve visitação aos acervos do IHGB.

Visitas ao Arquivo

06/12/2016 – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de História

Alunos da disciplina Arquivística

Prof. Jaime Antunes

27/04/2017 – Oficina Programa Memória do Mundo da UNESCO

Visitantes de diversas instituições

Palestrantes: Victorino Chermont de Miranda, Vice-Presidente do IHGB e membro do Comitê MoWBrasil; Carlos Augusto Silva Ditadi, representante brasileiro no Comitê Regional da América Latina e do Caribe – MoWLAC; Francisca Helena Barbosa, representante do Arquivo Nacional e Maria Dulce de Faria, representante da Biblioteca Nacional no Comitê MoWBrasil.

- Mostra dos acervos iconográficos e textuais do Arquivo.
22/06/2017 – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Instituto de História
Alunos da disciplina Metodologia da História I
Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Rezende Mota
30/08/2017 – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro – FIRJAN
Visitantes: Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira, Presidente;
Frederico César de Araújo, Embaixador e Luís Felipe de Seixas Corrêa, Embaixador.
Mostra dos acervos textual, iconográfico e cartográfico do Arquivo.

Rio de Janeiro, 28 de setembro de 2017.
Sônia Nascimento de Lima
Chefe do Arquivo

BIBLIOTECA

Relatório das atividades

Período de outubro de 2016 a outubro de 2017

1 – Atividades de rotina:

Agradecimentos, registro, catalogação e arranjo das publicações recebidas.

Higienização das publicações e encadernação, quando necessária.

Análise das publicações, com descarte das duplicatas.

Digitalização das publicações correntes.

Colocação no computador, com nova catalogação, do acervo antigo, que ainda se encontra em fichas datilografadas.

Atendimento a consultas internas e externas.

Estatística dos livros recebidos e do movimento da Sala de Leitura.

Colaboração no Noticiário do IHGB: “Algumas Pesquisas” e “Livros Recebidos”.

Autorização para reprodução de documento.

Atendimento aos consulentes na Sala de Leitura.

Atendimento a pesquisas dos sócios do IHGB.

- Apoio às mostras do Museu do IHGB.
 Apoio técnico ao Portal do IHGB.
- 2 – Atividades desenvolvidas:
 Restauração de livros raros: 03 volumes
 Encadernação corrente: 29 volumes
- 3 – Enriquecimento do acervo:
 Comodato Arno Wehling: 64 títulos
 Comodato: Victorino Coutinho Chermont de Miranda: 12 títulos
 Doação do sócio Melquíades Pinto Paiva: 53 título
 Doação da Fundação Joaquim Nabuco: 46 livros
 Compra (FARP) - 05 livros
 Compra (Leilão) - 08 livros
- 4 – Automação do acervo:
 Total de títulos disponíveis para consulta na Internet: 34.150 títulos
- 5 – Visitas à Biblioteca:
 Alunos do IFCS (UFRJ), acompanhados da Profa. Maria Aparecida Rezende Mota, da disciplina “Metodologia da Pesquisa”
 Presidente da FIRJAN, Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira, Embaixador Frederico Araújo, acompanhados pelo sócio Embaixador Seixas Corrêa
- 6 – Mostras (apoio bibliográfico):
 Revolução Pernambucana de 1817
 Curso de História Militar do Brasil
 IX Congresso Brasileiro de História do Direito
 Pe. José Maurício Nunes Garcia
 III Curso Ao Encontro da Memória
 Curso de Paleografia
 A participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial

Rio de Janeiro, 27 de setembro de 20167

Maura Macedo Corrêa e Castro

Chefe da Biblioteca

ICONOGRAFIA

Relatório de Atividades

21 de outubro de 2016 a 21 de outubro de 2017

Tratamento do Acervo

Neste período, realizaram-se os trabalhos de troca de invólucros e o modo de identificação das fotografias de tamanho grande e de parte das fotografias de menor tamanho.

Realizaram-se também a separação e a identificação do material iconográfico acumulado em nosso depósito, com o intuito de iniciar-se a catalogação.

Enriquecimento do acervo

Adquiridos por compra – FARP/ Leilão

- Fotografia que retrata o barão de Amambá, Antônio Maria Coelho. Fotógrafo: Baptista Lhullier – Pelotas [RS]
- Fotografia do Jornalista e Político Carlos Lacerda [Carlos Frederico Werneck de Lacerda] sendo hospitalizado após atentado. Foto de Flávio Damm. Rio de Janeiro, 05/08/1954.

Atendimentos

Pedidos de reprodução: 51 imagens.

Finalidade: Pesquisas acadêmicas, projetos editoriais e documentários, biografias, pesquisa de histórico familiar, reportagens.

Participação em Exposições

O Arquivo disponibilizou seu acervo iconográfico, a fim de compor as exposições internas elaboradas neste período, além de reunir pequena mostra para divulgação na Oficina Programa Memória do Mundo da UNESCO quando houve visita aos acervos do IHGB.

Rio de Janeiro, 28 de setembro de 2017.

Sônia Nascimento de Lima

Chefe do Arquivo

HEMEROTECA

Relatório das atividades

Período de outubro de 2016 a outubro de 2017

A Hemeroteca segue com o propósito de promover o acesso, a recuperação, o armazenamento e a preservação da informação que tem extensão ao atendimento virtual.

Atividades rotineiras

Catálogo e arranjo dos periódicos recebidos.

Higienização das publicações e encadernação.

Informação às pesquisas solicitadas pelos sócios do IHGB, pelos consulentes e por e-mails.

Agradecimento dos periódicos recebidos.

Acervo

Base de artigos de periódicos: 9.959 itens.

Base das atas da *R.IHGB*: 14.602 itens.

Base de títulos de periódicos: 6.349 itens.

Fascículos de periódicos: 109.798 itens.

Foram consultados 403 periódicos.

Aquisição de periódicos:

Compra

Almanaque Bertrand. Rio de Janeiro, ano 44, 1943; ano 46-47, 1945-1946; ano 49, 1948; ano 53, 1952; ano 56, 1955.

Careta. Rio de Janeiro, n. 579, 26 jul. 1919

Manchete. Rio de Janeiro, n. 891, 1969; n. 939, 1970; n. 980, 1971; n. 1333, 1977; n. 1439, 1979; n. 1612, 1983

Brasil Açucareiro. Rio de Janeiro, jan.-dez. 1964; jan.-dez. 1967; jan.-maio 1968; jan.-jun. 1970.

Conservação e restauração do acervo:

Periódicos digitalizados

O Século : órgão da Bibliotheca 16 de novembro – 1891

Gazeta de Baturité – 1881

Diário Fluminense – 1º sem. 1827

Diário Fluminense – 2º sem. 1827

Encadernação

Foram encadernados 20 periódicos. Em alguns deles foram aproveitadas as capas originais. Serviço feito pela Moura Encadernação.

Mostras

1º Semana Nacional de Arquivos.

Digitalização

Foram reproduzidas 6622 imagens.

Equipe:

Auxiliar de Biblioteca – Wantony Lencastre Lima.

Auxiliar de Serviços Gerais – José Antônio de Salles Gusmão.

Rio de Janeiro, 03 de outubro de 2017.

Maura Corrêa e Castro

Chefe da Hemeroteca

MUSEU

Relatório das atividades

Período de outubro de 2015 a outubro de 2017

As atividades gerais pertinentes ao setor de museologia foram desenvolvidas ao longo do ano social sem grandes mudanças; buscou-se a continuidade dos trabalhos já iniciados, fazendo com que se preservasse as informações e dos objetos sob guarda do setor sejam cada vez mais apropriadas para a salvaguarda de nossa história.

Atendendo a iniciativa do diretor do Arquivo, prof. Jaime Antunes, o setor de museologia participou com uma singela apresentação de suas atividades no I Workshop de Processamentos Técnicos de Acervos Arquivísticos, Bibliográficos e Museológicos.

No período compreendido entre 13/10 e 10/12/2017, recebemos em regime de estágio obrigatório, seguindo convênio firmado com a UNIRIO, a estudante Moana Marie Goes Carvalho, que desempenhou suas tarefas brilhantemente, a quem desejamos uma carreira profícua.

O acervo museológico foi acrescentado em 9 peças provenientes de compras, de doações e de outras incorporações como dispostos a seguir:

Compras

Xícara comemorativa ao XXXVI Congresso Eucarístico Internacional – 1955.

Sinete que pertenceu ao Visconde de Sinimbu, João Lins Vieira Cansação de Sinimbu.

Flâmula comemorativa ao 36º Congresso Eucarístico Internacional com imagem do Cristo Redentor sobre cruz.

Button Queremos Getúlio.

Button da campanha #Fora Temer.

Doações

– Máscara mortuária de Getúlio Vargas, em gesso. Autor: Flory Gama; 1954.

Doador: Embaixador Gonçalo de Barros Carvalho e Mello Mourão, em 06/04/2017.

– Button da campanha #FORA TEMER, fundo preto

Doador: Ricardo Fernandes Lima Wehrs, em 06/12/2016

– Escultura em mármore representando a mão direita da princesa D. Leopoldina, filha de D. Pedro II

Doador: D. Carlos Tasso Saxe-Coburgo e Bragança

Empréstimos de acervo:

Exposições e Mostras

Durante o ano social 2016/2017, foram montadas 5 exposições e 2 mostras em atendimento a temáticas abordadas em seminários, em congressos, em cursos, em CEPHAS e de mobilização nacional, onde figuraram os acervos do arquivo, biblioteca, hemeroteca, mapoteca e museu, sempre que atendessem aos assuntos abordados. Foram elas:

Exposição Revolução Pernambucana de 1817 – ilustrando seminário de mesmo título.

Exposição da I Semana Nacional de Arquivos: O Arquivo do IHGB.

Exposição de História Militar – abordando temática do curso de mesmo nome.

Exposição História do Direito – Ilustrando temática abordada no IX Congresso Internacional de História do Direito.

Exposição 11ª Primavera de Museus: Museu do IHGB: passeio histórico por 3 séculos.

Mostra sobre Paleografia – Apresentação de documentos passíveis de estudos paleográficos.

Mostra sobre o Padre Nunes Garcia – Acompanhando CEPHAS temática sobre o músico erudito brasileiro.

Mostra sobre a I Guerra Mundial (?)

Solicitação de cessão de imagem e/ou pesquisa sobre o acervo museológico:

Busto do Visconde de São Leopoldo – jornalista Sérgio Willians, para figurar matéria no Jornal A Tribuna de Santos e Blog Memória Santista.

Barão e Baronesa de Nova Friburgo; Emílio Bauch – Museu da República para figurar catálogo;

Marquês e Marquesa do Paraná para figurar em livro *Africanos Livres* de autoria de Beatriz Mamigonian, Companhia das Letras.

Visitação

Total de 202 visitantes ao Museu

Total de visitantes em exposições e mostras 146 visitantes

A estatística acima foi feita a partir da contagem de assinaturas nos respectivos livros, porém não retratam a realidade, pois, em eventos diversos, os convidados, por vezes, não registram sua passagem nos livros do museu e de exposições temporárias por já terem registrado suas presenças no livro de assinaturas de eventos do IHGB.

Dentre as visitas recebidas, podemos destacar as visitas: Prof^{ta} Dr^a Maria aparecida de Rezende Mota com 43 alunos da disciplina Metodologia da História I do Instituto de História da UFRJ; o presidente da FIRJAN Sr. Eduardo Eugênio Gouvêia Vieira em comitiva com os embaixadores Frederico César de Araújo e Luis Felipe de Seixas Correia.

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 2017.

Magda Beatriz Vilela

Museóloga – 0391-I COREM 2ª Região

CARTOGRAFIA

Relatório das atividades

21 de outubro de 2016 a 21 de outubro de 2017

A partir do mês de maio/2017, com a saída da colaboradora Sr.^a Célia da Costa, Chefe da Hemeroteca, que respondia interinamente pela Cartografia (Mapoteca), o setor passou a compor a estrutura do Arquivo.

Tratamento do Acervo

A Cartografia possui grande volume de mapas e de atlas a serem catalogados e acondicionados devidamente. Neste período, procedeu-se à catalogação de Atlas que passaram a integrar o sistema e encadernaram-se três Atlas do século XIX, a saber:

- Atlas histórico da guerra do Paraguay. – *Emílio Carlos Jourdan* – 1871.
- Hydrographie du haut San-Francisco et du rio das Velhas – 1865.
- Atlas e relatório concernente à exploração do Rio de S. Francisco desde a cachoeira da Pirapóra até ao oceano Atlântico – 1860.

Atendimentos

Pesquisados: 71 mapas.

Digitalizados: 51 mapas.

Finalidade: Pesquisas acadêmicas, projetos editoriais, documentários e reportagens.

Participação em Exposições

A Cartografia disponibilizou seu acervo, a fim de compor as exposições internas elaboradas neste período.

Alguns mapas pertencentes ao acervo cartográfico do IHGB participaram da exposição “O Desafio Cartográfico do Novo” na cidade de Belo Horizonte, MG no período de 09/07/2017 a 10/09/2017.

Dentre as três exposições de mapas históricos, o acervo do IHGB fez parte de duas delas: “Olhares sobre o Globo e o Brasil” realizada no Minas Tênis Clube, e “Cartografar e Desenhar Minas Gerais” realizada no Museu Mineiro.

Participação em Exposições

O Arquivo disponibilizou seu acervo cartográfico, a fim de compor as exposições internas elaboradas neste período, além de reunir pequena mos-

tra para divulgação na Oficina Programa Memória do Mundo da UNESCO quando houve visitação aos acervos do IHGB.

Conclusão

O Arquivo tem como meta organizar, catalogar e proporcionar a recuperação dos documentos textuais, iconográficos e cartográficos, a fim de otimizar e de agilizar as consultas com eficiência para a satisfação dos clientes internos e externos.

Rio de Janeiro, 28 de setembro de 2017.

Sônia Nascimento de Lima

Chefe do Arquivo

III. 3 – Publicações Recebidas

LIVROS RECEBIDOS

- ABREU, Alzira Alves de et al. *Ensaio em homenagem a Alberto Dines: jornalismo, história, literatura*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2017. 432 p.
- ALMEIDA, Paulo Roberto de. *Formação da diplomacia econômica no Brasil: as relações econômicas internacionais*. Apresentação de Alberto da Costa e Silva. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. 2 v.
- AMADO, Rosane de Sá (Org.). *Estudos em línguas e culturas macro-jê*. São Paulo: Paulistana, 2010. 243 p.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *O Reino Encantado: crônica sebastianista*. Com estudo e organização de Débora Cavalcantes de Moura. 2. ed. Recife: D. Cavalcantes de Moura, 2017. lxxxiii, 258 p.
- ASSUNÇÃO, Mathias Röhrig. *De caboclos a bem-te-vis: formação do campesinato numa sociedade escravista: Maranhão, 1800-1850*. São Paulo: Anablume, 2017. 486.
- ATALLAH, Claudia C. Azeredo. *Da justiça em nome d'El Rey: justiça, ouvintes e inconfidência no centro-sul da América Portuguesa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016. 276 p.
- BACELAR, Manoela Queiroz. *Tombamento: afetos construídos*. Fortaleza: IBDCult, 2016. 205 p.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *Lênin: vida e obra*. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 222 p.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil*. Com a colaboração de Clóvis Melo e A.T. Andrade. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 642 p.
- BARZUN, Jacques. *From dawn to decadence: 500 years of Western cultural life: 1500 to the present*. New York: HarperCollins, c2000. 877 p.
- BOAVENTURA, Edivaldo M. *Exercícios de metodologia da pesquisa*. Salvador: Quarteto, 2017. 271 p.
- BOITEUX, Lucas Alexandre. *Notas para a história catarinense*. Apresentação Augusto César Zeferino. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2016. 436 p.
- BOJUNGA, Claudio. *Roquette-Pinto: o corpo a corpo com o Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017. 288 p.
- BORBA, Maria Auxiliadora Bezerra (Org.). *Campina Grande nos meados do século XX*. 2. ed. rev. e ampl. João Pessoa: Idéia, 2016. 350 p.

- BRASIL, Helio; REIS, José Rezende. *O Solar da Fazenda do Rochedo e Cataguases: memórias*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Sinergia, 2016. 340 p.
- CABRAL, Milton Bezerra. *Geoeconomia da Paraíba: condicionantes para o desenvolvimento sustentável*. Campina Grande: Eduepb, 2016. 523 p.
- CANDEAS, Alessandro. *A integração Brasil-Argentina: história de uma idéia na “visão do outro”*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. 375 p.
- CANETTI, Elias. *A consciência das palavras*. Tradução Mário Suzuki, Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 323 p.
- CARVALHO, José Cândido de. *Rei Balthazar*. Prefácio Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2017. 181 p.
- CASELLA, Paulo Borba; VASCONCELOS, Raphael Carvalho de; XAVIER JUNIOR, Ely Caetano (Org.). *Direito ambiental: o legado de Geraldo Eulálio do Nascimento e Silva*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. 492 p.
- CASTRO, Fernando Vale. *Pensando um continente: a Revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012. 190 p.
- CAVALCANTE, Geová Lemos. *Dom Antônio de Almeida Lustosa: aspecto de sua vida intelectual e política*. Fortaleza: Primus, 2107. 15 p.
- CIRANO, Marcos. *Joaquim de Arruda Falcão: contra o rugir da unanimidade*. Recife: Assembléia Legislativa de Pernambuco, 2001. 189 p.
- CLAUDEL, Paul; MILHAUD, Darius. *Uma outra Missão Francesa: 1917-1918: Paul Claudel e Darius Milhaud no Brasil*. Rio de Janeiro: Andréa Jakobsen Estúdio, 2017. 328 p.
- CONY, Carlos Heitor; LAMARÃO, Sergio. *Wolff Klabin*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2015. 354 p.
- CORRÊA, Luiz Felipe de Seixas. *Relações internacionais do Brasil: antologia comentada de artigos da Revista do IHGB: (1841-2004)*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2016. 498 p.
- CORRÊA, Oscar Dias. *Estudos de direito político-constitucional*. Apresentação Antonio Celso Alves Pereira. Rio de Janeiro: Renovar, 2010. 1108 p.
- COSTA, Hipólito José da. *Diário da minha viagem para Filadélfia*. Edição crítica Tânia Dias. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2016. 196 p.
- COSTA, Olivier. *A União Européia e sua política exterior: (história, instituições e processo de tomada de decisão)*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. 224 p.

- COSTA, Sérgio Corrêa da. *A diplomacia do Marechal: intervenção estrangeira na Revolta da Armada*. 3. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. 494 p.
- COUTO, Ronaldo Costa. *A saga da família Lafer-Klabin*. Rio de Janeiro: Chermont Ed., 1917. 475 p.
- DAMATTA, Roberto; JUNQUEIRA, Roberto. *Fila e democracias*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. 126 p.
- DANTAS, Ibarê. *Imprensa operária em Sergipe: (1891-1930)*. Aracaju: I. Dantas, 2016. 198 p.
- DI TELLA, Torcuato S. *História social da Argentina contemporânea*. 2. ed. rev. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. 421 p.
- DIAS, Ondemar; NETO, Jandira. *A pré-história e a história da Baixada Fluminense: a ocupação humana da Bacia do Rio Guandu*. Rio de Janeiro: Instituto de Arqueologia Brasileira, 2017. 288 p.
- EL-KAREH, Almir Chaiban; SALLES, Eliane. *Estrada de Ferro Mauá: nos trilhos da história*. Rio de Janeiro: Oroboro, 2017. 176 p.
- FALCI, Miridan Bugyja Britto. *A casa cor de rosa: vida e costumes de uma família do século XX*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016. 280 p.
- FARIAS, Robson Fernandes de. *História de Nova Iguaçu*. 1. ed. Juiz de Fora: Ed. Garcia, 2016. 104 p.
- FARIAS, Rogério de Souza. *Edmundo P. Barbosa da Silva e a construção da diplomacia econômica brasileira*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. 589 p.
- FERNANDES, Neusa; COELHO, Olívio Gomes P. *Efemérides cariocas*. Rio de Janeiro: Ed. Dos Autores, 2016. 779 p.
- FERREIRA NETO, Cicinato. *A história do Ceará: fatos e bibliografia*. Fortaleza: Primus, 2013. 410 p.
- FERREIRA, Antonio Celso; MAHL, Marcelo Lapuente (Org.). *Os Institutos Históricos e Geográficos: nação e região na historiografia brasileira*. Campinas: Pontes, 2017. 293 p.
- FLORES, Alfredo de J. (Org.). *Temas de história do direito*. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2015. 3 v.
- FRANÇA FILHO, Marcílio Toscano; MIALHE, Jorge Luís; JOB, Ulisses da Silveira (Orgs.). *Epitácio Pessoa e a Codificação do Direito Internacional*. Porto Alegre: S. A Fabris, 2013. 662 p.
- GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 417 p.
- GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 507 p.

GONDIM, Antônio Washington de Almeida. *Família Gondim e outras linhagens areenses*. João Pessoa: Idéia, 2017. 460 p.

IPANEMA, Cybelle de. *Efemérides fluminenses*. Rio de Janeiro: C. de Ipanema, 2017. 142 p.

LACERDA, Matheus de Medeiros. *Diplomacia presidencial de Epitácio Pessoa: da Conferência da Paz à volta ao Brasil: análise da política externa do presidente eleito*. Curitiba: Appris, 2013. 253 p.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Saint-Simon ou o sistema da Corte*. Com a colaboração de Jean-François Fitou. Tradução de Sérgio Guimarães. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 583 p.

LAGARDÈRE, Bethy. *Tenho apetite de almas: uma fotobiografia de Nélida Piñon*. Rio de Janeiro: Arte Ensaio, 2013. 248 p.

LEAL, Alberto. *Cabo Frio: 1503*. Rio de Janeiro: Basel, 2012. 195 p.

LE MOS, Ana. *Os livros de horas iluminados do Palácio Nacional de Mafra*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, 2012. 131 p.

LIMA, Israel Souza. *Aluísio Azevedo*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2017. 416 p.

LIMA, Israel Souza. *Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde do Rio Branco*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2017. 486 p.

LIMA, Israel Souza. *Tomas Antonio Gonzaga, Tobias Barreto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2016. 535 p.

LIMA, Sérgio Eduardo Moreira (Org.). *A importância de Espanha para o Brasil: história e perspectivas*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. 239 p.

LIMA, Sérgio Eduardo Moreira; ALMEIDA, Paulo Roberto de; FARIAS, Rogério de Souza (Orgs.). *Oswaldo Aranha: um estadista brasileiro*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. 2 v.

LINS, Carlos Francisco Bandeira. *Gente do Taipu: os Lins Cavalcanti de Albuquerque, desde remotos ancestrais medievais até a morte de José Lins do Rego*. João Pessoa: Média Graf. e Ed., 2017. 2 v.

LIVRO de Registro dos dados biográficos de brasileiros ilustres: Rio Grande do Norte. Organização, apresentação e notas de João Gothardo Dantas Emerenciano. Natal: O Potiguar, 2016. 159 p.

LYNCH, Christian Edward Cyril. *Da monarquia à oligarquia: história institucional e pensamento político brasileiro: (1822-1930)*. São Paulo: Alameda, 2014. 283 p.

- MAGALHÃES, Aline Montenegro; MARINS, Álvaro; BEZERRA, Rafael Zamorano. *D. Leopoldina e seu tempo: sociedade, política, ciência e arte no século XIX* Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2016. 345 p.
- MAIA, Clarissa Nunes (Org.). *História das prisões no Brasil*. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017. 2 v.
- MALTA, Alfredo. *O casarão da Borda do Campo*. Belo Horizonte: Alfstudio, 2015. 328 p.
- MAXWELL, Kenneth. *Mais malandros: ensaios tropicais e outros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 268 p.
- MENCK, José Theodoro Mascarenhas. *A questão do Rio Pirara: (1829-1904)*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009. 687 p.
- MENDES, Candido. *A latinidade ou o outro Ocidente*. Rio de Janeiro: Educam, 2016. 135 p.
- MENDES, Candido. *Subcultura e mudança: por que me envergonho do meu país*. Rio de Janeiro: Educam, 2010. 156 p.
- MIRANDA, Victorino Coutinho Chermont de. *A família Chermont: memória histórica e genealógica*. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2016. 384 p.
- MONTEIRO, Edson. *Jarbas Maranhão: o legado centenário de probidade, justiça social e erudição*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016. 430 p.
- MORAES FILHO, Evaristo de. *Medo à utopia: o pensamento social de Tobias Barreto e Sílvio Romero*. 1. ed. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2016. 262 p.
- MORAES, Denis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil: (1947-53)*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2010. 276 p.
- NABUCO, Maurício. *Reflexões e reminiscências*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 311 p.
- NARA JÚNIOR, João Carlos. *Arqueologia da persuasão o simbolismo rococó da Matriz de Santa Rita*. Curitiba: Appris, 2016. 281 p.
- NISKIER, Arnaldo. *A reforma da educação: 141 artigos sobre educação, ciência e cultura de 2004 a 2016*. Rio de Janeiro: Consultor, 2016. 221 p.
- OLHARES Cruzados: Áustria-Brasil. Brasília: Embaixada da Áustria, 2016. 327 p.
- OLIVEIRA, Francisco Roque de (Org.). *Leitores de mapas: dois séculos de história da cartografia em Portugal*. Lisboa: BNP, 2012. 191 p.
- OLIVEIRA, Francisco Roque de (Org.). *Percepções europeias da China dos séculos XVI a XVIII: idéias e imagens na origem da moderna sinologia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa: Palácio Nacional de Mafra, 2017. 179 p.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de (Org.). *A coleção Família Barbosa de Oliveira*. Apresentação José Almino de Alencar. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017. 150 p.

PAIVA, Melquíades Pinto. *Um brilhante e produtivo cientista: Antônio Adauto Fonteles Filho: (1933-2016)*. Fortaleza: Primus, 2017. 60 p.

PAMPLONA, Patrícia (Org.). *Transformações urbanísticas*. Apresentação Washington Fajardo. Fotografias Pepe Schettino. Rio de Janeiro: ID Cultural, 2016. 316 p.

PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte (Org.). *Evaristo de Moraes Filho: 100 anos de vida: contribuição à sociologia e ao direito do trabalho*. Brasília: Ministério Público do Trabalho, 2016. 233 p.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva. *As ruínas da tradição*. 2. ed. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2017. 438 p.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil 3: de Carvalho a Ribeiro: história plural do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2017. 376 p.

REZZUTTI, Paulo. *D. Leopoldina: a história não contada: a mulher que conquistou a Independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Leya, 2017. 431 p.

RODRIGUES, André Figueiredo; AGUIAR, José Otávio (Org.). *História, religiões e religiosidade: da Antiguidade aos recortes contemporâneos, novas abordagens e debates sobre religiões*. São Paulo: Humanitas, 2016. 488 p.

SANCEAU, Elaine. *Os portugueses no Brasil: (1500-1572)*. Introdução, revisão e notas Armando Alexandre dos Santos. 1. ed. São Paulo: Letras do Pensamento, 2016. 195 p.

SANTOS, Affonso José. *Barão do Rio-Branco: caderno de notas*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. 5 v.

SANTOS, Beatriz Boclin Marque dos; ANDRADE, Vera Lucia Cabana de Queiroz. *Colégio Pedro II: polo cultural da cidade do Rio de Janeiro: a trajetória de seus uniformes escolares na memória coletiva da cidade*. Rio de Janeiro: Mauad, 2016. 174 p.

SANTOS, Gilda (Org.). *O Real em revista: impressos luso-brasileiros oitocentistas*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2015. 341 p.

SANTOS, Maria José Azevedo. *As regras da Regra Santa Clara: código do século XVI*. Com a colaboração especial de Francisco Pato de Macedo. Coimbra: Impr. da Universidade de Coimbra, 2015. 129,43 p.

SAVAL, Nikil. *Cubiculados: a história secreta do local de trabalho*. Tradução de Ângela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Anfitheatro, 2015. 367 p.

SCHNEIDER, Nina. *Brazilian propaganda: legitimizing an authoritarian regime*. Gainesville: University Press of Florida, 2014. 213 p.

- SEIXAS, Antônio. *A vida de Alcindo Guanabara*. Magé, RJ: Ed. do Autor, 2015. 72 p.
- SENRA, Nelson de Castro. *Tradição e renovação: uma síntese da história do IBGE*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 221 p.
- SERRA, Tânia (Org.). *Romances-folhetim românticos: ficção e subcanonicidade no século XIX brasileiro: 11 textos completos e inéditos aparecidos entre 1830 e 1867 em periódicos*. Brasília: Ed. UnB, 2014. 687 p.
- SERRA, Tânia. *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1994. 553 p.
- SOCHACZEWSKI, Monique. *Do Rio de Janeiro a Istambul: contrastes e conexões entre o Brasil e o Império Otomano: (1850-1919)*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. 331 p.
- SOUSA, Antônio Lindvaldo (Org.). *O pulso de Clio...: religiosidade, cultura e identidade*. Porto Alegre: Redes, 2012. 222 p.
- SOUTO, Judite Paiva. *Uma vasta caieira: um estudo sobre os fabricantes de cal da Freguesia da Ilha do Governador: (1861-1900)*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2016. 164 p.
- TENORIO, Douglas Apratto. *Imago controversa: a emancipação de Alagoas*. Maceió: CESMAC, 2016. 146 p.
- TERROR, José S. *Juiz de Fora intemporal*. Juiz de Fora: Templo, 2016. 180 p.
- TRINDADE, Antônio Augusto Cançado. *A obrigação universal de desarmamento nuclear*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. 235 p.
- TRINDADE, Gilmar Alves et al. *Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas para a sala de aula*. Ilhéus: Editus, 2017. 264 p.
- VARGAS, Fábio Aristimunho. *Formação das fronteiras latino-americanas*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. 640 p.
- VELLOSO, João Paulo dos Reis. *A comunidade de amor*. Rio de Janeiro: Livros do Futuro, 2016. 200 p.
- VICENTE, Filipa Lowndes. *Viagens e exposições: D. Pedro V na Europa do século XIX*. Lisboa: Gótica, 2003. 363 p.
- VIEGAS FILHO, José. *A segurança do Atlântico Sul e as relações com a África*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2016. 162 p.
- VILHENA, V. de Magalhães. Antônio Sergio: o idealismo crítico e a crise da ideologia burguesa. Lisboa: Seara Nova, 1964. 196 p.
- VILLALTA, Luiz Carlos. *O Brasil e a crise do Antigo Regime português: (1788-1822)*. Rio de Janeiro: FGV, 2016. 272 p.

VILLANOVA, Carlos Luís Duarte. *Diplomacia pública e imagem do Brasil no século XXI*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. 357 p.

WIESEBRON, Marianne L.; NAGLE, Marilene (Orgs.). *Rui Barbosa*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. 195 p.

WOLKMER, Antonio Carlos. *História do direito no Brasil*. 9. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Forense, 2015. 207 p.

WOLKMER, Antonio Carlos (Org.). *Fundamentos do direito no Brasil*. 9. ed. rev. e atual. Belo Horizonte: Del Rey, 2016. 592 p.

ZEFERINO, Augusto César (Org.). *Cartas para José Boiteux*. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2016. v. 1.

PERIÓDICOS RECEBIDOS

A DEFESA NACIONAL : revista de assuntos militares e estudo de problemas brasileiros. Rio de Janeiro : Bibliex, ano 104, n. 831, 3º quad. 2016; ano 104, n. 832, 1º quad. 2017.

ACERVO. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, v. 29, n. 1, jan./jun. 2016.

ANAIS DO MUSEU MARIANO PROCÓPIO. Juiz de fora : Fundação Museu Mariano Procópio, v. 1, 2014.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro : IBGE, v. 76, 2016.

ANUÁRIO DE ESTUDIOS AMERICANOS. Sevilla : Escuela de Estudios Hispano-Americanos, v. 73, n.2, jul-dic. 2016.

ARQUIVO EM CARTAZ. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, ano 2, n. 2, nov. 2016.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA. Lisboa : Sociedade de Geografia de Lisboa, ser. 133, n. 1-12, jan./dez. 2015.

BOLETÍN DE LA REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA. Madrid : Real Academia de La Historia, t. 213, cuad. 2, mayo-agosto 2016; t. 213, cuad. 3, sep.-dic. 2016.

BOLLETTINO DELLA SOCIETÀ GEOGRAFICA ITALIANA. Roma : Società Geografica Italiana, ser. 13, v. 8, apr.-giug. 2015; ser. 13, v. 8, lugl.-set. 2015, ott.-dic. 2015.

CADERNOS DO CHDD. Rio de Janeiro : Fundação Alexandre de Gusmão, ano 15, n. 28-29, 1º-2º sem. 2016.

CARIOQUICE. Rio de Janeiro : Instituto Cultural Cravo Albin, ano 15, n. 51, out./dez. 2016.

CARTA MENSAL. Rio de Janeiro : Colégio Brasileiro de Genealogia, ano 29, n. 132-133, mar./set. 2016.

- CARTA MENSAL. Rio de Janeiro : Confederação Nacional do Comércio, n.736, jul. 2016; n. 738-740, set./Nov. 2016; n. 744-745, mar./abr. 2017.
- HISTORIA PARAGUAYA. Asunción : Académia Paraguaya de la Historia, v. 56, 2016.
- IDEIAS EM DESTAQUE. Rio de Janeiro : Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, n. 48, jul./dez. 2016.
- INSIGHT INTELIGÊNCIA. Rio de Janeiro, n. 75, out./dez. 2016.
- JORNAL DE LETRAS. Rio de Janeiro : Instituto Antares de Cultura, n. 222, abr. 2017.
- MEMÓRIA CULT. Ouro Preto : [s.n.], ano 6, n. 19-20, set./dez 2016; ano 7, n. 21-22, abr./jul. 2017.
- NAVIGATOR : subsídios para a história marítima do Brasil.
Rio de Janeiro : Serviço de Documentação da Marinha, v. 12, n. 24, dez. 2016.
- PESQUISAS. Antropologia. São Leopoldo : Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 72, 2016.
- O PRELO. Niterói : Assessoria de Comunicação Social da Imprensa Oficial, ano 14, n. 45-47, jan./jul. 2017.
- RC : Revista de Cultura. Macau : Instituto Cultural de Macau, n. 52-53, 2016; n. 54, 2017.
- REVISTA BRASILEIRA. Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Letras, ano 6, n. 90, jan.-mar. 2017.
- REVISTA COMPLUTENSE DE HISTÓRIA DA AMÉRICA. Madrid : Universidad Complutense, Facultad de Geografía e Historia, v. 42, 2016.
- REVISTA DA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS. Rio de Janeiro : Academia Carioca de Letras, Ed. Com. 450 anos da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro ; Ed. Com. 90 anos, 1926-2016.
- REVISTA DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS. Belo Horizonte : Academia Mineira de Letras, ano 94, v. 71, 2015.
- REVISTA DO EXÉRCITO BRASILEIRO. Rio de Janeiro, v. 152, 3º quad. 2016; v. 153, 1º quad. 2017.
- REVISTA DO IGHA. Manaus : Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, n. 1-8, 2014-2015.
- REVISTA DO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO. Recife : Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, n.68, 2015.
- REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. Fortaleza : Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), v. 130, 2016.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO DISTRITO FEDERAL. Brasília : Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, Ed. especial, 2017.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro : Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, ano 22, n. 22, 2015; ano 23, n. 23, 2016.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MINAS GERAIS. Belo Horizonte : Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, v. 41, 2016.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO. São Paulo : Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ano 122, v. 100, 2016.

REVISTA DO INSTITUTO PARAIBANO DE GENEALOGIA E HERÁLDICA. João Pessoa : Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica, n. 18, 2016.

REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA. Rio de Janeiro : Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, v. 136, 10/12, out./dez. 2016; v. 137, n. 01/03, jan./mar. 2017; 04/06, abr./jun. 2017.

REVISTA MÚLTIPLA. Brasília : União Pioneira de Integração Social, n. 40, jun. 2016.

III. 4 - Estatísticas

Pesquisas realizadas na Sala de Leitura no período de dezembro de 2016 a dezembro de 2017.	
CONSULENTES:	1.418
LIVROS:	940
PERIÓDICOS	629
MAPAS:	83
MANUSCRITOS:	3.345
CÓDICES:	47
ICONOGRAFIA:	150
MICROFILME:	0
CD e DVD:	07
Visitas ao Museu no ano de 2017	
VISITAS:	253
VISITAS ÀS EXPOSIÇÕES:	285
Acessos ao site no ano de 2016	
PÁGINAS VISITADAS	ACESSOS
Arquivo	94.800
Hemeroteca	115.616
Museu	5.130
Biblioteca	109.202
Iconografia	28.920
Mapoteca	28.327
Revista-IHGB	478.475
Total de visitas: 366.06 Total de acessos: 2.696.845	

IV – QUADRO SOCIAL

IV. 1 – Cadastro Social

A– POR CLASSES

Presidentes Honorários

1. Dom Juan Carlos de Bourbon, da Espanha	25–05–1983	Palácio de La Zarzuela – Madrid – Espanha
2. José Sarney	02–10–1985	Praça dos Três Poderes – Senado Federal Anexo I – 6º andar – 70165–900 – Brasília – DF
3. Fernando Collor de Mello	13–12–1991	Jornal Gazeta de Alagoas – Av. Aristeu de Andrade, 355 – Farol – 57051–090 – Maceió – AL – Fone: (82) 3218–7700
4. Fernando Henrique Cardoso	03–10–1999	Instituto Fernando Henrique Cardoso – Rua Formosa, 367 – 6o andar – Centro – 01049–000 – São Paulo – SP – Fone: (11) 3359–5000
5. Jorge Sampaio	24–04–2000	Praça Afonso de Albuquerque – Palácio de Belém – 1300 – Lisboa – Portugal
6. Aníbal Cavaco Silva	07–03–2008	Palácio de Belém – Calçada da Ajuda, nº 11 – 1349022 – Lisboa – Portugal

Sócios Eméritos

01 – Beneméritos

02 – Eméritos

1. Affonso Arinos de Mello Franco	19–05–1971	Praia de Botafogo, 130/801 – Botafogo – 22250–040 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2552–5922 – E-mail: arinos@attglobal.net
2. Affonso Celso Vilela de Carvalho	11–12–1974	Av. Celso Garcia, 564 – Palmas – 26650–000 – Paulo de Frontin – RJ – Fone: (24) 2471–2566/2468–1340 – E-mail:
3. Luís Henrique Dias Tavares	15–12–1975	Av. Princesa Leopoldina, 214/1003 – Edf. Serza Real – Graça – 40150–080 – Salvador – BA – Fone: (71) 3245–3524
4. Cybelle Moreira de Ipanema	15–12–1976	Rua Rui Vaz Pinto, 130/302 – Jardim Guanabara – Ilha do Governador Rio de Janeiro – RJ – 21931–390 – Fone: (21) 3393–3927
5. Claudio Moreira Bento	13–12–1978	Casa da Palmeira Imperial – Rua Florença, 266 – Jardim das Rosas – 27580–000 – Itatiaia – RJ Fone: (24) 3354–2988 – E-mail: bento1931@gmail.com
6. José Pedro Pinto Espoel	13–12–1978	Rua Comandante Miguelote Viana, 141 – Icaraí – 24220–190 – Niterói – RJ – Fone: (21) 2711–8663

7. Guilherme de Andréa Frota	16-12-1981	Av. Rui Barbosa, 16/1802 – Flamengo – 22250-020 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2551-8717 – E-mail: guilherneafrota@gmail.com
8. Alberto Venancio Filho	17-08-1988	Praia de Botafogo, 132/401 – Botafogo – 22250-040 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2551-0159 – E-mail: avf@bpb.com.br
9. Marilda Corrêa Ciribelli	07-06-1989	Rua Lopes Trovão, 89/801 – Icaraí – 24220-070 – Niterói – RJ – Fone. (21) 2711-4305
10. Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão	20-09-1989	Rua Prudente de Moraes, 1179 – Cob. 01 – Ipanema – 22420-041 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2513-2691 – E-mail: mariabeltrao@globo.com
11. Edivaldo Machado Boaventura	29-09-1989	Rua Dr. José Carlos, 99/801 – Acupe de Brotas 40290-040 – Salvador – BA – Fone: (71) 3340-8505 – E-mail: edivaldoboaventura@terra.com.br – edivaldoboaventura@gmail.com
12. Carlos Wehrs	29-11-1989	Rua Senador Vergueiro, 154/1203 – Flamengo – 22230-001 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2551-6916
13. Sonia Aparecida de Siqueira	14-12-1994	Praça Senador José Roberto Leite Penteado, 182 – Alto da Lapa – 05078-020 – São Paulo – SP – Fone: (11) 3831-8019 – E-mail: gardel@uol.com.br

Sócios Titulares

1. Arno Wehling	15-12-1976	Rua Soares Cabral, 59/603 – Laranjeiras – 22240-070 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2553-5677 – E-mail: presidencia@ihgb.org.br
2. Waldir da Cunha	15-12-1976	Rua Belfort Roxo, 158/302 – Copacabana – 22020-010 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2541-5613/9826
3. Arnaldo Niskier	16-12-1981	Rua Prudente de Moraes, 765 – Cob. 02 – Ipanema – 22420-043 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2267-7655 – E-mail: aniskier@openlink.com.br
4. Evaldo José Cabral de Mello	28-10-1987	Rua Barão de Jaguaribe, 297/301 – Ipanema – 22421-000 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2247-2574
5. Eduardo Silva	17-08-1988	Rua Viúva Lacerda, 300/601 – Humaitá – 22261-050 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2539-5845 – E-mail: esilva@orb.gov.br

6. Francisco Luiz Teixeira Vinhosa	12-12-1990	Estr. Caetano Monteiro, 2835 – Rua B, 356 – Pendotiba – Niterói – RJ – 24310-030 – Fone: (21) 2617-6818 Rua Sergipe, 472 / 1206 – Funcionários 30130-170 – Belo Horizonte – MG – Fone: (31)3212-4504 – E-mail: fvinhosa@hotmail.com
7. João Maurício Ottoni Wanderley de Araújo Pinho	29-04-1992	Rua Pio Correia, 55 – Jardim Botânico – 22461-240 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2252-7059 – E-mail: jmap@jmap.com.br
8. Esther Caldas Bertoletti	16-12-1992	Rua das Laranjeiras, 147/204 – Laranjeiras – 22240-000 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2557-5604 / 2557-5625 – E-mail: estherbertoletti@hotmail.com
9. Victorino Coutinho Chermont de Miranda	16-12-1992	Rua Eurico Cruz, 47/1101 – Jardim Botânico – 22461-200 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2535-2273 – E-mail: victorino@vchermont.com.br
10. Luiz Felipe de Seixas Corrêa	09-06-1993	Rua Joaquim Nabuco, 81 / 301 – Copacabana – 22080-030 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2294-2106 2274-0564 (RJ) – E-mail: lfseixas-correa@gmail.com
11. Miridan Britto Falci	09-06-1993	Rua Des. Alfredo Russel, 50/101 – Leblon – 22431-030 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2274-0302 – E-mail: bmiridan@yahoo.com.br
12. Helio Jaguaribe de Mattos	14-12-1994	Rua Fernando Magalhães, 45 – Jardim Botânico – 22460-210 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: 3205-4668 – E-mail: hjaguaribe@uol.com.br
13. Pedro Carlos da Silva Telles	14-12-1994	Rua Voluntários da Pátria, 181/201 – Botafogo 22270-000 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2538-0726
14. Marcos Guimarães Sanches	28-06-1995	Rua Magalhães Couto, 262/202 – Méier – 20735-180 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2592-9224 – E-mail: m.g.sanches@oi.com.br
15. José Murilo de Carvalho	29-11-1995	Rua Senador Vergueiro, 154/1004 – Flamengo 22230-001 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2551-2615 – E-mail: josemurilodecarvalho@gmail.com
16. Vera Lucia Bottrel Tostes	18-12-1996	Rua Francisco Otaviano, 23 – Bl. 2 – apto. 301 – Copacabana – 22080-040 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2287-9282 – (21) 2220-2328 (museu) – E-mail: veralbtostes@gmail.com

17. Cândido Antonio Mendes de Almeida	13-08-1997	Rua Paulo Cesar de Andrade, 70/302 – Laranjeiras – 22221-090 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2264-1725 Pç. XV de Novembro, 101/ sl. 26 – Centro – 20010-010 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2531-2310 – Fax: 2533-4782 – E-mail: cmen-des@candidomendes.edu.br
18. Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança	16-12-1998	Rua David Campista, 50 – Humaitá – 22261-010 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (51) 3312-3900 / 8182-0133 – E-mail: tasbra@yahoo.it
19. Fernando Tasso Fragoso Pires	28-04-1999	Rua Arthur Araripe, 53/702 – Gávea – 22451-020 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2239-7491 – E-mail: fernandotasso@yahoo.com.br
20. Alberto Vasconcellos da Costa e Silva	21-08-2002	Rua das Laranjeiras, 322/401 – Laranjeiras – 22240-002 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2265-2002 – E-mail: acostaesilva@uol.com.br
21. Pedro Karp Vasquez	21-08-2002	Praia de Icaraí, 237/1302 – Bloco B – Icaraí – 24230-003 – Niterói – RJ – Fone: (21) 2714-1700 – E-mail: bambupvasquez@gmail.com
22. Maria de Lourdes Viana Lyra	19-11-2003	Rua das Acácias, 101/904 – Gávea – 22451-060 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2274-3436 – E-mail: lourdes.lyra@terra.com.br
23. Célio de Oliveira Borja	19-11-2003	Rua Bulhões de Carvalho, 527/801 – Copacabana – 22081-000 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2247-3287 – E-mail: cborjaadvogado@openlink.com.br
24. Armando de Senna Bittencourt	25-08-2004	Rua Alberto de Campos, 107/cob. 2 Ipanema – 22411-030 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2267-5965 – E-mail: bittencourtb@dphdm.mar.mil.br
25. Roberto Cavalcanti de Albuquerque	15-12-2004	Rua Paula Freitas, 104/405 – Copacabana – 22040-010 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2235-8742 / 8743 – E-mail: robcal@inae.org.br
26. Maria Cecília Londres Fonseca	15-12-2004	Av. Atlântica, 1572 – apto. 1201 – Copacabana – 22021-000 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2530-8390 – Cel.: 9232-8502 – E-mail: mclondres77@hotmail.com.br
27. Ondemar Ferreira Dias Junior	15-12-2004	Estrada Sarapuí, 3199 – Vila Santa Teresa – 26193-575 – Belford Roxo – RJ – Fone: (21) 3612-0267 / 2264-9806 – E-mail: jandiraneto-dias@terra.com.br

28. Lucia Maria Paschoal Guimarães	28-09-2005	Rua Alm. Tamandaré, 38/301 – Flamengo – 22210-060 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2265-1610 – E-mail: luciamp@uol.com.br
29. Melquíades Pinto Paiva	28-09-2005	Rua Baronesa de Poconé, 71/701 – Lagoa – 22471-270 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2538-2498 – E-mail: mappaiva@uol.com.br
30. Mary Lucy Murray Del Priore	04-10-2006	Chácara do Ipê – Estr. do Grande Circuito, 35 – Parque do Imbuí – 25970-480 – Teresópolis – RJ – Fone: (21) 2641-9468 – E-mail: mary-delpriore@terra.com.br
31. Dora Monteiro e Silva de Alcântara	17-10-2007	Av. Epitácio Pessoa, 3400 apto. 1108 – Lagoa – 22471-001 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: 3586-3063 – E-mail: doralcantara@terra.com.br
32. Antonio Izaías da Costa Abreu	17-10-2007	Rua Barão do Flamengo, 3 apto 1101 – Flamengo – 22220-080 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 8890-7513 – E-mail: antonioizaías@tjrj.jus.br
33. Antônio Celso Alves Pereira	10-12-2008	Rua Marina Guimarães, 197 – Barra da Tijuca – 22793-236 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: 3325-8685 / 3326-2928 – E-mail: acelsopereira@globo.com
34. Pedro Aranha Corrêa do Lago	17-10-2007	Rua Marquês de São Vicente, 458 – Gávea – 22451-040 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2239-4196 – E-mail: pclago@terra.com.br
35. Carlos Eduardo de Almeida Barata	02-09-2009	Rua Prudente de Moraes, 321 – 101 – Ipanema – 22720-041 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2247-2858 – 3813-8793 – E-mail: caubarat@globo.com
36. Maurício Vicente Ferreira Junior	02-09-2009	Av. Pres. Castelo Branco, 401 casa 36 – Retiro – 25680-351 – Petrópolis – RJ – Fone: (24) 2245-8539 – E-mail: mauricio.ferreira@mu-seus.gov.br

Sócios Correspondentes Brasileiros

1. Vamireh Chacon de Albuquerque Nascimento	14-12-1983	Garvey Park Hotel – SHN – Qd. 2 – Bl. J – apto. 716 – 70702-300 – Brasília – DF – Fone: (61)3329-8516/3329-8400/3327-9064 – E-mail: vamirehchacon@gmail.com – diretorai-pol@unb.br
2. Gabriel Augusto de Mello Bittencourt	02-10-1985	Rua Chapot Presvot, 214/801 – Praia do Canto – 29055-410 – Vitória – ES – Fone: (27) 3324-2586 – E-mail: gbittenc.vix@terra.com.br
3. Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho	29-07-1987	Praça do Rosário, 15 – 36570-000 – Viçosa – MG – Fone: (31) 3891-1144 – E-mail: vidigal@homenet.com.br
4. Alberto Martins da Silva	13-07-1988	SQN 205 – Bl. D – apto. 303 – 70843-040 – Brasília – DF – Fone: (61) 3347-4385

5. Nachman Falbel	29-04-1992	Rua Duarte da Costa, 166 – Lapa – 05080-100 – São Paulo – SP – Fone: (11) 3834-6063
6. Helga Iracema Landgraf Piccolo	02-09-1992	Rua Prof. Idelfonso Gomes, 53 – 91900-130 – Porto Alegre – RS – Fone: (51) 3264-7207
7. Luiz Fernando Ribeiro Soutelo	02-09-1992	Rua Dep. Carvalho Dedo, 379/103 – Solopedo – 49025-070 – Aracaju – SE – Fone: (79) 3231-2318 / 3224-2127/3224-2128
8. Sonia Maria Demoner	02-09-1992	Av. Antonio Gil Veloso, 2350/604 – Praia da Costa – Vila Velha – ES – 29101-012 – Fone: (27) 3229-7106
9. Leonardo Dantas Silva	16-12-1992	Rua Marquês de Maricá, 73 – Torre – 50711-120 – Recife – PE – Fone: (81) 3227-4910
10. José Octávio de Arruda Mello	24-11-1993	Av. Senador Ruy Carneiro, 425 – 58032-100 – João Pessoa – PB – Fone: (83) 2247-7926
11. Maria Luiza Marcilio	08-06-1994	Rua Padre João Manuel, 774/142 – 01411-000 – São Paulo – SP – Fone: (11) 3282-8550
12. Maria Beatriz Nizza da Silva	14-12-1994	Rua Fialho de Almeida, 26/3º – 1000 – Lisboa – Portugal – Fone: 351-21-4835019
13. Cid José Teixeira Cavalcante	29-11-1995	Rua das Violetas, 85 – Pituba – 41810-080 – Salvador – BA – Fone: (71) 3452-1828
14. Ricardo Vélez Rodríguez	16-12-1998	Rua Luiz Lerco – Garden Catuai – Torre 1 – apto. 1203 – Terra Bonita – 86047-610 – Londrina – PR – Fone: (32) 3232-2878 / 3212-7994
15. José Mendonça Teles	28-04-1999	Rua SB, 11 – Qd. 6 – Lt. 7 – Portal do Sol I – 74884-597 – Goiânia – GO – Fone: (62) 3275-3268
16. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho	04-07-2001	Rua Pacífico dos Santos, 63/101 – Paissandu – 52010-030 – Recife – PE – Fone: (81) 3325-3557
17. Synesio Sampaio Goes Filho	04-07-2001	SMDB – Cj. 26 – Casa 8/9 – Lago Sul – 71680-260 – Brasília – DF – Fone: (61) 3367-1351
18. Elizabeth Madureira Siqueira	10-07-2002	Rua Quatro, 630 – Boa Esperança – 78068-724 – Cuiabá – MT – Fone: (65) 3627-6268 / 6247 – E-mail: emsiqueira@terra.com.br
19. Jayme Lustosa de Altavila	10-07-2002	Rua Oswaldo Sarmento, 63 / 201 – Edifício Lagoa Mar – Farol – 57051-510 – Maceió – AL – Fone: (82) 3221-6550 9902-8938 – E-mail: ihgal@hotmail.com
20. Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa	10-07-2002	Av. Saturnino de Brito, 1001/502 – Praia do Canto – 29055-180 – Vitória – ES – Fone: (27) 3227-9886
21. Luís Alberto Cibils	10-07-2002	Av. 24 de outubro, 627/301 – 90040-150 – Porto Alegre – RS – Fone: (51)3222-8594/3228-2610
22. Marcio Augusto de Freitas Meira	27-08-2003	SQ SW ,103 – Bl. E – apto. 605 – 70670-309 – Brasília – DF – Fone: (61) 3316-2149/2151 – E-mail: marciomeira@minc.gov.br
23. Arno Alvarez Kern	19-11-2003	Rua Jaraguá, 414 / 902 – 90450-140 – Porto Alegre – RS – Fone: (51) 3320-3534 – E-mail: aakern@puhrs.br

24. Caio César Boschi	19-11-2003	Rua Ramalhete, 550/900 – Serra – 30210-500 – Belo Horizonte – MG – Fone: (31) 3319-4299 – E-mail: caioboschi@hotmail.com
25. Carlos Henrique Cardim	19-11-2003	SQS 213 – Bloco C – Apto. 302 – 70292-030 – Brasília – DF – Fone: (61) 2026-1461 – (61) 3217-1726 – E-mail: carlos.cardim@itamaraty.gov.br
26. Corcino Medeiros dos Santos	19-11-2003	Cond. Vivendas Friburgo – Módulo 1 – Casa 1 Sobradinho – 73074-013 – Brasília – DF – Fone: (61) 3485-0250
27. José Jobson de Andrade Arruda	25-08-2004	Al. Gabriel Monteiro da Silva, 1465 – apto. 81 – Jardim Paulistano – 01441-903 – São Paulo – SP Fone: (11) 3088-6365 – Fax: (11) 3081-9907 – E-mail: jarruda@fapesp.br
28. Márcia Elisa de Campos Graf	25-08-2004	Rua General Carneiro, 885 / 701 – Ed. Sorbonne – 80060-150 – Curitiba – PR – Fone: (41) 3242-9879
29. Agaciél da Silva Maia	15-12-2004	QL 6 – Conj. 7 – Casa 20 – Lago Sul – 71620-075 – Brasília – DF – Fone: (61) 3311-4001 Fax (61) 3321-4666
30. Douglas Apratto Tenório	28-09-2005	Rua Deputado José Lajes, 395 – Ponta Verde – 57035-330 – Maceió – AL – Fone: (82) 3327-9916 – Fax: (82) 3221-0402 – E-mail: douglasa-pratto2@hotmail.com
31. Nestor Goulart Reis Filho	28-09-2005	Rua Gaspar Lourenço, 138 – 04107-001 – São Paulo – SP – Fone: (11) 3289-2167 / 3091-4556 – E-mail: ngreis@usp.br – lap@usp.br
32. Adilson Cezar	04-10-2006	Av. Jorge Zamur, 1212 – Parque Ibiti do Paço – 18086-050 – Sorocaba – SP – Fone: (15) 3328-4733 / 3228-7041 – E-mail: a.cesar08@terra.com.br
33. Pe. José Carlos Brandi Aleixo, Sj	04-10-2006	Centro Cultural – Av. L2 N – Q. 601 – B – 70830-010 – Brasília – DF – Fone: (61) 3224-9974 – Fax: (61) 3426-0400 / 3426-0401 E-mail: brandialeixo@ccbnet.org.br
34. Lília Katri Moritz Schwarcz	04-10-2006	Rua Salvador de Mendonça, 95 – Jardim Paulistano – 01450-040 – São Paulo – SP – Fone: (11) 3031-6614 – E-mail: lilia.ms@uol.com.br
35. Marco Antônio de Oliveira Maciel	04-10-2006	SQS 314, BI E, apto. 104 – Asa Sul – 70383-050 – Brasília – DF – Fone: (61) 3311-5710 / 5719 – E-mail: marco.maciél@senador.gov.br
36. Geraldo Mártires Coelho	17-10-2007	Rua dos Periquis, 3145 – ap 801 – 66040-320 – Belém – PA – Fone: (91) 9995-7280 – E-mail: gmartirescoelho@gmail.com
37. Reinaldo José Carneiro Leão	10-12-2008	Rua Des. Célio de Castro Montenegro, 32 – ap 2501 – Ed. Solar de Palmeiras Monteiro – 52070-008 – Recife – PE – Fone: – E-mail: reinaldojcl@gmail.com
38. Armando Alexandre dos Santos	02-09-2009	Rua Alferes José Caetano, 855 – apto 192 A – 13400-120 – Piracicaba – SP – Fone: (19) 3433-3303 – E-mail: aasantos@uol.com.br

39. Eugênio Ferraz	02-09-2009	Av. Augusto de Lima, 270 – Centro – 30190-001 – Belo Horizonte – MG – Fone: (31) 3237-3401 – Fax: (31) 3237-3500 – E-mail: eugenio.ferraz@iof.mg.gov.br
40. Jali Meirinho	02-09-2009	Rua Presidente Coutinho, 349 – apto 1102 – Centro – 88015-230 – Florianópolis – SC – Fone: (48) 3222-6751 – E-mail: jalimeirinho@uol.com.br
41. Laura de Mello e Souza	02-09-2009	Al. Eugênio de Lima, 1475 – apto 41 – 01403-003 – São Paulo – SP – Fone: (11) 3542-4241 – (11) 3885-6639 – E-mail: laurams@usp.br
42. Ângelo Oswaldo de Araújo Santos	15-12-2010	Rua Espírito Santo, 1594 / 401 – Lourdes – 30160-031 – Belo Horizonte – MG – Fone: (31) 3224-5273 – E-mail: secretariasgabinete@cultura.mg.gov.br
43. Fernando Lourenço Fernandes	15-12-2010	SQS 316 – Bloco C – apto. 201 – 70387-030 – Brasília – DF – Fone: (61) 3346-3869 – Fax: (61) 3345-4751 – E-mail: fernando-fl@uol.com.br
44. Guilherme Gomes da Silveira D'Ávila Lins	15-12-2010	Av. Cabo Branco, 1206 – Bairro Cabo Branco – 58045-010 – João Pessoa – PB – Fone: (83) 3226-1012 – (83) 9921-3340 – E-mail: ggsal@terra.com.br
45. Maria Efigênia Lage de Resende	15-12-2010	Rua Pio Porto de Menezes, 115/304 – 30380-300 – Belo Horizonte – MG – Fone: (31) 3297-4237 – (31) 9977-8672 – E-mail: lagederesende@uol.com.br
46. Áurea da Paz Pinheiro	21-09-2011	Campus Universitário Ministro Petrônio Portella Bairro Ininga – 64049-550 – Teresina – PI – Fone: (86) 3215-5973 – E-mail: aureapazpinheiro@gmail.com
47. Ernani Costa Straube	21-09-2011	Avenida Paraná, 775 apto. 06 – Cabral – 80035-130 – Curitiba – PR – Fone: (41) 3252-4767 – E-mail: py5do@hotmail.com
48. Francisco Fernando Monteoliva Doratioto	21-09-2011	SQN 213, Bloco B – apto. 306 – 70292-020 – Brasília – DF – Fone: (61) 9952-0356 – E-mail: doratioto@gmail.com.br
49. Getúlio Marcos Pereira Neves	21-09-2011	Rua João Joaquim da Mota, 324 apto. 704 – Praia da Costa – 29110-200 – Vila Velha – ES – Fone: (27) 3223-5476 / 3389-0412 – E-mail: gtneves@hotmail.com – gtneves@uol.com.br
50. Jorge dos Santos Caldeira Neto	21-09-2011	Rua General Jardim, 633 Conj. 52 – 01242-001 – São Paulo – SP – Fone: (11) 3123-0110 – E-mail: caldeira@mameluco.com.br
51. Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses	21-09-2011	Rua Alagoas, 475 apto. 14A – Higienópolis – 01242-001 – São Paulo – SP – Fone: (11) 3667-3131 – E-mail: utbm@uol.com.br
52. Augusto César Zeferino	12-12-2012	Caixa Postal 998 – 88010-970 – Florianópolis – SC – Fone: (48) 9982-0915 / 3304-0915 / 3222-5111 – E-mail: rasecac@brturbo.com.br – ihgsc@ihgsc.org.br

53. Luis Cláudio Villafañe G. Santos	12-12-2012	SHIS Q I 05 – Conjunto 16 – Casa 20 – 71615-160 – Brasília – DF – Fone: (61) 9667-5511 – E-mail: luis.villafane@itamaraty.gov.br
54. Roque de Barros Laraia	12-12-2012	Rua SHIS – QI 15 – conjunto 11 – casa 11 – Lago Sul – 71635-310 – Brasília – DF – Fone: – E-mail: rlaraia@uol.com.br
55. Sérgio Paulo Muniz Costa	12-12-2012	Rua SHIS QI 09 – conjunto 08 – casa 23 – Lago Sul – 71625-080 – Lago Sul – Brasília – Fone: (61) 3963-2565 – E-mail: spmunizcosta@gmail.com
56. Íris Kantor	13-11-2013	Rua Lisboa, 403 – apto. 21 – 05413-000 – São Paulo – SP – Fone: (11) 3062-0645 / 99602-2310 – E-mail: ikantor@usp.br
57. Juciene Ricarte Apolinário	13-11-2013	Rua Pedro Soares da Silva, 174 – Itararé – 58105-630 – Campina Grande – PB – Fone: (83) 8760-0516 / 3322-3607 – E-mail: jucieneufcg@gmail.com
58. Sérgio da Costa Franco	13-11-2013	Rua Getúlio Vargas, 1643 – 402 – Medianeira – 90150-005 – Porto Alegre – RS – Fone: (51) 3233-4973 – E-mail: scostafranco@hotmail.com
59. Gonçalo de Barros Carvalho e Mello Mourão	25-09-2014	Tivoli Forum – Av. Liberdade, 180 A – 10º andar – 1250-146 – Lisboa – PT – Fone: 351 9186-5910 / 351 213568367 – E-mail: goncalo.mourao@itamaraty360.gov.br
60. Junia Ferreira Furtado	25-09-2014	Rua Antônio de Albuquerque, 1032 – apto. 41 – Lourdes – 30112-011 – Belo Horizonte – MG – Fone: (31) 3227-7616 – E-mail: junia@ufmg.br juniaff@gmail.com
61. Aírton Cerqueira Leite Seelaender	19-07-2017	Colina da Unb - Bloco J - apto. 204 – Campus Darcy Ribeiro – 70904-110 - Brasília - DF – Fone: (61) 99918-1831 / 3107-0713 – E-mail: see.1750@gmail.com
62. Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes	19-07-2017	Rua Márlío Fernandes, 140 – Guararapes – 60810-025 - Fortaleza - CE – Fone: (85) 3241-2209 / 3366-7422 – E-mail: diatahy@ufc.br ediatahy@secrei.com.br
63. Marilene Corrêa da Silva Freitas	19-07-2017	Rua da Inconfidência, 18 – Conjunto COPHASA – Estrada da Ponta Negra – 69037-360 - Manaus - AM – Fone: (92) 3085-3637 / 3658-2874 – (92) 99125-1313 – E-mail: marilene.correa@uol.com.br – igha.manaus@gmail.com
64. Ricardo Marcelo Fonseca	19-07-2017	Rua Jeremias Maciel Perretto, 1288 - casa 37 – Campo Comprido – 81210-310 - Curitiba - PR – Fone: (41) 3360-5003 / 98867-9999 – E-mail: ricardo@historiadodireito.com.br

Sócios Correspondentes Portugueses

1. Joaquim Veríssimo Serrão	16-08-1967	Rua Capitão Renato Batista, 81 – 3º Distrito – 1000 – Lisboa – Portugal – Fone: (35119) 524616 – Casa dos Pinheiros / Salmeirim, lote 3 – 2000 – Santarém – Portugal –
2. Fernando Castelo-Branco	11-12-1978	Rua David de Souza, 14 – 2º – E – 1000 – Lisboa – Portugal
3. Mário Júlio Brito de Almeida Costa	27-10-1982	Av. Infante Santo, 15 – 7º. – 7 – 1300 – Lisboa – Portugal
4. Martim de Albuquerque	27-10-1982	Av. General Norton de Matos, Lote 6 – A 10º – E – 1495 – Lisboa – Portugal
5. Carlos da Costa Gomes Bessa	20-09-1989	Rua de Goa, 18 – 2º – Caxias – 2780 – Oeiras – Portugal – Fone 351-21-4432426
6. Pedro Mário Soares Martinez	02-05-1990	Rua de S. Bento, 26 – 1200-819 – Lisboa – Portugal – Fone: 351-21-3974280
7. António Manuel Dias Farinha	16-12-1992	Rua Carlos Calisto, 4 – 9º Dto – 1400-043 – Lisboa – Portugal – Fone: 351-21-3015653
8. António Pedro de Araujo Pires Vicente	24-11-1993	Av. João XXI, nº 4, 3º Esq. – 1000-301 – Lisboa – Portugal – Fone: 351-21-8049104
9. Eugenio Francisco dos Santos	14-12-1994	Rua Duque da Terceira, 381 – 4º Esq – 4000-537 – Porto – Portugal – Fone:
10. José Vitorino de Pina Martins	29-11-1995	Rua Marquês da Fronteira, 4, 1º Esq – 1070-295 – Lisboa – Portugal – Fone: 351-21-3875636
11. José Jorge da Costa Couto	13-08-1997	Av. Carolina Mochaélis, 34 r/c DTº – 2795049 – Linda-A-Velha – Portugal – Fone.: 351-96-6921660 – E-mail: jccouto@netcabo.pt
12. José Marques	13-08-1997	Rua António Marinho, 13 – 5º Esq. – 4700-361 – Braga – Portugal – Fone: 351-25-3261214 – E-mail: josemarques.braga@gmail.com
13. Pe. Henrique Pinto Rema, O.F.M.	05-07-2000	Travessa Arrochela, nº. 2, – 200-032 – Lisboa – Portugal – Fone: 351-21-3934772
14. Manuela Rosa Coelho Mendonça de Matos Fernandes	15-12-2004	Rua Teófilo Braga, 1 – 5º andar – 2685243 – Portela – Lisboa – Portugal – Fone: 351-219432249 – E-mail: manuela.mendonca@sapo.pt
15. Miguel Corrêa Monteiro	17-10-2007	Rua José Carlos da Maia, 123, r/c – 2775-214 – Parede – Portugal – Fone: 351-21-4571441 – E-mail: miguelscmonteiro@gmail.com
16. Américo da Costa Ramalho	2009	Rua António Nobre, 4, 1º – 3000-050 – Coimbra – PT – Fone: 23 9723-298 – E-mail: classic@ft.uc.pt
17. António Adriano de Ascensão Pires Ventura	2009	Travessa do Marçal, 12 – 7300-223 – Portalegre – PT – Fone: 24520-2487 – E-mail: piresventura@sapo.pt
18. Antonio Francisco Quintela	2009	Rua Cidade de Tete, 5 – 1800-128 – Lisboa – PT – E-mail: acq@civil.ist.utl.pt
19. Armando Alberto Martins	2009	Largo dos Santos, 1, 4º D – Alfarelos – 2700-662 – Amadora – PT – E-mail: armandoa.martins@clix.pt

20. Carlos José Margaça Veiga	2009	Rua Tiago Silva Santos, Lote 98 C – 1º C – 2625–261 – Póvoa – Sta Iria – PT – E-mail: cmargaca.veiga@netcabo.pt
21. Eurico Brandão de Ataíde Malafaia	2009	Rua Filipe Folque, 34, 1º Esq. – 1050–114 – Lisboa – PT
22. Francisco José Gingeira Santana	2009	Rua José Ricardo, 7, 5º Esq. – 1900 – Lisboa – PT
23. João Luís Serrão da Cunha Cardoso	2009	Rua Silva Porto, 16 – Funchalinho – 2825–048 – Caparica – PT – Fone: 21 2910–553 – E-mail: cardoso18@netvisao.pt
24. Luís Alberto Adão da Fonseca	2009	Rua do Revilão 521 – 4100–427 – Porto – PT
25. Luís António de Oliveira Ramos	2009	Rua António Ramalho, 135 – 4450 – Matosinhos – PT
26. Manuel Augusto Rodrigues	2009	Rua Luís de Camões, 55 – 1º – 3000–252 – Coimbra – PT – Fone: 23 9711–966 – E-mail: marodrigues@ci.uc.pt
27. Maria de Fátima Marques Dias Antunes dos Reis	2009	Campo Grande, 54, 13º – 1700–093 – Lisboa – PT – E-mail: fatimareis@fl.ul.pt
28. Maria Helena da Cruz Coelho	2009	Urb. Quinta da Lomba, BI 14, 6º E – 3030–159 – Coimbra – PT – Fone: 23 9715–634 – E-mail: coelhohm@gmail.com
29. Maria Isabel Dias da Silva Rebelo Gonçalves	2009	Rua da Quinta das Conchas, 3, 2º A – 1750–402 – Lisboa – PT – Fone: 21 7590–005 – E-mail: i.gonsalves@hotmail.com
30. Maria José Azevedo Santos	2009	Rua Brigadeiro Correia Cardoso, 223 – 2º Esq – 3000–089 – Coimbra – PT – Fone: 23 9834–921 9820–987 – E-mail: mazevedo.santos@yahoo.com
31. Maria Leonor Ribeiro da Fonseca Calixto Machado de Souza	2009	Rua de São Joaquim, 6 – 3ºDt. – 1250–234 – Lisboa – PT
32. Maria Margarida Ribeiro Garcez da Silva Ventura	2009	Rua Pedro Álvares Cabral, 10, 5 Dtº – 2685–228 – Portela – PT – Fone: 21 9447–500 – E-mail: margaridagarcezventura@gmail.com
33. Maria Paula Marçal Lourenço	2009	Quinta do Levante, C.C.I., 130 – 2925–346 – Azeitão – PT – E-mail: p.lourenco1961@hotmail.com
34. Maria do Rosário de Sampaio Themudo Barata Azevedo Cruz	2009	Rua Conde de Sabugosa, 25, 3º Dt. – 1700–115 – Lisboa – PT – Fone: 21 8496–930 – E-mail: rosariothemudo@gmail.com

Sócios Correspondentes Estrangeiros

1. Manuel Ballesteros Graibois	09–09–1958	Facultad de Antropología y Etnología de América – Ciudad Universitária – Madri – Espanha
2. Guillermo Morón	25–05–1988	Urb. Horizonte – Transversal 11 – Qta María Eugenia – Caracas – ZP 1070 – Estado Miranda Venezuela
3. Boris Nikolaievitch Komissarov	12–12–1990	Ul. Parachutnaia, 12 Kv. 715 – 197341 – Leníngrado – Rússia
4. Bernardino Bravo Lira	02–09–1992	Casilla 13199 – Santiago – Chile

5. Haim Avni	02-09-1992	74 Tcheraikowsky St. – Jerusalém – Israel 92585
6. Alicia Elena Vidaurreta	16-12-1992	Humahuaca 4037 – 1192 – Buenos Aires – Argentina – Fone: 54 1 4862-4871 / 4863-9823 – E-mail: avidaurreta@hotmail.com
7. Leslie Bethell	16-12-1992	Av. Aquarela do Brasil, 333 Bl 1apto1302 – São Conrado – 22610-010 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: 44 (0) 1865 284463 – E-mail: leslie.bethell@sant.ox.ac.uca
8. Kenneth R. Maxwell	24-11-1993	David Rockefeller Center for Latin American Studies – Harvard University – 61 Kirkland Street – Cambridge – MA 02138 – USA – Fone.: (617) 496-4780
9. Stuart B. Schwartz	24-11-1993	Yale University – Po Box 208324 – New Haven – CT 06520 – USA – Fone: (203) 432-1375 – E-mail: schwartz@yale.edu
10. Claude Fouquet	08-06-1994	10, Rue Pérignon – 75007 – Paris – França
11. Daniel Restrepo Manrique	08-06-1994	Calle Claudio Coello, 123 piso 4 – 28006 Madrid – Espanha – Fone: (341) 581-5286 / 581-1832
12. Marianne L. Wiesebron	08-06-1994	Druivenlaan 6 – Westmalle – Bélgica –2390 – Fone: 32-3-311-6175
13. Ludwig Lauerhass, Jr.	13-08-1997	319 Dalkeith Avenue 90049 – Los Angeles – California – EUA – Fax: 1-310-206-6859
14. Richard Graham	13-08-1997	110 – Vuelta Sabio – Santa Fé – 87506 – Novo México – USA – Fone: (505) 989-3503 – Fax: (505) 989-1817 – E-mail: slgrahan@trail.com
15. Christophe Wondji	16-12-1998	Coordonnateur des Projets D'Histoires – 1, Rue Miollis – 75732 – Paris, Cedex 15 – France – Fone: (331) 45.68.55.95
16. Horst Pietschmann	16-12-1998	Von-Melle – Park 6, 20146 – Hamburgo – Alemanha – Fone: (040) 4123-4841/4839 – E-mail: hs6al13@nuuol.rz.uni.hamburg.de
17. Miguel León-Portilla	05-07-2000	Calle Alberto Samora, 131 – Caioacan – 04000 – México – Fone: (55-21) 509-5107
18. Joaquim Antero Romero de Magalhães	04-07-2001	Rua Machado de Castro, 247 – 2º Esq. – 3000 – Coimbra – Portugal – Fone: 351-3929571
19. Luis E. Gonzales Vales	04-07-2001	Academia Puertorriqueña de Historia – Apartada – 9021447 – San Juan de Puerto Rico – 00902 – 1447 – Fone: 1-787-7234481
20. Rafael Fernandes Heres	04-07-2001	Academia Venezuelana de Historia – Palacio de las Academias – Av. Universidad – Bolsa a San Francisco – Caracas – 1010 – Venezuela – Fone.: 58-2-4839435 / 4844306
21. Sergio Martínez Baeza	04-07-2001	Calle Pedro Canisio, 1213 – ap. 161 – Vitacura – Santiago do Chile – Chile
22. Marcos Soares Albergaria de Noronha da Costa	10-07-2002	Palacio do Salvador – Largo do Salvador, 22 – 1100-462 – Lisboa – Portugal – Fone: 351-21-8866282 – E-mail: marcusdenoronha@sapo.pt
23. Rolf Nagel	10-07-2002	Heesenstrasse, 16-40549 – Düsseldorf – Alemanha – Fone: 211-501091 – E-mail: rama@ish.de

24. Alberto Gallo	19-11-2003	Via Re, 112 – 10146 – Torino – Itália – Fone: 39-011-720800 – E-mail: a.gallo@inrete.it
25. António Manuel Botelho Hespanha	19-11-2003	Rua Luís de Freitas Branco, 26 – 6º Esq, 1600-490 – Lisboa – Portugal – Fone: 351217594915 – E-mail: am.hespanha@mail.telepac.pt – amh@netcabo.pt – amhmeister@gmail.com
26. Antonio Salum-Flecha	19-11-2003	Eliás Ayala 970 – Asunción – Paraguay Fone: 595-21-613227
27. Eddy Odier Gerard Stols	19-11-2003	Herent, Tover Bergstraat 5-5, 3020 – Veltem-Beisem – Bélgica – Fone: 32-16 489832 – E-mail: eddy.stols@art.kuleuven.ac.be
28. Berthold Zilly	25-08-2004	Spessartstr. 21 – 14197 – Berlim – Alemanha – Fone: 49-30-8224126
29. Lydia Magalhães Nunes Garner	25-08-2004	111 – East Sierra Circle – San Marcos – Texas – 78666 – USA – Fone: 512-245-3745
30. Lucien Provençal	28-09-2005	51, Rue Felix Cléry – Marvivo – La seyne-sur-mer, Var – 83.500 – França
31. Mary Karasch	28-09-2005	Oakland University – Departament of History – College of Arts and Sciences Rochester – Michigan – 48309-4483 – USA – Fone: (248) 370-3510
32. Jean Pierre Blay	04-10-2006	1 Rue Benjamin Raspail, 60100 – CREIL – FRANÇA – Fone: 344260653 – E-mail: blay.jean-pierre@wanadoo.fr
33. Nuno Álvares Pereira de Castro	10-12-2008	Rua Visconde de Pirajá, 605 – Cob Ipanema – 22410-003 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2274-4719
34. Carlos Francisco Moura	02-09-2009	Rua Prof. Manuel Ferreira, 171 / 202 – Gávea – 22451-030 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2294-6087 – E-mail: tebord2000@yahoo.com.br
35. Norio Kinshichi	21-09-2011	Musaschidai 1-40-10, Hidaka-shi, Saitama – Japan – Fone: 042-982-3652 – E-mail: kin7n@juno.ocn.ne.jp
36. Laurent Olivier Vidal	12-12-2012	26, rue du General Guillaumat – 17000 – La Rochelle – França – Fone: – E-mail: lvidal@univ-lr.fr
37. Roderick J. Barman	12-12-2012	4243 West 12th Avenue – Vancouver BC V6R 2 P8 – Canadá – Fone: 604-224-3983 – E-mail: rbarman@mail.ubc.ca
38. Mariano Cuesta Domingo	13-11-2013	C. PEZ VOLADOR, 24 – 28007 – Madrid – Fone: 91 574 88 22 394 57 91 630 611 904 – E-mail: m.cuestadomingo@yahoo.es
39. Minfen Zhang	13-11-2013	ROOM 1901, Block 10, nº 158 – Chang Chum Road – 200081 – Shanghai – China – Fone: 0086-13651916790 – E-mail: zhangminfen@hotmail.com – sofia@geosofia.com
40. Nuno Gonçalo Vieira Matias	13-11-2013	Rua do Arsenal – Edifício da Marinha – 1100-038 – Lisboa – PT – Fone: 211938458 – E-mail: academia.marinha@marinha.pt
41. Albert Fishlow	25-09-2014	Fone: – E-mail: al594@columbia.edir

42. Elisée Soumonni	25-09-2014	04 BP 0265 Cadjehoun – Cotonou (Benin) – E-mail: soumonni@hotmail.com
43. Silvano Peloso	25-09-2014	Via Palestro, 34 – 00185 – Roma – Itália – Fone: 39-0644360331 – End. Comercial: Universidade de Roma “La Sapienza” Dipartimento di Studi Europei, Americani e Interculturali – Facoltà di Lettere e Filosofia – P.le Aldo Moro, 5 – 00185 – Roma – Fone: 06 49913158 – Fax do Dep.: 06 491919 – E-mail: silvano.peloso@uniroma1.it
44. Wolf Grabendorff	25-09-2014	D-88214 Ravensburg – Ebertstrasse 13 – Fone: 49 (751) 359 16 96 – E-mail: wgrabendorff@web.de

Sócios Correspondentes Argentinos (convênio de 28.05.1968)

1. José M. Mariluz Urquijo	1968	Santa Fé 2982 (1425) – Argentina – Fone: 84-6371
2. Beatriz Bosh	1968	Larrea 1045 P. 4º Dto. A (1117) – Argentina – Fone: 822-6484
3. Edberto O. Acevedo	1968	Gral. Paz 255 (5501) Godoy Cruz – Madza – Argentina – Fone: 061-223533
4. Pedro S. Martinez	1968	Martinez de Rosas 578 (5500) – Madza – Argentina – Fone: 061-245958
5. Victor Tau Anzoategui	1970	(res.) Juncal 770 – 6º Piso – 1085 – Buenos Aires – Argentina – 5411-4311-8494 – (com.) Instituto de Investigaciones de Historia del Derecho – Av. de Mayo 1480 – 1º Izq. 1085 – Buenos Aires – Argentina
6. Laurio H. Destefani	1971	Anchorena 1476 (1425) – Argentina – Fone: 84-4951
7. Hector H. Schenone	1978	Av. Quintana 494 (1014) – Argentina – Fone: 804-0278
8. Luíz Santiago Sanz	1978	Callao 1944 P. 6º Dto. A (1024) – Argentina – Fone: 804-2701
9. Daisy Ripodas Ardanaz	1982	Santa Fe 2982 (1425) – Argentina – Fone: 804-6371
10. Eduardo Martiré	1992	Balcarce 139 – 1064 – Buenos Aires – Argentina – 54-11-4331-5147 / 4343-4416 / 4331-4633
11. Isidoro Ruiz Moreno	1992	Callao 1382 (1023) – Argentina – Fone: 42-7865
12. Ezequiel Vallo	1992	Montevideo 1875 – (1021) – Argentina – Fone: 815-6991 / 773-5825
13. Felix Luna	1993	Reconquista 745 1º cuerpo, P – 1º Dto. C (1003) – Argentina – Fone: 311-4575
14. Natalio Rafael Botana	1996	Balcarce 139 – 1064 – Buenos Aires – Argentina – Fone: 343-4416 y 331-5147
15. Enrique Zuleta Alvarez	1996	Balcarce 139 – 1064 – Buenos Aires – Argentina – Fone: 343-4416 y 331-5147 – Fax: (54-14) 331-4633

16. Rodolfo Adelio Raffino	1996	Balcarce 139 – 1064 – Buenos Aires – Argentina – Fone: 343–4416 y 331–5147 – Fax: (54–14) 331–4633
17. Nilda Gulielmi	1996	Balcarce 139 – 1064 – Buenos Aires – Argentina – Fone.: 343–4416 y 331–5147 – Fax.: (54–14) 331–4633
18. Olga Fernández Latour de Botas	1996	Balcarce 139 – 1064 – Buenos Aires – Argentina – Fone.: 343–441 y 6331–5147 – Fax.: (54–14) 331–4633
19. Maria Amalia Duarte	1998	Spiro 950 (1846) – Adrogué – Argentina – Fone: 264–5315
20. Armando Raul Bazan	1998	Av. V. del Valle 512 (4700) – Catamarca – Argentina – Fone: 0833–22282
21. Miguel Angel De Marco	1998	Urquiza 1184 (2000) – Rosario – Argentina – Fone: 04163257 / 256256 / 305866
22. Ernesto J. A. Maeder	1998	Catamarca 449 (3500) – Chaco – Argentina – Fone: 0722–24565 / 583–3972
23. Roberto Cortes Conde	1998	Ob. Terrero 1532 (1642) – S. Isidoro – Argentina – Fone: 747–4025 / 742–2661
24. Nestor Tomas Auza	1998	Madero 490 (1638) – Vicente Lopez – Argentina – Fone: 791–6502
25. Cesar A. Garcia Belsunce	1998	Ocampo 2506 P 8º Dto. 20 (1425) – Argentina – Fone: 801–0870
26. Ramon Gutierrez	1998	Bolivia 82 (3500) – Chaco – Argentina – Fone: 0722–29294 / 826–0959
27. Dardo Perez Guilhou	1998	Esfta. Drummond (5507) – Lujan de Cuyo – Mada. – Argentina – Fone: 061–249016
28. Hernán Asdrúbal Silva	1999	Balcarce 139 – 1064 – Buenos Aires – Argentina – Fone: 343–4416 y 331–5147
29. Carlos A. Mayo	1999	Balcarce 139 – 1064 – Buenos Aires – Argentina – Fone: 343–4416 y 331–5147
30. José Eduardo de Cara	1999	Balcarce 139 – 1064 – Buenos Aires – Argentina – Fone: 343–4416 y 331–5147 – Fax: (54–14) 331–4633
31. Samuel Amaral	1999	Balcarce 139 – 1064 – Buenos Aires – Argentina – Fone: 343–4416 y 331–5147 – Fax: (54–14) 331–4633
32. Félix Weinberg	1999	Pasaje Delfino, 352 – 8000 – Bahía Blanca – Argentina
33. Fernando Barba	2004	Balcarce 139 – 1064 – Buenos Aires – Argentina – Fone: 343–4416 y 331–5147 – Fax: (54–14) 331–4633
34. Carlos Páez de la Tore	2004	Balcarce 139 – 1064 – Buenos Aires – Argentina – Fone: 343–4416 y 331–5147 – Fax: (54–14) 331–4633
35. Marcelo Montserrat	2004	Balcarce 139 – 1064 – Buenos Aires Argentina – Fone: 343–4416 y 331–5147 Fax: (54–14) 331–4633

Sócios Correspondentes Espanhóis (convênio de 24.05.1996)

1. Miguel Batllori Y Munne S. J.	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
2. Gonzalo Menendez-Pidal Y Goyri	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
3. Pedro Lain Entralgo	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
4. Fernando Chueca Goitia	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
5. Luis Diez Del Corral Y Pedruzo	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
6. Antonio Domingues Ortiz	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
7. Carlos Seco Serrano	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
8. Juan Vernet Gines	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
9. José Filgueira Valverde	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
10. Miguel Artola Gallego	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
11. Manuel Fernandez Alvarez	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
12. Vicente Palacio Atard	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
13. Eloy Benito Ruano	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
14. Antonio Lopez Gomes	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
15. Joaquin Vallve Bermejo	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
16. Jose Alcalá-Zamora Y Queipo de Llano	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
17. Jose Manuel Pita Andrade	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
18. Jose Maria Blazquez Martinez	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
19. Felipe Ruiz Martin	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
20. Carmen Iglesias Cano	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
21. Miguel Angel Ladero Quesada	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
22. Jose Angel Sanchez Asiain	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
23. Faustino Menendez Pidal de Navascues	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552

24. Luis Suarez Fernandez	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
25. Rafael Lapesa Melgar	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
26. Fernando de La Granja Santa Maria	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
27. Martín Almagro Gorbea	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
28. Alvaro Galmés de Fuentes	1996	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
29. Pe. Quintín Aldea Vaquero	1997	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
30. Manuel Alvar	1999	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552
31. Luis Miguel Enciso Recio	1999	Real Academia de La História – C. Leon, 21 – Madrid – España – 28014 – Fone: (341) 429-6552

Sócios Correspondentes Uruguaios (convênio de agosto/1996)

1. Fabián Melogno Vélez	1996	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – José Agustín Iturriga – 3376 – Montevideo
2. Ivho Acuña	1996	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
3. Juan José de Arteaga	1996	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
4. Luis Victor Anastasia	1996	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
5. Alvaro Mones	1996	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
6. Angel Corrales Elhordoy	1996	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
7. José E. Etcheverry Stirling	1996	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
8. Marta Canessa de Sanguinetti	1996	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
9. José Joaquín Figueira	1996	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay

10. Daniel Hugo Martins	1996	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
11. Walter Gulla	1996	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
12. Victor H. Lamónaca	1996	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
13. Luis A. Musso Ambrosi	1996	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
14. Ernesto Puiggros	1996	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
15. Carlos Ranguís	1996	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
16. Augusto Soiza Larrosa	2000	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
17. Susana Monreal	2000	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
18. Fernando Chebataroff	2001	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
19. Oscar Padrón Favre	2001	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
20. Suzana Rodríguez Varese	2001	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
21. Ernesto Daragnés	2002	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
22. Fernando Mañé Garzón	2002	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
23. Alberto Del Pino	2003	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay

24. Beatriz Torrendell	2003	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
25. Carlos Sagrera	2003	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
26. Héctor Patiño Gardone	2006	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
27. Carlos Paulino Etchechuri	2011	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
28. Ernesto Castellano Christy	2011	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
29. Héctor Rovera Di Landro	2011	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
30. Raúl Iturria	2011	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
31. Alfredo Koncke	2014	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
32. Enrique Burbaquis	2014	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay
33. Walter Rela	2014	Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay – Conveccion 1366 3. ER.P – Casilla de Correo 10.999 – 11100 – Montevideo – Uruguay

Sócios Correspondentes Paraguaiois (convênio de agosto/2010)

1. Juan Bautista Rivarola Paoli	1992	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
2. Manuel Peña Villamil	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
3. Jerónimo Irala Burgos	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
4. Julia Velilla	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552

5. Carlos Heyn	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
6. Lorenzo Livieres Banks	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
7. Margarita Duran	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
8. Ricardo Caballero Aquino	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
9. Milda Rivarola	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
10. Ricardo Scavone Yegros	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
11. Margarita Prieto Yegros	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
12. Gustavo Laterza Rivarola	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
13. José Luis Salas	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
14. Luis G. Benítez	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
15. Mario Pastore	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
16. Maria G. Monte de López Moreira	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
17. Alfredo Boccia Romañach	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
18. Bartomeu Meliá	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
19. Luis Szarán	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
20. Mabel Causarano	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552
21. Ignacio Telesca	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595-21) 202552

22. Carlos Alberto Mazó	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595–21) 202552
23. Jaime Grau	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595–21) 202552
24. Ricardo Pavetti	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595–21) 202552
25. José Zanardini	2010	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595–21) 202552
26. Beatriz González de Bosio	2016	Academia Paraguaya de la Historia – Avda. Artigas y Andrés Barbero – Assunción – Paraguay – Fone: (595–21) 202552

Sócios Correspondentes Colombianos (convênio de 18 de Junho de 2012)

1. Camilo Riaño Castro	2012	Calle 10 nº 8–95 – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail:
2. Diego Uribe Vargas	2012	Carrera 7ª nº 35–33 – apto. 501 – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail:
3. Eduardo Santa	2012	Calle 125 nº 56–67 – Barrio Niza–Córdoba – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail: eduardo-santa@hotmail.com
4. Otto Morales Benítez	2012	Transversal 5 nº 57–42 – Bogotá, D.C. Colômbia Fone: – E-mail: donotto@etb.net.co
5. Antonio Cacua Prada	2012	Calle 115 nº 9 A 30 apto. 501 – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail: acacuaprada@hotmail.com
6. Jorge Arias de Greiff	2012	Calle 39 nº 15–69 – Bogotá, D.C. Colômbia Fone: – E-mail:
7. Gonzalo Correal Urrego	2012	Calle 125 nº 50–28 Int. 19 – Conjunto Alcante – Barrio Batán – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail: gocorreal@etb.net.co
8. Jaime Posada	2012	Transversal 5 nº 86–50 – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail:
9. Enrique Gaviria Liévano	2012	Carrera 4 nº 74–36 – apto. 402 – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail: enriquegaviria@yahoo.com
10. Alberto Corradine Angulo	2012	Carrera 16ª nº 48–55 – Barrio Palermo – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail: corangulo@hotmail.com
11. Jorge Morales Gómez	2012	Calle 69 nº 7–51 – apto. 201 – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail: jorgemoralesgomez@hotmail.com
12. Luis C. Mantilla Ruiz O.F.M.	2012	Calle 16 nº 7–35 – Convento de San Francisco – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail: franciscobgta@hotmail.com

13. Fernando Restrepo Uribe	2012	Carrera 7 nº 87–80 – apto. 302 – [antes del 87–20] – Edificio Monteverde – Bogotá, D.C. Colombia Fone: – E-mail: frestrepo@telmex.net.co
14. Javier Ocampo López	2012	Diagonal 41 nº 15A 78 – Barrio La María – Tunja – Boyacá – Fone: – E-mail: javierocampo11@yahoo.es
15. Fernando Mayorga García	2012	Carrera 19 nº 82–42 apto. 302 – Ed. Abedul – Bogotá, D.C. Colombia – Fone: – E-mail: fmayorga@urosario.edu.co
16. José Roberto Ibáñez Sánchez	2012	Avenida 116 nº 11–50 – apto. 503 – Bogotá, D.C. Colombia – Fone: – E-mail: acahistoria@hotmail.com
17. José Agustín Blanco Barros	2012	Carrera 61 Bis nº 97–40 – Bogotá, D.C. Colombia Fone: – E-mail:
18. Carlos José Reyes Posada	2012	Carrera 7ª nº 83–36 – apto. 501 – Bogotá, D.C. Colombia – Fone: – E-mail: fareyes@cable.net.co
19. Luis Horacio López Domínguez	2012	Transversal 20 nº 94 A–49 – Bogotá, D.C. Colombia – Fone: – E-mail: luishlpz@googlemail.com
20. Antonio José Rivadeneira Vargas	2012	Calle 106 nº 18 A 09 – Bogotá, D.C. Colombia – Fone: – E-mail:
21. Fernando Barriga del Diestro	2012	Calle 24D nº 43 A 20 – apto. 401 – Bogotá, D.C. Colombia – Fone: – E-mail: bibliotecaacademia@etbnet.co
22. Teresa Morales de Gómez	2012	Carrera 4 nº 79–25 – apto. 503 – Bogotá, D.C. Colombia – Fone: – E-mail: moralesteresa6@gmail.com
23. Carlos Sanclemente Orbegoso	2012	Carrera 8 nº 84–32 – Bogotá, D.C. Colombia – Fone: – E-mail:
24. Pilar Jaramillo de Zuleta	2012	Carrera 13 nº 27–98 – Torre B – apto. 1301 – Edificio Bavaria – Centro Internacional – Bogotá, D.C. Colombia – Fone: – E-mail:
25. Adolfo de Francisco Zea	2012	Carrera 17 nº 137–09 – Bogotá, D.C. Colombia – Fone: – E-mail: adolfodef28@gmail.com
26. Roberto Pineda Camacho	2012	Carrera 17 nº 105–29 – Interior 103 – Bogotá, D.C. Colombia – Fone: – E-mail: robertopinedacamacho@yahoo.com
27. Adelaida Sourdis Nájera	2012	Calle 108 nº 13–64 – apto. 402 – Edificio Paula María – Bogotá, D.C. Colombia – Fone: – E-mail: adelaidasourdis@yahoo.com
28. Napoléon Peralta Barrera	2012	Carrera 15 nº 127–B–33 – apto. 804 Torre 2 – Parque Central – Barrio Carolina – Bogotá, D.C. Colombia – Fone: – E-mail: naperalta25@yahoo.com
29. María Clara Guillén de Iriarte	2012	Calle 70ª nº 7–36 – apto. 203 – Edificio LUBI – Bogotá, D.C. Colombia – Fone: – E-mail: guillendei@cable.net.co
30. Efraín Sánchez Cabra	2012	Calle 10 nº 8–95 – Bogotá, D.C. Colombia – Fone: – E-mail:

31. Juan Camilo Rodríguez Gómez	2012	Calle 144 nº 12-61 – casa 27 – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail: juanc.rodriguez@uexternado.edu.co
32. Gentil Almarío Vieda	2012	Calle 115 nº 9 B 40 – apto. 301 – Edifício La Buena Esperanza – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail: gentilalmario@hotmail.com
33. Eduardo Durán Gómez	2012	Carrera 1 Este nº 78-44 – apto. 101 – Edifício Cerros 78 – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail: eduardodurangomez@yahoo.com
34. Fernán González González S. J.	2012	Colegio San Bartolomé La Merced – Carrera 5 nº 34-00 – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail: fergon39@hotmail.com
35. Benjamín Ardila Duarte	2012	Calle 84 nº 9-51 – apto. 301 – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail: benjaminardiladuarte@hotmail.com
36. Rodrigo Llano Isaza	2012	Calle 10 nº 8-95 – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail:
37. Roger Pita Pico	2012	Calle 160 nº 64-11 – Int. 3 – apto. 303 – Bogotá, D.C. Colômbia – Fone: – E-mail: rogpita@hotmail.com

Sócios Honorários Brasileiros

1. Ibrahim Abi-Ackel	25-05-1983	Rua Curitiba, 2427/301 – Lourdes – 30170-122 – Belo Horizonte – MG – Fone: (31) 3337-1479 – 3337-8454
2. Antônio Henrique Cunha Bueno	13-07-1988	Rua Libero Badaró, 293/13º. and. – conj. A Centro 01009-907 – São Paulo – SP – Fone: (11) 3105-7121
3. Celina Vargas do Amaral Peixoto	17-08-1988	Av Vieira Souto, 324 – apto 301 – Ipanema – 22420-000 – Rio de Janeiro – RJ – Fone:
4. Marcos Castrioto de Azambuja	05-09-1990	Praia do Flamengo, 392/2º and. – Flamengo – 22210-030 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2551-1613 / 2553-2454 – E-mail:
5. Sérgio Paulo Rouanet	24-11-1993	Av. Afrânio de Melo Franco, 393 – ap. 203 – Leblon – 22430-060 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: 2274-2875 – E-mail: rouanet@uol.com.br
6. Alexandre Miranda Delgado	28-06-1995	Rua Carvalho Alvim, 87/204 – Tijuca – 20510-100 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2208-6214
7. Antonio Ferreira Paim	13-08-1997	Rua Dr. Elias, 456 – apto. 41-B – Alto da Lapa – 05083-030 – São Paulo – SP – Fone: (11) 2371-5007 – E-mail:
8. Celso Lafer	13-08-1997	Av. Brigadeiro Faria Lima, 1306/10º. Centro – 01451-914 – São Paulo – SP – Fone:
9. Fernando Henrique Cardoso	13-08-1997	Instituto Fernando Henrique Cardoso – Rua Formosa, 367 – 6º andar – Centro – 01049-000 – São Paulo – SP – Fone: (11) 3359-5000 – E-mail: maria.olivia.barreto@ifhc.org.br
10. José Roberto Teixeira Leite	13-08-1997	Rua Angatuba, 618 – Pacaembu – 01247-000 – São Paulo – SP – Fone: (11) 3873-4095 – E-mail: jrleite@uol.com.br

11. Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça	13-08-1997	Av. Atlântica, 1230 / 601 – Copacabana – 22021-000 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 3974-2538 E-mail:
12. Roberto DaMatta	13-08-1997	Estrada de Itaipu – Alameda 3 – casa 33 – Jardim Ubá – Itaipu – 24350-370 – Niterói – RJ – Fone: (21) 3709-1925 – E-mail:
13. Tarcísio Meirelles Padilha	13-08-1997	Rua Sá Ferreira, 188/704 – Copacabana – 22071-100 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2521-1102 E-mail:
14. Francisco Correa Weffort	16-12-1998	Av. Epitácio Pessoa, 2800/403 – Lagoa – 22471-403 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2267-6628 / 2513-2058 – E-mail: fcweffort@uol.com.br
15. Isabel Lustosa	17-10-2007	Rua Fonte da Saudade, 265 – ap 302 Lagoa – 22471-210 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2537-3097(FCRB) – E-mail: isabellustosa@uol.com.br
16. D. João de Orléans e Bragança	10-12-2008	Rua Fresca, 4 – Centro Histórico de Paraty – 23970-000 – Paraty – RJ – Fone: (24) 3371-6143 – E-mail: principedomjoão@gmail.com
17. Kenneth Henry Lionel Light	10-12-2008	Rua da Imperatriz, 65 – ap 502 – Centro – 25685-320 – Petrópolis – RJ – Fone: (24) 2242-58931 – E-mail: light.kenneth@gmail.com
18. Luiz Cláudio Aguiar	10-12-2008	Praia do Flamengo, 82 – ap 1101 – Flamengo – 22210-030 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: 2556-4626 – E-mail: luizclaudioaguiar@uol.com.br
19. Jaime Antunes da Silva	02-09-2009	Rua Siqueira Campos, 142 – 502 – Copacabana 22031-070 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2179-1313 – E-mail: jaimeantunes@arquivonacional.gov.br
20. José Almino de Alencar e Silva Neto	02-09-2009	Rua São Clemente, 134 – Botafogo – 22260-000 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 3289-4601 – E-mail: almino@rb.gov.br
21. Marcus Antonio Monteiro Nogueira	02-09-2009	Rua Alayde de Souza Belém, 16 – Centro – 26540-110 – Nilópolis – RJ – Fone: (21) 7142-0255 – E-mail: marcusmonteiro@yahoo.com.br
22. Paulo Knauss de Mendonça	02-09-2009	Av. Rui Barbosa, 422 apto. 61 – Flamengo – 22250-020 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2551-4838 – (21) 9998-2307 – E-mail: pk-nauss@uol.com.br
23. Vera Lucia Cabana de Queiroz Andrade	02-09-2009	Rua Barão de Mesquita, 200 / 501 – Tijuca – 20540-003 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 3298-2537 – (21) 99618-5074 – E-mail: veracabana@yahoo.com.br
24. Pe. Jesus Hortal Sánchez, S.J.	15-12-2010	Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – 25610-130 – Petrópolis – RJ – Fone: (24) 2224-4069 – E-mail: hortal@puc-rio.br
25. Marcílio Marques Moreira	15-12-2010	Rua da Candelária, 9 Gr. 1006 – Centro – 20091-020 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2518-4065 / 2518-4063 / (21) 8106-6495 – E-mail: marcilio_mmoraes@yahoo.com.br – conjuntura-econtexto@yahoo.com.br

26. Carlos Lessa	21-09-2011	Rua Tobias do Amaral, 92 – Cosme Velho – 22241-310 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21)
27. Guilherme Paulo Castagnoli P. das Neves	21-09-2011	Rua Pinheiro Guimarães, 149 – casa 149 – Botafogo – 22281-080 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2286-5110 – E-mail: neves.gp@gmail.com
28. Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira	21-09-2011	Rua Fernando Mendes, 19 / 70 – Copacabana – 22021-030 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2256-6900 – E-mail: myriam.ribeiro.oliveira@gmail.com
29. João Eurípedes Franklin Leal	12-12-2012	Rua Maria Quitéria, 137/302 – Ipanema – 22410-040 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2247-7965 – 9983-2134 – E-mail: j.franklinleal@hotmail.com
30. Júlio Bandeira Marques Ferreira	12-12-2012	Travessa Maria Amélia, 14 – 22061-070 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) – E-mail: bandeira.julio@terra.com.br
31. Manoel José de Miranda Neto	12-12-2012	Rua Constante Ramos, 13 / 901 – Copacabana – 22410-001 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2267-9638 – E-mail: miramazon@globomail.com
32. Tânia Maria Bessone Tavares da Cruz Ferreira	12-12-2012	Rua Fonte da Saudade, 247/104 – Lagoa – 22471-210 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2527-9017 – E-mail: bessone@uol.com.br
33. Cicero Sandroni	13-11-2013	Rua Itamonte, 58 – Cosme Velho – 22241-260 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2205-2906 – E-mail: cicero@academia.org.br
34. Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves	13-11-2013	Rua Pinheiro Guimarães, 149 – casa 149 – Botafogo – 22281-080 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2286-5110 – E-mail: ib@uol.com.br ibastos@uerj.br
35. Regina Maria Martins Pereira Wanderley	13-11-2013	Rua Pompeu Loureiro, 51 cob. 02 – Copacabana – 22061-000 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2257-3766 / 98108-6284 – E-mail: rmpw@uol.com.br
36. Dom Orani João Tempesta	24-09-2014	Rua Benjamin Constant, 23 – 6º andar – Glória – 20241-150 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) – E-mail: gabinetearcebispo@arquidiocese.org.br
37. Maria Arair Pinto Paiva	24-09-2014	Rua Baronesa de Poconé, 71 / 701 – Lagoa – 22471-270 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2538-2498 – E-mail: mappapaiva@uol.com.br
38. Dom Gregório Paixão	30-09-2015	Rua São Pedro de Alcântara, 12 – Centro – 25685-300 – Petrópolis – RJ – Fone: (24) 2231-5212 – E-mail: dg-osb@hotmail.com
39. Ismênia de Lima Martins	30-09-2015	Rua General Rondon, 184 – casa – 24360-100 – Niterói – RJ – Fone: (21) 2714-9062 – E-mail: ismeniadelimamartins@gmail.com
40. João Paulo dos Reis Velloso	30-09-2015	Rua Sete de Setembro, 71 – 8º andar – Centro – 20050-005 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2212-5200 / 2212-5214 – E-mail: inae@inae.org.br

41. Maria Luiza Penna Moreira	30-09-2015	Av. Henrique Dumont, 15 / 301 – Ipanema – 22410-060 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2294-0548 / 5612 – E-mail: mlpennam@uol.com.br
42. Christian Edward Cyril Lynch	19-07-2017	Praia de Botafogo, 74 / 201 – Botafogo – 22250-145 - Rio de Janeiro - RJ – Fone: (21) 3298-8164 - 99142-2456 – E-mail: clynch3@hotmail.com
43. Joaquim de Arruda Falcão Neto	19-07-2017	Av. Rui Barbosa, 310 / 601 – Flamengo – 22250-020 - Rio de Janeiro - RJ – Fone: (21) 2259-6207 / 3799-5301 (FGV) – (21) 99899-1693 – E-mail: joaquim.falcao@fgv.br
44. Pedro Pinchas Geiger	19-07-2017	Rua Paissandú, 159 - cobertura 01 – Flamengo – 22210-085 - Rio de Janeiro - RJ – Fone: (21) 2225-2449 / 2556-1724 – E-mail: pedro.geiger@gmail.com
45. Sérgio Eduardo Moreira Lima	19-07-2017	SHIS - QL. 06 - Conjunto 4 - Casa 15 – 71620-045 - Brasília - DF – Fone: (61) 99699-4850 / 99611-1949 – (61) 2030-9123 – E-mail: sergio.lima@itamaraty.gov.br – semolima@gmail.com – presidência@funag.gov.br

Sócios Honorários Estrangeiros

1. Daisaku Ikeda	25-08-2004	Rua Miguel Fernandes, 229 – Méier – 20780-060 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2501-2336 – E-mail: ccrj@rio.com.br
2. Maria João Espírito Santo Bustorff Silva	02-09-2009	Av. D. Afonso Henriques, 3 – B – 2765-531 – Estoril – Portugal – Fone: 351-21-350-1262 – E-mail: imeves@best.pt – Sec.: ccaetano@gesbr.com.br
3. Antônio José Emauz de Almeida Lima	15-12-2010	AICEP – Av. 5 de outubro, 101 – 050-051 – Lisboa – PT – Fone: (351) 213946109 – 3946214 – E-mail: antonio.almeidalima@mne.pt
4. José Manoel Durão Barroso	25-09-2014	Fone: – E-mail:

Sócios Institucionais

1. Carolina Chaves de Azevedo	2016	Diretor do Arquivo Nacional – Rua Praça da República, 173 – Centro – 20211-350 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2179-1313
2. Helena Severo	2016	Presidente da Fundação Biblioteca Nacional – Av. Rio Branco, 219/4o and. – Centro – 20040-008 – Rio de Janeiro – RJ – Fone: (21) 2220-2057
3. Kátia Bogéa	2016	Presidente do IPHAN – Asa Sul 713 / 913 Lote B – 5º andar – Edifício Sede do IPHAN – 70390-135 – Brasília – DF – Fone: (61) 2024-5515
4. Marcelo Mattos Araújo	2016	Presidente do IBRAM – SBN Qd. 2 Edf. Central – 2º and. – 70040-504 – Brasília – DF – Fone: (61) 2024-4002 – E-mail: angelo.oswaldo@museu.gov.br

5. Maria de Fátima de Moraes Argon	2016	Presidente do Instituto Histórico de Petrópolis – Praça da Liberdade, 247 – Casa de Cláudio de Souza – Centro – 25685-050 – Petrópolis – RJ – Fone: (24) 2237-1770
------------------------------------	------	---

B - POR ORDEM ALFABÉTICA

ABI-ACKEL, Ibrahim - Honorário brasileiro – Pág. 249
 ABREU, Antônio Izaias da Costa - Titular – Pág. 231
 ACEVEDO, Edberto O. - Correspondente argentino – Pág. 240
 ACUNA, Ivho - Correspondente uruguaio – Pág. 243
 AGUIAR, Luiz Cláudio - Honorário Brasileiro – Pág. 250
 ALBUQUERQUE, Martim de - Correspondente português – Pág. 236
 ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de - Titular – Pág. 230
 ALCÂNTARA, Dora Monteiro e Silva de - Titular – Pág. 231
 ALEIXO, José Carlos Brandi - Correspondente brasileiro – Pág. 233
 ALMEIDA, Cândido Antonio Mendes de - Titular – Pág. 230
 ALTAVILA, Jayme Lustosa de - Correspondente brasileiro – Pág. 232
 ALVAREZ, D. Manuel Fernandez - Correspondente espanhol – Pág. 242
 ALVAR, Manuel - Correspondente espanhol – Pág. 243
 ALVES, Antônio Celso Pereira - Honorário Brasileiro – Pág. 231
 AMARAL, Samuel - Correspondente argentino – Pág. 241
 AMBROSI, Luis A. Musso - Correspondente uruguaio – Pág. 244
 ANASTASIA, Luis Victor - Correspondente uruguaio – Pág. 243
 ANDRADE, D. Jose Manuel Pita - Correspondente espanhol – Pág. 242
 ANDRADE, Vera Lucia Cabana de Queiroz - Honorária brasileira – Pág. 250
 ANGULO, Alberto Corradine - Correspondente colombiano – Pág. 247
 APOLINÁRIO, Juciene Ricarte - Correspondente brasileiro – Pág. 235
 ARAÚJO, Marcelo Mattos - Institucional – Pág. 252
 ARAÚJO SANTOS, Angelo Oswaldo de - Correspondente brasileiro – Pág. 234
 ARGON, Maria de Fátima de Moraes - Institucional – Pág. 253
 ARRUDA, José Jobson de Andrade - Correspondente brasileiro – Pág. 233
 ARTEAGA, Juan José - Correspondente uruguaio – Pág. 243
 ASIAIN, D. Jose Angel Sanchez - Correspondente espanhol – Pág. 242
 ATARD, D. Vicente Palacio - Correspondente espanhol – Pág. 242
 AUZA, Néstor Tomás - Correspondente argentino – Pág. 241
 AVNI, Haim - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
 AZAMBUJA, Marcos Castrioto de - Honorário brasileiro – Pág. 249
 BAEZA, Sergio Martínez - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
 BARATA, Carlos Eduardo de Almeida - Honorário brasileiro – Pág. 231
 BARBA, Fernando E. - Correspondente argentino – Pág. 241
 BARMAN, Roderick J. - Correspondente estrangeiro – Pág. 239
 BARRERA, Napoléon Peralta - Correspondente colombiano – Pág. 248
 BARROS, José Agustín Blanco - Correspondente colombiano – Pág. 248
 BARROSO, José Manoel Durão - Honorário Estrangeiro – Pág. 252
 BASTOS, Lucia Maria Pereira das Neves - Honorária brasileira – Pág. 251
 BAZÁN, Armando Raúl - Correspondente argentino – Pág. 241
 BELSUNCE, Cesar A. Garcia - Correspondente argentino – Pág. 241
 BELTRÃO, Maria da Conceição de Moraes Coutinho - Emérita – Pág. 228
 BENÍTEZ, Luis G. - Correspondente paraguaio – Pág. 246
 BENÍTEZ, Otto Morales - Correspondente colombiano – Pág. 247
 BENTO, Claudio Moreira - Emérito – Pág. 227

BERMEJO, D. Joaquin Vallve - Correspondente espanhol – Pág. 242
 BERTOLETTI, Esther Caldas - Titular – Pág. 229
 BESSA, Carlos da Costa Gomes - Correspondente português – Pág. 236
 BETHELL, Leslie - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
 BEZERRA DE MENEZES, Eduardo Diatahy - Correspondente brasileiro – Pág. 235
 BITTENCOURT, Armando de Senna - Titular – Pág. 230
 BITTENCOURT, Gabriel Augusto de Mello - Correspondente brasileiro – Pág. 231
 BLAY, Jean Pierre - Correspondente estrangeiro – Pág. 239
 BOAVENTURA, Edivaldo Machado - Emérito – Pág. 228
 BOCCIA ROMANACH, Alfredo - Correspondente paraguaio – Pág. 246
 BOGÊA, Kátia - Institucional – Pág. 252
 BORJA, Célio de Oliveira - Titular – Pág. 230
 BOSCHI, Caio César - Correspondente brasileiro – Pág. 233
 BOSH, Beatriz - Correspondente argentina – Pág. 240
 BOSIO, Beatriz González de - Correspondente paraguaia – Pág. 247
 BOTANA, Natalio Rafael - Correspondente argentino – Pág. 240
 BOTAS, Olga Fernández Latour de - Correspondente argentina – Pág. 241
 BOURBON, D. Juan Carlos de - Presidente Honorário – Pág. 227
 BRAGANÇA, D. Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e - Titular – Pág. 230
 BUENO, Antônio Henrique Cunha - Honorário brasileiro – Pág. 249
 BURBAQUIS, Enrique - Correspondentes Uruguaios – Pág. 245
 BUSTORFF SILVA, Maria João Espírito Santo - Honória Estrangeira – Pág. 252
 CABALLERO AQUINO, Ricardo - Correspondente paraguaio – Pág. 246
 CABRA, Efraín Sánchez - Correspondente colombiano – Pág. 248
 CAMACHO, Roberto Pineda - Correspondente colombiano – Pág. 248
 CANO, D^a Carmen Iglesias - Correspondente espanhola – Pág. 242
 CARA, José Eduardo de - Correspondente argentino – Pág. 241
 CARDIM, Carlos Henrique - Correspondente brasileiro – Pág. 233
 CARDOSO, Fernando Henrique - Honorário brasileiro – Pág. 227, 249
 CARDOSO, João Luís Serrão da Cunha - Correspondente português – Pág. 237
 CARVALHO, Afonso Celso Villela de - Emérito – Pág. 227
 CARVALHO, José Geraldo Vidigal de (Cônego) - Correspondente brasileiro – Pág. 231
 CARVALHO, José Murilo de - Titular – Pág. 229
 CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de - Correspondente brasileiro – Pág. 232
 CASTELO-BRANCO, Fernando - Correspondente português – Pág. 236
 CASTRO, Camilo Riaño - Correspondente colombiano – Pág. 247
 CASTRO, Nuno Alvares Pereira de - Correspondente estrangeiro – Pág. 239
 CAUSARANO, Mabel - Correspondente paraguaio – Pág. 246
 CAVALCANTE, Cid José Teixeira - Correspondente brasileiro – Pág. 232
 CEZAR, Adilson - Correspondente brasileiro – Pág. 233
 CHEBATAROFF, Fernando - Correspondente uruguaio – Pág. 244
 CHRISTY, Ernesto Castellano - Correspondente uruguaio – Pág. 245
 CIBILS, Luis Alberto - Correspondente brasileiro – Pág. 232
 CIRIBELLI, Marilda Corrêa - Titular – Pág. 228
 COELHO, Geraldo Mártires - Correspondente brasileiro – Pág. 233
 COELHO, Maria Helena da Cruz - Correspondente português – Pág. 237
 CORRÊA, Luiz Felipe de Seixas - Titular – Pág. 229
 CORTÉS CONDE, Roberto - Correspondente argentino – Pág. 241
 COSTA, Marcus Soares de Albergaria de Noronha da - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
 COSTA, Mário Júlio Brito de Almeida - Correspondente português – Pág. 236
 COUTO, José Jorge da Costa - Correspondente português – Pág. 236
 CRUZ, Maria do Rosário de Sampaio Themudo Barata Azevedo - Correspondente português – Pág. 237
 CUNHA, Waldir da - Titular – Pág. 228
 DAMATTA, Roberto - Honorário brasileiro – Pág. 250
 DARAGNÊS, Ernesto - Correspondente uruguaio – Pág. 244
 DELGADO, Alexandre Miranda - Honorário brasileiro – Pág. 249

- DEL PINO, Alberto - Correspondente uruguaio – Pág. 244
- DEL PRIORE, Mary Lucy Murray - Titular – Pág. 231
- DEMONER, Sonia Maria - Correspondente brasileira – Pág. 232
- DESTEFANI, Lúrio H. - Correspondente argentino – Pág. 240
- DIAS JR., Ondemar Ferreira - Titular – Pág. 230
- DIESTRO, Fernando Barriga del - Correspondente colombiano – Pág. 248
- DOMINGO, Mariano Cuesta - Correspondente estrangeiro – Pág. 239
- DOMÍNGUEZ, Luis Horacio López - Correspondente colombiano – Pág. 248
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva - Correspondente brasileiro – Pág. 234
- DUARTE, Benjamín Ardila - Correspondente colombiano – Pág. 249
- DUARTE, Maria Amalia - Correspondente argentina – Pág. 241
- DURÁN, Margarita - Correspondente paraguaio – Pág. 246
- ELHORDOY, Angel Corrales - Correspondente uruguaio – Pág. 243
- ENTRALGO, Pedro Lain - Correspondente espanhol – Pág. 242
- ESPOSEL, José Pedro Pinto - Titular – Pág. 227
- ETCHECHURI, Carlos Paulino - Correspondente uruguaio – Pág. 245
- FALBEL, Nachman - Correspondente brasileiro – Pág. 232
- FALCÃO NETO, Joaquim de Arruda - Honorário brasileiro – Pág. 252
- FALCI, Miridan Britto - Titular – Pág. 229
- FARINHA, Antônio Manuel Dias - Correspondente português – Pág. 236
- FAVRE, Oscar Padrón - Correspondente uruguaio – Pág. 244
- FERNANDES, Fernando Lourenço - Correspondente brasileiro – Pág. 234
- FERNANDES, Manuela Rosa Coelho Mendonça de Matos - Correspondente português – Pág. 236
- FERNANDEZ, D. Luis Suarez - Correspondente espanhol – Pág. 243
- FERRAZ, Eugênio - Correspondente brasileiro – Pág. 234
- FERREIRA JR, Mauricio Vicente - Honorário brasileiro – Pág. 231
- FERREIRA, Júlio Bandeira Marques - Honorário brasileiro – Pág. 251
- FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz - Honorária brasileira – Pág. 251
- FIGUEIRA, José Joaquín - Correspondente uruguaio – Pág. 243
- FISHLOW, Albert - Correspondente Estrangeiro – Pág. 239
- FONSECA, Luis Alberto Adão da - Correspondente português – Pág. 237
- FONSECA, Maria Cecília Londres - Titular – Pág. 230
- FONSECA, Ricardo Marcelo - Correspondente brasileiro – Pág. 235
- FOUQUET, Claude - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
- FRANCO, Afonso Arinos de Mello - Emérito – Pág. 227
- FRANCO, Sérgio da Costa - Correspondente brasileiro – Pág. 235
- FREITAS, Marilene Corrêa da Silva - Correspondente brasileira – Pág. 235
- FROTA, Guilherme de Andréa - Emérito – Pág. 228
- FUENTES, Alvaro Galmés de - Correspondente espanhol – Pág. 243
- FURTADO, Junia Ferreira - Correspondente brasileira – Pág. 235
- GALLEGO, D. Miguel Artola - Correspondente espanhol – Pág. 242
- GALLO, Alberto - Correspondente estrangeiro – Pág. 239
- GARCÍA, Fernando Mayorga - Correspondente colombiano – Pág. 248
- GARDONE, Héctor Patiño - Correspondente uruguaio – Pág. 245
- GARNER, Lydia Magalhães Nunes - Correspondente estrangeira – Pág. 239
- GEIGER, Pedro Pinchas - Honorário brasileiro – Pág. 252
- GINES, D. Juan Vernet - Correspondente espanhol – Pág. 242
- GOES FILHO, Synesio Sampaio - Correspondente brasileiro – Pág. 232
- GOITIA, Fernando Chueca - Correspondente espanhol – Pág. 242
- GOMEZ, Antonio Lopes - Correspondente espanhol – Pág. 242
- GÓMEZ, Eduardo Durán - Correspondente colombiano – Pág. 249
- GÓMEZ, Jorge Morales - Correspondente colombiano – Pág. 247
- GÓMEZ, Juan Camilo Rodríguez - Correspondente colombiano – Pág. 249
- GÓMEZ, Teresa Morales de - Correspondente colombiana – Pág. 248
- GONÇALVES, Maria Isabel Dias da Silva Rebelo - Correspondente português – Pág. 237
- GONZÁLEZ, Fernán González S.J. - Correspondente colombiano – Pág. 249

GORBEA, Martín Almagro - Correspondente espanhol – Pág. 243
 GOYRI, Gonzalo Menendez-Pidal Y - Correspondente espanhol – Pág. 242
 GRABENDORFF, Wolf - Correspondente estrangeiro – Pág. 240
 GRAF, Márcia Elisa de Campos - Correspondente brasileira – Pág. 233
 GRAHAM, Richard - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
 GRAIBROIS, Manuel Ballesteros - Correspondente estrangeiro – Pág. 237
 GRAU, Jaime - Correspondente paraguaio – Pág. 247
 GREIFF, Jorge Arias - Correspondente colombiano – Pág. 247
 GUIGLIELMI, Nilda - Correspondente argentina – Pág. 241
 GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal - Titular – Pág. 231
 GULLA, Walter - Correspondente uruguaio – Pág. 244
 GUTIÉRREZ, Ramón - Correspondente argentino – Pág. 241
 HERES, Rafael Fernandes - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
 HESPANHA, Antonio Manuel Botelho - Correspondente estrangeiro – Pág. 239
 HEYN, Carlos - Correspondente paraguaio – Pág. 246
 HORTAL SÁNCHEZ, Pe. Jesus - Honorário brasileiro – Pág. 250
 IKEDA, Daisaku - Honorário estrangeiro – Pág. 252
 IPANEMA, Cybelle Moreira de - Emérita – Pág. 227
 IRALA BURGOS, Jerônimo - Corresponde paraguaio – Pág. 245
 IRIARTE, María Clara Guillén - Correspondente colombiano – Pág. 248
 ISAZA, Rodrigo Llano - Correspondente colombiano – Pág. 249
 ITURRIA, Raúl - Correspondente Uruguaio – Pág. 245
 KANTOR, Íris - Correspondente brasileira – Pág. 235
 KARASCH, Mary - Correspondente estrangeira – Pág. 239
 KERN, Arno Alvarez - Correspondente brasileiro – Pág. 232
 KINSHICHI, Norio - Corresponde estrangeiro – Pág. 239
 KOMISSAROV, Boris Nikolaievitch - Correspondente estrangeiro – Pág. 237
 KONCKE, Alfredo - Correspondentes Uruguaios – Pág. 245
 LAFER, Celso - Honorário brasileiro – Pág. 249
 LAGO, Pedro Aranha Corrêa do - Titular – Pág. 231
 LAMONACA, Victor H. - Correspondente uruguaio – Pág. 244
 LARAIA, Roque de Barros - Correspondente brasileiro – Pág. 235
 LARROSA, Augusto Soiza - Correspondente uruguaio – Pág. 244
 LATERZA RIVALORA, Gustavo - Correspondente paraguaio – Pág. 246
 LAUERHASS JR, Ludwig - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
 LEAL, João Eurípedes Franklin - Honorário brasileiro – Pág. 251
 LEÃO, Reinaldo José Carneiro - Correspondente Brasileiro – Pág. 233
 LEITE, José Roberto Teixeira - Honorário brasileiro – Pág. 249
 LEÓN-PORTILLA, Miguel - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
 LESSA, Carlos - Honorário brasileiro – Pág. 251
 LIÉVANO, Enrique Gaviria - Correspondente colombiano – Pág. 247
 LIGHT, Kenneth Henry Lionel - Honorário Brasileiro – Pág. 250
 LIMA, Antônio José Emauz de Almeida - Honorário Estrangeiro – Pág. 252
 LINS, Guilherme Gomes da Silveira D'Ávila - Correspondente brasileiro – Pág. 234
 LIRA, Bernardino Bravo - Correspondente estrangeiro – Pág. 237
 LIVIERES BANKS, Lorenzo - Correspondente paraguaio - Pág. 246
 LLANO, D. Jose Alcala-Zamora Y Queipo de - Correspondente espanhol – Pág. 242
 LÓPEZ, Javier Ocampo - Correspondente colombiano – Pág. 248
 LOURENÇO, Maria Paula Marçal - Correspondente português – Pág. 237
 LUNA, Félix - Correspondente argentino – Pág. 240
 LUSTOSA, Isabel - Honorária brasileira – Pág. 250
 LYNCH, Christian Edward Cyrill - Honorário brasileiro – Pág. 252
 LYRA, Maria de Lourdes Viana - Titular – Pág. 230
 MACIEL, Marco Antônio de Oliveira - Correspondente brasileiro – Pág. 233
 MAEDER, Ernesto, J. A. - Correspondente argentino – Pág. 241
 MAGALHÃES, Joaquim Antero Romero de - Correspondente estrangeiro – Pág. 238

- MAIA, Agaciel da Silva - Correspondente brasileiro – Pág. 233
- MALAFIA, Eurico Brandão de Ataíde - Correspondente português – Pág. 237
- MANÉ GARZÓN, Fernando - Correspondente uruguaio – Pág. 244
- MANRIQUE, Daniel Restrepo - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
- MARCÍLIO, Maria Luiza - Correspondente brasileira – Pág. 232
- MARCO, Miguel Angel de - Correspondente argentino – Pág. 241
- MARILUZ URQUIJO, José M. - Correspondente argentino – Pág. 240
- MARQUES, José - Correspondente português – Pág. 236
- MARTINEZ C., Pedro S. - Correspondente argentino – Pág. 240
- MARTINEZ, D. Jose María Blazquez - Correspondente espanhol – Pág. 242
- MARTINEZ, Pedro Mário Soares - Correspondente português – Pág. 236
- MARTIN, Felipe Ruiz, - Correspondente espanhol – Pág. 242
- MARTINS, Armando Alberto – Correspondente Português – Pág. 236
- MARTINS, Daniel Hugo - Correspondente uruguaio – Pág. 244
- MARTINS, Ismênia Lima - Honorária brasileira – Pág. 251
- MARTINS, José Victorino de Pina - Correspondente português – Pág. 236
- MARTINS, Nuno Gonçalo Vieira - Correspondente estrangeiro – Pág. 239
- MARTIRÉ, Eduardo - Correspondente argentino – Pág. 240
- MATTOS, Helio Jaguaribe de - Titular – Pág. 229
- MAXWELL, Kenneth R. - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
- MAYO, Carlos A. - Correspondente argentino – Pág. 241
- MAZÓ, Carlos Alberto - Correspondente paraguaio – Pág. 247
- MEIRA, Marcio Augusto de Freitas - Correspondente brasileiro – Pág. 232
- MEIRINHO, Jali – Correspondente brasileiro – Pág. 234
- MELGAR, Rafael Lapesa - Correspondente espanhol – Pág. 243
- MELIÁ, Bartomeu - Correspondente paraguaio – Pág. 246
- MELLO, Evaldo José Cabral de - Titular – Pág. 228
- MELLO, Fernando Collor de - Presidente Honorário – Pág. 227
- MELLO, José Octávio de Arruda - Correspondente brasileiro – Pág. 232
- MENDONÇA, Paulo Knauss de - Honorário brasileiro – Pág. 250
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra - Correspondente brasileiro – Pág. 234
- MIRANDA NETO, Manoel José de - Honorário brasileiro – Pág. 251
- MIRANDA, Victorino Coutinho Chermont de - Titular – Pág. 229
- MONES, Álvaro - Correspondente uruguaio – Pág. 243
- MONREAL, Susana - Correspondente uruguaia – Pág. 244
- MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, Maria G. - Correspondente paraguaio - Pág. 246
- MONTEIRO, Miguel Maria Santos Corrêa - Correspondente português – Pág. 236
- MONTERRAT, Marcelo - Correspondente argentino – Pág. 241
- MOREIRA LIMA, Sérgio Eduardo - Honorário brasileiro – Pág. 252
- MOREIRA, Marcílio Marques - Honorário brasileiro – Pág. 250
- MOREIRA, Maria Luiza Penna - Honorária brasileira – Pág. 252
- MORÓN, Guillermo - Correspondente estrangeiro – Pág. 237
- MOURA, Carlos Francisco - Correspondente estrangeiro – Pág. 239
- MOURÃO, Gonçalo de Barros Carvalho e Mello - Correspondente Brasileiro – Pág. 235
- MUNIZ COSTA, Sérgio Paulo - Correspondente brasileiro – Pág. 235
- MUNNE S. J., Miguel Batllori Y - Correspondente espanhol – Pág. 242
- NAGEL, Rolf - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
- NÁJERA, Adelaida Sourdis - Correspondente colombiano – Pág. 248
- NASCIMENTO, Vamireh Chacon de Albuquerque - Correspondente brasileiro – Pág. 231
- NAVASCUES, D. Faustino Menendez Pidal de - Correspondente espanhol – Pág. 242
- NETO, Jorge dos Santos Caldeira - Correspondente brasileiro – Pág. 234
- NEVES, Getúlio Marcos Pereira - Responde brasileiro – Pág. 234
- NEVES, Guilherme Paulo Castagnoli Pereira das - Honorário brasileiro - Pág. 251
- NISKIER, Arnaldo - Titular – Pág. 228
- NOGUEIRA, Marcus Antonio Monteiro - Honorário brasileiro – Pág. 250
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de - Honorária brasileira – Pág. 251

ORBEGOSO, Carlos Sanclemente - Correspondente colombiano – Pág. 248
 ORLÉANS E BRAGANÇA, D. João de - Honorário Brasileiro – Pág. 250
 ORTIZ, Antonio Dominguez - Correspondente espanhol – Pág. 242
 PADILHA, Tarcísio Meirelles - Honorário brasileiro – Pág. 250
 PAIM, Antonio Ferreira - Honorário brasileiro – Pág. 249
 PAIVA, Maria Arair Pinto - Honorária brasileira – Pág. 251
 PAIVA, Melquíades Pinto - Honorário brasileiro – Pág. 231
 PAIXÃO, Dom Gregório - Honorário brasileiro – Pág. 251
 PAOLI, Juan Bautista Rivarola - Correspondente paraguaio – Pág. 245
 PASTORE, Mario - Correspondente paraguaio – Pág. 246
 PAVETTI, Ricardo - Correspondente paraguaio – Pág. 247
 PEDRUZO, Luiz Díez Del Corral Y - Correspondente espanhol – Pág. 242
 PEIXOTO, Celina Vargas do Amaral - Honorária brasileira – Pág. 249
 PELOSO, Silvano - Correspondente Estrangeiro – Pág. 240
 PEÑA VILLAMIL, Manuel - Correspondente paraguaio – Pág. 245
 PEREIRA, Antonio Celso Alves - Titular – Pág. 231
 PERÉZ GUILHOU, Dardo - Correspondente argentino – Pág. 241
 PICCOLO, Helga Iracema Landgraf - Correspondente brasileira – Pág. 232
 PICO, Roger Pita - Correspondente colombiano – Pág. 249
 PIETSMANN, Horst - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
 PINHEIRO, Áurea da Paz Pinheiro - Correspondente brasileira – Pág. 234
 PINHO, João Maurício Ottoni Wanderley de Araújo - Titular – Pág. 229
 PIRES, Fernando Tasso Fragoso - Titular – Pág. 230
 POSADA, Carlos José Reyes - Correspondente colombiano – Pág. 248
 POSADA, Jaime - Correspondente colombiano – Pág. 247
 PRADA, Antonio Cacia - Correspondente colombiano – Pág. 247
 PRIETO YEGROS, Margarida - Correspondente paraguaio – Pág. 246
 PROVENÇAL, Lucien - Correspondente estrangeiro – Pág. 239
 PUIGGROS, Ernesto - Correspondente uruguaio – Pág. 244
 QUESADA, D. Miguel Angel Ladero - Correspondente espanhol – Pág. 242
 QUINTELA, António Francisco de Carvalho – Correspondente português – Pág. 236
 RAFFINO, Rodolfo Adelo - Correspondente argentino – Pág. 241
 RAMALHO, Américo da Costa – Correspondente português – Pág. 236
 RAMOS, Luís António de Oliveira - Correspondente português – Pág. 237
 RANGUÍ, Carlos - Correspondente uruguaio – Pág. 244
 RECIO, Luis Miguel Enciso - Correspondente espanhol – Pág. 243
 REIS FILHO, Nestor Goulart - Correspondente brasileiro – Pág. 233
 REIS, Maria de Fátima Marques Dias Antunes dos - Correspondente português – Pág. 237
 RELA, Walter - Correspondentes Uruguaios – Pág. 245
 REMA, Henrique Pinto O. F. M. (Pe) - Correspondente português – Pág. 236
 RESENDE, Maria Efigênia Lage de - Correspondente Brasileira – Pág. 234
 RÍPODAS ARDANAZ, Daisy - Correspondente argentina – Pág. 240
 RIVAROLA, Milda - Correspondente paraguaio – Pág. 246
 RODRIGUES, Manuel Augusto - Correspondente português – Pág. 237
 RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez - Correspondente brasileiro – Pág. 232
 ROSA, Léa Brígida Rocha de Alvarenga - Correspondente brasileira – Pág. 232
 ROUANET, Sérgio Paulo - Honorário brasileiro – Pág. 249
 ROVERA, Héctor - Correspondente uruguaio – Pág. 245
 RUANO, D. Eloy Benito - Correspondente espanhol – Pág. 242
 RUIZ, Luis C. Mantilla O.F.M. - Correspondente colombiano – Pág. 247
 RUIZ MORENO, Isidoro - Correspondente argentino – Pág. 240
 SAGRERA, Carlos - Correspondente uruguaio – Pág. 245
 SALAS, José Luis - Correspondente paraguaio – Pág. 246
 SALUM-FLECHA, Antonio - Correspondente estrangeiro – Pág. 239
 SAMPAIO, Jorge - Presidente Honorário – Pág. 227
 SANCHES, Marcos Guimaraes - Titular – Pág. 229

- SÁNCHEZ, José Roberto Ibáñez - Correspondente colombiano – Pág. 248
- SANDRONI, Cícero - Honorário brasileiro – Pág. 251
- SANGUINETTI, Marta Canessa de - Correspondente uruguaia – Pág. 243
- SANTA, Eduardo - Correspondente colombiano – Pág. 247
- SANTA MARIA, Fernando de La Granja - Correspondente espanhol – Pág. 243
- SANTANA, Francisco José Gingeira - Correspondente português – Pág. 237
- SANTOS, Armando Alexandre dos - Correspondente brasileiro – Pág. 233
- SANTOS, Corcino Medeiros dos - Correspondente brasileiro – Pág. 233
- SANTOS, Eugênio Francisco dos - Correspondente português – Pág. 236
- SANTOS, Luís Cláudio Villafañe Gomes - Correspondente brasileiro – Pág. 235
- SANTOS, Maria José Azevedo - Correspondente português – Pág. 237
- SANZ, Luís Santiago - Correspondente argentino – Pág. 240
- SARNEY, José - Presidente honorário – Pág. 227
- SCAVONE YEGROS, Ricardo - Correspondente paraguaio – Pág. 246
- SCHENONE, Héctor H. - Correspondente argentino – Pág. 240
- SCHWARCZ, Lília Katri Moritz - Correspondente brasileira – Pág. 233
- SCHWARTZ, Stuart B. - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
- SEELAENDER, Airtón Cerqueira Leite - Correspondente brasileiro – Pág. 235
- SERRANO, D. Carlos Seco - Correspondente espanhol – Pág. 242
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo - Correspondente português – Pág. 236
- SEVERO, Helena - Institucional – Pág. 252
- SILVA, Alberto Martins da - Correspondente brasileiro – Pág. 231
- SILVA, Alberto Vasconcellos da Costa e - Titular – Pág. 230
- SILVA, Aníbal Cavaco - Presidente Honorário – Pág. 227
- SILVA, Eduardo - Titular – Pág. 228
- SILVA, Hernán Asdrúbal - Correspondente argentino – Pág. 241
- SILVA, Jaime Antunes da - Honorário brasileiro – Pág. 250
- SILVA, Leonardo Dantas - Correspondente brasileiro – Pág. 232
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da - Correspondente brasileira – Pág. 232
- SILVA NETO, José Almino de Alencar e - Honorário brasileiro – Pág. 250
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira - Correspondente brasileira – Pág. 232
- SIQUEIRA, Sonia Aparecida de - Correspondente brasileira – Pág. 228
- SOMMONI, Elisée - Correspondente Estrangeiro – Pág. 240
- SOUSA, Maria Leonor Ribeiro da Fonseca Calixto Machado de - Correspondente português – Pág. 237
- SOUTELO, Luiz Fernando Ribeiro - Correspondente brasileiro – Pág. 232
- SOUZA, Laura de Mello e - Correspondente brasileira – Pág. 234
- STIRLING, José E. Etcheverry - Correspondente uruguaio – Pág. 243
- STOLS, Eddy Odil Gerard - Correspondente estrangeiro – Pág. 239
- STRAUBE, Ernani Costa - Correspondente brasileiro – Pág. 234
- SZARÁN, Luis - Correspondente paraguaio – Pág. 246
- TAU ANZOATEGUI, Victor - Correspondente argentino – Pág. 240
- TAVARES, Luís Henrique Dias - Emérito – Pág. 227
- TELESCA, Ignacio - Correspondente paraguaio – Pág. 246
- TELES, José Mendonça - Correspondente brasileiro – Pág. 232
- TELLES, Pedro Carlos da Silva - Titular – Pág. 229
- TEMPESTA, Dom Orani - Honorário Brasileiro – Pág. 251
- TENÓRIO, Douglas Apratto - Correspondente brasileiro – Pág. 233
- TORRE, Carlos Páez de la - Correspondente argentino – Pág. 241
- TORRENDELL, Beatriz - Correspondente uruguaia – Pág. 245
- TOSTES, Vera Lucia Bottrel - Titular – Pág. 229
- URIBE, Fernando Restrepo - Corresponde colombiano – Pág. 248
- URREGO, Gonzalo Correal - Correspondente colombiano – Pág. 247
- VALES, Luis E. Gonzales - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
- VALLO, Ezequiel - Correspondente argentino – Pág. 240
- VALVERDE, José Filgueira - Correspondente espanhol – Pág. 242
- VAQUERO, Quintín Aldea (Pe.) - Correspondente espanhol – Pág. 243

VARESE, Suzana Rodríguez - Correspondente uruguaia – Pág. 244
 VARGAS, Antonio José Rivadeneira - Correspondente colombiano – Pág. 248
 VARGAS, Diego Uribe - Correspondente colombiano – Pág. 247
 VASQUEZ, Pedro Karp - Titular – Pág. 230
 VEIGA, Carlos José Margaça - Correspondente português – Pág. 237
 VÉLEZ, Fabián Melogno - Correspondente uruguaia – Pág. 243
 VELILLA, Julia - Correspondente paraguaio – Pág. 245
 VELLOSO, João Paulo dos Reis - Honorário brasileiro – Pág. 251
 VENANCIO FILHO, Alberto - Emérito – Pág. 228
 VENTURA, Antônio Adriano de Ascensão Pires – Correspondente português – Pág. 236
 VENTURA, Maria Margarida Ribeiro Garcez da Silva - Correspondente português – Pág. 237
 VICENTE, Antônio Pedro de Araujo Pires - Correspondente português – Pág. 236
 VIDAL, Laurent Olivier - Correspondente estrangeiro – Pág. 239
 VIDAURRETA, Alicia Elena - Correspondente estrangeira – Pág. 238
 VIEDA, Gentil Almario - Correspondente colombiano – Pág. 249
 VILAÇA, Marcos Vinícios Rodrigues - Honorário brasileiro – Pág. 250
 VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira - Titular – Pág. 229
 WANDERLEY, Regina Maria Martins Pereira - Honorária brasileira – Pág. 251
 WEFFORT, Francisco Correa - Honorário brasileiro – Pág. 250
 WEHLING, Arno - Titular – Pág. 228
 WEHRS, Carlos - Emérito – Pág. 228
 WEINBERG, Félix - Correspondente argentino – Pág. 241
 WIESEBRON, Marianne L. - Correspondente estrangeira – Pág. 238
 WONDJI, Christophe - Correspondente estrangeiro – Pág. 238
 ZANARDINI, José - Correspondente paraguaio – Pág. 247
 ZEA, Adolfo de Francisco - Correspondente colombiano – Pág. 248
 ZEFERINO, Augusto César - Correspondente brasileiro – Pág. 234
 ZEVEDO, Carolina Chaves de. - Institucional – Pág. 252
 ZHANG, Minfen - Correspondente estrangeiro – Pág. 239
 ZILLY, Berthold - Correspondente estrangeiro – Pág. 239
 ZULETA ÁLVAREZ, Enrique - Correspondente argentino – Pág. 240
 ZULETA, Pilar Jaramillo - Correspondente colombiano – Pág. 248

C - PRESIDENTES E ENDEREÇOS DOS INSTITUTOS HISTÓRICOS ESTADUAIS

(sócios correspondentes brasileiros enquanto na direção dos respectivos institutos)

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALAGOAS

Jayme Lustosa de Altavila
 Rua João Pessoa, 382 - 57020-970 - Maceió - AL
 Tel.: (82) 3223-7797
 E-mail: ihgal@ihgal.org

INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS

Marilene Corrêa da Silva Freitas
 Rua Bernardo Ramos, 117/131 - Centro - 69005-310 - Manaus - AM
 Tel.: (92) 3622-1260
 E-mail: marilene.correa@uol.com.br

INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA

Eduardo de Moraes
 Av. Sete de Setembro, 94/A - 40060-001 - Salvador - BA
 Tel.: (71) 3329-4423

E-mail: presidencia@ighb.org.br

INSTITUTO DO CEARÁ

Lucio Alcântara

Rua Barão do Rio Branco, 1594 - 60025-061 - Fortaleza - CE

Tel.: (85) 4006-7979 - 3231-6152

E-mail: institutodoceara@outlook.com

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO DISTRITO FEDERAL

Vera Ramos (Presidente em Exercício)

SEP/Sul EQ 703/903 - Conj. C - 70390-039 - Brasília - DF

Tel.: (61) 3224-6544

E-mail: ihgdfederal@gmail.com

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO

Getúlio Marcos Pereira Neves

Av. República, 374 - Parque Moscoso - 29020-620 - Vitória - ES

Tel.: (27) 3223-5934

E-mail: gtneves@hotmail.com

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS

Geraldo Coelho Vaz

Rua 82, nº. 455 - Centro - 74083-010 - Goiânia - GO

Tel.: (62) 3224-4622

E-mail: ihgg@ihgg.org.br

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO MARANHÃO

Euges Silva de Lima

Rua Santa Rita, 230 - Edif. Prof. Antonio Lopes - 2º. and - 65015-430 - São Luiz - MA

Tel.: (98) 3222-8464

E-mail: ihgmma@gmail.com

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

Elizabeth Madureira Siqueira

Rua Barão de Melgaço, 3869 - Centro - 78005-500 - Cuiabá - MT

Tel.: (65) 3626-3522

E-mail: bethmsiqueira@gmail.com

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL

Paulo Eduardo Cabral

Av. Calógeras, 3000 - 79002-004 - Campo Grande - MS

Tel.: (67) 3384-1654

E-mail: ihgms@ihgms.org.br

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MINAS GERAIS

Aluizio Alberto da Cruz Quintão

Rua Guajajaras, 1268 - Sobreloja - 30180-101 - Belo Horizonte - MG

Tel.: (31) 3212-4656

E-mail: ihgmg@ihgmg.org.br

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ

Anaíza Vergolino

Rua D'Aveiro, 62 - Cidade Irmã - 66020-610 - Belém - PA

Tel.: (91) 3274-0683 - 99841896

E-mail: genylton@gmail.com

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARAIBANO

Guilherme G. da Silveira D'Ávila Lins

Rua Barão do Abiai, 64 - 58013-080 - João Pessoa - PB

Tel.: (83) 3222-0513

E-mail: ggsal@terra.com.br

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ

Paulo Roberto Hapner

Rua José Loureiro, 43 - Centro - 80010-000 - Curitiba - PR

Tel.: (41) 3224-0683

E-mail: ihgpr1900@hotmail.com

INSTITUTO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO

George Felix Cabral de Souza

Rua do Hospício, 130 - Boa Vista - 50060-080 - Recife - PE

Tel.: (81) 3222-4952

E-mail: georgecabral@yahoo.com.br

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PIAUIENSE

Antonio Fonseca dos S. Neto

Av. Miguel Rosa, 3300 - Sul-Centro - 64001-490 - Teresina - PI

Tel.: (86) 3222-6010

E-mail: fnetopf@gmail.com

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO DE JANEIRO

Neusa Fernandes

Av. Augusto Severo, 8/12º. Andar - Glória - 20021-040 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2221-6000

E-mail: ihgrj8@gmail.com

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE

Ormuz Barbalho Simonetti

Rua da Conceição, 622 - 59025-270 - Natal - RN

Tel.: (84) 3232-9728

E-mail: ihgrn1902@gmail.com ormuksimonetti@yahoo.com.br

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

Miguel Frederico do Espírito Santo

Rua Riachuelo, 1317 - 3º andar - Centro - 90010-271 - Porto Alegre - RS

Tel.: (51) 3224-3760

E-mail: miguel.f@terra.com.br

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE RONDÔNIA

Yêdda Pinheiro Borzarcov
 Rua Portugal, nº. 2298 - Ipase Novo - Pedrinhas - 78900-000 - Porto Velho - RO
 Tel.: (69) 3224-5928
 E-mail: ipary@terra.com.br

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA

Augusto César Zeferino
 Casa José Boiteux - Av. Hercílio Luz, 523 - Centro - 88020-000 - Florianópolis - SC
 Tel.: (48) 3222-5111
 E-mail: rasecac@gmail.com

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

Nelly Martins Ferreira Candeias
 Rua Benjamim Constant, 158 - 01005-000 - São Paulo - SP
 Tel.: (11) 3242-3582
 E-mail: nellycandeias@uol.com.br
 adm@ihgsp.org.br

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE

Samuel Barros de Albuquerque
 Rua Itabaianinha, 41 - 49010-190 - Aracajú - SE
 Tel.: (79) 3214-8491
 E-mail: samuel@ihgse.org.br

IV. 2 – Movimentação do quadro social até 31 de dezembro de 2016**ELEIÇÕES**

Para sócio correspondente brasileiro:

Airton Cerqueira Leite Seelaender
 Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes
 Marilene Corrêa da Silva Freitas
 Ricardo Marcelo Fonseca

Para sócio honorário brasileiro:

Christian Edward Cyrill Lynch
 Joaquim de Arruda Falcão Neto
 Pedro Pinchas Geiger
 Sérgio Eduardo Moreira Lima

TRANSFERÊNCIA

Para sócio emérito:

Marilda Corrêa Ciribelli
 Sonia Aparecida de Siqueira

Para sócio titular:

Carlos Eduardo de Almeida Barata

Mauricio Vicente Ferreira Junior

FALECIMENTOS

Andrée Mansuy-Diniz Silva, correspondente estrangeiro

Antonio Gomes da Costa, emérito

Antonio Cândido de Melo e Souza, honorário brasileiro

Vasco Mariz, emérito

Aniello Angelo Avella, correspondente estrangeiro

José Arthur Rios, emérito

Isa Adonias, benemerita

Luiz Alberto Dias Lima Vianna Moniz Bandeira, correspondente brasileiro

IV. 3 – Vagas existentes no quadro social em 31/12/2017

Emérito	—	7
Titulares	—	4
Correspondentes brasileiros	—	6
Correspondentes estrangeiros	—	6
Honorários brasileiros	—	5
Honorários estrangeiros	—	16



**ANUÁRIO DO
INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO BRASILEIRO**

Endereço para correspondência:
Revista do IHGB/IHGB
E-mail: revista@ihgb.org.br



ANUÁRIO DO
INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

2017
